

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS DE LETRAS E ARTES – CCHLA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA - PROLING

**MULHER, TRABALHO E FAMÍLIA: JOGOS DISCURSIVOS E
REDES DE MEMÓRIA NA MÍDIA**

LÚCIA HELENA MEDEIROS DA CUNHA TAVARES

JOÃO PESSOA – PB

2012

LÚCIA HELENA MEDEIROS DA CUNHA TAVARES

**MULHER, TRABALHO E FAMÍLIA: JOGOS DISCURSIVOS E
REDES DE MEMÓRIA NA MÍDIA**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística – PROLING, do centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – CCHLA / Departamento de Letras da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como requisito para obtenção do título de Doutora em Linguística.

Área de Concentração: Linguística e Práticas Sociais

Linha de Pesquisa: Discurso e Sociedade

Orientadora: Profa. Dra. Maria Regina Barachuy Leite.

JOÃO PESSOA – PB

2012

T231m Tavares, Lúcia Helena Medeiros da Cunha.
Mulher, trabalho e família: jogos discursivos e redes de
memória na mídia / Lúcia Helena Medeiros da Cunha
Tavares.- João Pessoa, 2012.
253f. : il.
Orientadora: Maria Regina Barachuy Leite
Tese (Doutorado) – UFPB/CCHLA
1. Linguística. 2. Discurso e Sociedade. 3. Memória.
4. Mulher. 5. Família. 6. Mídia.

UFPB/BC

CDU: 801(043)

MULHER, TRABALHO E FAMÍLIA: JOGOS DISCURSIVOS E REDES DE MEMÓRIA NA MÍDIA

LÚCIA HELENA MEDEIROS DA CUNHA TAVARES

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística – PROLING, do centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – CCHLA / Departamento de Letras da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como requisito para obtenção do título de Doutora em Linguística.

BANCA EXAMINADORA

Presidente e Orientadora: Profa. Dra. Maria Regina Barachuy Leite (UFPB)

Membro Titular: Profa. Dra. Maria do Rosário Gregolin (UNESP)

Membro Titular: Prof. Dr. Francisco Paulo da Silva (UERN)

Membro Titular: Profa. Dra. Cristina Teixeira Vieira de Melo (UFPE)

Membro Titular: Prof. Dr. Pedro Farias Francelino (UFPB)

Data da Defesa: 11 de Maio de 2012

A todas as mulheres da Família Medeiros: avós, mães, filhas, irmãs, tias, primas, esposas, cunhadas. Mulheres guerreiras, batalhadoras, valentes, corajosas, sonhadoras, românticas, realistas, que não fogem à luta, por mais difícil que seja a batalha. A vocês, mulheres maravilhosas, que me ensinaram, com seus exemplos, a enfrentar com dignidade todas as pedras do caminho, dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus maravilhoso, ser supremo, que nos acompanha, nos guarda e nos faz ver que as pedras do caminho podem ser retiradas e também (re)utilizadas, em outros momentos difíceis da vida, afinal tudo é uma aprendizagem.

Aos meus filhos Matheus e Carolina, amores diferenciados e guardados num cantinho especial do coração, pelo amor incondicional, pela compreensão quando o meu papel de mãe foi sobreposto pelo de pesquisadora e profissional, por todo o apoio e força nas horas em que me senti cansada e desestimulada pelos vários entraves da vida.

Aos meus pais Cosma e Dito, pelo apoio incondicional em todos e em tantos momentos necessários.

Ao meu esposo Carlos, pelo apoio e ajuda que me tem dado durante essa caminhada e por compreender meus momentos de ausência.

À professora Regina Barachuy por me receber como orientanda, pela amizade, pelas contribuições valiosas, por acreditar em minha capacidade e em meu trabalho.

À professora Claudia Rejanne, por participar dessa caminhada e pelas contribuições dadas na qualificação.

À professora Rosário Gregolin, pela contribuição imprescindível a esse trabalho, pela amizade e pelas conversas trocadas em meio aos eventos da vida.

Ao professor Paulo Silva, amigo e companheiro de trabalho, pelas orientações, pelas leituras, por todas as conversas produtivas, pelos cafés descompromissados e ao mesmo tempo discursivizados, pelas risadas proporcionadas em momentos de stress, pela força nos momentos difíceis e pela perseverança em ver este trabalho realizado.

À Coordenadora do PROLING, Regina Celi, pela realização de um trabalho executado com eficiência e paciência, pela compreensão dos problemas ocorridos e pelas conversas que ajudaram a direcionar a execução deste trabalho.

A todas as professoras e a todos os professores que trazem a esse Programa de Pós-graduação a seriedade e a vontade de pesquisar.

A todos os amigos e amigas conquistados(as) durante esse período tão repleto de sacrifícios, mas também de alegrias.

Ao grupo CIDADI, pelas leituras, discussões, brincadeiras, troca de conhecimentos e pelas amizades conquistadas. Aos colegas de leitura e estudo: Regina, Tânia, Edileide, Emanuelle, Gesiel, Rodrigo, Domingos, Elisa... e tantos outros que tornaram esses momentos bem mais agradáveis.

Ao GEDVERN, grupo do coração, por tantas experiências vividas, pela descontração nos momentos de trabalho árduo, pelos horizontes visualizados, pela esperança, fé, amizade e ajuda sempre que foi necessário. Aos amigos e alunas que por lá passaram ou ficaram: Paulinho, Aninha, Cleide Regina, Edgley, Márcia, Clara, Telmir, Socorro Oliveira, Vilani, Rita Sales (in memorian) e tantos outros, por muitos e muitos momentos alegres, produtivos e agradáveis, mesmo nas horas em que o cansaço consegue se chegar.

À amiga Ana Maria, pelas leituras feitas e pela troca de opiniões nos momentos de escrita, por todos os momentos que me ajudou a continuar de pé, quando eu ameaçava desmoronar.

A Cleide Regina, pelas conversas infundáveis, durante muitas viagens, no desconforto da Empresa Nordeste.

A Kika, fiel companheira, pelo amor incondicional, pela vigilância constante e pela companhia proporcionada nas noites em claro e nos momentos de maiores angústias.

Cor de Rosa Choque

*Nas duas faces de Eva
A bela e a fera
Um certo sorriso
De quem nada quer...
Sexo frágil
Não foge à luta
E nem só de cama
Vive a mulher...
Por isso não provoque
É Cor de Rosa Choque
Oh! Oh! Oh! Oh! Oh!
Não provoque!
É Cor de Rosa Choque
Não provoque!
É Cor de Rosa Choque
Por isso não provoque
É Cor de Rosa Choque...
Mulher é bicho esquisito
Todo o mês sangra
Um sexto sentido
Maior que a razão
Gata borralheira
Você é princesa
Dondoca é uma espécie
Em extinção...
Por isso não provoque
É Cor de Rosa Choque
Oh! Oh! Oh! Oh! Oh!
Não provoque!
É Cor de Rosa Choque
Não provoque!
É Cor de Rosa Choque
Por isso não provoque
É Cor de Rosa Choque*

Rita Lee / Roberto de Carvalho

RESUMO

Esta tese intitulada **Mulher, trabalho e família: jogos discursivos e redes de memória na mídia** insere-se no campo da Análise do Discurso de tradição Francesa. Com foco nas contribuições de Michel Foucault para esse campo de estudo e da interdisciplinaridade que o caracteriza, o trabalho dialoga com os estudos culturais, com a História e os estudos da mídia, traçando como objetivo central descrever/interpretar, no discurso midiático, os movimentos da memória na relação da mulher com o trabalho e a família. Dessa forma, investigam-se aqui as relações de gênero tanto no espaço público quanto no privado, além dos conflitos, enfrentados pela mulher, entre casamento/maternidade x carreira. Para seu desenvolvimento, foi delineada a seguinte questão de pesquisa: *De que modo se inscreve na mídia a história da mulher trabalhadora e sua relação com o mercado de trabalho e a família, se observada a constituição da identidade dessa mulher, a partir dos movimentos da memória?* Para responder a essa questão, o trabalho desenvolve um percurso metodológico por meio do qual são investigados os movimentos da memória na constituição da identidade da mulher trabalhadora contemporânea. Tal percurso exigiu a definição de um trajeto temático “Mulher, trabalho e família”, na história contada pela mídia, seguido dos eixos que norteiam a construção do arquivo e a delimitação do *corpus*. São eles: 1) a mulher e o mercado de trabalho, 2) a mulher trabalhadora e as relações de gênero e 3) a mulher trabalhadora e a constituição familiar. Para melhor historicizar os acontecimentos que estão relacionados à temática da tese, formou-se um arquivo que se constitui, em sua materialidade, de vários gêneros discursivos, como anúncios, artigos, propagandas, charges, músicas, capas de revistas, notícias, que ajudam a construir o imaginário social sobre o que é dito no discurso midiático. Desse arquivo, muitos textos representam cada época abordada (entre o século XIX e o século XXI), e são usados, no decorrer do trabalho, para enriquecer os momentos comentados e se conhecer os mecanismos agenciados pela memória. Para melhor averiguar as diferentes posições-sujeito e suas práticas discursivas, foram selecionados para constituir o *corpus* desta Tese, seis artigos (matérias de revistas) que discorrem sobre a temática escolhida. Esses artigos estão presentes nas revistas impressas *Veja Mulher*, *Claudia* e *Você S/A*. Investigando, no discurso midiático, as redes de memória e os jogos discursivos na inscrição da mulher trabalhadora, percebe-se que, dentre outros resultados, a mídia exerce o papel de mediadora entre acontecimento e sociedade e que se utiliza do real e do imaginário, impondo a sua vontade de verdade e agenciando os mecanismos de poder na constituição da identidade da mulher contemporânea.

Palavras-Chave: Discurso. Memória. Mulher. Trabalho. Família. Mídia

ABSTRACT

This thesis whose title is **Woman, work and family: discursive games and memory network in media** is inserted in Discourse Analysis in its French tradition. Based on Foucault's contributions, this study field and its interdisciplinarity provides a dialogue with cultural studies, history and media studies, whose main aim is to describe/interpret, in media discourse, memory movements in relation to women with work and family. It is investigated here the genre relations in public and private spaces as well, and the conflicts faced by woman in her relation between marriage/maternity x carrier. To develop this study, it was designed the following research question: In which way it is delineated in media the history of woman as worker and her relation with work market and her family, if taken into account woman identity constitution from memory movements? To answer the question, it was developed a methodological course in order to investigate memory movements in woman as worker in identity constitution in contemporaneity. Such course demanded a definition of the thematic route "woman, work and family", in history as told by media, followed by issues that guide archive construction and corpus delimitation: 1) woman and work market; 2) working woman and her genre relations and 3) working woman and family construction. In order to historicize the events related to this theme, an archive was constituted, in its materiality, in several discursive genres, such as advertisements, articles, propagandas, charges, songs, magazine covers, news to construct social imaginary about what is said in media discourse. From this archive, many texts, represent different approached periods (between 19th and 21st Centuries), and are used, along the work, to discuss on commented moments and to recognize different subject positions and their discursive practices, selected to constitute the corpus for this thesis, six articles (magazines texts) that discuss the chosen theme. Those articles were taken from the following printed magazines: *Veja Mulher*, *Claudia* and *Você S/A*. The investigation, in media discourse, memory networks and discursive games points out the woman as worker. It was identified that, among other results, media has a mediator role between the event and society which uses reality and the imaginary to impose its will of truth and to act as power mechanism to constitute woman identity in contemporaneity.

Key-words: Discourse. Memory. Woman. Work. Family. Media.

RESUMEN

Esta tesis titulada **Mujer, trabajo y familia: juegos discursivos y redes de memoria en la mass media** se inserta en el campo del Análisis del Discurso de tradición Francesa. Con foco en las contribuciones de Foucault para ese campo de estudio y de la interdisciplinariedad que lo caracteriza, el trabajo dialoga con los estudios culturales, con la Historia y los estudios de la mass media, trazando como objetivo central describir/interpretar, en el discurso de la mass media, los movimientos de la memoria en la relación de la mujer con el trabajo y la familia. De esa forma, se investigan aquí las relaciones de género tanto en el espacio público como en el privado, además de los conflictos, enfrentados por la mujer, entre casamiento/maternidad x carrera. Para su desarrollo, se delineó la siguiente cuestión de investigación: *¿De qué manera se inscribe en la mass media la historia de la mujer trabajadora y su relación con el mercado de trabajo y la familia, si se observa la constitución de la identidad de esa mujer, a partir de los movimientos de la memoria?* Para contestar a esta cuestión, el trabajo desarrolla un recorrido metodológico por medio del cual se investigan los movimientos de la memoria en la constitución de la identidad de la mujer trabajadora contemporánea. Tal recorrido exigió la definición de un trayecto temático “Mujer, trabajo y familia”, en la historia contada por la mass media, seguido de los ejes que orientan la construcción del archivo y la delimitación del *corpus*. Son ellos: 1) la mujer y el mercado de trabajo, 2) la mujer trabajadora y las relaciones de género y 3) la mujer trabajadora y la constitución familiar. Para mejor historiar los acontecimientos que están relacionados a la temática de la tesis, se formó un archivo que se constituye, en su materialidad, de varios géneros discursivos, como anuncios, artículos, tebeos, publicidades, canciones, portadas de revistas, noticias, que ayudan a construir el imaginario social sobre lo que se dice en el discurso de la mass media. De ese archivo, muchos textos, representan cada época abordada (entre el siglo XIX y el siglo XXI), y son usados, en el desarrollo del trabajo, para enriquecer los momentos comentados y conocerse los mecanismos agenciados por la memoria. Para mejor averiguar las diferentes posiciones-sujeto y sus prácticas discursivas, se seleccionó para constituir el *corpus* de esta Tesis, seis artículos (materias de revistas) que discurren sobre la temática elegida. Esos artículos están presentes en las revistas impresas *Veja Mulher*, *Claudia* y *Você S/A*. Investigando, en el discurso de la mass media, las redes de memoria y los juegos discursivos en la inscripción de la mujer trabajadora, se percibe que, entre otros resultados, la mass media ejerce el papel de mediadora entre acontecimiento y sociedad y que se utiliza de lo real y de lo imaginario, imponiendo su voluntad de verdad y agenciando los mecanismos de poder en la constitución de la identidad de la mujer contemporánea.

Palabras Clave: Discurso. Memoria. Mujer. Trabajo. Familia. Mass media.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01:	Jornal <i>A Mensageira</i> – 15 de outubro de 1897	62
Figura 02:	Imagem Lindomar Castilho e Eliana de Grammont.....	72
Figura 03:	Propaganda café <i>Chase & Saborn</i>	75
Figura 04:	Propaganda calças <i>Mr. Leggs</i>	75
Figura 05:	Imagem Movimento Feminista – 1910	80
Figura 06:	Imagem Movimento Feminista – Século XXI	80
Figura 07:	Queima de Sutiãs – 1968	82
Figura 08:	Revista CLAUDIA – março/2009	84
Figura 09:	Propaganda arroz Tio João	89
Figura 10:	Propaganda meias <i>Puket</i> – 2007	94
Figura 11:	Propaganda sandálias Melissa – 2008	94
Figura 12:	Propaganda <i>Wolkswagem</i> – Anos 70	100
Figura 13:	Revista VEJA – 23 de março de 2011	100
Figura 14:	Mulheres trabalhando na guerra 1.....	105
Figura 15:	Mulheres trabalhando na guerra 2	105
Figura 16:	Mulheres trabalhando na guerra 3	105
Figura 17:	Mulheres trabalhando na guerra 4	109
Figura 18:	Mulheres trabalhando na guerra 5	109
Figura 19:	Mulheres trabalhando na guerra 6	110
Figura 20:	Mulheres trabalhando na guerra 7.....	110
Figura 21:	Cartaz “ <i>We can do it!</i> ”	112
Figura 22:	Mulheres trabalhando na guerra 8	114
Figura 23:	Mulheres trabalhando na guerra 9	114
Figura 24:	Propaganda vitaminas <i>PEP</i>	117
Figura 25:	Propaganda aspirador e enceradeira ARNO	117
Figura 26:	Propaganda eletrodomésticos WALITA	117
Figura 27:	Propaganda SKY	117
Figura 28:	Propaganda batedeiras <i>KENWOOD</i>	124
Figura 29:	Propaganda <i>KNORR</i>	124
Figura 30:	<i>Jornal das Moças</i> – Grace Kelly – maio/1957.....	132
Figura 31:	Revista CLAUDIA – Grace Kelly – junho/2010.....	134
Figura 32:	Revista CLAUDIA – Angélica – outubro/2010.....	136
Figura 33:	Jornal <i>O Mossoroense</i> – 04/12/1927.....	147
Figura 34:	Jornal <i>O Mossoroense</i> – 11/12/1927	148
Figura 35:	Revista VEJA Edição Extra – Dilma Roussef – novembro/2010...	149
Figura 36:	Revista VEJA Edição Extra – Eleições- novembro/2010.....	149
Figura 37:	Revista CLAUDIA – novembro/2010.....	159
Figura 38:	Charge: “As eternas e insuportáveis cobranças da sociedade”.....	162
Figura 39:	Revista <i>VEJA Mulher</i> – “O dono de casa” – junho/2010.....	178
Figura 40:	Charge 1926	181
Figura 41:	<i>Jornal das Moças</i> – “Evangelho das Mães” – 12/09/1957.....	186
Figura 42:	Revista VOCÊ S/A – março/2011.....	191
Figura 43:	Revista <i>VEJA Mulher</i> – junho/2008	198
Figura 44:	<i>Jornal das Moças</i> – Mulheres Norte-Americanas – 16/05/1957....	206
Figura 45:	Charge: “Lugar de mulher é no tanque”	208
Figura 46:	Propaganda roupas “Morena Rosa”	210

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS: DESENHANDO A PESQUISA E PRODUZINDO SENTIDOS	21
1.1 UM BREVE HISTÓRICO DA ANÁLISE DO DISCURSO NO BRASIL E NA FRANÇA	22
1.2 CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE DO DISCURSO: OS DISPOSITIVOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	28
1.3 O OBJETO DE PESQUISA: UM ESTUDO SOBRE A MULHER, O TRABALHO E A FAMÍLIA	43
1.4 POR QUE ESTUDAR A MÍDIA? A ANÁLISE DO DISCURSO, A MEMÓRIA E O DISCURSO MIDIÁTICO	47
1.5 O ARQUIVO E A SELEÇÃO DO <i>CORPUS</i> : SEGUINDO O TRAJETO TEMÁTICO PELOS CAMINHOS DA MEMÓRIA E DOS GÊNEROS DISCURSIVOS	49
2 A HISTÓRIA DAS MULHERES: RELAÇÕES DE PODER, DISCIPLINA E RESISTÊNCIA	55
2.1 A MULHER E A VIDA PRIVADA: CONTROLE E DISCIPLINA	57
2.2 A MULHER E A DOMINAÇÃO MASCULINA: RELAÇÕES DE PODER	68
2.3 O ACONTECIMENTO “MOVIMENTO FEMINISTA”: ENTRE O PODER E A RESISTÊNCIA	80
2.4 UMA NOVA PRODUÇÃO IDENTITÁRIA FEMININA: A (DES)ORDEM DO DISCURSO	93
3 A MULHER E O MUNDO DO TRABALHO: MEMÓRIA, MÍDIA E PRODUÇÃO DE SENTIDOS	103
3.1 HISTÓRIA E MEMÓRIA SOBRE O TRABALHO FEMININO: TEMPOS DE GUERRA	104
3.2 A MULHER E O TRABALHO DOMÉSTICO	116
3.3 A DIVISÃO SEXUAL/SOCIAL DO TRABALHO	125
3.4 MULHERES À FRENTE DE SEU TEMPO: AS PRECURSORAS DA HISTÓRIA	141
4 A MULHER, O MERCADO DE TRABALHO E A FAMÍLIA: VISITANDO A MEMÓRIA E O ARQUIVO MIDIÁTICO	151
4.1 CASAMENTO OU CARREIRA? OS CONFLITOS EM REDES DE MEMÓRIA.....	156
4.2 A MULHER TRABALHADORA E AS RELAÇÕES DE GÊNEROS: DISCURSOS DO PODER.....	164
4.3 UM NOVO HOMEM PARA UMA NOVA MULHER: JOGOS CONTRADITÓRIOS	176
4.4 EM NOME DOS FILHOS: COMO ESSA NOVA MULHER CONCILIA TRABALHO E MATERNIDADE.....	184
4.5 LUGARES DISCURSIVOS DA MULHER TRABALHADORA: OS NOVOS ESPAÇOS PARA AS NOVAS PROFISSÕES.....	196
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES: PARA UM EFEITO DE FIM	212

REFERÊNCIAS.....	221
ANEXOS	231
ANEXO 01: COMPETÊNCIA NÃO TEM GÊNERO	232
ANEXO 02: SUCESSO PROFISSIONAL ATRAPALHA A VIDA AMOROSA DAS MULHERES	237
ANEXO 03: 43 MILHÕES DE MULHERES E UM DILEMA: FOCAR NA CARREIRA OU NA FAMÍLIA?.....	241
ANEXO 04: SER MÃE NÃO É PROFISSÃO	244
ANEXO 05: MUDANÇA À VISTA	248
ANEXO 06: DE SALTO NA PLATAFORMA	251

INTRODUÇÃO

As mulheres que trabalham e têm uma família são como malabaristas em um circo, sempre tentando manter no ar todas as bolas ao mesmo tempo.

(SELESNICK: In: ROSAS, 2009, p.44)

“Será necessário lembrar? As mulheres sempre trabalharam” (PERROT, 2005, p.241), porém, nem sempre receberam/recebem remuneração por isso. E como ressaltava Perrot (1998, p.97), o que se colocou como um problema para elas “foi o exercício de trabalhos assalariados, ofícios e profissões praticados fora de casa”. Esse problema se mostrou de forma mais acentuada, principalmente, na classe burguesa, pois as mulheres mais pobres justificavam o trabalho assalariado pela necessidade de ajudar no sustento da família. Mesmo assim, o trabalho fora de casa, para essas mulheres mais necessitadas, se dava como uma extensão do trabalho de sua própria casa, pois a maioria delas trabalhava como domésticas, amas, lavadeiras, costureiras. E para as mulheres mais abastadas financeiramente, como justificar que podiam e queriam ter uma profissão, um trabalho remunerado fora do lar? Restava a essas mulheres, então, reunirem-se na resistência ao destino traçado para elas, mas não por elas.

Durante muito tempo, a existência do homem se justificou, socialmente, pelo trabalho, enquanto que a existência da mulher, pela reprodução. No entanto, com as mudanças sociais, políticas e culturais, junto aos movimentos de resistência, surgem para os sujeitos, em especial para a mulher, os novos espaços sociais.

No século XX, com os movimentos feministas, a Segunda Guerra e a Revolução Industrial, as mulheres, sujeitos da resistência, mudam e escrevem a sua história. Acontece então a representativa inclusão da mulher no mercado de trabalho, o que nem sempre teve/tem uma boa aceitação social e familiar.

A mulher, por meio do trabalho, busca não só o seu sustento, mas também liberdade, independência e poder; e, com isso, acaba por competir com o homem na esfera profissional. Essas mudanças surgem, sobretudo, pelo acesso ao ensino secundário e pelo direito a um trabalho remunerado. O acesso das mulheres à instrução diminui as diferenças entre os gêneros na vida pública. Esse fato se dá

porque é pelo saber que se resiste aos mecanismos do poder e, consciente do que quer e precisa mudar, a mulher toma um novo posicionamento na vida pública através de uma profissão que a leva à independência financeira. Em 1949, na primeira edição de seu livro **O Segundo Sexo**, Simone de Beauvoir já dizia: “produtora ativa, ela [a mulher] reconquista sua transcendência; em seus projetos afirma-se concretamente como sujeito; pela sua relação com o fim a que visa, com o dinheiro e os direitos de que se apropria, põe à prova sua responsabilidade” (BEAUVOIR, 2009, p.879). Isto não significa dizer que a mulher alcançou totalmente sua independência, pois, mesmo na contemporaneidade, além da exploração que pode se dar no trabalho, seja ele intelectual ou braçal, há ainda a jornada dupla no cuidado com o marido, os filhos e o lar.

É nesse ponto, na vida privada, que se percebe claramente a desigualdade entre os gêneros. O controle e a vigilância não cessam. É necessário conquistar uma carreira sem descuidar dos papéis “essenciais” ditados pela sociedade. Isto faz surgir então a vontade de conhecer a luta da mulher pela inserção no mercado de trabalho no jogo das relações poder/saber. Nesse sentido, aparece o questionamento que impulsiona a execução deste trabalho de pesquisa. Pergunta-se o seguinte: “De que modo se inscreve na mídia a história da mulher trabalhadora e sua relação com o mercado de trabalho e a família, se observada a constituição da identidade dessa mulher, a partir dos movimentos da memória?”

Para essa investigação tornou-se necessário então traçar alguns objetivos. Como objetivo geral, espera-se descrever/interpretar, no discurso midiático, os movimentos da memória na relação da mulher com o mercado de trabalho e a família. E para subsidiar esse primeiro objetivo, especificamente, procurou-se averiguar os jogos discursivos da inscrição da mulher trabalhadora na mídia, observando-se a relação mercado de trabalho, família e sociedade como traços presentes na constituição da identidade da mulher contemporânea; reconhecer os efeitos do movimento feminista na produção da identidade da mulher trabalhadora; entender como essa mulher trabalhadora se constitui eticamente nos espaços público e privado, frente a essa relação de saber/poder e investigar como o mercado de trabalho abriu suas portas às mulheres e de que forma lidam, hoje, com as funcionárias que decidiram ter filhos e querem continuar trabalhando, assumindo sua posição de produtora no espaço social.

Dessa forma, para se delinear essa pesquisa, e tentar alcançar os objetivos propostos, foi traçado o trajeto temático “Mulher, trabalho e família” na história contada pela mídia, seguido dos eixos que norteiam a construção do arquivo e a delimitação do *corpus*. São eles: 1) a mulher e o mercado de trabalho, 2) a mulher trabalhadora e as relações de gênero e 3) a mulher trabalhadora e a constituição familiar.

Esses eixos encontram-se de forma tão entrelaçada nos movimentos da memória que seria impossível falar, por exemplo, sobre o trabalho feminino, sem abordar a questão familiar, pois, durante muito tempo, a família foi citada como “o motivo” principal, nos dizeres sociais, para que a mulher permanecesse como a “rainha do lar”, na função de reprodutora e, conseqüentemente, de cuidadora. A mulher, por muito tempo, não pôde exercer uma profissão porque supunha um abandono ao lar, o que geraria desarmonia entre o casal e desleixo em relação aos filhos. “Não era muito fácil encontrar esposas de classe média trabalhando fora de casa a não ser por necessidades econômicas – situação que, de certa forma, poderia chegar a envergonhar o marido” (BASSANEZI, 2008, p.625). Era comum as mulheres deixarem de trabalhar logo que se casavam ou tinham o primeiro filho. Uma mãe que se ausentava de sua casa por muitas horas, em função de um ofício remunerado, não era bem vista, principalmente se essa mãe pertencia a um grupo dito privilegiado, em que o marido tivesse por si só condições de manter a casa, a esposa e sua prole. Não se poderia trabalhar por amor a uma profissão, por prazer. Esses discursos que circularam por tanto tempo levaram (levam ainda) muitas mulheres estudadas a recolherem-se ao lar, após o casamento.

Para contar essa história, formou-se um arquivo que se constitui, em sua materialidade, de vários gêneros discursivos, verbais e imagéticos, como anúncios, notícias, propagandas¹, charges, músicas, capas de revistas, artigos (matérias de revistas), que ajudam a construir o imaginário social sobre o que é dito através do discurso midiático. Desse arquivo, muitos textos (verbais e imagéticos), representativos de cada época abordada, serão trazidos como vestígios de uma memória e serão analisados de forma a fazer entender os discursos sobre a mulher na atualidade ou aparecerão como ilustração dos momentos comentados, no

¹ Em relação aos textos que trazem a venda de produtos, analisados nesta tese, escolheu-se utilizar o termo propaganda, em vez de peça publicitária ou publicidade, por ser um termo mais abrangente e poder ser usado em todos os sentidos, apesar de, às vezes, alguns autores diferenciarem um termo de outro e outros autores usarem-nos indiferenciadamente. (cf. SANDMAN, 2010, p.10)

decorrer do trabalho. Como *corpus* da tese - um recorte desse arquivo - serão analisados seis artigos (matérias de revistas) que discorrem sobre a temática escolhida. Esses artigos estão presentes em revistas impressas que circularam/circulam por todo o Brasil. Essas revistas são: **Veja Mulher, Claudia e Você S/A**. A escolha das revistas também não foi aleatória. Era preciso se reconhecer e analisar posições-sujeito diferenciadas de acordo com o público leitor, descobrindo assim, como cada revista, que tem público diferenciado, trata do tema “Mulher, trabalho e família”, nesse início do século XXI.

Os seis artigos escolhidos para uma análise mais complexa, de acordo com as categorias da Análise do Discurso de tradição Francesa, mais especificamente, de acordo com as categorias de análise foucaultianas, são: *Competência não tem gênero* (VEJA MULHER, 2008), *Sucesso profissional atrapalha a vida amorosa das mulheres* (CLAUDIA, 2009), *43 milhões de mulheres e um dilema: focar na carreira ou na família?* (CLAUDIA, 2010), *Ser mãe não é profissão* (VEJA MULHER, 2010), *Mudança à Vista* (VOCÊ S/A, 2011), *De Salto na Plataforma* (VOCÊ S/A, 2011).

Como base teórica, para a execução desse trabalho de pesquisa, foram tomados os postulados da Análise do Discurso de tradição francesa, seguindo os dispositivos de análise de Michel Foucault (1988; 1995; 1999; 2003; 2006a; 2006b; 2006c; 2007a; 2007b; 2007c; 2008a; 2008b; 2008c), algumas das muitas contribuições de Pêcheux (1998; 2007; 2008) e Bakhtin (2003). Outros pesquisadores, que seguiram por esse mesmo percurso teórico, foram aqui abordados, como Gregolin (2003a; 2003b; 2004; 2006; 2007a; 2007b; 2008; 2010), Guilhaumou (1997), Guilhaumou e Maldidier (2009), Orlandi (2002; 2005; 2007), entre muitos outros comentadores dessas teorias. Para os estudos históricos sobre a mulher, inclusive no que se refere à família e a alguns setores de trabalho, contou-se com Perrot (1998; 2005; 2006; 2007), Del’Priore (2008; 2011), Beauvoir (2009), Prado (1995; 2009), Strey (2001; 2004), Schumacher (2000) e Kolontai (2009); com os pressupostos sobre a dominação masculina, consultou-se Bourdier (2010) e Duby (1989). No sentido de se dissertar sobre o mundo do trabalho, encontrou-se respaldo teórico em Diniz (2004), Mill (1996), Nogueira (2004), e Quézel (2009). Sobre a memória, recorreu-se a Le Goff (2003), Halbwachs (2006) e Courtine (2005; 2006; 2008), com este último abordou-se também o conceito de intericonidade. A mídia é abordada pelas colocações de Silverstone (2005) e Burkner (1992; 2010). Já Bauman

(2005; 2007), Silva (2007) e Coracini (2007) contribuíram com os estudos sobre a constituição das identidades nas sociedades contemporâneas. Esses são alguns dos autores abordados neste trabalho, entre outros mais que trazem suas contribuições para os estudos em questão.

Para se entender a análise dos textos escolhidos para esta Tese, é necessário percorrer um caminho pela história e pela memória, que estão intrinsecamente ligadas à produção de sentidos e à linguagem, por meio da qual se proferem os discursos sobre a temática abordada. Dessa forma, este trabalho de pesquisa foi materializado, em sua estrutura, em quatro capítulos, que se constituem como o descrito abaixo.

No primeiro capítulo serão traçados os procedimentos teórico-metodológicos, para melhor esclarecer o lugar de onde se fala. Nessa parte do trabalho será visto um breve histórico da Análise do Discurso, seguido das contribuições dessa disciplina para as pesquisas na área da linguagem, sendo abordadas então as categorias de análise - sujeito, sentido, enunciado, memória discursiva, mecanismos de poder, dispositivos disciplinares, acontecimento, arquivo, trajeto temático - que servirão como suporte deste trabalho de doutorado. Também se discutirá sobre o objeto de estudo e sobre a importância de se estudar a mídia, para, então, se explicar o trajeto temático a que se seguiu, a construção do arquivo e a seleção do *corpus*.

No segundo capítulo será abordada a história das mulheres, desde mesmo a antiguidade, no sentido de explicar as relações de poder entre os gêneros. Para isso, se falará sobre os dispositivos disciplinares que agiam sobre a mulher em sua vida privada e sobre a dominação masculina nas relações de gênero, o que esclarece as formas de agir de uma sociedade patriarcal. Além disso, nesse ponto, fala-se também sobre os movimentos de resistência que impulsionaram as mudanças sociais, como o movimento feminista. É importante abordar a relevância desse movimento para as conquistas femininas, para a inserção da mulher na vida pública e para as mudanças sociais, pois são essas mudanças que levam a uma nova produção identitária feminina, o que provoca uma (des)ordem no discurso.

No terceiro capítulo será visto o histórico da mulher no trabalho, inclusive no período de guerra. Utilizando-se da memória registrada nos arquivos midiáticos e da história oficial contada pelos livros, serão delineados os caminhos percorridos pela

mulher na conquista por uma profissão, na concorrência pelos espaços no meio profissional e na luta por seus direitos. Será investigada ainda a divisão social/sexual do trabalho e como a mulher consegue se superar onde só encontra limites. Como não poderia deixar de ser, neste espaço também serão lembradas aquelas que se destacaram de alguma forma, se denominando como “mulheres à frente de seu tempo”, cada qual ocupando um lugar que fez surgir um novo espaço profissional para a mulher dessa nossa sociedade contemporânea.

No quarto capítulo, revisitando a memória e o arquivo aqui constituído, será discutida a subjetivação – nas revistas - dessa mulher trabalhadora, abordando quem são, o que dizem, o que fazem, em que trabalham. Neste capítulo se abordará como essa mulher trabalhadora se constitui eticamente nos espaços público e privado, frente a essa relação de saber/poder. Discute-se também como a mulher trabalhadora assume o casamento e a constituição familiar, desde que pretende seguir uma carreira; como o homem, no jogo da contradição, divide os espaços antes ocupados somente pelas mulheres, já que elas precisam sair de casa para trabalhar; e como o mercado de trabalho ajuda na conciliação dos vários papéis exercidos por essa nova mulher, que assume os novos lugares de produtora e conserva os antigos espaços de reprodutora.

Nas considerações finais se retomarão os vários aspectos discutidos no decorrer desta Tese, para se fazer algumas colocações pertinentes sobre a mulher trabalhadora, o mercado de trabalho que engloba essa mulher e sobre o lugar da família – companheiro, filhos -, além de dissertar sobre novas inquietações que surgem a partir deste trabalho de pesquisa.

Dessa forma, espera-se contribuir, a partir desta pesquisa, para uma melhor compreensão sobre os mecanismos agenciados pela memória na constituição da identidade da mulher trabalhadora e sua relação com o mercado de trabalho e a família.

1 PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS: DESENHANDO A PESQUISA E PRODUZINDO SENTIDOS

As mulheres às voltas com o espaço e o tempo, com os acontecimentos, as guerras, a política, que por muito tempo lhes foram vedados. As mulheres na ação coletiva, e mais particularmente o feminismo, sob diversas formas, essencial para ação contemporânea das mulheres. As mulheres e os outros; as mulheres e o mundo.

(PERROT, 2007, p.135)

“A mulher? É muito simples, dizem os amadores de fórmulas simples: é uma matriz, um ovário; é uma fêmea, e esta palavra basta para defini-la” (BEAUVOIR, 2009, p.35). Tão fácil, ou simples, seria definir um sujeito assim, seja ele de qual gênero for! Pois a simplicidade do sujeito – se diria melhor a complexidade - não se define de forma simples, porque ele não é um só, é também o outro que o compõe, trazendo o deslocamento, o descentramento, a dispersão em sua fórmula. Cada um é constituído pelo seu outro e vive numa sociedade em que é envolvido nas redes do poder, nas técnicas disciplinares, nas vontades de verdade, na vontade de saber. E essa mulher, traduzida de forma simples como um ovário, se manifesta na vontade de saber e contra as malhas do poder que a envolvem.

Pode-se dizer que este sempre foi um difícil percurso a ser realizado pela mulher, basta olhar para a história desse sujeito da resistência. Se o olhar partir para a história que é contada pela mídia, através das redes de memória que se entrelaçam em seus arquivos e dos jogos discursivos que fazem a leitura dessa história, percebem-se quantas inquietações podem surgir. E são as inquietações despertadas por esses discursos encontrados na mídia que se desenharão no decorrer deste trabalho de pesquisa. Mas, como ou o que falar da mulher contemporânea? Como analisar ou o que analisar desse sujeito tão complexo e disperso? Quais categorias analíticas utilizar para desvendar os mistérios discursivos sobre esse sujeito e suas lutas na tentativa de mudanças, de transformação, de reconhecimento como um ser pensante, como sujeito?

Utilizando-se então das ferramentas necessárias, como: sujeito discursivo, sentido, enunciado, memória discursiva, mecanismos de poder, disciplina, acontecimento, arquivo, é que serão discutidos, neste capítulo, os discursos que se materializam na mídia sobre a mulher e sua relação com o trabalho e a família.

Para alcançar os objetivos traçados e a problemática levantada, começaremos com uma descrição de como se darão os procedimentos teórico-metodológicos para a realização da análise do objeto de estudo em questão.

Neste capítulo, poderá ser visto um breve percurso do surgimento da análise do discurso e como ela alcança seu êxito no Brasil. Depois será apresentada, de forma sucinta, cada categoria de análise que se pretende utilizar na análise do arquivo/*corpus* deste trabalho. Para esclarecer melhor a escolha e a aplicação dessas categorias, é importante que se fale um pouco mais sobre o objeto de estudo escolhido “a mulher trabalhadora e a família”, e os eixos que se seguem ao trajeto temático.

Por ser uma pesquisa relacionada aos discursos midiáticos, torna-se interessante ainda dedicar um ponto mais específico à mídia, relatando como esta se liga à análise do discurso e à memória. Finalmente, encontra-se uma maior explicação sobre o trajeto temático escolhido, o arquivo e o *corpus* selecionado para este trabalho.

Que se comece, então, o percurso dessa história.

1.1 UM BREVE HISTÓRICO DA ANÁLISE DO DISCURSO NO BRASIL E NA FRANÇA

A Análise do Discurso, que tem início na França, no final dos anos 60, é fundada por Jean Dubois, lexicólogo de renome, criador da revista *Langages*, e por Michel Pêcheux, filósofo ligado a Althusser e preocupado em discutir a Epistemologia das Ciências. Esses dois fundadores viam diferenças nos estudos da Análise do Discurso. Dubois achava que a Análise do Discurso, doravante AD, seria uma continuidade da Linguística, enquanto Pêcheux tinha em vista um novo campo de investigação. Para Pêcheux, esses estudos tratavam de “estabelecer a articulação entre a base linguística e o processo discursivo, analisando o funcionamento da base linguística em relação às representações colocadas em jogo nas relações sociais” (PIOVEZANI e SARGENTINI, 2011, p.28). Apesar de suas diferenças, esses dois estudiosos tinham um só objeto de estudo: o discurso.

É Dubois quem designa o “discurso político” como objeto de estudo da AD. Pêcheux, por sua vez, resgata o sujeito e a História, excluídos dos estudos linguísticos por Saussure. São as propostas de Michel Pêcheux que servirão como base para as inúmeras pesquisas que começam a surgir em Análise do Discurso. Devido a sua base epistemológica, unindo a linguística, o marxismo e a psicanálise, a AD aparece como interdisciplinar e é marcada por deslocamentos.

Quatro nomes estão intimamente ligados à AD, são eles: Althusser, autor de várias releituras marxistas; Foucault, introdutor da noção de Formação Discursiva na AD; Lacan, com a leitura do inconsciente das teses freudianas e Bakhtin (via Jackeline Authier-Revuz), sobretudo com os conceitos de gênero e dialogismo da linguagem. Cada um deles serviu como pilar para a articulação entre língua, sujeito, discurso e história. E é com essa articulação que Pêcheux “constitui o edifício da Análise do Discurso” (GREGOLIN, 2003a, p.25).

O histórico da Análise do Discurso pode ser visualizado “por meio da relação que se vai estabelecer entre a linguística e outras disciplinas, na busca da interdisciplinaridade para a análise de um objeto ‘além da frase’, que exige a abordagem da articulação entre o lingüístico e o seu ‘exterior”” (GREGOLIN, 2003a, p.22). Na França, a AD passa por três épocas distintas, cada qual com os seus pontos significativos para o engrandecimento das teorias e das pesquisas relacionadas a essa área.

A primeira dessas três épocas tem início nos anos 60 e possui como marco o livro de Pêcheux **Analyse Automatique du Discours** (1969). Este “é um livro original que chocou lançando, a sua maneira, questões fundamentais sobre os textos, a leitura, o sentido” (MALDIDIER, 2003, p. 19). Nessa época, Pêcheux pensava criar uma máquina para análise automática do discurso, mas, por não haver discursos homogêneos, o trabalho dessa máquina era dificultoso. As bases do autor são ainda muito estruturalistas, mas também distribucionalistas, quando abrange as teorias de Harris, o que lhe permite trabalhar com o enunciado. Totalmente influenciado por Althusser, Pêcheux propõe uma teoria não-subjetiva do sujeito, um sujeito assujeitado por uma ideologia e que tem a ilusão de ser fonte de seu dizer, acreditando produzir discursos, enquanto somente os reproduz. Nessa fase, o discurso é definido como “resultante de condições de produção estáveis e

homogêneas, sendo também homogêneo, ou seja, uma maquinaria discursiva fechada em si mesmo” (FERNANDES, 2005, p.81).

No entanto, mudanças políticas e epistemológicas levam essa disciplina a passar por constantes transformações, reconstruindo e retificando seus conceitos. “Inquieto, Pêcheux re-elaborou suas propostas, tendo como base uma reflexão sobre os contextos epistemológicos e as ‘filosofias espontâneas’ subjacentes à lingüística” (GREGOLIN, 2003a, p.24), o que faz surgir uma nova época de teorias discursivas.

Na segunda fase da AD, que se inicia a partir de 1975, Pêcheux fala do sujeito atravessado pela Psicanálise e traz a teoria não-subjetiva do sujeito. Desenvolvem-se de forma mais profunda os conceitos de enunciado, memória e interdiscurso. Analisa-se, nos discursos, uma enunciação anterior, combinações de novos enunciados com outros enunciados já pronunciados. Há, então, um maior diálogo com os conceitos de Bakhtin e Foucault.

Ainda em 1975, Pêcheux e Fuchs apresentam o quadro epistemológico da AD em **A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas**. Nesse texto aparecem “três regiões do conhecimento atravessadas por uma teoria da subjetividade da natureza psicanalítica” (FONSECA-SILVA, 2007, p.89). São elas: 1) o materialismo histórico – explicado como teoria da ideologia e das formações e transformações sociais, 2) a linguística – teoria que rege os mecanismos sintáticos e os processos de enunciação e 3) a teoria do discurso – teoria dos processos semânticos e da determinação histórica. Neste mesmo ano Pêcheux lança **Semântica e Discurso**, o seu grande livro, onde se encontra o estado mais acabado sobre a teoria do discurso. Nessa época, Pêcheux, em posição de crítica, revê os conceitos dos esquecimentos que, inicialmente, estão ligados “à terminologia usada por Freud de primeira tópica, na qual as instâncias são o inconsciente, de um lado, e o consciente e o pré-consciente, de outro lado” (FONSECA-SILVA, 2007, p.93).

A noção de formação discursiva emprestada de Foucault ganha espaço, o que leva a começar a explodir a “máquina estrutural” de Pêcheux, pois, com a formação discursiva, identificam-se os discursos transversos, introduzindo-se assim a noção de interdiscurso. Além disso, se reconhece a formação discursiva como o lugar da constituição do sentido, o qual se vincula também à constituição do sujeito.

Mesmo assim, para Pêcheux, o sujeito do discurso continua sendo um sujeito assujeitado à formação ideológica. O sujeito da enunciação não é posto ainda, mas se descobre uma zona de entrelaçamentos, de atravessamentos de discursos e de efeitos discursivos. Na segunda fase da AD, são questionados os pontos interiores e exteriores nos processos discursivos. É nesse momento em que ocorrem as tensões maiores entre Pêcheux e Foucault.

Sendo o sujeito uma fabricação que se realiza historicamente pelas práticas discursivas, “é no entrecruzamento entre discurso, sociedade e história que poderemos observar as mudanças nos saberes e sua conseqüente articulação com os poderes” (GREGOLIN, 2006, p.45). Nesse sentido, para Foucault, os poderes funcionam como uma rede de dispositivos e não estão situados em nenhum ponto específico, estão em todos os lugares. Estes são os micropoderes. Gregolin (2006, p.43) explica que “os micropoderes são formas de exercício do poder diferentes do Estado, a ele articulados de maneiras variadas [...]”. Em **Microfísica do Poder**, Foucault, com a teoria da resistência vai de encontro às teses althuserianas, sendo então, criticado pelo grupo Pecheutiano, o qual seguia os preceitos de Althusser, que acreditava na centralidade do poder, no assujeitamento, na luta de classes.

No final dos anos 70, as propostas de Bakhtin, através de Authier-Revuz, começam a fazer parte das discussões do grupo de Pêcheux, afinal, “ele [Bakhtin] foi visto, pela maioria dos integrantes, como um pensador que trazia uma grande contribuição aos estudos de Análise do Discurso” (GREGOLIN, 2003a, p.30). Porém, Michel Pêcheux discordava da crítica feita por Bakhtin a Saussure, pois achava que Saussure deveria continuar a ser o introdutor da Ciência da Linguagem e que muitas de suas propostas deveriam continuar sendo contempladas nas grandes questões do formalismo e do sujeito. Pêcheux, então, criticava a forma como Bakhtin colocava a interindividualidade que tinha como base a interação sócio-comunicativa. As críticas de Pêcheux a Bakhtin envolviam, portanto, os posicionamentos de Bakhtin em relação às teorias da linguística, do social e da história.

A terceira época da análise do discurso inicia-se nos anos 80. É um novo tempo, marcado por dúvidas e incertezas. Nessa fase, é desconstruída de vez a “máquina discursiva”, outrora pretendida por Pêcheux, surgindo assim, novos horizontes teóricos. A heterogeneidade começa a fazer parte do discurso, ampliam-se os diálogos e retifica-se a noção de Formação Discursiva, da qual Pêcheux se

aproxima mais, reconhecendo as propostas de Foucault. Para Pêcheux, “Foucault foi sempre um adversário estimulante” (GREGOLIN, 2006, p.41).

Pêcheux também re-lê Bakhtin, a quem havia criticado por apresentar algumas teorias de cunho humanista. Nessa época, consegue-se ver que as reflexões de Bakhtin dão um novo impulso aos estudos do enunciado. Isso acontece a partir das influências de Authier-Revuz, no colóquio **Materialidades Discursivas**, do qual participava Pêcheux. Surgem então os estudos sobre a heterogeneidade do sujeito, o que leva à discussão sobre o Outro. Em Bakhtin encontra-se uma preocupação com a alteridade e com o outro.

Essas três épocas são marcadas por incessantes revisões e mudanças de conceitos. Várias indagações teimam em aparecer sobre as teorias formuladas. Em 1981, Courtine “retoma as reflexões de Pêcheux (1977) e propõe a releitura de Foucault para fazer funcionar alguns conceitos que vão redirecionar a teoria do discurso” (FONSECA-SILVA, 2007, p.103). No período de 1980 a 1983 há uma desconstrução em vários preceitos que regiam os estudos pecheutianos.

Nessa época,

Pêcheux afasta-se de posições dogmáticas sustentadas anteriormente a partir de sua vinculação com o Partido Comunista. É o momento do encontro com a “Nova História”, de aproximação com as teses foucaultianas, em que Pêcheux critica duramente a política e as posições derivadas da luta na teoria e, assim, abre várias problemáticas sobre o discurso, a interpretação, a estrutura e o acontecimento. (GREGOLIN, 2004, p.64).

Esse afastamento de Pêcheux das posições assumidas anteriormente fica bem claro nas colocações que faz abaixo:

Como os métodos da Nova História, os da Arqueologia foucaultiana terminam, por sua vez, por tratar explicitamente o documento textual como um monumento, ou seja, como um traço discursivo em uma história, um nó singular em uma rede. Desse ponto de vista, a necessidade de levar em conta, na análise das discursividades, as posições teóricas e as práticas de leitura desenvolvidas nos trabalhos de M. Foucault constituiu um dos sinais recentes mais nítidos da retomada da Análise de Discurso: a construção teórica da intertextualidade, e, de maneira mais geral, do interdiscurso, apareceu como uma das questões cruciais dessa retomada, conduzindo a Análise de Discurso a se afastar mais e mais de uma concepção classificatória que dava um privilégio que se revela cada

vez mais contestável aos discursos escritos oficiais “legitimados”. (PÊCHEUX, 1998, p.48)

Percebe-se nesse dizer a abertura para se trabalhar os textos de forma diferente. Pêcheux lança um outro olhar para as teorias foucaultianas, aproximando-se do filósofo e começando uma nova era para os estudos em Análise do Discurso. Em 1983, Pêcheux publica **O discurso: estrutura ou acontecimento** e resgata outros objetos de análise, outras materialidades discursivas, como as imagens e as falas do cotidiano. Devido às mudanças ocorridas, é nos anos 80 que esses estudos começam a repercutir com maior intensidade.

No Brasil, a Análise do Discurso já apresenta seus vestígios, no período de 1962 a 1974, com os textos e livros de Carlos Henrique Escobar (GREGOLIN, 2007a). Esses textos - produzidos por militantes marxistas brasileiros, quase que na mesma época das discussões dos grupos de Althusser, Pêcheux e Foucault – falam de momentos de repressão no Brasil. A revista **Tempo Brasileiro** é um exemplo desses discursos ao apresentar em suas páginas a pluralidade de manifestações políticas. As teorias althusserianas já aparecem em números temáticos da revista. Nos anos 70, o marco mais importante é a publicação de **O homem e o discurso. A arqueologia de Michel Foucault (entrevista)**, organizado por Sérgio Paulo Rouanet (GREGOLIN, 2007a). Nesse livro podem-se encontrar as críticas de Lecourt e de Escobar ao pensamento foucaultiano.

Em 1975, Escobar publica **Epistemologia das Ciências Hoje**, onde se podem encontrar as críticas que movimentam as propostas de Althusser e Foucault, já publicadas em livro anterior. Porém, devido a um novo momento vivido na França, Escobar dedica o último capítulo do livro às mudanças que envolviam althusserianos e foucaultianos, pois se começa a repensar a utilidade do material de pesquisa levantado por Foucault. Há então uma retificação das posições assumidas por Escobar em relação a Foucault, mas, assim como Pêcheux, Escobar, que acompanha as discussões das teses althusserianas, não deixa de repensar pontos como a luta de classes, o Estado e a política, por exemplo.

Mesmo com as discussões que já se travavam em torno desses teóricos, a AD, no Brasil, tem o seu marco no final dos anos 70, com a figura de Eni Orlandi,

que traz as traduções das obras de Michel Pêcheux e, com isso, começa a consolidar grupos de pesquisas sobre o discurso (FERREIRA, 2007). No Brasil, diferentemente da França, não se apagou a imagem do fundador da disciplina. Pêcheux continua a ser retomado e estudado. Aqui, os analistas do discurso, muitas vezes são classificados em pecheuxtianos, foucaultianos ou bakhtinianos e isto não interfere no desenvolvimento dos trabalhos com as mais diversas materialidades linguísticas, que se encontram tanto nos discursos institucionalizados quanto nos discursos do cotidiano. Dessa forma, mesmo trabalhando com a Análise do Discurso de tradição francesa, fundada por Michel Pêcheux, escolheu-se aqui trabalhar principalmente com as teorias foucaultianas, por ser em Foucault que encontramos maior respaldo para conduzir as nossas análises.

A AD, com suas categorias de análise, nos auxilia nos estudos da linguagem seguindo pelos mais diversos domínios discursivos, como político, religioso, publicitário, midiático, entre outros. Isso não quer dizer que não haja embates teóricos entre a análise do discurso e a linguística, como coloca Ferreira (2007, p.19) “há contato, mas não pertencimento. E isso vale para os dois lados”. A autora (2007, p.19) completa ressaltando que “a AD compõe o seu tabuleiro, escolhe suas peças principais e arma seu jogo no campo da linguagem”.

E é compondo o nosso tabuleiro e escolhendo as peças que farão parte desse jogo no tão discutido campo da linguagem que se apresentarão, no ponto a seguir, algumas das categorias necessárias a esta pesquisa de doutoramento no que diz respeito aos estudos sobre a mulher, o trabalho e a família, discursivizados nos textos midiáticos.

1.2 CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE DO DISCURSO: OS DISPOSITIVOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Alguns dos conceitos trabalhados na Análise do Discurso, os quais funcionam como elementos de uma caixa de ferramentas e que serão utilizados neste trabalho de pesquisa, são: sujeito discursivo, sentido, enunciado, arquivo, trajeto temático, acontecimento, memória discursiva e mecanismos de poder. Estes conceitos, seguindo uma vertente foucaultiana, tornam-se imprescindíveis para a análise do *corpus* que se dispõe aqui sobre a mulher, o trabalho e a família.

Para iniciar esta conversa e melhor conhecer as categorias de análise presentes no decorrer deste trabalho, nada mais inquietante do que começar falando do objeto de estudo de Foucault, o sujeito, juntamente aos conceitos que tentam esclarecer o que é o discurso para a AD.

O discurso tem seu funcionamento, suas regularidades, que se liga ao social e ao histórico. Sendo assim, no funcionamento da linguagem, dá-se a produção de sentidos e a constituição do sujeito, pois ambos são afetados pela língua e pela história. Pode-se ressaltar, então, que “as relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados” (ORLANDI, 2005, p.21). Esses efeitos de sentidos emanam de dizeres que estão dentro de uma condição de produção, a qual vai compreender o sujeito, a situação, a história e a memória, sendo esta o interdiscurso.

Foucault (2006a, p.22), em **A Ordem do Discurso**, diz que, nas sociedades, há regularmente um tipo de desnivelamento entre os discursos, pois estes

passam com o ato mesmo que os pronunciou; e os discursos que estão na origem de certo número de atos novos de fala que os retomam, os transformam ou falam deles, ou seja, os discursos que, indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer.

Isto acontece nos textos que já se conhece culturalmente, como nos textos jurídicos, religiosos, literários e, estendendo-se mais um pouco, se diria, também, nos midiáticos. Na mídia, surge a repetição, a transformação, a retomada de muitos discursos já-ditos. Como coloca Foucault (2006a, p.26) “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta”.

Foucault (2007a, p.28) afirma também que

é preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros.

E é assim que encontraremos, no decorrer desse trabalho, os discursos que (não) se dizem sobre a mulher. Discursos repetidos, transformados, silenciados, historicizados por uma memória. É também durante esse estudo que poderemos ver a dispersão do sujeito. Um sujeito heterogêneo, como coloca Authier-Revuz (1982).

Para essa autora, o sujeito, em sua heterogeneidade, demonstra ser disperso, descentrado, dividido. E sendo também um efeito de linguagem, é um sujeito constituído por muitas vozes sociais. Nesse pensamento Leite (2001, p.120) ressalta que “para a Análise do Discurso, o sujeito é constitutivamente heterogêneo, múltiplo, clivado”. O sujeito não sendo homogêneo, mas heterogêneo, traz em si formações discursivas que apresentam uma inter-relação com a linguagem e a história, perpassadas pela memória. São as formações discursivas que revelam as formações ideológicas do sujeito. Grangeiro (2007, p.37) complementa ressaltando que o sujeito, para Foucault, “foi sendo constituído por longos, árduos e conflituosos acontecimentos discursivos, epistêmicos e práticos”.

Quando se fala em sujeito, há uma certa confusão devido ao sujeito gramatical ou mesmo no sentido de se fazer uma alusão ao sujeito de Lacan, o sujeito do inconsciente, que não é o mesmo do qual trata a AD.

Maziére (2007, p.22) tenta demonstrar as várias concepções de sujeito quando diz que

o marxismo, que é uma referência durante os primeiros anos da AD, o sujeita. Foucault o dispersa na formação discursiva. A colaboração entre lingüistas e psicanalistas o resgata do psicologismo. A colaboração com os historiadores introduz um sujeito da história. O peso da interdiscursividade organiza ‘a deslocalização tendencial do sujeito enunciador’ na materialidade dos enunciados, segundo uma fórmula de Michel Pêcheux [...]. As sofisticações da pragmática o reconfiguram em uma escala de ações e de co-ações enunciativas e semânticas na qual ele pode se multiplicar e se diluir.

São muitas as concepções sobre o sujeito. Para a AD o sujeito seria um *lugar de sujeito* que pode ser apreendido na busca do analista do discurso. Gregolin (2004, p.92) explica dizendo que, de acordo com os estudos arqueológicos de Foucault,

compreendemos que o sujeito do enunciado não pode ser reduzido aos elementos gramaticais, pois ele é historicamente determinado, o que faz com que não seja o mesmo de um enunciado a outro e a função enunciativa pode ser exercida por diferentes sujeitos.

Daí a dispersão do sujeito. Um mesmo indivíduo pode ocupar diferentes lugares em uma série enunciativa e assumir diferentes papéis sociais. Esse sujeito representa, na verdade, um grupo social e fala de um lugar social ocupado por ele.

O mesmo sujeito pode assumir o lugar de pai, irmão, professor, vizinho, amigo, etc, cada qual ocupando um lugar no âmbito da sociedade. E, para compreender esse sujeito discursivo, é necessário que se compreendam as vozes sociais que estão presentes em sua voz. Constatase, então, que o sujeito possui caráter polifônico, pois apresenta diferentes discursos, diferentes vozes, vindas de diferentes lugares. Isso constitui o sujeito discursivo que produz sentido no jogo das formações discursivas. Para melhor explicar formação discursiva, serão tomadas as palavras de Michel Foucault (2007a, p.43) que ressalta:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva*. (grifos do autor)

Uma formação discursiva é constantemente invadida por outras formações discursivas, muitas vezes, sob a forma de um discurso transversal. Daí surge o interdiscurso. Para Courtine (2006, p.69), o interdiscurso é um conjunto complexo de discursos que “serve como ‘material discursivo original’”.

Foucault (2007a) ressalta que não há enunciado que não suponha outros enunciados. Para o filósofo, o enunciado também se constitui pelo conjunto das formulações a que este se refere “seja para repeti-las, seja para modificá-las ou adaptá-las, seja para se opor a elas, seja para falar de cada uma delas, não há enunciado que, de uma forma ou de outra, não reatualize outros enunciados” (FOUCAULT, 2007a, p.111). Diante dessas colocações feitas por Foucault, Courtine (2006, p.70) chega à conclusão de que “o enunciado entra em uma rede interdiscursiva vertical de formulações, uma concepção que se aproxima do interdiscurso concebido por Pêcheux”. O interdiscurso aparece como um “discurso transversal, a partir do qual se realiza a articulação com o que o sujeito enunciatador dá coerência ‘ao fio de seu discurso’” (COURTINE, 2009, p.75).

Nesse sentido, em cada texto produzido, em cada enunciado oralizado ou escrito, há a presença de outras vozes e o sujeito, pode-se dizer que, na verdade, é constituído historicamente e é constituído pelo outro. Esse sujeito discursivo, disperso, transversal, aparecerá neste trabalho pela voz da mídia, quando esta, em

seus (inter)discursos, historiciza a mulher trabalhadora e seus conflitos entre a carreira e a constituição familiar.

O sujeito também é disciplinado, controlado por mecanismos de poderes que regulam o seu dizer/fazer. Para disciplinar esse sujeito, também é preciso produzir verdades. Sobre a verdade, Foucault (2008a, p.13) diz ser “o conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder”. Esses efeitos de poder, tidos como verdades, vão regulamentar os corpos desses sujeitos, que devem ser disciplinarizados, para uma boa convivência na sociedade.

Em suas investigações sobre o “como” do poder, Foucault (2008a, p.179) estuda os mecanismos que se apresentam entre dois pontos de referência, “por um lado, as regras do direito que delimitam formalmente o poder e, por outro, os efeitos de verdade que este poder produz, transmite e que por sua vez reproduzem-no”. Para Foucault isto resulta no triângulo “poder, direito e verdade”. Dessa forma, o filósofo questiona: “de que regras de direito as relações de poder lançam mão para produzir discursos de verdade?” (FOUCAULT, 2008a, p.179).

Busca-se então apreender os efeitos de sentido dos discursos que circulam, se acumulam e produzem a “verdade”. A verdade é produzida pelos sujeitos que, ao mesmo tempo, são submetidos a ela. E para melhor explicar essa produção da verdade, a qual se dá pelo direito, Foucault (2008a) retoma a história do poder real, o qual incentivava a criação do edifício jurídico exercido nas sociedades. Havia um poder monárquico, o poder do rei, que se dava de forma autoritária e absolutista. O poder jurídico se faz em torno do poder real, com leis que satisfaçam e favoreçam ao rei. No entanto, há uma outra forma de interpretar esse poder soberano, pois o jurídico também surge para limitar os poderes do rei, impondo-lhe as regras de direito as quais ele deveria seguir. Tudo isso acontecia para legitimar o poder do soberano. A teoria do direito exerceu então “o papel de fixar a legitimidade do poder” (FOUCAULT, 2008a, p.181). O autor diz ainda que

afirmar que a soberania é o problema central do direito nas sociedades ocidentais implica, no fundo, dizer que o discurso e a técnica do direito tiveram basicamente a função de dissolver o fato da dominação dentro do poder para, em seu lugar, fazer aparecer duas coisas: por um lado, os direitos legítimos da soberania e, por outro, a obrigação legal da obediência. O sistema do direito é

inteiramente centrado no rei e é, portanto, a eliminação da dominação e de suas conseqüências. (FOUCAULT, 2008a, p.181).

O que Foucault (2008a, p.181) procura fazer nessa pesquisa, publicada no livro **Microfísica do Poder**, é justamente “inverter o rumo da análise do discurso do direito a partir da Idade Média”, fazendo sobressair o poder da dominação em vez do poder da soberania, mostrando como o direito é o instrumento dessa dominação.

Quanto à dominação, Foucault (2008a, p.181) não a entende como

uma dominação global de um sobre os outros, ou de um grupo sobre outro, mas as múltiplas formas de dominação que podem se exercer na sociedade. Portanto, não o rei em sua posição central, mas os súditos em suas relações recíprocas: não a soberania em seu edifício único, mas as múltiplas sujeições que existem e funcionam no interior do corpo social.

O direito, dessa forma, deve ser olhado como um procedimento de sujeição e não como uma legitimidade. Deve-se ainda captar o poder e suas ramificações. Para Foucault, (2008a, p.183), “o poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação”. Isto pode ser visto mesmo nos discursos do cotidiano.

Nas sociedades modernas, desde o século XIX até hoje, temos, pois,

de um lado uma legislação, um discurso, uma organização do direito público articulados em torno do princípio da soberania do corpo social e da delegação, por cada qual, de sua soberania ao Estado; e depois temos, ao mesmo tempo, uma trama cerrada de coerções disciplinares que garante, de fato, a coesão desse mesmo corpo social. (FOUCAULT, 2008a, p.189)

O exercício do poder, nas sociedades modernas, se dá, então, “no jogo da heterogeneidade entre um direito público da soberania e o mecanismo polimorfo das disciplinas” (FOUCAULT, 2008a, p.189).

No que se refere às relações homem / mulher, há uma mistura de poderes que faz os sujeitos agirem ora como soberanos, ora como dominadores. Isso pode ser visto nos textos midiáticos que contam a história da mulher como sujeito da resistência em meio aos acontecimentos discursivos. Essa mulher que, por muito tempo, foi sujeito dominado, passa a ser um sujeito que quebra as amarras sociais,

constrói novas verdades, produz novos sentidos. Claro que em meio à dominação sempre houve a resistência, basta lembrar de tantas mulheres, como Chiquinha Gonzaga, Nísia Floresta, Patrícia Galvão (Pagu) e tantas outras que, mesmo com todos os obstáculos, conseguiram um espaço, conseguiram ter vez e ter voz, quando às mulheres eram designados o silêncio e as regras disciplinadoras.

Mas, para melhor se compreender esses processos de mudanças é preciso revisitar a história e a memória, reconstruir as falas do passado, para se entender o presente e visualizar o futuro.

A investigação histórica já levou a muitas afirmações, algumas convergentes, outras divergentes, entre os estudiosos. Para Althusser (2003), na História não se encontra Sujeito nem sujeitos, pois ela é apenas o motor da luta de classes. Discípulo fiel de Althusser, Pêcheux (2008) ressalta que, do ponto de vista do materialismo histórico, a história deve ser trabalhada como o lugar em que se materializam os equívocos, um lugar contraditório. Isso é o que leva o sujeito para o real histórico. E, para ele, tudo isso começa a se desvendar no campo político.

Foucault, em **A Arqueologia do Saber** (2007a, p. 08), afirma que

a história, em sua forma tradicional, se dispunha a “memorizar” os monumentos do passado, transformá-los em documentos e fazer falarem estes rastros que, por si mesmos, raramente são verbais, ou que em silêncio coisa diversa do que dizem; em nossos dias, a história é o que transforma os documentos em monumentos e que desdobra, onde se decifravam rastros deixados pelos homens, onde se tentava reconhecer em profundidade o que tinham sido, uma massa de elementos que devem ser isolados, agrupados, tornados pertinentes, inter-relacionados, organizados em conjuntos. Havia um tempo em que a arqueologia, como disciplina dos monumentos mudos, dos rastros inertes, dos objetos sem contexto e das coisas deixadas pelo passado, se voltava para a história e só tomava sentido pelo restabelecimento de um discurso histórico; poderíamos dizer, jogando um pouco com as palavras, que a história, em nossos dias, se volta para a arqueologia – para a descrição intrínseca do monumento.

Essas mudanças, para Foucault, vão trazer várias consequências, entre elas a noção de descontinuidade, que, para a história, levava ao disperso, ao impensável e que, pela análise, deveria ser “contornado, reduzido, apagado, para que aparecesse a continuidade dos acontecimentos” (FOUCAULT, 2007a, p. 09). Foucault (ibidem) ressalta ainda que a descontinuidade que o historiador tratava de suprimir da história tornou-se agora “um dos elementos fundamentais da análise

histórica”. À análise do discurso interessa não a história tradicional, que se baseava na análise de documentos, mas a Nova História, que se preocupa e se interessa com toda a atividade humana. Para essa Nova História, conforme Gregolin (2007b, p.45), “os documentos são transformados em monumentos”, sendo assim, o acontecimento é visto “como um conjunto heterogêneo de relações que faz emergir diferentes estratos de interpretação e, por isso, a escrita da História realiza a passagem da ‘memória coletiva’ para a ‘memória histórica’ ao ler o documento como monumento” (GREGOLIN, 2007b, p.45). Na Análise do Discurso, procura-se, como diz Gregolin (2004, p.11) “interpretar os vestígios da historicidade dos conceitos que mobilizamos no campo do saber em que nos situamos”.

Para Burke (1992, p.11), “a base filosófica da Nova História é a idéia de que a realidade é social ou culturalmente constituída”. E é reconstruindo as falas do passado que se faz essa investigação histórica. Mas, para se compreender esse processo histórico em que se dão os acontecimentos e ainda como e por que esses vestígios aparecem, é necessário se percorrer um caminho até a memória discursiva, onde estão os sentidos que são atribuídos a esses vestígios, a esses (inter)discursos.

A história, sendo uma ponte entre o passado e o presente, liga-se profundamente à memória, a qual é resgatada e reelaborada por meio da linguagem. Para Halbwachs (2006) é a história que faz com que um período se distinga do outro. O autor considera que um acontecimento só toma lugar na série dos fatos históricos algum tempo depois de ocorrido e as lembranças de cada um começam a ser associadas, então, aos acontecimentos históricos.

Falar em acontecimento, neste trabalho de pesquisa, é fundamental, pois é em decorrência dos acontecimentos que surgem os mais variados textos, os quais tornam possível a análise aqui executada. A noção de acontecimento é também fundamental para os estudos em Análise do Discurso por sua relação com a história. Para Possenti (2006, p.93), o acontecimento é algo inesperado ou espetacular e pode ser caracterizado “como o que foge à estrutura, ou a uma rede causal”. Pensando na irrupção dos discursos e em sua dispersão, “Foucault propõe entender os acontecimentos discursivos que possibilitaram o estabelecimento e a cristalização de certos objetos em nossa cultura” (GREGOLIN, 2004, p.88). Para isso é preciso visitar o arquivo e a memória, no sentido de compreender o surgimento de certos

enunciados, em determinada época, em determinado lugar. Para Foucault (2007a, p.31), “um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente”. Quanto ao acontecimento discursivo, Guilhaumou e Maldidier (1997, p.166) dizem que “não se confunde nem com a notícia, nem com o fato designado pelo poder, nem mesmo com o acontecimento construído pelo historiador. Ele é apreendido na consistência de enunciados que se entrecruzam em um momento dado”. Nesses enunciados, nessas palavras, escritas ou oralizadas se materializam os acontecimentos fazendo aparecer os vestígios de memória prontos para fazerem parte e, de alguma forma, contribuírem com a história.

Halbwachs (2006, p.100) enuncia que “a história é a compilação dos fatos que ocuparam maior lugar na memória dos homens”. Mas os fatos históricos (principalmente os passados) são selecionados, comparados, classificados e só então ensinados de acordo com as regras que regem as relações de poder de uma sociedade. Cabe ao historiador redescobrir e atualizar, à medida do possível, fatos que estejam imersos em memórias ainda não exploradas, como determinados escritos que possam surgir e contribuir com as pesquisas realizadas. Essa é uma das formas de trazer o passado para se compreender o presente, pois, como Halbwachs (2006, p. 101) mesmo diz “os escritos permanecem, enquanto as palavras e os pensamentos morrem”. Isto não deixa de ser uma verdade, mas, quanto às comunidades analfabetas ou às sociedades ágrafas, as quais não possuem o poder da escrita, como trazer a memória e contar a história de um povo? É a oralidade que trabalha nesse sentido. Em algumas sociedades ágrafas existem os “lembradores profissionais” (GOODY e WATT, 2006, p.17). “Nestas sociedades sem escrita há especialistas da memória, homens-memória: ‘genealogistas’, guardiões dos códices reais, historiadores da corte, ‘tradicionalistas’” (LE GOFF, 2003, p.425). São pessoas que, pela memorização, retomam e repetem os acontecimentos para as gerações futuras, não deixando morrer a história de seu povo.

No sentido de tentar compreender um pouco mais sobre como se dá o processo da memória, serão retomadas agora algumas concepções sobre o tema.

Para se reforçar o que se sabe sobre algum evento ou fazer surgir um acontecimento passado, uma imagem conhecida, é à memória que se recorre. Essa memória que pode ser, de acordo com Le Goff (2003), discursiva, religiosa, familiar,

social, escolar, entre outras, traz à tona fatos que precisam ser lembrados, revistos, recapitulados.

Halbwachs (2006), exemplificando isso, coloca que ao encontrarmos um amigo o qual há muito tempo não vemos fazemos um grande esforço de memória para reconhecê-lo, mas, aos poucos, os dois juntos evocam circunstâncias que trazem as lembranças de volta. Fatos passados começam a ser retomados e revividos. Serão as memórias individual e coletiva que agem nesse momento? Halbwachs (2006), tentando refletir sobre a memória individual, coloca o seguinte exemplo: ao caminhar sozinho pelas ruas de um lugar (um evento em que só uma pessoa está envolvida), pode-se deparar com as edificações de um arquiteto criativo, com uma rua traçada por um historiador, com uma casa na qual nasceu uma conhecida personalidade, entre outras coisas. Pode-se dizer que desse passeio só se guardaram lembranças individuais? O autor defende que em nenhum desses momentos o sujeito esteve sozinho, pois seu pensamento estava situado com um grupo de pessoas que passavam por sua mente ao se deparar com cada parte da cidade. Outras pessoas, então, tiveram essas lembranças em conjunto com esse solitário sujeito.

Há também aquelas lembranças comprovadas por fotos, testemunhos de pessoas próximas, mas que não conseguimos reconstituir em nossa mente, como o primeiro dia na escola ou a passagem pela casa de um amigo dos pais. Faltaria, nesses casos, a memória individual? A reconstrução da imagem de um acontecimento se dá quando há noções comuns entre os sujeitos que tiverem participado de um mesmo grupo a um mesmo tempo, em uma determinada comunidade. Para Halbwachs (2006) a memória individual não existe sozinha, mas a partir de uma memória coletiva, pois várias idéias, reflexões, sentimentos que atribuímos a nós são, na verdade, desencadeados, inspirados por um grupo. “Na base de qualquer lembrança haveria o chamamento a um estado de consciência puramente individual que chamamos de intuição sensível – para distingui-lo das percepções em que entram alguns elementos do pensamento social” (HALBWACHS, 2006, p.42). Para o autor, “é bem verdade que em cada consciência individual as imagens e os pensamentos que resultam dos diversos ambientes que atravessamos se sucedem segundo uma ordem nova e que, neste sentido, cada um de nós tem uma história” (Ibidem, p. 57).

Halbwachs (2006) defende que a lembrança é uma imagem engajada em outras imagens e que a condição necessária para voltarmos a pensar em algo que parece esquecido é a sequência de percepções que só voltam a aparecer se refizermos o mesmo caminho de antes (HALBWACHS, 2006, p. 56).

Bergson, segundo Halbwachs (2006), chama a esse reconhecimento de “reconhecimento por imagens”. Esse reconhecimento reconduz à sensação de familiaridade que temos ao observar o objeto visto ou evocado. Observando essa concepção, percebe-se que a mídia, em suas produções, divulgações, se apropria desse fator “reconhecimento por imagens” para chamar a atenção do leitor, como será visto mais adiante.

Sobre a imagem, Courtine (2008, p.17) afirma que

é crucial compreender como elas significam, como uma memória das imagens as atravessa e as organiza, ou seja, uma *intericonicidade* que lhes atribui sentidos reconhecidos e partilhados pelos sujeitos políticos que vivem na sociedade, no interior da cultura visual (grifo do autor).

Esse conceito de intericonicidade, criado por Courtine, com base em reflexões sobre as teorias foucaultianas, na **Arqueologia do Saber**, surge para melhor explicar essa “cultura visual” pela qual a sociedade está cercada. Percebe-se que não se separa hoje o domínio das palavras do domínio das imagens, pois ambas relacionam-se ao discurso e à memória.

Para Davallon (2007), a imagem age como um operador de memória social. Nela há um efeito de repetição e de reconhecimento. A imagem mostra como ela funciona enquanto diagrama, esquema ou trajeto enunciativo, como ela se lê. Essa é a memória como estruturação de materialidade discursiva complexa que aparece através da repetição e pela regularização. É essa memória discursiva que estabelece os elementos citados e relatados, os discursos transversos, os implícitos necessários a sua leitura.

Achard (2007) ressalta que esses implícitos residem nas retomadas, remissões e paráfrases, nas quais se encontra uma regularização discursiva. Mas essa regularização, lembra o autor, pode ruir sob o aparecimento de um acontecimento discursivo novo que possa vir a perturbar a memória evocada.

As imagens, ao se reagruparem, seguem uma coesão. E a coesão dessa memória se explica pelo fato de as lembranças evocadas serem coerentes e estarem ligadas por uma relação de causalidade natural. Há também uma sequência de associações de imagens. Daí se compreender que “a representação das coisas evocadas pela memória individual não é mais do que uma forma de tomarmos consciência da representação coletiva relacionada às mesmas coisas” (HALBWACHS, 2006, p.61). Trazemos então uma bagagem de lembranças históricas.

Conclui-se, dessa forma, que a memória individual se apóia na memória coletiva (toma emprestadas as palavras, as idéias, as imagens) para preencher suas lacunas e buscar suas lembranças, a ponto de se emaranhar e se confundir com a memória coletiva, em alguns momentos; enquanto que a memória coletiva contém as memórias individuais, mas não se confunde com elas.

Para Pêcheux (2007, p.50), a memória deve ser entendida “nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador”. Para ele, a inscrição do acontecimento no espaço da memória tem se apresentado constantemente sob uma dupla forma-limite:

- 1) O acontecimento que escapa à inscrição, que não chega a se inscrever (o esquecimento);
- 2) O acontecimento que é absorvido na memória, como se não tivesse ocorrido (o silenciamento).

Ao relatar o acontecimento discursivo “Maio de 1968”, Orlandi (2002) demonstra bem como o silêncio e o esquecimento fazem parte da memória. A autora (2002, p.50) ressalta que “o esquecimento é um dos modos do político se marcar na relação com a memória, ideologicamente”. Quando a censura intervém é como se o acontecimento não tivesse ocorrido, escapando à inscrição da memória. Nesse caso o sujeito tem sua memória silenciada pelas relações de poder.

No espaço textual ou nos gêneros discursivos, podem-se encontrar os saberes compartilhados pelos sujeitos numa troca de informações, em uma remissão a um enunciado precedente. Brandão (2004, p.95) considera que “é a memória discursiva que torna possível a toda formação discursiva fazer circular formulações anteriores, já enunciadas”. Esse tipo de memória leva a perceber o

enunciado inscrito na história. Dessa forma, os gêneros discursivos se relacionam com a memória na repetição de seus dizeres. E esses discursos que se repetem através da memória discursiva contribuem para a formação do sujeito, constituindo a sua identidade no meio social em que vive.

A partir da afirmação de que toda produção discursiva faz circular discursos pronunciados anteriormente, Brandão (2004, p.99) conclui que

a noção de memória discursiva, portanto, separa e elege dentre os elementos constituídos numa determinada contingência histórica, aquilo que, numa outra conjuntura dada, pode emergir e ser atualizado, rejeitando o que não deve ser trazido à tona. Exercendo dessa forma, uma função ambígua na medida em que recupera o passado e, ao mesmo tempo, o elimina com os apagamentos que opera, a memória irrompe na atualidade do acontecimento, produzindo determinados efeitos.

Por isso, pode-se dizer que os efeitos de memória vão transparecer tanto na lembrança, na transformação, quanto na ruptura, no esquecimento.

Isso tudo leva a pensar em uma outra categoria que, tanto quanto a memória, também está intrinsecamente ligada à história: o arquivo. E para se falar em arquivo, nada melhor do que começar com as afirmações abaixo feitas por Foucault (2007a, p.147):

O arquivo é, de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares. Mas, o arquivo é, também, o que faz com que todas as coisas ditas não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa, não se inscrevam, tampouco em uma linearidade sem ruptura e não desapareçam ao simples acaso de acidentes externos, mas que se agrupem em figuras distintas, se componham umas com as outras segundo relações múltiplas, se mantenham ou se esfumem segundo regularidades específicas (...) o arquivo não é o que protege, apesar de sua fuga imediata, o acontecimento do enunciado e conserva, para as memórias futuras, seu estado civil de foragido; é o que, na própria raiz do enunciado-acontecimento e no corpo em que se dá, define, desde o início, o sistema de sua enunciabilidade (...) é o que diferencia os discursos em sua existência múltipla e os especifica em sua duração própria.

É assim o arquivo uma prática que permite ao enunciado se modificar regularmente, como também subsistir no tempo, pois ele é “o sistema geral da formação e da transformação dos enunciados” (FOUCAULT, 2007a, p.148).

Defende-se ainda que não é possível se fazer uma descrição detalhada de uma cultura, de uma sociedade, nem mesmo de uma pessoa. Mas é o arquivo que, a partir de um acontecimento, um trajeto temático, faz pensar as práticas discursivas sobre o sujeito, sobre uma sociedade. Esse arquivo, junto aos enunciados, torna-se o “suporte material dos estudos instalados nessa articulação entre o discurso e a história” (SARGENTINI, 2004, p.91). Sobre a articulação entre discurso e história, Foucault (2007a, pp.144-145) diz que

o discurso não tem apenas um sentido ou uma verdade, mas uma história, e uma história específica que não o reconduz às leis de um devir estranho. Deve mostrar, por exemplo, que a história da gramática não é a projeção, no campo da linguagem e de seus problemas, de uma história que seria, em geral, a da razão ou de uma mentalidade; de uma história que, de algum modo, ela compartilharia com a medicina, a mecânica ou a teologia; mas que ela comporta um tipo de história – uma forma de dispersão no tempo, um modo de sucessão, de estabilidade, de reativação, uma rapidez de desencadeamento ou de rotação – que lhe pertence particularmente, mesmo se estiver em relação com outros tipos de história.

E para se rememorar essa história, buscam-se os discursos, o conjunto de enunciados que estão no interior do arquivo. Para Silva (2010, p.80), deve-se ler o enunciado como elemento do arquivo, pois, “no arquivo se inscreve uma memória e, por isso, o arquivo remete a um conjunto de enunciados que uma cultura mobiliza, transforma, retoma, ressignifica, desloca ou mesmo conserva”. Esses enunciados são produzidos discursivamente, em um dado momento, e se materializam pela linguagem, fornecendo material de trabalho tanto ao historiador quanto ao linguista. Pode-se dizer que o arquivo determina a permanência, o apagamento, o aparecimento e o desaparecimento de determinados enunciados, pois o arquivo seria ainda “o conjunto dos discursos efetivamente pronunciados numa época dada e que continuam a existir através da história” (REVEL, 2005, p.18). Esses discursos que são pronunciados, repetidos e retomados em dadas épocas torna possível a constituição de um arquivo, que pode se formar através de um trajeto temático. E é através do conjunto de textos, seguindo a sequência da temática escolhida – mulher, trabalho e família -, que, para tornar possível este trabalho de pesquisa, constituiu-se um arquivo, o qual será explorado e analisado, de acordo com as categorias de análise aqui discutidas, no decorrer dos próximos capítulos.

Para a construção do *corpus* aqui delineado, encontramos, no arquivo dos textos midiáticos, suportes para nossa pesquisa. Para puxar o fio do discurso, buscamos seguir o trajeto temático “mulher, trabalho e família”, na história contada pela mídia, observando, nos discursos selecionados, a presença dos eixos temáticos que nortearam os rumos do trabalho. São eles: a mulher e o mercado de trabalho; a mulher trabalhadora e a relação de gêneros; a mulher trabalhadora e a constituição familiar.

É o trajeto temático que nos permite apreender os feixes de sentidos existentes na relação entre um texto e outro. Analiticamente, é o trajeto temático que possibilita “visualizar, no interior da dispersão do arquivo, momentos de regularidade, de sistematicidades que – embora instáveis – permitem a inteligibilidade de certas escolhas temáticas num dado momento histórico” (GREGOLIN, 2010, pp. 5-6). A autora (*ibidem*) aponta ainda que “os trajetos temáticos são feixes de relações e de deslocamentos”. As múltiplas redes de enunciados que se articulam estão no cerne de um acontecimento discursivo e “quando o acontecimento, e em seu interior uma regularidade de enunciados, manifesta-se em uma vasta sequência cronológica, é necessário recorrer, em história do discurso, à noção de trajeto temático” (GUILHAUMOU, 2009, p.29). O autor ainda completa dizendo que “entramos assim em uma multiplicidade de feixes de enunciados articulados ao redor de vários atos configurantes, dispostos ao longo de um eixo temporal” (GUILHAUMOU, 2009, p.29).

Ao explicar como se dá a análise de um trajeto temático, Guilhamou e Maldidier (1997, p. 166) ressaltam que

a análise de um trajeto temático remete ao conhecimento de tradições retóricas, de formas de escrita, de usos da linguagem, mas sobretudo, interessa-se pelo novo no interior da repetição. Esse tipo de análise não se restringe aos limites da escrita, de um gênero, de uma série: ela reconstrói os caminhos daquilo que produz o acontecimento na linguagem.

Se a pesquisa se dá, por meio de um trajeto temático, com textos midiáticos, por exemplo, o arquivo que se forma na constituição desses *corpora*, pode apresentar discursos que circulam/circularam, numa dada época ou em épocas diferentes, por meio de vários gêneros, como artigos, notícias, charges, propagandas, músicas, entre outros. É a repetição dos dizeres que cristalizam uma

memória coletiva para fazer atuar as técnicas disciplinares, os mecanismos de poder, as vontades de verdade, constituindo então o sujeito.

Portanto, não se poderia construir o arquivo desta pesquisa sem levar em conta a importância de se delinear um trajeto temático no sentido de apreender os sentidos que circulam sobre a identidade dessa nova mulher, a qual impulsiona o mercado de trabalho como *produtora* sem deixar de impulsionar o mundo em seu papel de *reprodutora*.

1.3 O OBJETO DE PESQUISA: UM ESTUDO SOBRE A MULHER, O TRABALHO E A FAMÍLIA

O que se propõe neste trabalho de pesquisa é, através da vertente da Análise do Discurso de tradição Francesa, investigar e analisar os textos midiáticos que contam a história da mulher e sua relação com o trabalho e a família. A mulher que buscou/busca um lugar de sujeito em meio ao social, a mulher que luta para sair do silenciamento, do espaço privado e procura dar voz ao seu querer, a sua vontade, a mulher que não se conformou/conforma somente com a sua função de reprodutora e quer, de braço dado com o homem, ocupar um espaço público, um espaço de produtora, pois é ocupando o lugar de um sujeito público, um sujeito produtor no mercado de trabalho, que sente justificar sua existência além dos portões do seu lar. No entanto, nem por isso, essa mulher deixou de lado os papéis mais primitivos do seu sexo, os papéis de mãe, esposa e dona-de-casa. É nesse sentido que se faz aqui um estudo mais complexo sobre a história dessa mulher que, por tanto tempo, esteve na penumbra e que agora procura um lugar ao sol, andando com as próprias pernas e fazendo suas próprias opções de vida.

Investigando a história das mulheres, descobre-se que, por muito tempo, elas foram tomadas como um ser de completa submissão ao sexo masculino e ²“durante muito tempo as mulheres ficaram abandonadas na sombra da história” (DUBY e PERROT, 2000, p.19). A mulher era um sujeito visto como delicado, frágil e sem maiores competências intelectuais para resolver os problemas sociais tidos como função masculina. Um sujeito que deveria zelar pelo bem-estar do marido, dos

² Durante mucho tiempo, las mujeres quedaron abandonadas en la sombra de la historia.

filhos, da família, e que não deveria trazer grandes ambições de realização que não fosse a do casamento, a da constituição familiar.

Durante muitos anos, mesmo o direito à educação formal lhe era negado. Poucas eram as que estudavam, geralmente, as pertencentes a famílias com mais posses podiam usufruir desse privilégio, mesmo assim, não era bem visto levar uma carreira adiante, pois, em relação ao trabalho, sobrava às mulheres apenas o trabalho doméstico, esse que sempre foi fundamental para uma vida em sociedade e sempre foi uma responsabilidade e um peso a ser carregado somente pelas mulheres. “O caráter doméstico marca todo o trabalho feminino: a mulher é sempre uma dona-de-casa” (PERROT, 2007, pp.114-115).

A mulher começa a conquistar espaço com o trabalho fora de casa a partir da industrialização, mas, muitas dessas mulheres, as quais começam a trabalhar muito cedo, acabam deixando o trabalho em prol do casamento, pois fica muito difícil conciliar trabalho, casamento e filhos. Lagrave (2000) comenta que, quando se comparam homens e mulheres, a situação não é a mesma em toda parte, pois,

³aos homens se induz um trabalho para atender as necessidades da família, enquanto que as mulheres são acusadas de abandonar essa mesma família por um salário complementar. Os homens “ingressam em uma carreira”; em compensação, as mulheres abandonam o lar. (LAGRAVE, 2000, p.522)

Essa era a concepção sobre o trabalho feminino. Dessa forma, muitas mulheres só voltam a trabalhar quando os filhos já têm idade para assumir também uma profissão.

Já no século XX, nos anos 50, muitas são as jovens que frequentam os cursos de corte e costura, e o que antes seriam prendas domésticas, torna-se profissão. Com a revolução da indústria têxtil surge muito trabalho de costura. “Das mulheres, diz-se que nasceram ‘com uma agulha entre os dedos’” (PERROT, 2007, p.122). Afinal, esse era um ofício o qual se começava a aprender com as mães, em casa.

Com as qualidades reconhecidamente femininas, eram as mulheres quem mais exerciam as profissões de vendedora, secretária, enfermeira, professora

³ A los hombres se lo exhorta a trabajar para atender las necesidades de la familia, mientras que a las mujeres se las acusa de abandonar esa misma familia por un salario complementario. Los hombres “entran en la carrera”; las mujeres, en cambio, desertan del hogar.

primária, pois com sua delicadeza, prestimosidade, simpatia, levavam mais “jeito” para exercerem tais funções. Quanto ao ingresso nas profissões de médica, advogada, juíza, professora universitária, recebia muita rejeição por parte dos homens e até mesmo de outras mulheres, mesmo assim, nas últimas décadas do século XIX, já apareciam os sujeitos da resistência. E a mulher começa a preparar o espaço que hoje, no século XXI, está devidamente ocupado por elas.

E o lado artístico, poderia ser exercido por uma mulher? Sem dúvida que sim, pois as mulheres sabem muito bem expressar emoções, simular, colocar-se na pele de outra. Mas, por muito tempo, a profissão de atriz, por exemplo, não foi bem vista. Como coloca Rousseau (Apud PERROT, 2007, p. 128) “uma mulher que se mostra, se desonra”. E ficava a imagem de que ser atriz era faltar com o pudor, se envolver em círculos viciosos e mesmo em prostituição. Somente nos anos 1920, em alguns países mais evoluídos, como a Inglaterra, esse olhar sofre mudanças e “ser atriz passa a ser uma profissão aceitável e respeitável” (PERROT, 2007, p. 131). Nessa época o cinema começa a se consolidar, tornando-se uma forma de entretenimento.

Com as mudanças sociais, políticas e culturais, surgem para os sujeitos, em especial para a mulher, os novos espaços. Os espaços ocupados já não são somente aqueles que sempre foram destinados ao sexo feminino, como o de esposa, mãe, dona-de-casa, mas também o de “mulher”, em todos os sentidos. Porém, sem o poder, como conseguiram as mulheres chegar aos campos dominados pelo homem e ganhar influência no social? Perrot (1998, p.59) responde que isso acontece “primeiro pela correspondência, depois pela literatura e, por fim, pela imprensa”. A historiadora diz que, mesmo permanecendo restritas a tarefas subalternas, as mulheres “se inseriram em todas as formas do escrito” (PERROT, 1998, p.59).

A mulher adquire, de maneira mais geral, o direito à educação e a uma formação profissional. No entanto, na busca por um espaço social, acaba por assumir uma dupla jornada, pois, como lembra Beauvoir (2009, p.880), “em sua maioria as mulheres que trabalham não se evadem do mundo feminino tradicional; não recebem da sociedade, nem do marido a ajuda que lhes seria necessária para se tornarem concretamente iguais aos homens”. Assim, surge o acúmulo de funções as quais a mulher vê-se obrigada a cumprir. Complementando esse pensamento,

Strey (2001, p.69) chega à conclusão de que mesmo hoje “a participação das mulheres no trabalho doméstico apresenta poucas diferenças de tempos atrás, pelo que então fica claro que sua participação no mercado de trabalho suponha um trabalho duplo, uma jornada dupla”.

É cada vez mais comum que, por necessidade financeira ou por realização pessoal, as mulheres se ausentem de seus lares para assumirem uma profissão, e, com isso, passem a adquirir poder financeiro e uma “certa liberdade”. Beauvoir (2009, p. 879) reitera que “foi pelo trabalho que a mulher cobriu em grande parte a distância que a separava do homem; só o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta”.

Se para a mulher dos anos dourados havia realmente uma grande importância em casar-se, constituir família e manter, acima de tudo, uma estrutura familiar e um marido para sustentar a casa, essa parece não ser a principal preocupação da mulher do final do século XX e desta primeira década do século XXI. Para a mulher, o trabalho é uma forma de ser inserida na sociedade e ser reconhecida por ela. Perrot (1998, p.142), diz que “as mulheres livres de hoje podem defender-se melhor porque trabalham e ganham sua vida. O trabalho das mulheres não é uma fantasia, mas sim a possibilidade de sua autonomia”. E o que vem sendo mostrado pela mídia é que não só as mulheres, como também os homens continuam pensando em casamento, em constituir família, mas não antes de realizarem-se profissionalmente, de alcançarem objetivos e metas.

Essa nova mulher, que tenta conciliar as mais antigas funções, como a maternidade, e as mais novas conquistas, como o trabalho, aparece nos textos da mídia, por meio de remissões aos acontecimentos que fizeram gerar essa nova identidade feminina, uma identidade dispersa, transformada e constituída pelas vozes do Outro, pela história, pela memória. Neste sentido, Gregolin (2004, p.59) ressalta que se pode pensar o sujeito como “uma fabricação, uma construção realizada, historicamente, pelas práticas discursivas”. E essa fabricação, essa construção desse sujeito, dessas novas identidades, pode ser vista nos discursos midiáticos em seus mais variados gêneros, que discursivizam as suas vontades de verdade, construindo a história dessa mulher contemporânea ao mesmo tempo em que tenta direcionar alguns dos caminhos a serem escolhidos, percorridos. São as

práticas discursivas da mídia, contando e constituindo a história dessa nova mulher, que servirão como *corpora* deste trabalho.

1.4 POR QUE ESTUDAR A MÍDIA? A ANÁLISE DO DISCURSO, A MEMÓRIA E O DISCURSO MIDIÁTICO

Por que estudar a mídia? Investigando os discursos midiáticos, pode-se perceber a história que é contada, não somente pelos historiadores, mas também por aqueles que formam, informam, investigam, influenciam, criam novas identidades a cada época, a cada acontecimento discursivo que é (a)temporalizado nos textos midiáticos. Através da mídia se faz conhecer/reconhecer as mudanças sociais, as polêmicas travadas, as buscas, as lutas, os mecanismos de poder, as vontades de verdade. A mídia comenta o mundo e, nessa forma de comentar o mundo, aparece o discurso materializado nas mais variadas formas, nos mais diferentes gêneros, formando então os arquivos da mídia.

Nos arquivos midiáticos pode-se encontrar o real unindo-se ao imaginário, em cada temática apresentada nos mais diversos gêneros discursivos, seja pela notícia, reportagem, música, charge, propaganda, fazendo a mediação entre autor/leitor. Segundo Gregolin (2003b, pp. 98-99), “o real é, pois, sobredeterminado pelo imaginário; nele, os sujeitos vivem relações e representações reguladas por sistemas que controlam e vigiam a aparição dos sentidos”. Esse imaginário parte dos discursos que se dizem, pela vontade de verdade que surge e que é levada ao público. Quanto a isso, Silverstone (2005, p.181), destaca que

partilhamos valores, idéias, interesses e crenças como os nossos. Partilhamos passados e também o presente imediato: nossas biografias entrelaçadas com histórias e amalgamadas pela memória. Encontramos nossas identidades nas relações sociais que nos são impostas e nas que procuramos. Nós as vivemos diariamente. Percebemos uma necessidade de pertencer. E precisamos restabelecer a certeza de que realmente pertencemos.

Conforme comenta o autor, a história e a memória estão entrelaçadas e nossas ideias, valores e crenças são compartilhados. Com isso, a mídia faz acender princípios éticos, morais e também as vontades de verdade, que podem ser divulgadas ou não, podem ser aceitas ou não. Há um jogo discursivo que ressalta os

mecanismos de poder detidos na e pela mídia. Nesse jogo de linguagem e na produção dos sentidos, há uma história que é resguardada na memória constituída pelos arquivos midiáticos. É através dessa memória que “os fios privados do passado se entrelaçam no tecido público, oferecendo uma visão alternativa às versões oficiais da academia e do arquivo” (SILVERSTONE, 2005, p.233). O autor, em seu dizer, lembra ainda que

essas memórias inauguram outros textos, não menos históricos do que os primeiros, mas, não obstante, outros. Eles emergem do popular e do pessoal e são o produto de nossos próprios tempos. Na fluidez de tais memórias, o passado surge como uma realidade complexa, e não singular; e, como outros já disseram, a pluralidade da memória é, ela mesma, prova da pluralidade da realidade e não, em algum sentido, um engano. (SILVERSTONE, 2005, p.233).

A mídia é, dessa forma, um instrumento para a disseminação, a articulação da memória. Essa memória, que fixa os acontecimentos tanto no espaço público quanto no privado, está registrada por enunciados verbais ou imagéticos materializados e discursivizados nos arquivos midiáticos.

Achard (2007, p.11) comenta que o “discursivo vai constituir a materialidade de uma certa memória social”. Isso acontece porque o discurso, uma vez produzido, pode ser retomado e reformulado, lembrando um outro enunciado já dito. Esses discursos não dependem, hoje, somente do registro na mente dos sujeitos, pois, depois da imprensa, encontraram-se outros meios para se registrar os discursos. Como esclarece Davallon (2007, p.23), essa memória está “inteiramente e naturalmente presente nos arquivos das mídias”. Isto muito favorece o trabalho do analista do discurso que deseja enveredar por esse campo, como é o nosso caso, porque, dessa forma, se pode recorrer aos acontecimentos registrados pela mídia impressa ou imagética (móvel ou estática), para se ter acesso ao material de análise. Pode-se observar, por exemplo, que a mídia, seja em propagandas, em anúncios ou reportagens, utiliza-se da imagem para produzir sentidos, despertando, assim, o sujeito leitor, a demonstrar maior interesse pelo assunto tematizado. Vê-se então a importância da imagem para o despertar da memória.

Referindo-se ao que Davallon reiterou a respeito das imagens, Pêcheux (2007, p.51) considera que

essa negociação entre o choque de um acontecimento histórico singular e o dispositivo complexo de uma memória poderia bem, com efeito, colocar em jogo a nível crucial uma passagem do visível ao nomeado, na qual a imagem seria um operador da memória social, comportando no interior dela mesma um programa de leitura, um percurso escrito discursivamente em outro lugar: tocamos aqui o efeito de repetição e de reconhecimento que faz da imagem como que a recitação de um mito. Na transparência de sua compreensão, a imagem mostraria como ela se lê, quer dizer, como ela funciona enquanto diagrama, esquema ou trajeto enumerativo.

A publicidade, por exemplo, utiliza-se de uma dupla materialidade verbo-visual, despertando assim, o pretendo consumidor a demonstrar maior interesse pelo produto lançado. É necessário então pensar a relação sujeito/mídia, ou seja, como o sujeito vê o que é anunciado pela mídia e que estratégias utiliza para resistir ao discurso midiático/publicitário. Como destaca Silverstone (2005, p.150) “consumimos a mídia. Consumimos pela mídia. A mídia, não é exagero dizer, nos consome”. Mas, nesse consumo, pode-se dizer, o sujeito constrói seus sentidos, seus valores, sua identidade.

Para Gregolin (2007b, pp. 39-40), “a mídia faz parecer que a identidade é essencialmente resultado de uma construção do próprio eu; cria a idéia de que ela é projeto de cada indivíduo, concebido ao longo de sua vida e desenvolvido mediante suas próprias escolhas”. Na modernidade, constata-se uma fabricação de indivíduos que são, a todo momento, compelidos pelo discurso midiático, pois, a mídia, seja pelos jornais, revistas, TV ou *Internet*, invade a vida do sujeito contemporâneo interpelando-o e impulsionando-o a criar sua história.

No entanto, na constituição desse sujeito, em suas práticas discursivas, a mídia pode ser usada, não somente como a voz que liberta, mas também como um mecanismo de controle, um poder disciplinar que serve para docilizar os corpos, designando-os aos seus devidos lugares, no espaço privado e/ou no público. Isso pode ser visto, mais adiante, nos demais textos do arquivo constituído para esta pesquisa.

1.5 O ARQUIVO E A SELEÇÃO DO CORPUS: SEGUINDO O TRAJETO TEMÁTICO PELOS CAMINHOS DA MEMÓRIA E DOS GÊNEROS DISCURSIVOS

Na intensificação das novas conquistas feitas pelas mulheres e na reafirmação dos papéis exercidos por elas dentro do lar, percebe-se uma maior

presença da mídia, afinal, com tantas conquistas é necessário um mecanismo de controle, uma das funções exercidas pelos meios de comunicação midiáticos.

Em consonância com essas mudanças, no século XX, surgem as Revistas Femininas⁴, as quais trazem conselhos e dicas de comportamento em relação à vida familiar, ao casamento, ao trabalho.

As primeiras revistas feministas, como **A Mensageira** (1897-1900), destinadas ao público feminino, defendiam um discurso que apontava a mulher profissionalmente ativa e politicamente participante como uma mulher que teria melhores condições de desenvolver seu lado materno. A revista **Feminina** (década de 30) já trazia artigos médicos que incentivavam um bom relacionamento sexual do marido com sua esposa, que tinha as mesmas necessidades que ele. E ao mesmo tempo em que ressaltava a importância da constituição familiar também estimulava o trabalho fora de casa. Porém, esses discursos enfrentavam forte resistência na época. Havia uma grande preocupação em direcionar a mulher, através da leitura, por caminhos retos, com vistas a manter a submissão ao marido e a manutenção da família. As revistas exerciam também o papel de uma sociedade de controle em relação às atitudes e comportamentos da mulher. Com essas atitudes, observam-se, então, “as técnicas disciplinares de poder” (FOUCAULT, 1999, p. 221), e para se aplicar essas técnicas era preciso a vigilância sobre as mulheres. De acordo com Bassanezi (2008, p.610), “a educação moral e a vigilância sobre elas se faziam necessárias”. Essa educação moral e vigilância poderiam vir através das revistas, que ensinavam pela leitura, dando conselhos e disciplinarizando os corpos, tornando-os dóceis e obedientes à voz da mídia.

Discutiam-se, frequentemente, os perigos da leitura privada. No século XVII a atividade da leitura ainda “era vista como perigosa, especialmente quando praticada por grupos subordinados, como mulheres e ‘gente comum’” (BRIGGS e BURKE, 2006, p.68). Alguns homens pregavam o analfabetismo para as mulheres, pois, entre outros perigos, poderiam receber/escrever cartas de amor; outros homens não chegavam a tanto, porém, achavam que a leitura para as mulheres

⁴ Trata-se aqui por revistas femininas as revistas publicadas especialmente para mulheres. Essas revistas, informativas, educativas, trazem assuntos ligados ao cotidiano, à vida familiar e social, à criação dos filhos, à beleza, entre outros temas. Quanto às revistas feministas, poderiam trazer tudo isso e algo mais, como textos inquietantes e provocativos em relação à situação da mulher na época. Enfatizava a luta pela igualdade de direitos e outros temas polêmicos. (v., por exemplo, texto de “A Mensageira” – capítulo II).

deveria ser controlada, restringindo-se à Bíblia ou livros religiosos; poucos eram os que defendiam a leitura, mais especificamente a dos clássicos – porém, esse tipo de leitura era um privilégio somente das mulheres de classe mais alta (BRIGGS e BURKE, 2006). Essas concepções começaram a mudar a partir do século XVIII, mesmo assim, muitos livros eram interditados para as moças. No início do século XX, por exemplo, **O Primo Basílio**, de Eça de Queiroz, não entrava em todas as casas de família pela porta da frente, pois, esse tipo de leitura, que mostrava a sedução, o amor proibido, a traição, poderia corromper a inocência das moças e/ou o comportamento das mulheres casadas. Mas, como reitera Perrot (1998, p.91), “entender as proibições é também compreender a força das resistências e a maneira de contorná-las ou de subvertê-las”. E assim as mulheres tentam atravessar as fronteiras e reivindicar mudanças, provocando irrupções, resistindo ao que lhes era imposto.

Com as mudanças sendo encaminhadas, era preciso assegurar o poder do patriarcalismo e, nos discursos que circulavam pelas revistas tornava-se necessário ter um certo controle sobre os dizeres. Segundo Foucault (2006a, pp.08-09),

em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

Esse controle, seleção, organização e circulação dos dizeres faziam-se necessários ao olhar daqueles que comandavam a situação, para que não fosse instigada mais ainda a luta das mulheres por emancipação, pois, a moral e os bons costumes dentro da família deveriam prevalecer sempre.

De acordo com Chanter (2011, p.67), “por meio do aparato da mídia, o olhar masculino é internalizado quando as revistas femininas de moda e os anúncios da internet instruem as mulheres com o intuito de promover sua ‘individualidade’”. Nos dizeres midiáticos, encontram-se então, o olhar masculino em direção ao possível controle dos comportamentos femininos.

Para melhor conhecer como se dão as práticas discursivas em torno da mulher trabalharemos com o arquivo seguindo o trajeto temático “Mulher, trabalho e família”, na história contada pela mídia, e, para contemplar os eixos escolhidos: 1)a

mulher e o mercado de trabalho, 2) *a mulher trabalhadora e a relação de gêneros* e 3) *a mulher trabalhadora e a constituição familiar*, optamos por coletar e analisar variados gêneros discursivos que circularam, do século XIX aos dias de hoje, pelos meios midiáticos, como revistas, jornais, TV, internet. Esses textos, reportagens, propagandas, músicas, charges, utilizados aqui remontam à memória sobre a história que a mídia conta sobre a mulher, o trabalho e a família. A partir do arquivo montado para este trabalho de pesquisa, pode-se ter uma imagem da vida da mulher no setor privado e a sua passagem para a vida pública.

Mas, por que utilizar gêneros tão variados ao invés de se escolher um só? Quando se optou por trabalhar com a noção de arquivo e de trajeto temático verificou-se a necessidade de analisar as redes de memória e os deslocamentos discursivos que se dão entre os vários gêneros que se manifestam pela linguagem verbal e/ou imagética. Segundo Bakhtin (2003, p.282) “dispomos de um rico repertório de gêneros de discurso orais (e escritos)”, dessa forma, a cada vez que nos pronunciamos, nos comunicamos através de algum gênero, isto nos faz reconhecer “a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso”. O autor ainda ressalta que

em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo; é a esses gêneros que correspondem determinados estilos. Uma determinada função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis. (BAKHTIN, 2003, p.266).

Isso desperta a curiosidade sobre a forma como determinados campos discursivos – interligados à mídia - realizam seus enunciados sobre a mulher, por meio dessa heterogeneidade de gêneros, os quais nos mostram a riqueza da produção de sentidos através da linguagem. Esses sentidos que emanam dos mais variados gêneros são apreendidos pela memória discursiva, e é pela memória que se possibilita encontrar uma regularidade entre os dizeres dos gêneros analisados.

O estudo desses textos (artigo, propaganda, charge, música, entre outros) torna-se necessário para se compreender as mudanças discursivas sobre a temática abordada e para melhor entender como a mulher se enquadrou no estereótipo da

mulher “reprodutora/produtora” ou como a mulher “multitarefa”, que se apresenta hoje, pelos discursos midiáticos.

Procurando acompanhar o olhar analítico da mídia sobre a mulher que trabalha fora de casa e constitui família, analisaremos os discursos que surgem, que cristalizam determinadas imagens sobre a identidade feminina e que (re)atualizam os papéis exercidos por essa mulher, de acordo com os acontecimentos discursivos de cada época. Procurou-se aqui, mais especificamente, olhar discursivamente para a mulher de classe média - seja por nascimento ou por ascendência - essa que hoje tem direito aos estudos e, geralmente, à escolha de uma profissão. Escolheu-se esse perfil de mulher por ter sido uma classe mais vistoriada e cobrada pela sociedade na boa conduta do lar e da família, por ter sido, no passado, a que mais recebeu proibições no sentido de exercer uma profissão e de ter independência financeira. Essas mulheres da qual falamos, em movimentos organizados, se debateram perante o poder que sobre elas era destinado, fizeram acontecer, foram discriminadas e mal-faladas, mas, mesmo assim, não desistiram e foram à luta por seus direitos e melhores condições de vida matrimonial junto ao seu cônjuge que, por muito tempo, foi quem decidiu o destino daquela com quem se casava, inclusive o direito a ter uma educação formal e uma profissão.

Observando as redes de memória que se apresentam no arquivo desta pesquisa, percebem-se os jogos discursivos que se entrelaçam nesses textos midiáticos para narrar a história e operar o jogo da contradição pela linguagem, quando, a mídia, ao mesmo tempo em que apoia a mulher moderna, a que trabalha arduamente e tem uma profissão, tenta também mostrar que a família precisa de alguém para comandar o lar. E esse alguém, é claro, é preferencialmente a mulher.

Para conhecer então como se dá essa multiplicidade de identidades femininas e como a sociedade começa a lidar com essas diferenças, é preciso olhar para o arquivo de forma a reconhecer os lugares da mulher no mercado de trabalho, sem deixar de averiguar como ficam as relações de gêneros, os cuidados com os filhos e com o lar, diante de tantas mudanças. Para isso, serão analisados aqui, de forma mais complexa, seis artigos (matérias discursivas) de revistas impressas que circulam por todo o Brasil e que obtêm o conceito de formadoras de opinião pública.

Os textos em análise são:

- a) Competência não tem gênero (VEJA MULHER, junho de 2008);

- b) Sucesso profissional atrapalha a vida amorosa das mulheres (CLAUDIA, julho de 2009);
- c) 43 milhões de mulheres e um dilema: focar na carreira ou na família? (CLAUDIA, novembro de 2010);
- d) Ser mãe não é profissão (VEJA MULHER, junho de 2010);
- e) Mudança à Vista (VOCÊ S/A, março de 2011);
- f) De Salto na Plataforma (VOCÊ S/A, outubro de 2011).

Esses textos, que dialogam com o imaginário e o real do que realmente representa a mulher produtora/reprodutora para a sociedade, encontram-se na mídia impressa e circulam pelos lares dos brasileiros. Além disso, é possível encontrar versões *on-line* das citadas revistas, em seus respectivos *sites*, na *Internet*.

Nos discursos analisados, tenta-se captar nas lentes da mídia o que é ser mulher, hoje, no século XXI, e continuar a sustentar os papéis assumidos há tantos séculos atrás. No sentido de direcionar melhor a constituição do arquivo e a análise dos dados e pensando em subsidiar a questão de pesquisa que norteia este trabalho: "De que modo se inscreve na mídia a história da mulher trabalhadora e sua relação com o mercado de trabalho e a família, se observada a constituição da identidade dessa mulher, a partir dos movimentos da memória?", outras questões complementares foram formuladas. Nesse sentido, pergunta-se, então: Como a mídia capta e conta a história dessa mulher trabalhadora, a qual tem uma família que depende de seus cuidados? Como se dão as relações entre os gêneros, após tantas mudanças, em relação ao direito de trabalho da mulher? Qual o lugar dos filhos na modernidade? Qual o papel dos maridos nesse mundo contemporâneo em que a mulher não tem mais dedicação exclusiva ao lar? Como o mercado de trabalho consegue ajudar na realização dos vários papéis que precisam ser exercidos pelas mulheres, dentro e fora do ambiente de trabalho? O que mudou e o que ainda pode mudar? Essas são algumas inquietações que instigam e orientam esse trabalho de pesquisa.

Para tentar compreender e refletir sobre a história dessa mulher, com o perfil escolhido para esta pesquisa, passemos ao capítulo seguinte.

2 A HISTÓRIA DAS MULHERES: RELAÇÕES DE PODER, DISCIPLINA E RESISTÊNCIA

A história das mulheres não é só delas, é também aquela da família, da criança, do trabalho, da mídia, da literatura. É a história do seu corpo, da sua sexualidade, da violência que sofreram e que praticaram, da sua loucura, dos seus amores e dos seus sentimentos.

(MARY DEL PRIORE, 2008, p.07)

A história das mulheres aqui abordada ressalta as lutas, as resistências, as conquistas de todas aquelas que gritaram e das que calaram também. Essa história que retoma a memória, fazendo uma ponte entre o passado, o presente e o futuro é a história de todas e de todos que viveram, observaram, estudaram, relataram, pesquisaram os acontecimentos que causaram as mudanças, os novos olhares, os novos discursos. É uma história das mulheres que, inclusive, também foi feita pelos homens. Homens que maltrataram, subjugaram, dominaram ou que discordaram dos preceitos sociais e ajudaram a constituir os movimentos de resistência.

E poderiam as mulheres construir sua história sem o apoio dos homens? Conforme Beauvoir (2009, p.21), “além dos poderes concretos que possuem [os homens], revestem-se de um prestígio cuja tradição a educação da criança mantém: o presente envolve o passado e no passado toda a história foi feita pelos homens”. E quando as mulheres tentam se inserir mais visivelmente na história e no mundo, essa história e esse mundo ainda pertencem aos homens. Daí então a necessidade, muitas vezes, de consegui-los como aliados.

Observando a história, podem-se encontrar as marcas do silêncio e do esquecimento. Mas, que silêncio? Qual esquecimento? Por que a necessidade de silenciar a mulher enquanto exalta-se a voz do homem? A própria memória torna-se silenciada no momento em que lhe faltam as materialidades que apontam os acontecimentos discursivos, os quais podem mudar/transformar essa história. Porém, à medida que a mulher começa a resistir em permanecer no lugar que lhe foi indicado - o privado -, ou a dividir-se entre este lugar e o espaço público, os documentos, relevantes para a história, aparecem de forma mais palpável, através da linguagem que se materializa nos discursos publicados ou relatados. Segundo Le Goff (2003, p.526) “esses materiais podem apresentar-se sob duas formas

principais: os *monumentos*, herança do passado, e os *documentos*, escolha do historiador”. Na arqueologia, o historiador transforma o *documento* em *monumento*, quando ele coloca o que está escrito como “a verdade”. É o olhar dado ao *documento* que o torna monumentalizado.

É evidente que “Para escrever a história, são necessárias fontes, documentos, vestígios. E isso é uma dificuldade quando se trata da história das mulheres” (PERROT, 2007, p.21). Falava-se muito pouco sobre as mulheres, pois a elas cabia um lugar resguardado, de preferência na intimidade do lar ou nos conventos, onde nenhum estranho poderia penetrar. Nas sociedades patriarcais, as mulheres não deveriam marcar a história, pois, tomadas como seres incapazes intelectualmente não deveriam jamais ocupar o lugar público, do trabalho, que por direito era dos homens, aqueles a quem cabia viver e registrar os acontecimentos históricos.

Pouco valorizadas e desacreditadas, às mulheres só se confiava a direção do lar e dos filhos. Se algo desse errado a culpa seria delas, pois ao homem não cabia essas funções, afinal, havia outros feitos mais importantes a sua espera na vida pública, no trabalho que exercia, por exemplo.

A mulher sempre viveu em um mundo marcado por conceitos e regras que não foram criadas por elas, mas, para elas. Havia um controle sobre seus dizeres, seus afazeres, sua conduta, enfim, nas sociedades patriarcais, investiu-se na vigilância e na disciplinarização dos corpos das mulheres. Questiona-se então: Por que o homem sempre assumiu o papel de controlador? Por que a superioridade do macho sobre “sua” fêmea? Quanto às palavras “macho” e “fêmea”, utilizadas aqui, Beauvoir (2009, p.35) coloca que “na boca do homem o epíteto ‘fêmea’ soa como um insulto; no entanto, ele não se envergonha de sua animalidade, sente-se, ao contrário, orgulhoso se dele dizem: ‘É um macho!’”. Beauvoir (2009) comenta que o termo fêmea é pejorativo porque confina a mulher ao seu sexo e esse é também um termo desprezível aos homens.

Essa luta do homem para manter a mulher em um lugar inferior, essa insistência em dizer-se forte enquanto a mulher é frágil seria por receio de ser superado e levado a ocupar um outro lugar, aquele que sempre foi designado para a mulher? Afinal, quem é mais dependente de quem? Na natureza, por exemplo, nenhuma espécie masculina consegue levar sozinha a sua perpetuação, pois, “em

muitas espécies, o macho se evidencia radicalmente inútil” (BEAUVOIR, 2009, p.37). Este é o caso da reprodução por partenogênese, que se dá na maioria de espécies de lagartos, entre eles o Dragão de Komodo, o qual cresce até três metros e pesa até noventa quilos. Ainda há aquelas espécies, como no caso das aranhas e escorpiões, em que a fêmea, durante o acasalamento, devora o macho, afinal, após a cópula, o macho torna-se desnecessário. Outro caso curioso é o de uma espécie de lagartos - que vive no sudoeste dos Estados Unidos e no norte do México - formada apenas por fêmeas. Nesse tipo de reprodução as filhas são idênticas às mães, como se fossem clones. Vê-se então o domínio e a independência das fêmeas de algumas espécies. Usamos estes exemplos apenas para enfatizar a importância do que é ser fêmea para o mundo animal. E, em nosso caso, qual a importância de ser mulher para o mundo humano, racional?

É fazendo uma reflexão sobre o sentido de “ser mulher” que se procura aqui conhecer, descrever e interpretar essa incansável e inquietante luta entre os gêneros. Dessa forma, apresenta-se neste capítulo um pouco da história das mulheres e dessa relação com o sexo oposto, uma relação imposta culturalmente, historicamente. É, pois, percorrendo essa história, trazendo de volta a memória e os acontecimentos discursivos, os quais desencadearam as mudanças sociais, as transformações identitárias, que se falará um pouco sobre a vida, as lutas, as resistências, os movimentos que levaram a mulher a buscar sua independência, sua liberdade, um espaço no lugar público, no mercado de trabalho. Esses acontecimentos fazem surgir, materializados pela mídia, a (des)ordem dos discursos sobre o sujeito mulher e o seu lugar, também, no espaço público.

2.1 A MULHER E A VIDA PRIVADA: CONTROLE E DISCIPLINA

A mulher, durante muito tempo, seja em espaço privado ou público foi tratada como um ser frágil, submisso e sem vontade própria. Por ser vista como um indivíduo sem inteligência ou competência para se envolver em problemas sociais, a ela eram destinadas as tarefas mais caseiras, como cuidar do bem-estar do marido, dos filhos, da família. Sem o direito ao trabalho (que não fosse o doméstico) ou aos estudos, ficava com as atividades restritas ao lar. Somente no século XX esses

posicionamentos começam a passar por mudanças mais significativas e consistentes.

Perrot (2007, p.15) assinala que

A história das mulheres partiu de uma história do corpo e dos papéis desempenhados na vida privada para depois chegar a uma história das mulheres no espaço público da cidade, do trabalho, da política, da guerra, da criação. Partiu de uma história das mulheres vítimas para chegar a uma história das mulheres ativas, nas múltiplas interações que provocam a mudança.

Mas, antes de passar a essas mudanças dos comportamentos femininos tão ressaltados na contemporaneidade, retomam-se aqui algumas memórias sobre essa vida privada.

Por longos anos, a mulher foi silenciada em sua história. Pouco se escrevia sobre elas, pouco se relatava sobre seus feitos e poucos feitos – em relação ao homem - a mulher se dava ao direito de realizar, senão aqueles que envolvessem o bem-estar da família.

Enquanto os homens traziam e transmitiam um nome, as mulheres apenas tinham um nome. E muito tempo ainda, a mulher permaneceu na penumbra, na sombra dos homens – seja do pai, de um irmão, do marido – mesmo o corpo das mulheres amedrontava os bons preceitos sociais. Era preferível que este corpo estivesse sempre coberto. E para mostrar compromisso com um homem, até seu penteado era modificado. Após o casamento, as mulheres deveriam prender os cabelos, como uma marca de pertencimento a outrem e uma imposição de maior respeito. Ora, pois os cabelos femininos excitavam uma certa sedução ao sexo oposto. Como coloca Perrot (2007, p.51), os cabelos eram “o símbolo da feminilidade, condensando sexualidade e sedução e atizando o desejo”. Surge a interdição da mostragem das vastas cabeleiras femininas. Às mulheres casadas reservava-se o direito de soltar os cabelos apenas para seu cônjuge, no leito do casal. Matthews-Grieco (2008, p.217) em **História do Corpo**, ressalta que “a percepção do corpo – e da sexualidade – não pode ser dissociada da maneira como a comunidade avalia as ações individuais”. Daí as aprovações, reprovações na tentativa de disciplinar esses atores sociais.

Entre o século XVII e o século XIX, o lugar destinado às mulheres não se modificou muito. A mulher, em sua servidão, continuava designada ao espaço

privado. Sendo este o seu lugar, cabe-lhe cuidar da casa, dos filhos, do marido e, na falta deste, dos pais e/ou dos idosos que morarem em casa. Perrot (2005, p.39) diz que a essas mulheres, senhoras de seu lar, cabe também “a transmissão das histórias de família, feita geralmente de mãe para filha, ao folhear álbuns de fotografias aos quais, juntas, elas acrescentam um nome, uma data, destinados a fixar identidades em vias de apagamento”. É a preservação da memória familiar que se materializa nas conversas entre as mulheres. Além disso, os cuidados com os mortos e com suas tumbas também eram obrigações delas.

Mas, de onde surge a designação desses afazeres? Pode-se ver isso em uma história bem mais longínqua, a história de Cristo. No discurso religioso, materializado pelas histórias bíblicas, resgata-se essa memória quando, estando Jesus em casa de Simão, à espera de ser preso, crucificado e morto, uma mulher derrama sobre ele um precioso perfume, enquanto os homens presentes indignam-se com o seu ato

porque este perfume poderia ser vendido por mais de trezentos⁵ denários e dar-se aos pobres. E murmuravam contra ela. Mas Jesus disse: Deixai-a; por que a molestais? Ela praticou boa ação para comigo. Porque os pobres, sempre os tendes convosco e, quando quiserdes, podei fazer-lhes bem, mas a mim nem sempre me tendes. Ela fez o que pôde: antecipou-se a ungir-me para a sepultura. Em verdade vos digo: onde for pregado em todo o mundo o evangelho, será contado também o que ela fez, para memória sua. (BÍBLIA, Mc, cap.14, vs. 4-9).

Lembrada no discurso bíblico, Maria de Betânia, como ficou conhecida, faz parte das memórias religiosas e representa um papel importante ao ungir a cabeça de Cristo preparando-o, como ele mesmo diz, para a sepultura. Nem por isso é exaltada pelos homens presentes, que repreendem-na indignados, pois preferiam vê-la recolhida ao seu lugar: o de mulher. Este lugar de mulher, certamente, não era aquele em que Maria se encontrava naquele momento, o mesmo onde se faziam presentes os homens. Mesmo assim, ela ousou se aproximar de Cristo e ungir-lhe a cabeça como se estivesse preparando-o para a morte. E essa era, naquela época, uma das funções das mulheres. Duby (1989) comenta que sempre houve uma divisão de papéis: o exterior aos homens e o interior às mulheres. E, na

⁵ Denário é um tipo de moeda da época de Jesus Cristo, citada na Bíblia Sagrada.

interioridade, a função essencialmente feminina era a procriação, “mas também o governo dos segredos mais misteriosos da vida, que tocam no nascimento, na morte (lavar o corpo dos recém-nascidos, lavar o corpo dos defuntos)” (DUBY, 1989, p.95).

Em sua insignificante missão no cuidado com os mortos tornam-se, as mulheres, privilegiadas, pois são as primeiras a testemunharem o Cristo ressuscitado:

No findar do sábado, ao entrar o primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro. E eis que houve um grande terremoto; porque um anjo do senhor desceu do céu, chegou-se, removeu a pedra e assentou-se sobre ela. O seu aspecto era como um relâmpago, e a sua veste alva como a neve. E os guardas tremeram espavoridos e ficaram como se estivessem mortos. Mas, o anjo, dirigindo-se às mulheres, disse: não temais; porque sei que buscais Jesus, que foi crucificado. Ele não está aqui; ressuscitou, como tinha dito. Vinde ver onde ele jazia. Ide, pois, depressa e dizei aos seus discípulos que ele ressuscitou dos mortos e vai adiante de vós para a Galiléia; ali o vereis. É como vos digo! E retirando-se elas apressadamente do sepulcro tomadas de medo e grande alegria, correram a anunciá-lo aos discípulos. E eis que Jesus veio ao encontro delas e disse: Salve! E elas, aproximando-se, abraçaram-lhe os pés e o adoraram. Então, Jesus lhes disse: Não temais! Ide avisar a meus irmãos que se dirijam à Galiléia e lá me verão. (BÍBLIA, Mt, cap.28, vs 1-10).

Num olhar discursivo, percebe-se que, nesse trecho bíblico, a mulher não ocupa o lugar do esquecimento, ao contrário, torna-se imortalizada, pois a história se materializa nas vozes que a repetem, até que se constitua materialidade linguística pela escrita e se propague por todo o mundo. Nesse breve espaço de tempo, na repetição desse discurso, elas se tornam importantes aos olhos do mundo, afinal, não foram os homens, os discípulos, os primeiros a falarem com o Jesus ressuscitado, mas as mulheres.

Mesmo com a repetição do discurso religioso, que muitas vezes rege as vidas humanas, esses e outros trechos que exaltam as mulheres nunca foram suficientes para que elas conquistassem um lugar de respeito e dignidade ao lado do homem, até porque, no discurso religioso, é designado à mulher um espaço de subserviência, bastante lembrado, por exemplo, nas cartas do apóstolo Paulo, dirigidas aos cristãos. Nas igrejas, as mulheres deveriam calar e usar o véu para cobrirem-se, ou seja, era preciso tornarem-se invisíveis. E isso se repercutiu/repercutiu no comportamento de muitos povos, durante muito tempo.

Sempre colocada em segundo plano, não lhes permitiam a aparição por algum feito, e se, por acaso, havia um feito, era o silêncio que aparecia. Mas, como se faz a passagem do silêncio à palavra? Da submissão à resistência? “O desenvolvimento da história das mulheres acompanha em surdina o movimento das mulheres em direção à emancipação e à liberação” (PERROT, 2007, p.15).

Houve uma dimensão sexuada da história e da sociedade. A história das mulheres saiu da vida privada para a vida social, cultural. E isto só aconteceu devido às muitas mulheres que lutaram por condições melhores na sociedade, inclusive por um lugar no mercado de trabalho. Um exemplo dessa luta e de como a mulher do século XIX era tratada transparece bem nos dizeres da primeira revista feminista do Brasil: **A Mensageira**. Lançada em 1897, pela escritora e feminista Presciliana Duarte de Almeida (1867-1944) e editada no estado de São Paulo, essa revista circulou quinzenalmente até 1900 e manifestou, em seus discursos, a vontade de mudança das brasileiras. Escrita especialmente por mulheres, **A Mensageira** levou aos lares novos pensamentos, novas ideias, quebrou o silêncio, começou a fazer circular as vozes, fazendo refletir sobre a condição da mulher no Brasil.

A seguir, encontra-se a seção ⁶**Seleção** da revista. Nesta parte, aparecem os ditos referentes à situação das mulheres na época, seguidos de um comentário.

⁶ Será mantida a escrita original de todos os textos mais antigos, os quais se diferenciam, em sua escrita, das normas ortográficas atuais da Língua Portuguesa.

Seleccção

A sorte das mulheres depende muitas vezes da educação moral que se lhes dá, ou da instrucção scientifica que adquirem.

Os homens zombam da ignorancia das mulheres, sem se lembrarem de que as educam como ás escravas, que só necessitam saber obedecer.

Ha muitos homens que perdoam com mais difficuldade ás mulheres o talento do que os vícios.

GRACIA H. C. MATTOS.

A verdadeira felicidade da mulher consiste em amar seu marido e ser amada por elle.

MME. DA LA FAYETTE.

Com as mãos sujas de carvão, na cozinha, accendendo o fogo para fazer o almoço do marido, cosendo-lhe a roupa, amamentando os filhos, varrendo a casa ou interpretando Chopin; pintando uma aquaralla ou amarrando um *bouquet*, a mulher tem sempre a mesma poesia: a de trabalhar para ser agradável, útil, boa, para satisfazer uma necessidade moral ou intellectual do esposo e da familia, revelando-se amorosa e digna do doce e pesado encargo que a sociedade lhe destinou.

JULIA LOPES DE ALMEIDA.
(Do Livro das Noivas.)

A modestia não inibe o enthusiasmo.

CATHARINA TIMANDRO.

Quantas senhoras dignas de serem lembradas por titulos gloriosos não baixariam ao tumulo com seus nomes? Por muito tempo contribuiu uma acanhada e mesquinha educação para que morressem em esquecimento muitas senhoras brasileiras, e mal entendida modestia obstou que vissem a luz da publicidade algumas composições e traducções que talvez emparelhassem com a de nossos meliores literatos. E ainda hoje quantos homens ignorantes não têm por incompativel com o melindre do sexo feminino a mais innocente das obras inspirada pela mais nobre das paixões, e não vêm na sua publicação um como compromettimento? Resultou o que se devia esperar: — a perda de numerosas composições e d'ahi o não serem conhecidas sinão pelo seu nome as poetisas mineiras, D. Barbara Heliodora Guilhaermina da Silveira, esposa do celebre poeta Alvarenga Peixoto, que finou-se no exilio, e D. Maria dita, por autonomasia, das Contendas, por causa de sua belleza e outras muitas.

J. NORBERTO.
(Brasileiras Celebres.)



(Fig. 01: A Mensageira, 15 de outubro de 1897)

Alguns enunciados encontrados no texto acima denunciam a forma de vida das mulheres no final do século XIX. São eles:

1) *A sorte das mulheres depende muitas vezes da educação moral que se lhes dá ou da instrucção scientifica que adquirem.*

Os homens zombam da ignorância das mulheres, sem se lembrarem de que as educam como ás escravas, que só necessitam saber obedecer.

Há muitos homens que perdoam com mais difficuldade ás mulheres o talento do que os vícios. (Gracia H. C. Matos).

2) *A verdadeira felicidade da mulher consiste em amar seu marido e ser amada por elle. (Mme. Da La Fayette).*

3) *Com as mãos sujas de carvão, na cozinha, accendendo o fogo parece fazer o almoço do marido, cosendo-lhe a roupa, amamentando os filhos, varrendo a casa ou interpretando Chopin; pintando uma aquaralla ou amarrando um bouquet, a mulher tem sempre a mesma poesia: a de trabalhar para ser agradável, útil, boa, para satisfazer uma necessidade moral ou intelectual do esposo e da família, revelando-se amorosa e digna do doce e pesado encargo que a sociedade lhe destinou. (Julia Lopes de Almeida).*

No século XIX, essa era a vida das mulheres. Sem instrução, sem estudo, restavam-lhes o casamento e os trabalhos domésticos – ou então seguir a vida religiosa, como freira. Junto com o casamento as responsabilidades que chegavam não eram poucas. Isso pode ser visto nas colocações do enunciado 3: *“Com as mãos sujas de carvão, na cozinha, accendendo o fogo parece fazer o almoço do marido, cosendo-lhe a roupa, amamentando os filhos, varrendo a casa ou interpretando Chopin; pintando uma aquaralla ou amarrando um bouquet...”*. Nesse trecho há um princípio de docilidade, o corpo é um objeto que transita de uma ocupação a outra. Como diz Foucault (2008c, p.118) “em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições e obrigações”, e esses três pontos: limitações, proibições e obrigações eram o que menos faltavam às mulheres. A mulher precisava *“ser agradável, útil, boa, para satisfazer uma necessidade moral ou intelectual do esposo e da família...”*. Essa era a disciplina imposta à mulher, a qual deveria se mostrar digna desse *“pesado encargo que a sociedade lhe destinou”*. Era o controle ininterrupto, a coerção e a disciplina do corpo feminino. Sobre isto, Foucault (2008c, p.118) ressalta que

esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar “as disciplinas”. Muitos processos disciplinares existiam há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também. Mas as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação.

Nesses métodos disciplinares os corpos devem se tornar não só obedientes, mas também úteis. “A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis” (FOUCAULT, 2008c, p.119). Nos enunciados da revista **A Mensageira** percebe-se a submissão da mulher aos trabalhos domésticos e aos

cuidados com a família, em especial com o marido, quando o tem. Mas também percebe-se o sentimento, a destreza e a habilidade da mulher no trabalho com as artes: “*entreprenhando Choppin*”, “*pintando uma aquarella*”. Essas habilidades, hoje, certamente, levariam a uma profissão, que naquela época não ficaria bem para as mulheres. Isto porque os corpos dóceis, os das mulheres, não deveriam sair do espaço privado, pois no espaço público certamente seria mais difícil de domá-los.

E para manter a mulher no espaço que lhe cabe, o privado, valia de tudo, inclusive negar-lhe os estudos e uma profissão. Até mesmo suas leituras e seus escritos eram controlados. Restava-lhe então o silêncio. Esse silêncio imposto às mulheres do século XIX já começava a ser denunciado pela mídia da época. Neste caso, a denúncia vinha por meio de **A Mensageira**: “*quantas senhoras dignas de serem lembradas por títulos gloriosos não baixaram ao túmulo com seus nomes?*” Como o direito aos estudos era negado às mulheres, poucas eram aquelas que dominavam a leitura e a escrita e menos ainda as que, obtendo esses conhecimentos, ultrapassavam as escritas pessoais. Mesmo seus escritos, produzidos na alcova do lar, eram escondidos ou queimados após sua morte, quando não enterrados junto ao seu leito final e eterno. Isso se remete ao que diz Orlandi (2007, p.76) “proíbem-se certas palavras para se proibir certos sentidos”. E quanto ao que estava relacionado ao discurso feminino, o controle, a seleção, a proibição eram redobrados, pois os “perigos” deveriam ser evitados. Essa interdição levava ao silenciamento, ao esquecimento.

Das mulheres, a sociedade patriarcal tirava-lhes tudo, inclusive a memória de sua existência. O que restava então às mulheres na busca pela felicidade? Restava a muitas delas “*amar seu marido e ser amada por ele*” (*A Mensageira*, 1897). Mas que tipo de amor encontravam essas mulheres? A sociedade que a elas forçava o espaço privado e o silêncio, ao homem dava toda a liberdade de ir e vir com quem bem entendesse, a liberdade de decidir o que era certo ou errado, a liberdade de escolher, o direito de trabalhar.

Em contestação a essas diferenças designadas aos gêneros, a revista **A Mensageira** surge para fazer ouvir a voz silenciada das mulheres, trazendo então a irrupção do acontecimento e a descontinuidade da história. Nessa prática discursiva, através das lentes da mídia, começa a aparecer uma história contada, mas que precisa ser transformada. Essa história é a das mulheres.

Mesmo com a força argumentativa com a qual a revista circulou durante seus três anos de publicação não foi suficiente para que as mulheres, enfim, ocupassem o lugar que lhes era de direito: o público. Poucas foram as que sobreviveram ao controle familiar, social, cultural. Inicia-se então um novo século cheio de conflitos e de batalhas entre os gêneros.

Com a primeira e a segunda guerra, as mulheres ocupam os lugares dos homens nas fábricas, pois a eles pertenciam os campos de batalhas – isto será melhor debatido no próximo capítulo. Porém, com a volta dos homens para o lar, recomeça uma campanha que delega o espaço privado à mulher, a qual deveria cuidar de seu esposo, de seus filhos, de seu lar de uma forma mais presente e intensa. A disciplina era exercida com toda a força social sobre os corpos femininos.

Quanto à disciplina, Foucault (2008b, p.59) coloca que o seu primeiro gesto “é, de fato, circunscrever um espaço no qual seu poder e os mecanismos do seu poder funcionarão plenamente e sem limites”. O filósofo diz ainda que “a disciplina, por definição, regulamenta tudo. A disciplina não deixa escapar nada” (FOUCAULT, 2008b, p.59). É assim que se dá o poder disciplinar, envolvendo todos os âmbitos sociais, passando pelo estado, pela escola, pela igreja, pela família, por todos os espaços e por todos os sujeitos que convivam em sociedade. Somos todos, então, regidos pelos dispositivos disciplinares sociais.

Já na metade do século XX o que se vê são esses dispositivos de controle educando e disciplinando as mulheres. As revistas femininas dessa época procuravam mais educar, controlar do que informar, desafiar. Os ⁷enunciados abaixo mostram bem esses mecanismos de controle:

1) *O lugar de mulher é no lar.* (Revista Querida, 1955).

2) *O noivado longo é um perigo, mas nunca sugira o matrimônio. ELE é quem decide sempre!* (Revista Querida, 1953).

Como se vê, enfatizava-se o espaço privado para as mulheres “*lugar de mulher é no lar*” e sua obediência aos homens, afinal, “*ELE é quem decide sempre*”. Para não deixar sombra de dúvidas, a revista **Querida** destaca o pronome ELE em letras maiúsculas, exaltando o poder masculino e sua grandeza diante da mulher.

⁶ Disponível em: <http://www.vale1clique.com/mulheres/frases-de-revistas-femininas-das-decadas-de-50-e-60> - acesso em: 25/03/10.

ELE decide, a mulher, pacientemente, espera. Na materialidade da linguagem inscreve-se a submissão, o silêncio feminino junto à exaltação, ao poder masculino. Afinal, ELE decide! No entanto, essa decisão não se dava apenas no âmbito amoroso, pois, por muito tempo o homem decidiu não só a vida privada da mulher, mas também sua vida pública. Nessa relação de gênero e de poder, foi designado à mulher o trabalho doméstico nos cuidados com a família e o lar e ao homem o trabalho no espaço público, fora de casa.

Na década de 70, em meio aos movimentos de resistência, de lutas, Chico Buarque de Holanda grava a música **Mulheres de Atenas** que, ironicamente, encena bem o papel submisso exercido pelas mulheres no espaço privado.

*Mirem-se no exemplo daquelas mulheres
de Atenas
Vivem pros seus maridos, orgulho e raça
de Atenas
Quando amadas se perfumam
Se banham com leite, se arrumam, suas
melenas
Quando fustigadas não choram
Se ajoelham, pedem, imploram
Mais duras penas, cadenas*

*Mirem-se no exemplo daquelas mulheres
de Atenas
Sofrem por seus maridos. Poder e força
de Atenas
Quando eles embarcam, soldados
Elas tecem longos bordados
Mil quarentenas
E quando eles voltam sedentos
Querem arrancar violentos
Carícias plenas, obscenas*

*Mirem-se no exemplo daquelas mulheres
de Atenas
Despem-se pros seus maridos, bravos
guerreiros de Atenas
Quando eles se entopem de vinho
Costumam buscar o carinho de outras
falenas
Mas no fim da noite, aos pedaços*

*Quase sempre voltam pros braços
De suas pequenas, Helenas*

*Mirem-se no exemplo daquelas mulheres
de Atenas
Geram pros seus maridos os novos filhos
de Atenas
Elas não têm gosto ou vontade
Nem defeito nem qualidade
Têm medo apenas
Não tem sonhos, só têm presságios
O seu homem, mares, naufrágios
Lindas sirenas, morenas*

*Mirem-se no exemplo daquelas mulheres
de Atenas
Temem por seus maridos, heróis e
amantes de Atenas
As jovens viúvas marcadas
E as gestantes abandonadas não fazem
cenas
Vestem-se de negro, se encolhem
Se conformam e se recolhem
Às suas novenas, serenas*

*Mirem-se no exemplo daquelas mulheres
de Atenas
Secam por seus maridos, orgulho e raça
de Atenas*

A música ⁸**Mulheres de Atenas** faz um retrato da mulher submissa, totalmente dedicada aos seus homens: “bravos guerreiros”, “heróis”, “orgulho e raça

⁸ Disponível em: <http://letras.terra.com.br> - acesso em: 06/11/2010.

de Atenas”. A letra da música ressalta bem o cotidiano dessas mulheres que: *“Vivem pros seus maridos”, “Sofrem por seus maridos”, “Despem-se pros seus maridos”, “Geram pros seus maridos os novos filhos de Atenas”, “Temem por seus maridos”, “Secam por seus maridos”*. Sempre à espera de um carinho, que muitas vezes dividem com outras “faleas”, as mulheres de Atenas parecem ser mulheres sem sonhos, sem expectativas de algo diferente, que não esteja ligado a essa relação de submissão ao sexo oposto. Essa forma de agir era comum na antiguidade. Na Grécia, o casamento e a relação entre marido e mulher, segundo Foucault (2007b), era uma prática que se destinava a edificar o *“oikos”* (a casa). Era um negócio que se realizava entre dois chefes de família, o pai da moça casadoira e o noivo, geralmente um homem duas ou três vezes mais velho que a pretensa noiva. À mulher cabia assegurar o bom andamento da casa, e cabia ao marido ensinar-lhe as normas desse bom andamento. Partindo de um texto de Xenofonte, Foucault (2007c) comenta que os deuses criaram o casal humano pensando na descendência e na continuidade da raça humana. Não se poderia viver ao ar livre como os bichos, mas, ter um teto para a família. Esse “teto” tinha um sentido externo e um interno: o externo seria dado ao homem, pois era ele quem trabalhava e trazia o sustento da casa; o sentido interno designava-se à mulher, a cuidadora e conservadora de todos os bens trazidos pelo marido. E para isso os deuses dotaram homem e mulher com traços físicos e de caráter diferenciados, de acordo com o exercício das funções que deveriam ser exercidas por cada um deles. Sendo assim, era melhor “a mulher ‘permanecer em casa do que passar seu tempo fora’, e menos bom, para o homem, ‘permanecer em casa do que se ocupar dos trabalhos no exterior’” (FOUCAULT, 2007c, p.143). As mulheres atenienses, bem mais do que as espartanas, pareciam seguir esses princípios, pois quase não apareciam em público e participavam pouco da vida social. Havia uma rígida disciplina direcionada à vida dessas mulheres.

Mas, por que cantar **Mulheres de Atenas** em plena década de 70? Pelo contexto histórico da época, ao dizer “Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas”, podem-se perceber os efeitos de sentido contraditório ao que está dito. Há, na verdade, uma afirmação daquilo que não se deve ser, que não se deve seguir, pois essa é uma época de acontecimentos históricos que levam o sujeito a se debater contra aquilo que o incomoda ou o diminui. Nessa época as mulheres, através de movimentos sociais, buscavam a liberdade, a realização de sonhos (ao

contrário das mulheres de Atenas), traziam expectativas novas em que pudessem ter vez e ter voz.

Pela memória sabe-se que os sentidos emanados da voz de Chico Buarque ao cantar essa música não é bem o que está lá, ao pé da letra, pois o compositor também apoiou os movimentos da liberdade, também quis ficar livre da opressão. Cantar **Mulheres de Atenas** foi provavelmente uma forma encontrada por ele para contribuir com a luta das mulheres e tentar fazer com que aquelas que permaneciam com os olhos vendados pudessem sentir que as mulheres retratadas na letra da música não tinham uma vida tão agradável assim, bastando ver o que a música diz sobre “as jovens viúvas marcadas”, “as gestantes abandonadas”, para perceber o completo descaso em que viviam essas mulheres. Ao dizer “mirem-se...”, percebe-se que o ato de mirar-se no exemplo citado é para justamente tomá-lo como um seguimento oposto, aquele que se deve olhar para não querer seguir, não querer ser igual, pois há uma relação de poder que disciplina essas mulheres ao espaço privado, onde permanecem tecendo “longos bordados” à espera de seus “valentes guerreiros”.

Sobre essas relações de poder entre os gêneros - ou do homem sobre a mulher - se falará de forma mais específica no próximo item.

2.2 A MULHER E A DOMINAÇÃO MASCULINA: RELAÇÕES DE PODER

Ainda no século XVIII “discutia-se se as mulheres eram seres humanos como os homens ou se estavam mais próximas dos animais irracionais” (BASSANEZI, 2007, p.11). Achava-se que uma inteligência maior e certas capacidades, principalmente profissionais, só poderiam ser encontradas nos homens. Assim, as mulheres, que chegaram a ser comparadas com os animais, não tinham acesso ao saber, o que, conseqüentemente, tirava-lhes todo e qualquer acesso ao poder. Quanto a esse poder, Foucault (2008a, p.75) ressalta que “não se sabe ao certo quem o detém; mas se sabe quem não o possui”. E com certeza essa posse não era das mulheres.

Dessa forma, nasciam as mulheres condenadas ao espaço privado, onde poderiam ser mais úteis ao homem, aquele que era julgado como superior na mente, no corpo, na alma e na história.

Mas, por que essa submissão, essa obediência de um gênero ao outro? Retomando mais uma vez o discurso bíblico, apresenta-se aqui um traço de memória sobre a primeira mulher a conviver com um homem. Diferentemente dos outros trechos mencionados (BÍBLIA, Mc, cap.14, vs 4-9 e Mt, cap.28, vs 1-10), nem todas as passagens referentes às mulheres são de exaltação. Elas trazem o perigo, por isso é preciso vigiá-las, controlá-las. Lembram-se de Eva? Por sua causa os homens, na figura de Adão, perderam o Paraíso e foram obrigados a trabalhar para a sua sobrevivência, quanto às mulheres, estas foram condenadas às dores do parto.

E à mulher disse [Deus]: Multiplicarei sobremodo os sofrimentos da tua gravidez; em meio de dores darás à luz filhos; o teu desejo será para o teu marido e ele a governará. E a Adão disse: Visto que atendeste a voz de tua mulher e comeste da árvore que eu te ordenara não comesses, maldita é a terra por tua causa; em fadigas obterás dela o sustento durante os dias de tua vida. Ela produzirá também cardos e abrolhos, e tu comerás a erva do campo. No suor do rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra, pois dela foste formado; porque tu és pó e ao pó tornarás. (BÍBLIA, Gn, cap.3, vs 16-19).

Quanto poder teve Eva! O poder da morte e da destruição. A Eva coube a mudança do rumo da história. Seduziu Adão, fê-lo comer do fruto proibido desobedecendo ao Senhor. E na voz que castiga, surge a condenação de Adão ao trabalho, sobrando à mulher a povoação da terra, não sem sofrer as multiplicadas dores do parto e a obediência ao marido “*o teu desejo será para o teu marido e ele a governará*”. Que efeitos de sentido esse trecho causou à grande população masculina? Na leitura da **Bíblia**, como os homens interpretam esses sentidos? Será da repetição desse discurso que se tomou o espaço público (o trabalho) para o homem e o espaço privado (a família, a casa) para a mulher?

Diante dos perigos que emanam de uma mulher, seriam elas capazes de destituir os homens dos bens alcançados neste novo mundo? Melhor não seria resguardá-las à submissão, debaixo de olhares controladores e vigilantes? Calar as mulheres, fazê-las pensar que são incapazes, inferiores, submissas, exercer o poder sobre elas, seriam essas as atitudes dos homens diante da inquietação que lhes causava o sexo oposto? Observando os procedimentos masculinos, em uma sociedade patriarcal, é bem provável que se tenha mesmo refletido sobre a história

narrada, optando-se por assumir o governo sobre as mulheres, vigiando-as e controlando-as. Afinal, elas podem ser perigosas, principalmente se dotadas de saberes, pois estes levam aos poderes.

O homem utiliza-se então dos mecanismos de poder sobre as mulheres e, muitas vezes, impõe esse poder pela violência, principalmente se há resistência daquela que “deve” ser governada por ele. Em defesa de sua honra o homem pode matar ou praticar atos abusivos. Mas essa defesa da honra nem sempre é validada quando a mulher é quem sofre a humilhação.

A dominação física se dá de várias formas, inclusive através da violência sexual. Também há os casos de agressão para mostrar quem realmente manda. Sendo um ser propenso aos atos violentos, o homem, em sua história, deixou(a) marcas de sangue por onde passou(a), sangue de outros homens, sangue das mulheres.

O homem, por muito tempo, teve o poder da morte e da vida, principalmente se se referia aos filhos, esposa ou escravos. Em épocas passadas, o soberano decidia sobre a vida ou a morte de seus súditos, exercendo então

seu direito sobre a vida, exercendo seu direito de matar ou contendo-o; só marca seu poder sobre a vida pela morte que tem condições de exigir. O direito que é formulado como ‘de vida e morte’ é, de fato, o direito de *causar* a morte ou de *deixar* viver. (FOUCAULT, 1988, p.148 – grifos do autor)

Esse mecanismo de poder se transforma a partir da época clássica. Surgem então outros meios de controle e vigilância. Com isso, segundo Foucault (1988, p.148) “o direito de morte tenderá a se deslocar ou, pelo menos, a se apoiar nas exigências de um poder que gere a vida (...)”, o que faz lembrar a questão do surgimento dos biopoderes (sobre isto se falará mais adiante). Dessa época para cá foram muitos os acontecimentos que deram outro rumo à história.

No entanto, mesmo na contemporaneidade, esse “direito de matar” ou “deixar viver” parece persistir nas atitudes de muitos homens. Basta ler ou assistir aos jornais para identificar os casos de homicídio contra a mulher. Entre esses crimes destacam-se os crimes passionais. Nessa conflituosa relação homem x mulher repetem-se os casos de violência contra aquela a quem se diz “amar”. Os crimes passionais acontecem todos os dias, em todos os lugares, onde e com quem

menos se espera. O que se questiona aqui é “Por que quem ama mata?” “Que direitos o homem ‘acha’ ter sobre a vida ou a morte de sua companheira?”

De acordo com Soihet (2008, p.380),

na virada do século, o crime passional assumiu grandes proporções. Em contraposição aos criminalistas clássicos – que afirmavam que ainda no paroxismo da mais violenta paixão não ocorria suspensão temporária das faculdades mentais e o indivíduo mantinha a percepção do bem e do mal - , os adeptos da escola positivista italiana, liderada por Lombroso, isentavam de responsabilidade o criminoso passional. Estes últimos explicavam que certas paixões intensas se identificavam com determinadas formas de loucura, podendo anular a função inibidora da vontade, deduzindo-se daí a irresponsabilidade penal. Ferri, criminalista da escola Positivista, destacava a existência de paixões sociais, sendo o criminoso por elas acometidos impulsionados por motivos úteis à sociedade: o amor e a honra, o ideal político e o religioso. Argumentava que qualquer penalidade seria inútil para esses indivíduos já que “as próprias condições de tempestade psíquica sob as quais eles cometem o crime tornam impossível toda influência intimidante da ameaça legislativa”. (Grifos da autora).

Nos crimes passionais (ou por amor), conforme McClure (2010, p.255), “há quase sempre a exploração de uma honra feminina e de uma honra masculina”. Em defesa dessa honra (a masculina), o poder judiciário do Brasil, há algumas décadas, concedia ao esposo o poder sobre a vida e a morte de sua esposa. Com isso a violência só crescia, fazendo vítimas, muitas vezes, inocentes.

Segundo McClure (2010, p.259), “nos julgamentos dos crimes passionais, o homicida quase sempre invoca a honra como motivo propiciador do crime. É comum ainda perceber no passional uma necessidade de dominar e uma preocupação com a sua reputação”. Numa sociedade machista, cheia de costumes patriarcais, como a que vivemos, a luta em defesa das mulheres, sejam elas donas de casa, profissionais, independentes financeiras ou não, parece não ter fim. Pois, apesar das conquistas, das batalhas travadas para a obtenção de seus direitos, das posições que conseguem ocupar no mercado de trabalho, a mulher perece sob a violência daquele a quem um dia se uniu por amor. Pode-se observar isso nas materialidades discursivas que circulam pela mídia no que se refere aos casos de violência contra a mulher.

Um desses casos vai ser resgatado para este trabalho como ilustração dessa forma de poder, dessa difícil relação entre os gêneros: o ⁹ caso Eliana de Grammont (cantora), acontecido em 1981, assassinada por seu ex-marido Lindomar Castilho (cantor).



(Fig 02: Lindomar e Eliana, grávida da filha do casal)

Lindomar Castilho e Eliana de Grammont, ambos reconhecidos artistas da música passaram dois anos casados antes do acontecimento que tirou a vida de Eliana. Com fama de ciumento e agressivo, Lindomar não aceita o fim do casamento e o romance de sua ex com seu primo, o violinista Carlos, e, logo que sai o divórcio, resolve dar um fim à vida de Eliana, mãe de sua filha pequena, durante um show que a vítima fazia. Além de matar a ex-mulher, enquanto esta trabalhava, Lindomar deixa ferido o seu primo, o violinista que atuava junto à Eliana. No *síte* da **Istoé Gente**, pode-se encontrar o discurso proferido por Lindomar, na época, em defesa própria:

“Esse parente meu foi o causador de tudo, de desavenças, de problemas”.

⁹ Caso Lindomar Castilho e Eliana de Grammont – Disponível em: http://www.terra.com.br/istoegente/148/reportagens/capa_paixao_lindomar_castilho.htm - acesso em: 22/12/2010.

No discurso acima, há uma defesa do próprio ato e a distribuição da culpa, por seus momentos de insensatez, para uma terceira pessoa. O cantor ainda diz que

“Qualquer pessoa sob forte emoção é capaz de fazer o mesmo. Me desliguei da realidade por causa de uma violenta emoção.”

O fato de o réu se encontrar em “violenta emoção”, na época, amenizou sua pena, sendo condenado a 12 anos de prisão, cumprindo apenas parte da pena na cadeia.

Com isso, vê-se repercutir o poder sobre a vida e a morte, o qual o homem parece não querer deixar de praticar. E como lembra Baruki e Bertolin (2010, p.309), “até recentemente era muito comum, na área criminal, a absolvição pelo Tribunal do Júri de homens que invocavam a ‘legítima defesa da honra’ como justificativa para o crime intencional cometido contra a vida da esposa ou companheira.”

Complementando o seu discurso, o assassino de Eliana de Grammont, declara à imprensa:

“Eu a amava com certeza total”.

Se o amor era tão grande assim, “Quem ama mata?” Quais os pré-requisitos para se exercer o poder sobre a vida ou a morte de alguém?

Esse caso acontecido em meados dos anos 80 não é único nem exclusivo da década e do século. Dessa época até a primeira década do século XXI, a qual estamos vivendo, pudemos presenciar, através da mídia, muitos outros casos de violência contra a mulher, alguns levando-as à morte, como foi o caso de Eliana, outros deixando-as perturbadas psicologicamente ou marcadas fisicamente, como é o caso de Maria da Penha, a cearense que, ficando paraplégica após sofrer duas tentativas de assassinato pelo marido, conseguiu, junto ao movimento feminista, fazer as autoridades repensarem a situação da mulher brasileira e a criação de uma lei que as protegessem punindo os maridos/companheiros violentos. Através dessa lei pode-se ver o “poder disciplinar”, que, segundo Foucault (1999, p. 329), é o “poder que se aplica singularmente aos corpos pelas técnicas da vigilância, pelas punições normalizadoras, pela organização panóptica das instituições punitivas”. Essa lei é uma forma de exercício do biopoder, pois, é disciplinadora porque tenta controlar o gênero masculino e é também formativa porque tenta transformar a

atitude do homem em relação à mulher. A ¹⁰**Lei Maria da Penha** se aplica em defesa da vida e da mulher, dessa forma, pode ser exercida como um biopoder porque está em prol da vida e do funcionamento da sociedade. Segundo Foucault (1999, p.329), biopoder é o “poder que se aplica globalmente à população, à vida e aos vivos”.

Porém, o que se observa é que, muitas vezes, há também uma certa resistência do homem em mudar seus procedimentos e isto é bastante marcado pelas notícias divulgadas pela mídia, seja impressa, televisiva ou digital. Sobre essa resistência masculina, Valobra (2009, p. 132) coloca que há um enraizamento de violência nas relações sociais de gênero e que no imaginário social ¹¹“todas as mulheres podemos ser, potencialmente, vítimas de um homem que não pode refrear seus instintos, uma vez que nós mesmas os despertamos”. Ou seja, há na sociedade um conceito de que o homem torna-se violento porque a mulher lhe dá motivos. Nessa cultura patriarcal, os erros masculinos são desculpáveis, enquanto que os lapsos ou supostos lapsos femininos - muitas vezes imaginados para desculpar a atitude agressiva do homem – são condenáveis.

No entanto, apesar de tantas lutas e conquistas pela independência financeira, a mulher parece continuar sob o poder do homem, que a maltrata e ainda exige dela amor e cuidados exclusivos. Mas, como onde há poder, há resistência, incansavelmente, as mulheres continuam a resistir ao poder e à resistência dos homens.

Dotada, na maioria das vezes, de maior controle emocional nos casos de paixão, e educada, por muitos séculos, a uma condição de submissão, a mulher parece contornar melhor os problemas e as situações delicadas sem usar da violência, tão usufruída pelo homem. É necessário, então, que se cumpram as leis criadas para punir os agressores e assassinos de suas mulheres e que se mantenha a vigilância, o controle, não só sobre as atitudes femininas já tão vistoriadas e

¹⁰ A **Lei Maria da Penha** cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Através dessa Lei tenta-se eliminar, prevenir e punir todas as formas de violência contra a mulher. Dispõe também sobre “a criação de Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher e estabelece medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar”. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/11340.htm. Acesso em: 27/03/2010.

¹¹ Todas las mujeres podemos ser, potencialmente, víctimas de un victimario masculino que no puede refrenar sus instintos una vez que nosotras mismas los hemos disparado.

controladas, mas, sobretudo, sobre as atitudes, os procedimentos dos homens que violentam, maltratam e matam suas mulheres (ou ex-mulheres).

Como já averiguava Foucault (1999), em suas pesquisas, a dominação, as relações de poder, a sujeição perpassam também as sociedades ditas democráticas. Essas relações de poder do homem sobre a mulher precisam ser domadas, controladas, vigiadas e, se necessário, punidas, para que assim, a mulher, em suas lutas possa também alcançar “liberdade” e paz.

Como se vê, mesmo tanto tempo depois de a sociedade pregar a valorização da vida, a morte (ou o assassinato) parece ser o caminho mais natural para alguns, principalmente quando se trata de desentendimentos amorosos entre casais. Mas, não é só o fato de matar que gera a violência. Alguns atos de violência física contra a mulher, nas décadas de 60 e 70, poderiam ser vistos como algo “normal”, comum e até aceitável, em alguns casos, pela própria mulher. Essa parte da história não está tão distante de nós quanto a de Eva e Adão, ela pode ser vista, por exemplo, nos registros da mídia, em propagandas, como algumas das que circularam nos anos 60-70.



(Figura 03: Propaganda do café Chase & Saborn)



(Figura 04: Propaganda das calças Mr. Leggs)

Essas propagandas circularam pela mídia norte-americana entre as décadas de 60 e 70. Na propaganda do café Chase & Sanborn (figura 03), aparece a imagem de uma mulher levando palmadas de seu marido. Essa imagem, a qual hoje pode

chocar e indignar as pessoas, principalmente as mulheres, representa, na época, o poder do marido em relação à esposa. No enunciado ¹²“*Se seu marido em alguma ocasião descobrir...*” aparece um tom de ameaça, impondo medo à falta de obediência. O enunciado se materializa em linguagem verbal e imagética. A imagem usada pela equipe produtora dessa propaganda é utilizada de forma a disciplinar, a controlar todos os atos femininos, inclusive aquilo que ela compra para servir a sua família. Mostra-se a dominação que havia do marido sobre a mulher. E, mesmo se percebendo a “liberdade” de compras que era dado à mulher, percebe-se também que essa “liberdade” de consumo deveria ser em prol das vontades de seu companheiro, para agradá-lo, deixá-lo feliz, satisfazê-lo: “.. *se ele descobrir...*”. Apresentava-se um poder de esposo (chefe) sobre a esposa (empregada). ELE passava as ordens, ELE tinha desejos, cabia a ela, como uma boa condutora dos trabalhos do lar, satisfazer seu marido e senhor. Era toda uma disciplina que se dava dentro de uma formação discursiva que circulava na época dessa propaganda.

O sentido acima pode ser o mais imediato que o texto publicitário deseja passar para o consumidor, mas, nas derivas do dizer, podem-se encontrar outros sentidos. No enunciado ¹³“*Se ele descobrir que você ainda está dando oportunidade e levando para o apartamento, o velho café... até você!*”, o motivo que leva o marido a bater na esposa pode não ser apenas a traição ao café *Chase & Saborn*, mas uma traição àquele que se acha amo e senhor de sua esposa. Quando se diz “dar uma oportunidade”, “levar para o apartamento”, “velho café” (poderia se dizer: velho/antigo namorado?), fazer algo contrariamente ao que espera o marido, aparentemente há uma traição àquele que exerce o poder dentro do matrimônio. Pergunta-se: é possível atribuir esse segundo sentido à cena de violência doméstica tão explícita na propaganda acima?

Segundo Pêcheux (2008, p.53),

todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente). Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-

¹² If your husband ever finds out...

¹³ If he discovers you're still taking chances on getting flat, stale coffe... will be unto you!

sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação.

Baseando-se nas palavras de Pêcheux, pode-se ver a possibilidade dos sentidos atribuídos à formulação linguística e, dessa forma, encontrar os equívocos da língua na análise do enunciado.

As condições de produção dos discursos, na época, eram outras. O pertencimento da mulher ao marido poderia ser mostrado em público, como se vê nessa cena da vida privada retratada no texto. Há um corpo que comanda (o do homem) e um corpo que deve obedecer (o da mulher). Seja qual for o sentido atribuído ao enunciado, fica bem clara a condição da mulher em sociedade e em família, e o dever de obediência no reconhecimento do poder que vinha do homem.

A propaganda das roupas *Mr. Leggs* (fig. 04), mostra as mesmas condições sociais e históricas de produção de discurso da figura 03. Essas condições de produção, segundo Orlandi (2005, p. 40), “implicam o que é material (a língua sujeita a equívoco e historicidade), o que é institucional (a formação social em sua ordem) e o mecanismo imaginário”. Como se vê, nos textos acima, a representação das mulheres vem acompanhada de vestígios históricos bem diferentes do imaginário social de hoje. Os discursos que se dizem são outros, mas no interior desse segundo texto, resguarda-se a memória do que foi ser mulher.

Nos enunciados, fica clara a posição-sujeito da mulher que começa a se rebelar contra o destino que lhe foi imposto. Isto se demonstra através do que é materializado no texto (fig. 04) com o seguinte dizer:

¹⁴“É bom ter uma garota em casa”

“Embora ela fosse uma tigresa, nosso herói não teve de atirar para colocá-la no chão. Depois que olhar para as calças Mr. Leggs dele, ela deixará que pise sobre ela. Aquela nobre marca acalma um coração selvagem”.

Acima pode-se ver nas palavras “tigresa” e “coração selvagem”, a condição sócio-histórica da mulher dos anos 70: uma mulher forte e feroz como um tigre, uma mulher que não se deixa levar por qualquer um, possuidora de um coração selvagem, sem dono... mas... que pode ser dominada por aquele que usar as calças

¹⁴ It's nice to have a girl around the house. Though she was a tiger lady, our hero didn't have to fire a shot on floor. After one look at his Mr. Leggs slacks, she was ready to have him walk all over her. That noble styling sure soothes the savage heart.

Mr. Leggs, as calças que acalmam um coração selvagem. No enunciado há um misto de poder e resistência que se desfaz em nome do consumo – ao menos é o que os produtores da propaganda tentam repassar. Na imagem aparece um corpo em forma de pele de tigre e uma cabeça com rosto feminino sendo pisada por um homem com atitude soberana, poderosa, tentando mostrar por seu gesto que é ele quem comanda a situação. No rosto da moça pisoteada há uma expressão de insatisfação com o que é obrigada a aceitar. Mais uma vez a mulher sendo subjugada pela força física masculina. A pele de tigre demonstra a luta vencida, já não há vida nesse corpo, apenas a pele demonstrando o quão valente era a mulher antes de ser dominada por um “par de calças”.

Ao homem interessa, como diz no enunciado “acalmar”, ou seja, “docilizar” esse corpo, esse “coração selvagem”. A docilidade é o que faz o corpo manipulável, “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 2008c, p.118), e essa docilidade, neste caso, vem através da força utilizada pelo homem. Com um outro olhar pode-se perceber na imagem não um corpo dócil, mas um corpo que sofre coerção, que é obrigado a ficar dócil pela força da disciplina - ou da violência - imposta. Há um mascaramento, feito pela mídia, dessa violência contra a mulher. O ato de violência aparece de forma suavizada quando se diz no enunciado que *“depois que olhar para as calças Mr. Leggs dele, ela deixará que pise sobre ela. Aquela nobre marca acalma um coração selvagem”*. O enunciado provoca um sentido que ressalta uma escolha da própria mulher ao se deixar seduzir pelas calças usadas pelo rapaz, deixando também que lhe pise o corpo. Neste caso, a rebeldia, a resistência (o político) dá lugar à mansidão, à obediência (o pessoal), tudo por causa do incentivo ao consumo de uma devida marca de roupas masculinas. Porém, um outro sentido, que não está dito verbalmente, surge logo que se olha para a expressão do rosto da moça pisoteada. Pela imagem, é possível perceber que esse coração selvagem não será tão fácil assim de ser domado.

A dominação masculina não se dá somente através de atos violentos. Ela se apresenta também nas formas mais sutis: na convivência em casa, na maneira de falar, nos dizeres proibidos ou permitidos, no controle sobre os atos, nos afazeres domésticos, nos ditos e, principalmente, na maneira como se educam as mulheres. Segundo Foucault (2006a, p.44) “todo sistema de educação é uma maneira política

de manter ou modificar a apropriação dos discursos com os saberes e os poderes que eles trazem consigo”. Percebe-se então o poder da linguagem e o porquê de a Análise do Discurso se preocupar em estudar o homem produzindo sentidos, pois é em seus discursos que se manifestam seus saberes, os quais são caminhos para se chegar ao poder.

No exercício do poder, o homem precisava calar as mulheres, regular os seus discursos, fazê-las repetir o que interessava ao mundo masculino, à sociedade patriarcal. As mães passavam às filhas a obediência aos homens da casa, pai, irmãos e, futuramente, ao marido; da mesma forma ensinavam aos filhos que a eles cabia o comando da casa e das mulheres que vivessem sob sua guarda. Havia “uma desvalorização das mulheres por si mesmas” (PERROT, 2007, p.17).

A dominação masculina se dá com a mulher sempre abaixo e o homem sempre acima, imagem bem representada na propaganda das calças Mr. Leggs (Fig. 04). Bourdier (2010, p.16) compara essas posições com o próprio corpo quando fala sobre o movimento para o alto sendo “associado ao masculino, como a ereção, ou a posição superior no ato sexual”. No próprio ato sexual entre os casais era necessário demonstrar a superioridade masculina, sendo indecente “experimentar” uma outra posição que não fosse a tão conhecida “papai e mamãe”. Bourdier (2010, p.16) ainda coloca a oposição entre masculino e feminino como um sistema de oposições homólogas: “alto/baixo, em cima/embaixo, na frente/atrás, direita/esquerda, reto/curvo (e falso), seco/úmido, duro/mole, temperado/insosso, claro/escuro, fora (público)/dentro (privado)”, ficando o homem sempre na primeira posição citada. Quanto às últimas posições fora (público) / dentro (privado) lembradas por Bourdier, percebe-se bem o lugar que a sociedade, por muito tempo, destinou à mulher.

Uma guerra como essa não se vence sem as muitas batalhas da vida. E é com o intuito de conquistar os direitos de igualdade entre os gêneros, que surgem os movimentos os quais transformam as condições sociais dos sujeitos e as condições de produção dos discursos. Um desses movimentos foi e é muito importante na batalha das mulheres para a aquisição de seus direitos, de sua liberdade, de sua independência financeira: esse é o Movimento Feminista.

2.3 O ACONTECIMENTO “MOVIMENTO FEMINISTA”: ENTRE O PODER E A RESISTÊNCIA



(Fig. 05: Movimento de Mulheres – 1910)



(Fig. 06: Movimento Feminista – Século XXI)

As ¹⁵imagens acima, imortalizadas pelas lentes das câmeras, mostram protestos do Movimento Feminista¹⁶ em busca de reconhecimento dos direitos das mulheres. Essa luta que se dá através de um movimento de resistência se inicia ainda no século XIX e se arrasta até os dias de hoje, sempre reivindicando melhores condições de vida para as mulheres. Essas lutas surgem porque não se concebe de forma natural a opressão das mulheres, pois, existe uma certeza de que “as relações entre homens e mulheres não estão inscritas na natureza, e que existe a possibilidade política de sua transformação”. (FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, 2009, p.144). Pelas imagens, percebe-se também que esse movimento não aparece em um só lugar, um só país, mas se dá internacionalmente, em vários países do Ocidente como, França, Portugal, Brasil, entre outros.

O discurso do feminismo surge contrapondo-se ao machismo pregado culturalmente nas sociedades patriarcais, as quais oprimem, subjugam e comandam o gênero feminino. Esse discurso que começa a manifestar as resistências ao poder sobre as mulheres, segundo a ¹⁷Wikipedia, se caracteriza como

¹⁵ Imagens disponíveis em:

<http://www.memoriaemovimentossociais.com.br/bancodeimagens/displayimage.php?album=1&pos=32> – acesso em:09/03/11.

¹⁶ Pode-se falar dos “movimentos feministas” (plural), por haver vários grupos engajados nessa luta e vários deles divergindo entre si. Porém, neste trabalho de pesquisa, aderiu-se ao uso de “movimento feminista” (singular).

¹⁷ Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Feminismo> - acesso em 03/03/2011.

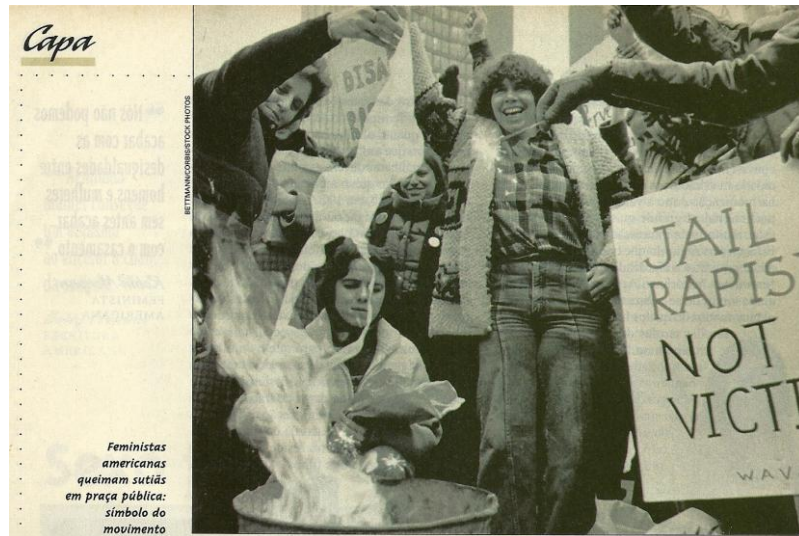
um discurso intelectual, filosófico e político que tem como meta direitos equânimes e uma vivência humana liberta de padrões opressores baseados em normas de gênero. Envolve diversos movimentos, teorias e filosofias advogando pela igualdade para homens e mulheres e a campanha pelos direitos das mulheres e seus interesses.

Na tentativa de libertação desses padrões opressores que se baseiam na desigualdade entre homens e mulheres e, em contraposição, alcançar direitos iguais entre os gêneros, surge o movimento feminista.

Esse movimento atua de forma mais marcante em três épocas distintas, chamadas de “ondas”. A primeira fase de manifestação, ou primeira onda, se dá ainda no século XIX seguindo até o início do século XX. Nessa época, o foco da resistência se dava, de maneira mais resignada, na igualdade de direitos entre os gêneros ao escolherem livremente seus cônjuges, sem que a mulher continuasse a ser vista como propriedade do marido, o qual obtinha sobre ela e os filhos plenos poderes, inclusive sobre a vida e a morte (principalmente no caso de adultério feminino). A luta se dava também pela obtenção do direito de a mulher poder ser proprietária de seus bens materiais herdados ou adquiridos e, por fim, dava-se também a luta por direitos políticos. A mulher começava a reivindicar o poder do voto, o qual só era dado aos homens, até o final da segunda década do século XX. Esse ponto será melhor debatido mais adiante.

A segunda fase/onda do Movimento Feminista se dá entre as décadas de 60-80, do século XX. Nessa época, a preocupação é com os direitos de igualdade entre os sexos e com o fim da discriminação contra a mulher, seja em casa, na rua, no trabalho. Havia desigualdades políticas, sociais e culturais que precisavam ser revistas e abolidas. As mulheres precisavam ser politizadas como também precisavam refletir mais sobre as estruturas do poder exercido nas sociedades. Surgem então obras como **A Mística Feminina** de Betty Friedam (1963), que critica a situação da mulher restrita às atividades do lar e os vários movimentos de resistência como “¹⁸A Queima de Sutiãs”.

¹⁸ A Queima de Sutiãs foi um protesto acontecido nos EUA, em *Atlantic City*, com cerca de 400 ativistas do *Women's Liberation Movement*, durante um concurso de Miss América em 1968. Contra a exploração comercial realizada contra as mulheres, as ativistas colocaram ao chão sutiãs, sapatos altos, cílios postiços, espartilhos e objetos que simbolizavam a beleza feminina. Dizem que a queima não chegou a acontecer de fato, por estarem em espaço público, mas o movimento se repercutiu na



(Fig. 07: VEJA MULHER, junho de 2006)

Uma outra fase/onda do Movimento Feminista, a qual surge nos anos 90 e dura até hoje, século XXI, busca manter os direitos já conquistados e luta por causas como diferenças raciais, violência doméstica, liberação do aborto, leis trabalhistas e judiciárias que beneficiem a mulher, além de objetivar, já no século XXI, maiores direitos para as mulheres do Oriente.

O Movimento Feminista pode ser dado historicamente como o acontecimento que muda a vida da mulher. É um acontecimento porque se trata de fatos repetidos incansavelmente e que produz sentidos que mudam a história. Como coloca Guilhaumou (2009, p.123), “a acontecimentalidade engendra sentidos”, os quais podem ser vistos, por exemplo, na imagem das mulheres que seguem pelas ruas, na reivindicação de seus direitos. Os enunciados materializados em cartazes, nas vozes que ressoam e que repetem os discursos proferidos sobre os direitos das mulheres, formam um arquivo que (re)atualiza os movimentos da memória a cada época, a cada manifestação, a cada passo dado em direção à liberdade feminina.

E para melhor entender como se dá a noção de acontecimento, serão retomadas aqui as teorias de Guilhaumou (2009), em sua obra **Linguística e História**. O autor dá definições sobre o que seria o acontecimento discursivo, sem deixar de abordar o acontecimento linguístico. Este último, para Guilhaumou (2009), estaria mais ligado às estruturas da língua empírica. No interior desse acontecimento há elementos cognitivos produtores de sentidos e “esses verdadeiros elementos

constituem esquemas intermediários entre os dados da língua empírica e as categorias da língua abstrata” (GUILHAUMOU, 2009, p.41). Nesse tipo de acontecimento há um interesse maior na norma referencial da língua, nos sujeitos e nos objetos cognitivos. Diferentemente do acontecimento linguístico, o acontecimento discursivo leva em consideração também o externo à língua, os enunciados e a leitura do arquivo, pois começa a se perceber linguisticamente que estudar a estrutura não é suficiente para se compreender as práticas discursivas que surgem nas sociedades.

Guilhaumou (2009, p.124) assinala que

saímos do mundo dos nomes e de seus referentes para entrar no universo da reflexividade do discurso, dos recursos próprios dos sujeitos da enunciação implicados no acontecimento. Interessamo-nos, prioritariamente, pelos sujeitos, objetos e conceitos assim como por funções derivadas do enunciado.

Dessa forma, os elementos descritivos e os elementos reflexivos tornam-se inseparáveis. Não é necessário passar por uma descrição de frases, em seu uso normativo da língua, para se chegar à compreensão dos sentidos que ocorrem a partir do que é dito. O acontecimento linguístico se dá “no interior de um continuum espaço/tempo” (GUILHAUMOU, 2009, p.131). O acontecimento discursivo deixa as segmentações “duras” ou “*hards*” para entrar num espaço menos visível, e “a reflexividade da linguagem, isto é, sua capacidade para produzir, ela mesma, seus recursos interpretativos, constitui o próprio do acontecimento discursivo” (GUILHAUMOU, 2009, p.131), pois o referente linguístico funciona apenas como regulador do concreto discursivo. É com esse tipo de acontecimento que o historiador deve trabalhar, pois é nele, no acontecimento discursivo, que os sujeitos da enunciação produzem seus enunciados dentro de uma conjuntura histórica, refletem sobre o que é dito, formulando julgamentos a partir dos argumentos que são colocados nesses enunciados. Deve ser visto então “o sujeito irrompido na enunciação do acontecimento, do protagonista ao porta-voz. Devemos igualmente ter em conta o sujeito histórico portador de emancipação, em busca, portanto, de autonomia” (GUILHAUMOU, 2009, p.135). Dessa forma, a narração do acontecimento produz a historicidade, produzindo então sentidos e interpretações sobre o passado, o presente e o futuro.

Pode-se ver essa ação do sujeito do acontecimento na matéria abaixo, publicada na revista **Claudia**, em março de 2009, mês comemorativo do Dia da Mulher. A matéria discursiva retoma a história e a memória sobre o movimento feminista (re)atualizando-o na narração dos acontecimentos históricos e apresentando um sujeito que se subjetiva ao assumir-se feminista - mostrando a necessidade de ser feminista -, em pleno século XXI.



(Fig. 08. Revista CLAUDIA, março de 2009.)

Na matéria “Hello, esta conversa é com você!” - em homenagem ao Dia Internacional da Mulher -, **Claudia** traz a história e a memória em seu discurso sobre a verdade do feminismo. Tentando desfazer os mitos que circundam o feminismo, a revista faz um jogo discursivo usando as expressões “*É Mentira*” e “*É Verdade*”, para esclarecer o que significa ser feminista e qual a importância de ser feminista hoje.

Introduzindo a conversa com suas leitoras, a revista visita a memória coletiva sobre os feitos das que se disseram feministas e o foram até o fim:

“Faz pouco tempo, um grupo de mulheres bacanas quebrou preconceitos, enfrentou a polícia, o Estado, a Igreja, mudou as leis e a sociedade. Muitas empenharam nessa luta a própria vida. São as feministas”. (CLAUDIA, março de 2009, p.50)

No enunciado acima percebe-se a marca da posição-sujeito assumida pela revista, quando trata as feministas como “*um grupo de mulheres bacanas*”. Há na

materialidade linguística uma defesa em prol do movimento que fez/faz história por meio de suas lutas em busca dos direitos das mulheres.

A revista mostra em seu texto a importância do movimento feminista para as conquistas femininas. Traz também a memória sobre o que significou esse movimento de resistência, o qual precisou se deparar contraditoriamente, não só com um, mas com todos os aparelhos ideológicos (ALTHUSSER, 2003), como a família, a igreja, a escola, a sociedade como um todo. Isto se tornou necessário, pois, como diz Foucault, o poder está em todos os lugares, e era contra as formas autoritárias de alguns desses poderes que o movimento de mulheres se colocava, porque deles vinham as regras, os mecanismos de controle e a disciplina destinada às mulheres.

A posição-sujeito assumida pela revista é de esclarecedora e defensora daquelas que defenderam nossos direitos. Na imagem, pode-se observar uma mão feminina jogando ao lixo vários *bottons* com o enunciado “Eu sou feminista”. Quais sentidos podem ser extraídos de tal imagem? Os sentidos não estão apenas na materialidade verbal, mas na imagem como um todo. Por que o lixo? Estaria o movimento feminista fadado ao esquecimento? É exatamente neste ponto que **Claudia** quer tocar. Nessa imagem há um jogo da história com a língua, podendo ser encontrado o equívoco.

A matéria que parece ser direcionada, com maior exclusividade, àquelas jovens que acreditam não haver mais motivos para tantas reivindicações femininas, traz várias vozes de autoridade no assunto. E essas vozes é que vão esclarecer, no decorrer do texto de quatro páginas, porque o rótulo de feminista deve ser assumido pelas mulheres. Muitas jovens de quinze, vinte anos não entendem o verdadeiro sentido do feminismo, pois, para elas, a sociedade foi bem menos cruel, e o estereótipo de feminista criado socialmente contribui bastante para essa falta de adesão de nossas jovens a esses movimentos de resistência.

Na tentativa de esclarecer melhor essa temática e de desfazer os mitos criados, a revista em questão, pela voz de feministas de várias gerações, enuncia o que é ou não é verdadeiro nesse sentido.

1. É Mentira

Já vencemos todas as batalhas.

Não mesmo. Voltemos a 1988: o feminismo marcou um gol com o chamado lobby do batom, que levou os parlamentares a incluírem na Constituição direitos iguais aos dos homens para nós.

“Mas esse avanço não basta” (Valéria Pandjarian – advogada, p.52)

... em 2006, conseguimos aprovar a Lei Maria da Penha, mas ainda não dá para cruzar os braços. (p.52)

“Toda conquista tem de ser sustentada” (Sílvia Pimentel – membro da ONU, p.52).

“... como não precisamos mais brigar pelo direito de votar... ...devemos batalhar para que as mulheres ocupem mais cadeiras no Congresso, governos estaduais e prefeituras.” (Latoya Guimarães - estudante de Economia, p.52)

2. É Mentira

A mulher não sofre discriminação

... as jovens que deslancham na carreira não vêem a discriminação que o feminismo aponta... (p.52)

“Elas vivem num ambiente onde há cada vez menos barreiras para o crescimento profissional desde que estejam dispostas a trabalhar como homens...” (Alison Wolf – filósofa e economista, p.52)

3. É Mentira

Feministas são feias e mal-amadas

... uma minoria que produziu uma espécie de machismo ao contrário. Vem daí a distorcida imagem das feministas como mulheres mal-amadas, radicais, raivosas, anti-homem. (p.52)

4. É Mentira

O feminismo só sobrecarregou a mulher

Há a crença de que a liberação da mulher levou-a a acumular papéis, colocando sobre seus ombros uma carga pesada demais. Nossa entrada no mercado de trabalho é definitiva, mas continua necessário brigar para não sermos as únicas responsáveis pelas tarefas de casa. (p.52-53).

“Para trabalhar em igualdade de condições temos que começar questionando qual é a atuação do nosso parceiro na família” (Sílvia Pimentel, p.53).

Em contraposição aparece:

É Verdade

O feminismo só lida com temas tabus

Sim. As questões com as quais o feminismo trabalha envolvem assuntos duros, como aborto, direitos reprodutivos, homossexualidade, prostituição, pedofilia e até a mercantilização do corpo da mulher, que impõe um padrão de beleza. (p.53)

“O feminismo levanta a bandeira daquilo que a sociedade não quer falar e produz transformações”. (Valéria Pandjarian – advogada, p.53)

Nos quatro pontos debatidos pela revista como “mitos” aparece a necessidade de continuação do Movimento Feminista também na

contemporaneidade, pois para cada batalha vencida parece haver uma luta ainda maior a ser travada. Isto fica bem claro no enunciado que fala sobre a conquista da **Lei Maria da Penha** “mas ainda não dá para cruzar os braços”, basta ver a quantidade de mulheres que sofrem com a violência doméstica. É preciso a vigilância para que a lei se faça cumprir e comece a intimidar os homens que se utilizam dessas práticas violentas, fazendo-os refletir sobre as consequências que podem sofrer ao baterem/matarem suas mulheres. Quanto ao direito ao voto, pode-se dizer que o Brasil deu um grande passo elegendo, em 2010, uma mulher para Presidente da República – fato ainda não acontecido na época da publicação dessa matéria -, porém, ainda é necessário mais mulheres no congresso, no poder, para se fazer garantir os nossos direitos. Afinal, é na política que melhor se vê o poder que Foucault chama de *governo*. Quanto a isso, Foucault (2008a, p.292) diz que

são as táticas de governo que permitem definir a cada instante o que deve ou não competir ao Estado, o que é público ou privado, o que é ou não estatal, etc. Portanto o Estado, em sua sobrevivência e em seus limites, deve ser compreendido a partir das táticas gerais da governamentalidade.

No comando dessas “táticas”, para governar o Brasil, encontra-se hoje uma mulher. Graças às lutas travadas durante as últimas décadas, o poder no governo muda de gênero. A governamentalização do Estado, o poder de decisão, fica nas mãos de uma mulher. Claro que esse governo hoje não tem mais o poder soberano, pois precisa do apoio de outros(as) para fazer valer o que precisa ser votado. Do privado ao público, em praticamente oitenta anos, desde o primeiro voto feminino, esta é uma grande vitória.

No segundo ponto, percebe-se que boa parte das mulheres mais jovens deixa passarem despercebidas essas lutas, as quais foram e são tão necessárias. Na materialidade linguística aparece uma acusação sobre a forma natural como a juventude encara o papel que a mulher exerce hoje profissionalmente. Elas, as jovens, não têm consciência do quanto são cobradas e vigiadas para que tornem digno o lugar ocupado. Essas jovens agem como se tudo tivesse sido sempre assim, de “fácil” acesso às mulheres.

Quanto ao estereótipo feminista visto por muitas dessas jovens e mesmo por outras mulheres e homens de gerações mais antigas, pode-se dizer que há uma

distorção nessa imagem gravada por uma memória coletiva. Isso mostra o quanto se pode ter conhecimentos tão superficiais de coisas tão relevantes. O que se esquece é que esse estereótipo de feminista “anti-homem” foi gerado por ações de uma pequena minoria de feministas, em outras épocas. Mas, como pode a mulher da resistência ser “anti-homem”? Não se deve generalizar, pois foi o homem quem votou para que a mulher votasse, foi o homem quem assinou as leis trabalhistas e jurídicas que beneficiam a mulher, nos mais diversos aspectos, para que fossem iguais perante a lei. As batalhas travadas pelas mulheres tiveram apoio, vale dizer, de homens que amavam e respeitavam as mulheres. Portanto, eles foram e continuam sendo os grandes aliados na luta pela igualdade – mesmo que por força de uma conjuntura política, ideológica e cultural, que foi instaurada e que fez surgir espaços para essa discursividade.

Pode-se dizer que o estereótipo da feminista citado no terceiro ponto, debatido na matéria, é bem diferente do que se pode ver hoje. Observe a fala de Tamara Amoroso, 25 anos, que atua no CLADEM – Comitê Latino-Americano do Caribe para a Defesa dos Direitos da Mulher:

“Tenho tipo delicado, adoro cor-de-rosa, uma figura que ninguém associa ao estereótipo feminista [...] Mas quando explico as idéias que defendo, a maioria das mulheres descobre que pensa igual” (CLAUDIA, março de 2009, p.54).

Vê-se então que o imaginário nem sempre encontra base na realidade. O próprio léxico cor-de-rosa é atribuído à feminilidade, delicadeza, fragilidade. Os homens só incorporaram essa cor em suas indumentárias nessa primeira década do século XXI, pois os sentidos atribuídos à cor rosa “não combinavam” com o imaginário social que se fazia deles.

Ao passar para o quarto ponto, percebe-se um dos dilemas da mulher brasileira, o acúmulo de tarefas fora e dentro de casa. Ser inserida no mercado de trabalho não basta, é preciso ser auxiliada nos trabalhos domésticos, dividindo com o cônjuge as responsabilidades do lar. Não é à toa que a mídia, a toda hora, prega essa função multimulher. Seria uma forma de conscientizar a sociedade de que sobraram papéis demais para a mulher ou seria para convencer as mulheres de que elas são capazes de fazer todo o trabalho porque são “super”?

Nesse sentido, a propaganda do “arroz Tio João” representa a discussão desse ponto.



(Fig. 09. Propaganda Arroz Tio João - Revista CARAS, 2010)

Nessa propaganda, pode-se observar que a aparência feminina continua em pauta. Há uma memória que não deixa esquecer os cuidados que a mulher deve ter com o corpo. A pele bem cuidada, os cabelos bem escovados, unhas bem feitas e um olhar de satisfação trazem nessa imagem uma vontade de verdade que une o real e o imaginário. Mas o que é a verdade, afinal? É possível chegar à verdade? Para Foucault (2008b) não há a verdade propriamente dita, há, sim, os efeitos de verdade que são produzidos em diferentes épocas.

A mídia, na produção de suas verdades, divulga a conduta da mulher no espaço social, onde as mulheres são bem sucedidas profissionalmente, mas não deixa de lembrar as tarefas do lar que não podem ser esquecidas, deixadas para trás. É propaganda então a mulher multitarefas.

Mas, quem disse que as mulheres precisam ser multitarefas, como prega o enunciado acima? O discurso é complementado com a demonstração das várias

qualidades do arroz e com o seguinte dizer: *“para quem vive superatarefada, o momento mais gostoso do dia é a hora de cozinhar. Com o arroz Tio João, é claro. Arroz Tio João. O arroz que acompanha você”*. Há uma afirmação dos papéis conquistados pela mulher, dos vários lugares ocupados por ela, de uma nova mulher, mas também há uma reafirmação de um dos papéis mais primitivos da condição feminina, a ação de cozinhar, de alimentar a família, ou seja, essa função, a de cozinhar, continua sendo das mulheres. Não importa quais nem quantos lugares sejam conquistados por elas, o arroz estará sempre acompanhando-as; ora simbolizando a função de trabalhadora, no espaço público, ora o de cozinheira, de cuidadora da família, no espaço privado.

Os efeitos de sentido que emanam dessa propaganda conversam com os enunciados presentes na matéria discursiva da revista **Claudia** ao falar que não devemos ser *“as únicas responsáveis pelas tarefas de casa”* e que é necessária a igualdade de condições entre homem/mulher no lar, onde cada um deve questionar qual o seu papel, como deve atuar. Mais uma vez direciona-se um olhar para o movimento feminista, enxergando, através de sua atuação, a importância de se continuar na luta.

Na matéria analisada aparece um contraponto às “mentiras” pregadas sobre o feminismo, é um ponto que fala sobre o que seria a “verdade”. *“O feminismo levanta a bandeira daquilo que a sociedade não quer falar e produz transformações”* (CLAUDIA, 2009, p.53), ou seja, o feminismo trabalha com tudo que está às margens, não silencia, faz-se ouvir para poder transformar. Trata de temas marginalizados pela família, pela igreja, pela sociedade, como homossexualidade, aborto, direitos reprodutivos e tantos outros temas que já ganharam novos conceitos pela população. Constata-se que as mulheres, por meio do Movimento Feminista, durante todos esses anos,

não cessaram de lutar *coletivamente* desde a Revolução Francesa. Ademais, esse movimento se enraíza nas contradições fundamentais da sociedade, nascidas tanto do desenvolvimento do capitalismo como da persistência até hoje da dominação masculina, que se exprime na divisão social e sexual do trabalho. As mulheres se mobilizaram ora em nome da igualdade, ora em nome de suas diferenças, sempre contra as “injustiças” de que eram vítimas, reclamando ao mesmo tempo o direito ao trabalho, à educação, ao voto e também à “maternidade livre” desde o começo do século XX. Elas sempre reivindicaram sua identidade como seres humanos e

sua liberdade. (FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, 2009, p. 151-152 - Grifos do autor).

As reivindicações, as lutas, a busca pelos direitos e pela justiça ocorrem em todos os lugares, mas, as conquistas, as transformações surgem de forma diferenciada entre um país e outro, pois tudo depende da cultura, do governo, do apoio vindo de quem está do lado do poder.

Observa-se que a revista **Claudia**, como veículo de informação, prega suas verdades sobre o feminismo. Foucault (2008a, p.180) ressalta que “somos obrigados ou condenados a confessar a verdade ou a encontrá-la”. Sendo assim, a verdade pode ser encontrada no discurso materializado na revista? Há uma tentativa de verdade nos dizeres dessa matéria e há uma relação de poder que permite ao enunciador criar essa verdade, reproduzindo-a e divulgando-a. Para Foucault (2008a, p. 07) é preciso “ver historicamente como se produzem efeitos de verdade no interior de discursos que não são em si nem verdadeiros nem falsos”. Isso tudo depende da posição assumida pelo sujeito que enuncia, que interpela.

Em meio às verdades que circundam o Movimento Feminista, com certeza está a defesa das mulheres e de seus direitos. Esse acontecimento, o Movimento Feminista, tornou-se tão marcante que ganha cada vez mais adeptos, os quais não se cansam de ir à luta pelo que acreditam. Foram muitos movimentos que se seguiram e que foram nomeados de acordo com os objetivos a serem alcançados no campo de guerra, como a ¹⁹Marcha das Mulheres, a ²⁰Marcha das Margaridas, entre outros; além disso o Movimento Feminista se articula com outros movimentos que possuem metas e objetivos afins, fortalecendo-se então em seus enfrentamentos. Para Foucault (2008a, p.5) “há todo um escalonamento de tipos de acontecimentos diferentes que não têm o mesmo alcance, a mesma amplitude cronológica, nem a mesma capacidade de produzir efeitos”. Por tudo isso se diz que o Movimento

¹⁹ A Marcha Mundial das Mulheres surge no ano 2000 e luta contra a pobreza e a violência sexista, além de defender temas como legalização do aborto, melhores salários. Esse movimento envolve mulheres de vários países e se mobiliza principalmente a partir do dia 08 de março, seguindo em sua caminhada. No ano de 2010, a Marcha seguiu do dia 08 a 18 de março.

²⁰ A Marcha das Margaridas é um movimento que, em adesão à Marcha Mundial das mulheres, luta contra a pobreza e a violência. O movimento recebeu esse nome em homenagem a Margarida Maria Alves, assassinada, por latifundiários, em 1983, por abraçar a luta pelos direitos das trabalhadoras do campo, pela reforma agrária e contra a violência no campo.

Feminista foi/é o acontecimento que marca e que transforma as vidas das mulheres, mas não só das mulheres, também as dos homens. Este é um acontecimento que se liga, se engendra a outros acontecimentos (primeiro voto feminino, lei da licença maternidade, lei Maria da Penha, entre outros) e que produz efeitos, transformando, modificando os sujeitos, os gêneros.

Ainda na época da ditadura, entre as décadas de 60 e 70, esse movimento já começava a interagir com outros movimentos da resistência. Nessa época, em meio às reivindicações, homens e mulheres igualavam-se, pois os perseguidos políticos, sendo homem ou mulher, eram presos e torturados, sendo que às mulheres sobrava também a violência sexual – este tipo de violência contra a mulher existiu desde sempre e se arrasta até hoje, no século XXI. Nessa época, a brasileira exilada, Danda Prado (2009), ressalta que havia grupos de mulheres que se encontravam às escondidas para proferirem palestras, estudos, discussões sobre a situação da mulher e sobre as causas defendidas por elas. Isso se dava em vários países do Ocidente, entre eles, Brasil e França. E as feministas de cada lugar procuravam diversas maneiras de informar, conscientizar os grupos espalhados pelo mundo e quem mais tivesse interesse sobre os assuntos debatidos.

Morando em Paris, em plena época da ditadura, Danda Prado fazia sua pesquisa de doutorado e se engajava nesses grupos de defesa da mulher. Nessa ocasião, a pesquisadora relata que foi criado um boletim bilíngue espanhol-português nomeado de *NOSOTRAS*. Esse boletim era produzido e mimeografado por seu grupo, na França, e enviado ao Brasil para a prima de Danda Prado, sendo que essa prima se encarregava de fazer circular esse boletim e todos os ideais de luta ali contidos. Dessa forma, se fazia chegar o conhecimento sobre o que acontecia na Europa em relação ao feminismo. Essas atitudes provocavam a interação e fortaleciam os movimentos de resistência de um país e de outro.

No entanto, para fortalecer um movimento como este, muitas mulheres foram colocadas às margens – mais ainda do que antes -, foram incompreendidas pela sociedade em geral e foram injustiçadas. Mas foi a força que cada uma delas - derrotadas ou vencedoras - demonstrou ter, em seus enfrentamentos, que fortaleceu esse movimento de resistência, levando-o a ser o acontecimento que mudaria a vida de todas nós e provocaria uma (des)ordem no discurso.

2.4 UMA NOVA PRODUÇÃO IDENTITÁRIA FEMININA: A (DES)ORDEM DO DISCURSO

Com os movimentos feministas que se fortificam no século XX, as mulheres começam a adquirir o direito à palavra pública. Está rompido o silêncio. Por volta dos anos 1960, na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, iniciam-se as maiores mudanças na história das mulheres. Na França e em outros países essas mudanças aparecem com maior intensidade somente uma década depois. Em 1970, os acontecimentos são muitos, entre eles a redescoberta da família. Incidentalmente, nessa época, a mulher se definia como um sujeito mais ativo e mais presente na/para a sociedade. A partir de então, marcam mais fortemente sua presença em todos os campos, principalmente no intelectual.

Nasce o desejo de uma nova história, de um novo retrato feminino, de novas identidades. Segundo Hall (2006, p.07), essas identidades surgidas na contemporaneidade passam por situações de crises, pois, “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”. Para Bauman (2007), isso se dá porque vivemos em tempos líquidos, em que tudo se desfaz, tudo dura pouco, nada é eterno. Não há solidificação dos comportamentos, os quais passam por rápidas e constantes modificações nas sociedades contemporâneas.

Para Baracruhy (2009, p.63) “as identidades só existem no interior das instituições sociais, estando ligadas à cultura e ao imaginário social, de onde elas (as identidades) retiram seus símbolos e representações. A identidade é uma construção sócio-cultural”. E essa construção, que a todo momento se desconstrói e se reconstrói, é lembrada constantemente pela mídia.

Junto a essas mudanças, a mídia, seja televisiva, digital, impressa, assume um papel essencial: o da representação desses novos sujeitos. Essa mídia, que invade as vidas dos sujeitos, mostra a imagem dessa mulher, a qual representa hoje os mais variados papéis sociais. Na mídia, mostra-se uma mulher inteligente, independente, decidida, sedutora. Mudam os discursos da mulher e muda a discursivização sobre a mulher. Isto pode ser visto, por exemplo, em várias campanhas publicitárias que circulam pela sociedade. A mídia, através dos variados

gêneros do discurso - como reportagens, músicas, charges, propagandas, entre outros, cristalizam a nova imagem da mulher contemporânea.

Essa nova imagem, que aparece materializada no discurso midiático, pode ser vista nas propagandas abaixo:



(Fig.10: Campanha Meias Puket – 2007)



(Fig. 11: Campanha Sandálias Melissa - 2008)

Na figura 10, vê-se uma releitura do conto de fadas **Cinderela**. No enunciado aparece uma nova personagem que, ao descer a escadaria de bicicleta, sem um dos sapatos nos pés, feliz, com os cabelos ao vento, pouco lembra a Cinderela dos contos de fadas em sua fuga angustiada, comandada pelas badaladas do relógio. Essa Cinderela criada para divulgar a coleção de meias **Puket** não parece preocupada com a hora, muito menos com um “príncipe encantado” ou com um futuro casamento. A sensação de “liberdade”, da qual nem sempre a mulher pôde usufruir, paira nessa propaganda.

Em meio a esses novos efeitos de sentidos, vê-se, no texto, o atravessamento dos discursos do conto medieval através dos deslocamentos da escadaria, do tapete vermelho, da falta de um dos sapatos nos pés da moça e no próprio enunciado verbal “Abóbora? Tô fora!”. A palavra “abóbora”, neste exemplo, nos remete a uma memória sobre o conto, quando há a transformação desse vegetal em uma carruagem para levar Cinderela ao baile e, conseqüentemente, ao casamento²¹.

²¹ Na versão contada pelos irmãos Grimm, todas as moças da cidade são convidadas para o baile, com o intuito de o príncipe escolher uma delas para ser sua noiva.

E, para que exista uma memória, Davallon (2007, p.25) coloca que é preciso que “o acontecimento ou o saber registrado saia da indiferença, que ele deixe o domínio da insignificância. É preciso que ele conserve uma força a fim de posteriormente fazer impressão”. Parece ser isso o que acontece com a nova posição-sujeito assumida pela mulher, a qual se mostra independente e dona de seu próprio destino.

Na releitura analisada, verifica-se uma nova identidade feminina circulando pela sociedade através da mídia. Nessa identidade percebe-se a vontade de liberdade, a sensualidade, a exposição do corpo. Diferentemente das moças de outrora, das princesas dos contos de fadas, essas mulheres não parecem dependentes de uma união estável e cômoda, não andam suspirando pelo homem idealizado. Na antiguidade, segundo Foucault (2007b, p. 156), o fato de casar-se ou não levava os homens a refletirem sobre as vantagens e desvantagens de se ter uma “esposa legítima e de dotar-se, graças a ela, de uma descendência honrosa, e em troca, preocupações e distúrbios, quando se tem que sustentar a própria mulher, velar pelos filhos, prover as suas necessidades e enfrentar, às vezes, suas doenças e morte [...]”. Na contemporaneidade, muitas vezes, esses papéis se invertem. Tudo isso hoje não representa somente preocupações masculinas, mas femininas, com a diferença de que à mulher nunca foi oferecido dote algum em favor do casamento. A ela cabia assumir todas as responsabilidades junto ao esposo, aos filhos e ao lar. Hoje, essas não são as únicas ocupações que lhes cabem, pois, grande parte das mulheres trabalha fora, têm uma profissão, o que lhes obriga muitas vezes a fazer opções, como não ser mais uma dona-de-casa, não casar e/ou não ter filhos.

Na figura 11, uma propaganda que traz uma releitura do conto de fadas **Rapunzel**, observa-se que a imagem do corpo submisso não está retratando uma mulher, mas um homem. Relembrando a propaganda das calças **Mr. Leggs**, apresentada neste mesmo capítulo, pode-se ver o quanto os conceitos, as atitudes, as relações de poder podem se modificar em quatro décadas. Realmente, parece que o “coração selvagem da tigresa” não era tão fácil de domar assim. Na imagem que se apresenta na figura 11, em vez de uma princesinha frágil, indefesa, à espera de um príncipe encantado, a **Rapunzel** dessa propaganda é uma mulher sensual, feminina e destemida. Mais do que isso, ela mostra-se uma mulher dominadora ao envolver seus cabelos em tranças no homem de seu desejo e prendê-lo embaixo de

um de seus pés. Nessa releitura, não só a mulher comanda a situação, como também o homem assume uma atitude indefesa e submissa. Esse novo príncipe contemporâneo representa uma nova identidade masculina nessa sociedade machista. Pode-se ver o olhar de admiração e encantamento em direção à mulher que o submete as suas vontades. Numa atmosfera medieval - em que as imagens nos transporta ao mundo da magia dos contos de fadas -, os dois demonstram atitudes inovadoras. Seria um momento de revanche? Tudo isso é necessário para se despertar o consumo dos produtos acima, afinal, as mulheres, propensas consumidoras, precisam se identificar com os sujeitos mostrados/criados pela mídia.

Observando esse texto, pode-se averiguar ainda que a memória traz o passado para o presente prevendo o futuro. Isso acontece através dos discursos que circulam e das retomadas aos arquivos da história. Ao se olhar para essa propaganda, percebe-se que não basta prender os cabelos femininos, como se pregava até o século XIX, para afastar o poder da sedução. A imagem mostra que, mesmo presos em tranças, os cabelos tornam-se uma arma poderosa nas mãos de uma mulher. Os mesmos cabelos em tranças que, no conto de fadas, servem para o príncipe escalar a alta torre em busca de sua amada, são utilizados agora para prendê-lo aos seus pés.

No jogo dos sentidos, a mídia tenta negociar com a diferença. Ela mostra uma mulher diferente daquela rotulada pelo machismo persistente por tantos anos em todas as sociedades. É um grito de independência feminina, uma demonstração da emancipação da mulher. E como coloca Foucault (2008a) – numa citação já feita neste trabalho -, nas malhas do poder, os indivíduos estão sempre circulando, exercendo ou sofrendo a ação desse poder. É o que se vê nas propagandas das calças *Mr. Leggs* e das sandálias Melissa. Há uma inversão dos sentidos. Ora a mulher sofre, ora exerce a ação do poder. O que não poderia ser dito há quarenta anos torna-se natural que seja dito/visto agora, pois as condições de produção dos discursos são outras. Mas como esses papéis se inverteram a esse ponto? De que forma as relações de poder entre homem e mulher circularam de forma tão intensa? Foucault (2008a, p.75) vai dizer que “cada luta se desenvolve em torno de um foco particular de poder”. O que explica a luta entre os gêneros pela conquista dos direitos, da liberdade feminina.

Nesse sentido, isto acontece porque, segundo Hall (2006) as identidades, que por muito tempo estabilizaram a esfera social, estão sendo substituídas por novas identidades. O autor (2006, p.07) ainda explica que

a assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

Para Hall, a identidade do sujeito se constrói através dos discursos que circulam na sociedade, sendo então, a identidade, um processo cultural. Daí ele dizer que não há identidades fixas, porque os cenários das sociedades modernas estão em constantes transformações, o que leva o sujeito às mudanças de comportamento e de identidade.

Na década de 70, Martinho da Vila canta a música, de sua composição, **Você não passa de uma mulher**. Na letra da música, através da linguagem, vê-se a condição feminina, apesar das mudanças ocorridas. Uma variedade de identidades, de papéis sociais femininos é mostrada pelo compositor.

Mulher preguiçosa, mulher tão dengosa,
mulher
Você não passa de uma mulher (ah,
mulher)
Mulher tão bacana e cheia de grana,
mulher
Você não passa de uma mulher (ah,
mulher)
Você não passa de uma mulher (ah,
mulher)
Você não passa de uma mulher
Olha que moça bonita,
Olhando pra moça mimosa e faceira,
Olhar dispersivo, anquinhas maneiras,
Um prato feitinho pra garfo e colher
Eu lhe entendo, menina,
Buscando o carinho de um modo qualquer
Porém lhe afirmo, que apesar de tudo,
Você não passa de uma mulher (ah,
mulher)
Você não passa de uma mulher

Olha a moça inteligente,
Que tem no batente o trabalho mental
QI elevado e pós-graduada
Psicanalizada, intelectual
Vive à procura de um mito,
Pois não se adapta a um tipo qualquer
Já fiz seu retrato, apesar do estudo,
Você não passa de uma mulher (viu,
mulher?)
Você não passa de uma mulher (ah,
mulher)
Menina-moça também é mulher (ah,
mulher)
Pra ficar comigo tem que ser mulher (tem,
mulher)
Fazer meu almoço e também meu café
(só mulher)
Não há nada melhor do que uma mulher
(tem, mulher?)
Você não passa de uma mulher (ah,
mulher)

Nos enunciados “*Mulher preguiçosa, mulher tão dengosa*”, “*Mulher tão bacana e cheia de grana*”, “*moça mimosa e faceira, olhar dispersivo, anquinhas*

maneiras”, percebe-se, entre cada uma das mulheres, as diferenças. Porém, um outro enunciado “*você não passa de uma mulher*”, que se repete após a apresentação de cada tipo encontrado, mostra a igualdade para o mundo masculino. Mesmo a citada moça inteligente, psicanalizada, intelectual, a que tem um trabalho mental, para o compositor, “*apesar do estudo*”, ela “*não passa de uma mulher*”. Os adjetivos/ predicativos desse sujeito feminino de nada valem para a sociedade machista ditada na música. Ou seja, diante das colocações, há uma resistência do masculino em assumir esse novo papel feminino. Não adiantar estudar, trabalhar, ter QI elevado, pois para o tipo de homem retratado na música, ela não passa de uma mulher. Há ainda uma provocação quando se enuncia ironicamente “*viu, mulher?*”, no sentido de tentar conscientizá-la de sua condição sexual, de seu gênero. Mas, qual o sentido de ser mulher no enunciado tão repetido, tão retomado através de um refrão musical? A verdadeira mulher seria essa que serve para “*Fazer meu almoço e também meu café*”? Esse é o tipo idealizado pelo homem? Numa sociedade patriarcal, machista, cria-se um estereótipo de papéis sociais que são reafirmados a todo instante, apesar das mudanças, que muitas vezes são mascaradas, invisibilizadas.

A comodidade masculina com os costumes patriarcais fica bem clara nos enunciados acima, afinal, a situação do gênero masculino mostrava-se bastante confortável em relação à mulher. Para que mudar então? A mudança do homem parece ser tão inimaginável que no trecho, “*vive à procura de um mito, pois não se adapta a um tipo qualquer*”, o qual se refere à moça intelectual, pós-graduada, aquela que se acha no direito de escolher, a palavra “mito” parece ter o sentido de uma impossibilidade em encontrar o homem de seus sonhos, que certamente não é esse homem que canta e ressalta uma condição submissa, inferior, do gênero feminino. Essa nova mulher (estudada, pós-graduada, trabalhadora) enfrenta grandes batalhas em seu cotidiano. Se o homem idealizado é um “mito”, como canta Martinho da Vila, será por isso a opção - assumida por tantas mulheres - por não casarem, por viverem sozinhas, independentes, sem a necessidade de acordarem todos os dias e prepararem o café desse homem que canta a submissão do sexo feminino?

Martinho da Vila, ao cantar **Você não passa de uma mulher**, produz sentidos que não representam os seus sentimentos individuais, mas, os sentimentos

de uma época que ainda resistia à emancipação feminina. Como ressalta Kolontai (2009, p.16),

Há 50 anos, considerava-se a participação da mulher na vida econômica como desvio do normal, como infração da ordem natural das coisas. As mentalidades mais avançadas, os próprios socialistas buscavam os meios para que a mulher voltasse ao lar. Hoje em dia, somente os reacionários, encerrados em preconceitos e na mais sombria ignorância, são capazes de repetir essas opiniões abandonadas e ultrapassadas há muito tempo.

Hoje, com a crescente população feminina nas salas de aula e no mundo do trabalho não se pode dizer que, “apesar do estudo, você não passa de uma mulher”. Esse refrão faz lembrar que, segundo Blay (2009, p. 39), “na história brasileira, passaram-se cinco séculos até que a mulher fosse considerada um ser humano”. Os direitos humanos não especificavam a mulher até então, “subentendendo-a sob a denominação ‘homens’ ou ‘seres humanos’, o que, na prática significava ocultá-la” (BLAY, 2009, p.39). Somente no século XX começam a repercutir os reais direitos das mulheres. Mesmo assim, os discursos que diminuía a mulher perante a sociedade continuaram a ser retomados; e esses discursos se repetiam/repetem principalmente por meio da mídia.

Apesar da retomada dos discursos machistas e de sua materialização na mídia, percebem-se as mudanças. Surgem os novos discursos paralelos a essas repetições que aparecem por meio da linguagem verbal ou não-verbal. Isso acontece devido às transformações das identidades femininas e “tal como a linguagem, a tendência da identidade é para a fixação. Entretanto, tal como ocorre com a linguagem, a identidade está sempre escapando. A fixação é uma tendência e, ao mesmo tempo, uma impossibilidade” (SILVA, 2007, p.84). Isto pode ser visto nas imagens a seguir, que retratam dois momentos do mundo feminino, no que se refere ao controle das máquinas criadas *pelo* homem e, provavelmente, *para* o homem.



(Fig. 12: Propaganda Volkswagen, anos 70)



(Fig.13: Revista VEJA, 23 de março de 2011)

Muito antes da década de 70, algumas mulheres já dirigiam um automóvel, porém, o papel de motorista, exercido pela mulher, parece ser um dos que mais recebeu a rejeição do homem. Até hoje, em pleno século XXI, as mulheres são criticadas quando assumem a direção de um carro.

Nas ruas da cidade ou nas estradas do país podem-se ver motoristas de táxi, condutoras de caminhões, *motogirls*, mas o discurso que se repetiu constante e negativamente sobre esse fato, criou uma memória cristalizada de que um veículo motorizado, mais especificamente o carro, ao ser conduzido por uma mulher, oferece perigo constante - no entanto, não é o que dizem as ²²estatísticas ao apontarem que o maior número de acidentes de trânsito envolve homens na direção. Essa memória (a do perigo constante) está bem presente no enunciado criado para uma propaganda da Volkswagen²³ ao mostrar iconicamente um fusca batido, com o

²² Nos dados divulgados pelo DENATRAN, até 2009, é traçado “um perfil dos acidentados no sistema viário brasileiro, no qual prevaleceram os homens (74,2%), jovens (entre 20 a 29 anos), com escolaridade média (até o 2º grau ou médio), solteiros (55,4%), morenos ou pardos (56,5%), e na sua maioria desempregados ou desocupados seguidos por estudantes, motociclistas e ciclistas de entregas rápidas. Os motociclistas constituíram a maior proporção das vítimas (40,1%). Na segunda posição ficaram os pedestres e os ciclistas. Em relação ao consumo de álcool pelos motoristas, a prevalência de alcoolemia positiva entre os acidentados no conjunto de cidades foi de, aproximadamente, 27%. [...] Fortaleza foi a cidade que registrou o maior índice (36,5%) e Brasília o menor (16,3%). Os homens apresentaram prevalência uma vez e meia maior que as mulheres”. Sendo que boa parte das mulheres acidentadas estavam em veículos conduzidos por homens. Disponível em: http://vias-seguras.com/os_acidentes/as_vitimas_de_acidentes_de_transito/o_mundo_desconhecido_das_vitimas_de_acidentes_do_transito/perfil_dos_acidentados_maio_2009. Acesso em 25/03/2012.

²³ Disponível em: <http://propagandasantigas.blogspot.com/> - acesso em 22/10/10.

farol quebrado e a materialidade verbal que diz: *“Mais cedo ou mais tarde sua esposa vai dirigir. Essa é uma das razões para você possuir um Volkswagen”*. Ou seja, ela vai dirigir, vai bater e você não pode ficar no prejuízo, por isso a necessidade de comprar um Volks, que é composto por peças mais baratas e acessíveis na hora da troca. No enunciado percebe-se também, de maneira sutil, uma forma de rendição do homem ao dizer: *“Mais cedo ou mais tarde sua esposa vai dirigir”*, não tem jeito, as mulheres estão mudando, deve-se, então, acompanhar a mudança delas. Os efeitos de sentido que emanam desse enunciado mostram a resistência feminina sobressaindo aos preceitos sociais, na época citada.

Mas, em meio a essas mudanças, a mulher não quis apenas dirigir um carro, ela quis muito mais, ela quis ter o comando de todo e qualquer meio de transporte inventado e conduzido pelo homem. Isto está explícito na matéria da revista *VEJA* (acima), a qual traz como tema os problemas de transportes aéreos do Brasil e a contratação de mais pilotos pelas empresas. A matéria é iniciada com a imagem de uma mulher na cabine do piloto, demonstrando com simpatia e segurança a profissão que exerce. Em menos de 50 anos entre a propaganda da *Volkswagen* e essa matéria de *VEJA* vivenciamos o quanto a mulher não tem limites em sua busca por uma profissão, por um lugar no espaço público. Isto, necessariamente não quer dizer que os preconceitos desapareceram. Esses preconceitos permanecem bem presentes nas mentes das pessoas, inclusive das próprias mulheres, principalmente das mais velhas, que viveram e foram educadas numa época completamente diferente da que vivemos e somos educadas hoje.

Isto pode ser visto em um trecho da matéria que diz:

*Com dezenove anos de carreira, a comandante **MARIA MEDEIROS**, da Azul, trabalhou como comissária de bordo a fim de pagar os estudos e se tornar piloto. Para completar sua capacitação, fez também um curso universitário, no caso, comércio exterior. O fato de ela ser mulher desperta curiosidade entre os passageiros, mas também preconceito. “Certa vez, uma senhora olhou para mim e me mandou voltar para casa e cuidar da minha família”, ela conta. Agora, Maria terá de ficar em casa. Aos 37 anos, está grávida de cinco meses e não pode voar.*

(*VEJA*, 23/03/2011, p.107)

O enunciado *“Certa vez, uma senhora olhou para mim e me mandou voltar para casa e cuidar da minha família”* retrata a condição em que a mulher esteve limitada por muito tempo: ficar em casa e cuidar da família. Não é de surpreender que uma senhora tenha falado isto, pois era assim que a mulher era educada e,

certamente, essa foi a condição vivida pela senhora que exteriorizou, por meio da linguagem, seu pensamento. Por outro lado, outras senhoras, educadas na mesma época, podem estar satisfeitas com essas mudanças, pois o sujeito, como o ser disperso e múltiplo que é, assume diferentes posições em diferentes momentos de sua vida.

Para Maria Medeiros, o fato de estar grávida e não poder voar por um determinado tempo mostra as condições biológicas que não podem ser modificadas; e mostra também que a mulher, mesmo se realizando profissionalmente, continua assumindo seu papel de reprodutora, continua constituindo família, desejando ser mãe, mesmo que isto implique em desvantagens profissionais em relação ao homem, que não precisa parar sua vida profissional porque vai ser pai.

Esse é um exemplo do quanto os estudos podem ser importantes para a mulher - que foi privada dos conhecimentos por tanto tempo -, pois foi estudando que Maria Medeiros chegou à condição de piloto de avião e pôde ser incluída no espaço almejado por ela, pôde assumir a profissão tão desejada. E esse fato não impede que ela assuma o primeiro e mais antigo papel designado à mulher: o papel de “mãe”. Essa contradição, segundo Coracini (2007, p.88), “constitui o núcleo mesmo da subjetividade feminina, de modo que é impossível falar da mulher sem se referir à heterogeneidade que a constitui cada vez mais forte”.

Esses novos modos de viver só é possível hoje por causa das lutas do passado. Foram os movimentos já relatados aqui, neste trabalho, que deram condições para se criar uma nova mulher, para se constituir as novas identidades sociais. Essas são as mudanças que ocorrem e fazem parte do cotidiano desses novos sujeitos, os quais assumem sua dispersão e sua fragmentação na liquidez da contemporaneidade.

Essas mudanças incluem a busca da liberdade, da independência, e essa busca está focada no trabalho feminino, principalmente nos casos em que falta, à mulher, o provedor da casa e dos filhos. É pelo trabalho que a mulher começa a adquirir independência financeira e obtém as rédeas da própria vida.

O mundo do trabalho, inclusive do trabalho feminino, e as dificuldades enfrentadas pelas mulheres, nesse setor, será discutido no próximo capítulo.

3 A MULHER E O MUNDO DO TRABALHO: MEMÓRIA, MÍDIA E PRODUÇÃO DE SENTIDOS

Entender as proibições é também compreender a força das resistências e a maneira de contorná-las ou de subvertê-las. As frentes de luta das mulheres, suas tentativas de atravessar os limiares muitas vezes provocam a violenta reação dos homens. Mas existem também outros tipos de relações – de aliança, de cumplicidade, de amizade e de amor. Trata-se menos de guerras do que de escaramuças, menos de frentes do que de linhas quebradas ou deslocadas. Assim as fronteiras que limitam a vida das mulheres, atribuindo-lhes mais um destino do que uma sina, movem-se ao longo do tempo.

(PERROT, 1998, p.91)

Para começar este capítulo, são lembradas aqui as palavras de Diniz (2004, p.07) quando diz que “de todas as sentenças bíblicas, nenhuma se cumpriu com tanta intensidade e amplitude na sociedade moderna capitalista como a da condenação do homem a ganhar o pão nosso de cada dia com o labor do corpo e o trabalho das mãos”. Quando se fala aqui em “homem” inclui-se também a mulher, é claro, pois, diferentemente dessa sentença bíblica, já comentada nesta Tese, o trabalho não se restringe mais tão somente ao gênero masculino, mas envolve hoje todo e qualquer ser humano, independente de seu sexo. Fala-se sobre isto sem deixar esquecer que a inclusão da mulher no trabalho - principalmente da mulher casada e de classe média - remunerado, fora de casa, não veio de forma fácil, muito pelo contrário.

Como sujeito da resistência, essa mulher não se conformou com o espaço limitado que lhe foi oferecido e, lutando contra preconceitos, discriminações e toda ordem de impedimentos, foi em busca de um lugar no espaço público: o do trabalho. A entrada da mulher no mercado de trabalho vem demonstrar as competências e habilidades desse gênero em profissões ditas, por muito tempo, como masculinas e proibidas às mulheres. Mas, essas mudanças só se tornam possíveis à medida que as mulheres começam a ocupar os bancos escolares, as cadeiras universitárias, na luta para adquirir conhecimentos.

Como relata Bourdieu (2010, p.107),

de todos os fatores de mudança, os mais importantes são os que estão relacionados com a transformação decisiva da função da instituição escolar na reprodução da diferença entre os gêneros, tais como o aumento do acesso das mulheres à instrução e, correlativamente, à independência econômica e à transformação das estruturas familiares.

Adquirindo instrução através dos estudos nas salas de aula e sendo inserida no mercado de trabalho, a mulher provoca, conseqüentemente, uma “feminização” das profissões. “*O direito ao saber*, não somente à educação, mas à instrução, é certamente a mais antiga, a mais constante, a mais largamente compartilhada das reivindicações. Porque ele comanda tudo: a emancipação, a promoção, o trabalho, a criação, o prazer” (PERROT, 2007, p.159). O que antes se dizia ser trabalho de homem, começa a fazer parte também do cotidiano da mulher. Mas, como aconteceu essa passagem do lar ao trabalho no setor público? De que forma começam a ser colocadas em prática as teorias presentes nas reivindicações dos movimentos das mulheres?

Neste capítulo será visto, através dos movimentos da memória, os discursos que narram a história do trabalho para os homens e para as mulheres; como elas participam da guerra, trabalhando como homem; como se dá a divisão sexual/social do trabalho; como conseguem, forçosamente, a inserção nas universidades e no mercado de trabalho; quais lugares conseguem ocupar, hoje, no espaço social e como lidam com o espaço privado que sempre foi seu - mas que agora passa a fazer parte também do universo masculino.

Tudo isso aparece de forma mais concreta nos textos que circulam/circularam pela mídia, os quais registram e imortalizam esses momentos tão importantes para se conhecer a história da mulher no mundo do trabalho.

3.1 HISTÓRIA E MEMÓRIA SOBRE O TRABALHO FEMININO: TEMPOS DE GUERRA

O desempenho feminino na substituição dos homens nas fábricas, durante a Segunda Guerra mundial, e as ações dos movimentos feministas começam a trazer para a mulher um novo espaço: o do trabalho.

A industrialização é uma das grandes responsáveis por levar a mulher ao espaço público, ao espaço do trabalho - fora de casa e remunerado. A partir da

industrialização, muitas mulheres exercem a função de operária nas fábricas. Porém, após o enlace matrimonial, a maioria delas acaba por abandonar o emprego que, além de ser mal remunerado, representa longas jornadas, ficando, pois, muito difícil conciliar o trabalho e os cuidados com o lar, marido e filhos.

Para se compreender como a mulher consegue transpor os limites que lhes são oferecidos, é interessante investigar como essa história é contada ou documentada.

O mundo do trabalho para as mulheres, pode-se dizer que começou, de forma já representativa, durante a Primeira Guerra mundial (QUÉTEL, 2009). Elas substituíam os homens que estavam em campos de batalha.

De acordo com a pesquisa de Quéтел (2009, p.78),

na Alemanha o número de operárias tinha passado de 1,4 milhão a mais de 2,1 milhões. Na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, o número de mulheres nas fábricas havia dobrado. Numa França mais rural e mais tradicional, elas eram, assim mesmo, 363 mil, ou seja, 25% do total dos trabalhadores em fábricas. Era pouco menos do que na Alemanha, mas suficientemente revolucionário para levar o general Joffre a dizer, certamente em tom de brincadeira: “Se as mulheres que trabalham nas fábricas parassem 20 minutos, a França perderia a guerra”.

A força feminina já entrava em ação a ponto de despertar o interesse e os comentários de um general. Mas, o fluxo de mulheres no mundo do trabalho não parou por aí. Esses números foram totalmente superados no período da Segunda Guerra mundial. Numa época em que faltavam homens no mercado de trabalho, restava a contratação da mão de obra feminina.



(Fig. 14: Em Berlim, voluntária substitui carteiro)



(Fig.15: manutenção de frota num depósito militar-Grã-Bretanha)



(Fig16:Rosies na construção de um navio - EUA, 1942)

Nas ²⁴imagens acima, registram-se alguns dos lugares ocupados pela mulher na guerra. Porém, havia um dilema: Como conciliar a ideologia da mãe cuidadora do lar, da reprodutora da espécie humana, com a lógica da guerra, que necessitava das mulheres para seu aparato de produção? Não havia outra alternativa, as mulheres iriam substituir os homens em seu trabalho operário. No entanto, os salários eram consideravelmente baixos e a mão de obra feminina qualificada valia menos do que a mão de obra masculina sem qualificação. As promoções eram proibidas às mulheres porque não poderiam ferir o moral masculino nem estimular a rivalidade entre os gêneros (QUÉTEL, 2009). As condições de trabalho não eram boas e as jornadas muito longas (No Brasil, essas jornadas se estendiam entre 14 e 16 horas de trabalho diário).

Na Alemanha, mesmo em época de guerra, o homem permanece o chefe de família e a mulher continua a se dedicar ao lar. Os dirigentes nazistas decidem a vida do povo alemão. Com os baixos salários, as mulheres dos soldados alemães preferem ficar em casa e viver de uma magra contribuição militar a trabalhar duro nas fábricas e nos campos. Por causa disso, em 1943, há uma fuga das mulheres alemãs do recrutamento ao trabalho. Em 1944, com o envio de 2 milhões de operários alemães para a guerra, há a necessidade urgente de substituí-los no trabalho. Essa substituição inclui 1,2 milhão de trabalhadores estrangeiros e somente 100 mil mulheres alemãs. A mão de obra estrangeira continua a crescer, passa de 1,2 milhão para 7,6 milhões, com 1,5 milhão de mulheres na ativa.

O *Reich* (RAD – Serviço Nacional do Trabalho), entre 1935 e 1941, se estende às jovens alemãs de 20 anos, tornando obrigatório o trabalho feminino. As jovens são consideradas mais disciplinadas e dóceis, portanto, mais fáceis de manipular. Sobre essas jovens o regime nazista exercia um disciplinamento rígido e intensivo, assim, elas tornavam-se úteis aos projetos nazistas. Com a pesada jornada de trabalho no período de guerra e as poucas horas livres que tinham – especificamente para frequentarem a igreja, católica ou protestante -, era esquecido o desejo de constituição familiar. E, por isso, no ano de 1944, no terceiro *Reich* dirigido às jovens alemãs, o médico pessoal de Adolf Hitler se opõe formalmente com a seguinte colocação: “Se não quisermos continuar diminuindo o número de

²⁴ As várias imagens utilizadas neste tópico da Tese, as quais mostram mulheres trabalhando durante o período de guerra, estão disponíveis em Quéтел (2009).

mulheres desejosas e capazes de gerar filhos, não devemos em nenhum caso pensar numa prorrogação do período do Serviço Nacional do Trabalho” (QUÉTEL, 2009, p.79).

Havia a preocupação, por parte da medicina, com a procriação da raça. Por sua vez, o exército percebia que entre as jovens trabalhadoras, muitas poderiam ser levadas para serviços auxiliares de guerra, sendo de grande utilidade. As jovens, recrutadas para esse trabalho, se dedicavam de 72 a 84 horas semanais e eram empregadas nos hospitais, nos transportes militares, nas fábricas de peças de guerra ou de munição. Havia nesse tipo de trabalho uma severa disciplina.

No Japão, durante esse período, milhares de mulheres são levadas das áreas rurais para as fábricas nos centros urbanos. Elas recebiam menos da metade dos salários dos homens e tinham somente um dia de folga por mês. Em 1942, as japonesas passam a ser enviadas para trabalharem em minas profundas, trabalho que só era feito por homens. Este não é, definitivamente, um período de conservar tradições, mas de procurar por trabalho braçal, seja de homem ou de mulher.

Na França, em 1940, com a derrota na guerra e o fechamento de muitas fábricas, as mulheres são mandadas de volta ao lar. A contratação de mulheres casadas é proibida, o que leva a várias manifestações das francesas. Porém, a partir de 1941, devido à redução do desemprego e da falta de qualificação de pessoal, é preciso recontratar as mulheres.

Com o prolongamento da guerra e com as exigências dos alemães em ter mão de obra enviada ao seu país, a França decreta a volta das mulheres ao trabalho. As solteiras, junto aos homens, são incentivadas a irem trabalhar na Alemanha, que supostamente lhes pagaria melhores salários. Além disso, com a ida das mulheres para a Alemanha, prisioneiros de guerra seriam libertados. Aos alemães, nada melhor que isso, pois “não podendo fazer trabalhar suas próprias mulheres nas fábricas alemãs, vêem com bons olhos não somente a mão de obra estrangeira masculina, mas também a mão de obra feminina, reputada mais dócil, mais correta e mais trabalhadora” (QUÉTEL, 2009, p.81). Mais uma vez se valorizava a docilidade dos corpos, que estava extremamente ligada à mulher. Mas junto à docilidade, vinha também a dedicação ao trabalho feito de forma mais cuidadosa. E isto era muito valorizado pelos alemães.

Com esse retorno ao trabalho, as jovens francesas estavam pouco preocupadas em casar e ter filhos, em um tempo tão conturbado quanto aquele.

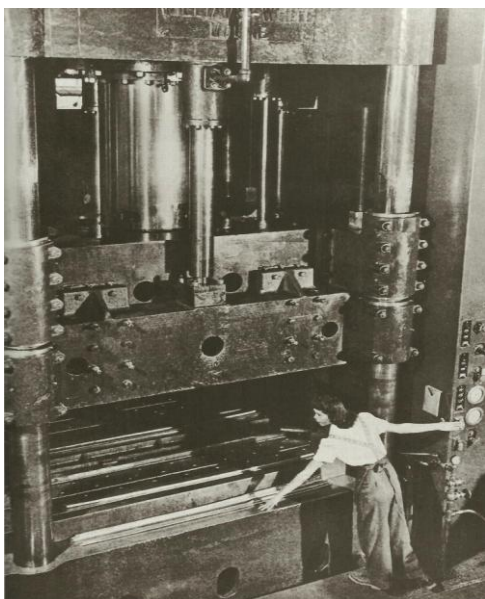
Na Bélgica não havia muitas divergências do que acontecia na França. Com a derrota na guerra, este país tem seu território ocupado pelos alemães, interessados na agricultura, nas minas e na metalúrgica do país. Nesse meio tempo, as mulheres voltam ao trabalho. Mas, a obrigatoriedade destinada a elas gera uma grande onda de protestos e resistência. A idade mínima para o trabalho obrigatório sobe de 21 para 25 anos, porém, isso não impede de, diferentemente da França, a Bélgica defender suas jovens mulheres.

Na Grã-Bretanha, antes da guerra, como em quase todas as partes do mundo, é o marido quem leva o dinheiro para o sustento da casa, mas com a guerra mobilizando 5,5 milhões de seus homens, o país precisa apelar para o trabalho das mulheres, evitando que a produção caia demasiadamente.

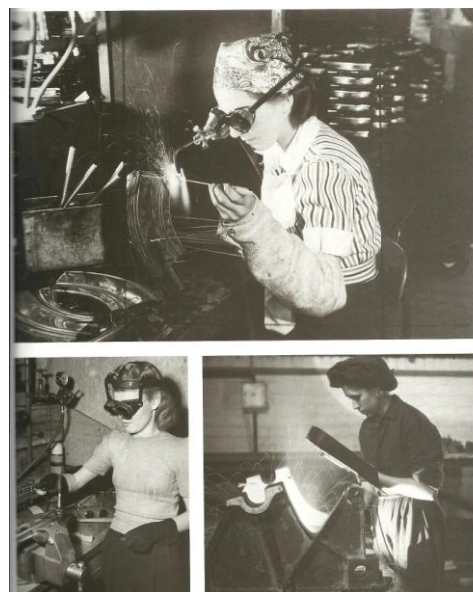
Os britânicos foram os primeiros a compreenderem as mudanças necessárias para um maior “esforço de guerra”. Em janeiro de 1940, “Auxiliares Femininas dos Transportes Aéreos” se encarregam da saída de um avião de fábrica, o que levantou protestos de opinião pública e incompreensão para o fato de que essas mulheres poderiam tomar o lugar de um homem. Uma reação pública que durou pouco, pois foi preciso entender que a mobilização do país precisava passar pelas mãos das mulheres (QUÉTEL, 2009).

Em abril de 1941, devido ao pouco número de voluntários ao trabalho, o governo institui que se recrutem mulheres, de início, as solteiras entre 20 e 30 anos. Mais tarde, esse recrutamento se estende às que estão entre 18 e 45 anos de idade, depois a idade máxima passa a 50 anos, mas somente para aquelas que não têm filhos menores de 14 anos. Cada vez mais as mulheres tornavam-se necessárias ao desenvolvimento e sustento do país.

Em 1942, são 769 mil mulheres britânicas trabalhando. Usando uniforme de auxiliares do exército, elas assumem trabalhos perigosos, como nas fábricas de armamento e de munição que, constantemente, eram bombardeadas pelos inimigos. Um jornalista, ao visitar uma dessas fábricas, declara: “As mulheres operavam máquinas de todos os tipos, da mais potente à mais delicada. Mesmo as imensas guias rolantes movendo-se bem acima das cabeças eram acionadas por mulheres jovens” (QUÉTEL, 2009, pp.83-84).



(Fig.17: operária americana em uma prensa hidráulica)



(Fig.18: soldadora canadense 1945- Rosie americana - soldadora britânica)

Nessa época, as revistas femininas já se envolviam com essa temática quando traziam, em suas capas, mulheres impecavelmente maquiadas tentando consertar uma máquina. A mídia estrangeira já construía um estereótipo de “mulher na guerra”, sem perder de vista o cuidado com a aparência, que sempre foi imposto à mulher. Afinal, é preciso disciplinar os corpos, e a mídia, seja pela linguagem verbal ou imagética, consegue chegar até os sujeitos sociais invadindo, de uma certa forma, sua vida privada ou pública.

Mesmo que a presença das mulheres na guerra tenha provocado algumas melhorias no trabalho, além da criação de creches e o aumento das produções fabris, os seus salários eram sempre inferiores aos dos homens.

Em 1943, com meio milhão de mulheres acima dos 50 anos trabalhando na indústria, é estabelecida a lei de 50 horas de trabalho semanal. Isso não impede as greves e os protestos, pois já se despertava para a consciência sindical. Com os protestos, as revolucionárias conseguiram banheiros, lavatórios, abrigos antiaéreos, sala para descanso e melhorias em suas vestimentas de trabalho.

As mulheres britânicas engajaram-se no trabalho desde a primeira guerra e conseguiram obter resultados consideráveis em sua produção, o que diminuiu a importação de alimentos pelo país.

Os homens não gostavam de ver suas mulheres no campo de trabalho, principalmente aqueles que retornavam no final do dia para casa e não as

encontravam no aconchego do lar, esperando-os com o alimento pronto, roupa lavada e a casa organizada. Além dos ciúmes que surgiam devido a essa nova situação, havia também toda uma rotina doméstica desconhecida por eles, mas que era preciso ser executada.

O Canadá, ao entrar na guerra, na mesma época que a Grã-Bretanha, também não se fez de rogado em utilizar a mão de obra feminina na base do voluntariado. A indústria cresce nesse país, principalmente nos setores de armas, munições e meios de transportes. Com o crescimento da produção passando do índice de 48,7 a 106,1, entre 1939 e 1945, as jovens não poderiam ficar fora dessa produção, pois a mão de obra era necessária, o trabalho não poderia parar.

Ao chegarem às fábricas, essas moças, de apenas 17 ou 18 anos, não passam muita credibilidade aos seus superiores, que acham o serviço muito pesado para jovens tão delicadas. No entanto, logo se tranquilizam, pois as mulheres, “além de uma motivação exemplar, se mostram mais constantes e minuciosas que os homens. É o caso especialmente nas fábricas de munições, onde é necessário dar provas de grande precisão” (QUÉTEL, 2009, p.85). Dezesseis mil aviões são produzidos nessa época, com a ajuda das mulheres. A mão de obra feminina na indústria aeronáutica já é de 30%. O serviço é duro, mas é enfrentado com grande resignação. Muitas das jovens conseguem, depois de um certo tempo na indústria, passarem a auxiliares do Exército, Marinha ou Aeronáutica. Nessa época também há o despertar político. Toma-se consciência da exploração no trabalho e começam as lutas por melhorias, principalmente dos salários.



(Fig.19: operárias transportando asa de avião – 1939)



(Fig.20: operárias em uma fábrica de armamentos-1940)

Quétel (2009, p.85), ressalta que “as mulheres continuavam a serem vítimas de seu sexo”. Na voz de uma dessas mulheres aparece o seguinte discurso:

Os homens ganhavam sempre mais do que as mulheres, mesmo quando desenvolviam trabalho idêntico. Era uma realidade da existência que na época era aceita. Nós, as mulheres, estávamos tão agradecidas por poder simplesmente ganhar dinheiro que ninguém se queixava. (QUÉTEL, 2009, pp.85-86)

Esta era uma realidade vivenciada pelas mulheres. No início há o conformismo com o que se pode ter e a vontade de trabalhar, depois vem o reconhecimento de sua importância no mundo do trabalho, o que as levam a começarem uma luta que dura até os dias de hoje: a questão salarial. Mas, se a eficiência é igual, por que o salário chega, às vezes, a ser tão desigual? Mill (1996, p.452) diz que a única explicação para esse fator

é o costume, e este, fundado em preconceito, ou na presente estrutura da sociedade, a qual, por fazer de cada mulher (socialmente falando) um apêndice do homem, possibilita aos homens apossar-se sistematicamente da parte do leão em tudo o que pertence aos dois.

Além das questões discutidas pelo autor, como o costume e o preconceito, há outras formas de rebaixar os salários das mulheres: quando as ocupações que lhes são oferecidas, muitas vezes são as de menor remuneração. O que se observa é que, mesmo com tantas mudanças sociais e com as leis criadas para fortalecerem as melhorias trabalhistas e salariais, ainda não se conseguiu alcançar todas as metas traçadas.

Quanto aos campos de batalha, na Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos são os últimos a entrarem, mas compreendem cedo que, antes de se ganhar as lutas travadas nos campos, é preciso ganhar a luta nas produções. A indústria bélica precisava, então, das mulheres, já que os homens se ausentariam para a guerra. É assim que, nesse país, em 1944, já existiam 4 milhões de mulheres nas fábricas de guerra, trabalhando como os homens.

A mídia da época, que se apresentava muito mais em forma de panfletos e cartazes espalhados pelas ruas - como em todos os países já citados -,

incentivavam as mulheres ao trabalho. Há um cartaz, criado em 1942, que se tornou célebre e é veiculado até hoje.



(Fig. 21: Cartaz de Guerra: *We can do it!*)

No cartaz²⁵ acima aparece uma jovem de macacão azul, turbante na cabeça e uma manga arregaçada mostrando um braço musculoso. Esta imagem simbolizava a força da mulher e o esforço de cada uma delas no trabalho duro das fábricas, durante a Segunda Guerra Mundial. A mulher dessa imagem parece olhar nos olhos de quem a vê e ainda diz “*We can do it!*” (Nós podemos fazê-lo!). A força da mulher é representada na propaganda de guerra. Na imagem, há uma transformação do corpo feminino, que era tido como frágil, para um corpo forte, decidido, necessário.

Nesse sentido, Gregolin (2008, p.31), considera que “as transformações técnicas dos meios áudio-visuais serão responsáveis pelas mutações nas imagens do corpo e, conseqüentemente, nas representações dos sujeitos”. Em seus trabalhos, Courtine (apud GREGOLIN, 2008, p.31) propõe uma escrita do corpo “a partir das mutações do olhar que se lançou sobre ele”. Pode-se dizer, então, que há uma semiologia histórica que descreve e explica as materialidades discursivas, os

²⁵ O cartaz *We can do it!*, criado pelo artista gráfico americano J. Howard Millerem, em 1942, é um dos mais conhecidos cartazes de guerra. Disponível em: <http://ritafermartins.blogspot.com/2011/03/big-girls.html> - acesso em 20/03/2011.

enunciados que se apresentam pelas imagens. E é a partir dos estudos sobre os enunciados imagéticos que se deriva a noção de intericonicidade, desenvolvida por Courtine (2005).

Os cartazes lançados, na época da guerra, tinham o objetivo de resgatar as mulheres para o trabalho, mas, como não poderia deixar de ser, o humor também aparecia. Quérel (2009) cita o exemplo de uma caricatura em que uma operária com uma das mãos solda o casco de um navio, com o outro braço segura um bebê e enquanto isso uma criança pequena brinca em suas pernas. Já se previa o acúmulo de papéis que a mulher exerceria dali para frente. Os americanos sugeriam as suas jovens, através da mídia, o espírito de aventura e a emancipação, mas silenciava a questão salarial e a divisão do trabalho doméstico.

Um ponto fraco nesse país tão liberal é a criação de creches: há apenas uma para cada dez creches existentes na Alemanha. Mas, com o apoio da primeira dama Eleanor Roosevelt, que faz um apelo político para ajudar as mulheres casadas com filhos pequenos, a situação começa a se modificar e fundos federais são liberados mais rapidamente para os jardins de infância.

Sendo constatada a produtividade feminina no trabalho - muitas vezes, superior à produtividade masculina - os cuidados com os materiais de trabalho que se danificavam menos nas mãos das mulheres, a sua habilidade, o menor número de acidentes em relação ao sexo oposto, outros fatores começam a melhorar para elas. Os patrões começam a depositar maior confiança nessa classe de trabalhadoras e a designar-lhes mais responsabilidades. Essa é uma pequena fresta do mundo masculino que foi aberta às mulheres. Elas compreendem que, sem a guerra, nada disso seria possível, e o que fazem é mergulhar nesse novo mundo cheio de possibilidades.

Na URSS, a mulher já adquirira, desde 1918, o direito ao voto, ao aborto livre, ao divórcio e ao ingresso nas universidades. Mas, o Código da Família, de 1936, pouco antes da Segunda Guerra, passa a proibir o aborto e a dificultar o divórcio, porém, uma mulher casada e mãe de família pode e deve trabalhar fora de casa, o que ainda não era bem visto pelos outros países. No Brasil, então, essa realidade estava longe de se concretizar.

Quérel (2009, p.88) relata que um cartaz de 1939, que circulou pela URSS, mostra a imagem de uma operária vivenciando dois planos: de um lado se vê uma

creche onde as crianças fazem educação física, de outro se vê uma fábrica de fiação. E no enunciado verbal pode-se ler: “*O grande desenvolvimento das creches, jardins de infância, cantinas e lavanderias assegurará a participação da mulher na construção socialista*”. A mídia divulgava um discurso de incentivo ao trabalho feminino já induzindo à criação dessa nova mulher no imaginário social. Apesar dos postos subalternos e dos salários também inferiores aos dos homens, há um incentivo para que a mulher não se prenda somente à reprodução, mas também à produção de um país. As creches, cantinas, lavanderias, foram criados para assumirem parte dos trabalhos domésticos e amenizarem a dupla jornada dessas mulheres, satisfazendo-as em suas necessidades e levando-as a trabalhar de maneira mais produtiva e satisfatória. Essa foi a União Soviética encontrada por Hitler em 1941.

Porém, a produção feminina não parou por aí. Em 1942, as mulheres contavam 52% na Indústria, na Agricultura eram 71%. O número de condutoras de máquinas agrícolas – trabalho antes destinados aos homens – entre 1941 e 1943, é multiplicado por três. Há poucos testemunhos dessas mulheres trabalhadoras, mas, através das cartas publicadas pelo jornal **Pravda**, em tempos de guerra, percebe-se a elevada moral das mulheres soviéticas que souberam enfrentar o trabalho como ninguém, na grande luta contra o invasor nazista.



(Fig.21: membro da *Women's Land Army* lavra campo com seu trator)



(Fig.22: jovens britânicas cultivando legumes e cuidando de seus bebês)

No Brasil, a posição da mulher no mercado industrial, nessa época, não era muito diferente de outros países. Com os homens sendo recrutados para os campos de batalha, as fábricas buscavam a mão de obra feminina. As mulheres começavam a operar as máquinas e a ter uma jornada de trabalho tão pesada quanto a dos homens.

Além de substituírem os homens nas fábricas, as brasileiras tinham como opção seguirem para os campos de batalha, como enfermeiras, para ajudar aos feridos. Como o número de enfermeiras aptas a esses serviços era muito pequeno, foram abertas escolas de enfermagem com cursos que, pela urgência do tempo, duravam apenas um ano. Também havia os cursos para voluntárias socorristas, com duração de apenas três meses. As brasileiras eram enviadas, então, para os campos de batalha e, mesmo entrando na guerra dois anos depois das americanas, trabalhavam à altura de suas colegas estrangeiras, em coragem e determinação. Era uma janela que se abria para a vida no espaço público.

No entanto, no período pós-guerra, com a volta dos homens aos seus lugares de origem, as mulheres são mandadas de volta ao lar e aos seus afazeres domésticos. Há uma regressão para os conceitos que veem a mulher como um sexo frágil, que precisa ser cuidada e protegida. Exalta-se o papel de mãe, da mulher reprodutora, que não pode deixar de perpetuar a espécie. Aumentam-se as proibições, principalmente para as mulheres casadas, que devem se submeter aos seus maridos e exercer os cuidados com a família e com a casa.

Entre os anos 40 e 50 a vigilância sobre as mulheres só aumenta. A partir dos anos 60, os movimentos feministas passam a ter maior visibilidade e a concretizarem objetivos na luta pela emancipação feminina. Direitos são conquistados, mas ainda há, entre outras coisas, uma grande luta quanto à questão salarial, à jornada de trabalho flexível e à divisão dos trabalhos domésticos dentro do lar. Por isso, lembram-se aqui as palavras de Foucault (1999, p.60), quando ele diz que

temos de redescobrir a guerra. Por quê? Pois bem, porque essa guerra antiga é uma guerra [...] permanente. Temos, de fato, de ser os eruditos das batalhas, porque a guerra não terminou, as batalhas decisivas ainda estão se preparando, a própria batalha decisiva, temos de vencê-la. Isto quer dizer que os inimigos que estão à nossa frente continuam a ameaçar-nos, e não poderemos chegar ao termo da

guerra por algo como uma reconciliação ou uma pacificação, mas somente na medida em que formos efetivamente vencedores.

Retomamos o que diz Foucault para esclarecer que a Segunda Guerra Mundial acabou, mas a guerra do dia a dia, dos afazeres cotidianos, da busca por melhorias continua. As batalhas decisivas ainda estão acontecendo diariamente na vida de cada sujeito trabalhador, inclusive das mulheres. E essas sim, vencedoras de tantas batalhas passadas, ainda precisam enfrentar com coragem e determinação a grande guerra pela igualdade de gêneros, pela permanência no lugar já conquistado e pelos tantos direitos que ainda se tem para buscar.

3.2 A MULHER E O TRABALHO DOMÉSTICO

Mesmo com as chamadas evoluções igualitárias, o trabalho doméstico continua a fazer parte das responsabilidades femininas, continua a não ser compartilhado com os homens, pois, de forma alguma, este é um lugar almejado por eles. Com o surgimento das utilidades domésticas - como, por exemplo, o aspirador de pó - as mulheres tornam-se alvo do consumo nos salões de utilidades domésticas, onde se vende de tudo que, supostamente, ajudaria nos serviços de casa. E essa mulher dona-de-casa, aparece no imaginário social, criado pelo universo publicitário, como uma mulher sofisticada, elegante, que desliza pela sala ao passar o aspirador de pó, e que gerencia sua cozinha, orgulhosa, ao manusear suas modernas panelas. É o poder discursivo da mídia agindo sobre a sociedade.

O que não é dito é que esses aparelhos, em sua maioria, são barulhentos, pesados, exigem uma postura cansativa, como é o caso do forno do fogão, o qual fica a uma altura muito baixa forçando a coluna de quem o manuseia, ou dos armários, que ficam muito altos em relação à estatura média das mulheres. Ninguém fala no desconforto dessas tarefas “do lar”, como subir vários lances de uma escada com uma criança de colo e sacolas de compras. Muito menos dos problemas de saúde que essas tarefas podem causar, como alergias, dores lombares, entre outras. O que interessa dizer é que a mulher pode e deve cuidar dos afazeres domésticos e que ela pode ter vários ajudantes eletrônicos, como será visto na publicidade logo adiante.

O exemplo das incessantes retomadas ao discurso cristalizado sobre a mulher dona de casa será visto aqui, em algumas propagandas, veiculadas com 50 anos de diferença entre algumas delas: duas da década de 50, uma da década de 60 e outra apresentada em 2011.

A imagem de uma mulher com aparência bem cuidada, bem arrumada, enquanto limpa a casa, está bem à mostra nas propagandas abaixo, que divulgam as Vitaminas PEP, os produtos WALITA, os eletrodomésticos ARNO e a TV por assinatura SKY. Esta última trazendo como protagonista a übermodel Gisele Bündchen.



(Fig. 24: Vitaminas PEP - Anos 50)



(Fig. 25: Eletrodomésticos WALITA – Anos 50)



(Fig. 26: Eletrodomésticos ARNO - Revista O Cruzeiro, outubro de 1963)



(Fig. 27: Propaganda da SKY – ISTOÉ Gente, 28 de fevereiro de 2011)

Se se observar cada quadro acima, podem-se perceber as regularidades mostradas em cada uma das propagandas. Todas as modelos, que representam a dona de casa em questão, estão bem maquiadas e calçam sapatos altos que lhes dão um certo ar de elegância. Será que esse imaginário chega ao real das mulheres que estão em suas casas com a vassoura na mão, suando ao fazer a faxina?

Um outro ponto bastante comum, com exceção da figura 26 é a presença do velho companheiro de labuta doméstica: o avental. Essa peça traz o sentido da manutenção da limpeza no corpo daquela que trabalha, pois ele protege suas vestimentas da gordura do fogão, da farinha de trigo usada no bolo, da água que respinga ao lavar as louças ou as roupas. Poderia se dizer que o avental é uma segunda pele da dona de casa.

Mas, pergunta-se aqui: “De onde vem tanta energia para tantos trabalhos seguidos?” A figura de número 24, uma propaganda americana, responde: “Das vitaminas PEP”. É isso que a esposa responde ao marido quando este lhe pergunta carinhosamente como faz para trabalhar tanto e permanecer tão bonita. Nessa propaganda, há uma sutileza que disfarça a tentativa de colocar a mulher em seu lugar. Em um período pós-guerra, é preciso desacostumar a mulher dos serviços fora de casa e deixá-la mais feliz com as tarefas que precisa - para conforto do homem - executar dentro de casa. E se ela, em sua delicadeza e fragilidade, não tem forças para tal, as vitaminas PEP resolvem o problema. Observa-se nesse texto publicitário a ação da sociedade disciplinar, a qual tenta resgatar e demarcar o lugar já ocupado pela mulher. Interessa à mídia da época mostrar que o trabalho doméstico pode ser satisfatório à medida que faz uma família feliz. Há uma memória que entrelaça os fios do passado quando, na imagem, a mulher executa as atividades do lar sem reclamações e demonstra contentamento por estar agradando ao marido. Porém, esse trabalho não deve ser executado de qualquer forma, mas, de maneira saudável, equilibrada, o que representa uma ação do biopoder, conduzida pela mídia ao incentivar o consumo das vitaminas em questão. A mulher deve ter energia, disposição para administrar bem o seu lar, e essa energia, essa disposição só se consegue por meio do uso das Vitaminas PEP, que tornam a dona de casa mais cheia de saúde e de energia, o que, consequentemente, deixa o seu marido mais feliz.

Pode-se considerar que há uma manipulação da memória para levar ao imaginário social uma verdade criada na/pela mídia. E nessa manipulação, percebe-se a “coerção silenciosa exercida sobre os costumes numa sociedade tradicional” (RICOEUR, 2007, p.96). E tradicionalmente, o costume é que a esposa deve cuidar de sua casa, de sua família, satisfazendo a todos que dependem de seus cuidados.

Na propaganda dos produtos WALITA (Fig.25), pode-se observar com maior riqueza de detalhes a quantidade de serviços domésticos que são executados pela mulher em seu dia a dia, dentro do lar. Quadro a quadro, a WALITA mostra vários de seus produtos sendo utilizados pela dona de casa.

Em um dos quadros acima, a mãe é observada pela filha pequena, enquanto prepara um bolo utilizando a batedeira WALITA. Logo depois, com um outro eletrodoméstico, o liquidificador, essa mesma mãe prepara uma vitamina sob o olhar atencioso de seu outro filho. A função de cuidadora do lar é bem presente nesta propaganda. Afinal, não é a mãe a responsável por alimentar seus filhos? Mas os trabalhos não param por aí. Há muito mais a se fazer. As roupas precisam ser passadas, e o ferro WALITA está ao seu lado para lhe ajudar - o que ninguém repara é no peso do ferro, que talvez seja mais leve que os antigos ferros à brasa, mas que, devido ao movimento repetitivo, pode causar lesões musculares. As cortinas precisam ser aspiradas, mas seu amigo aspirador WALITA fará isso por você, desde que você segure-o e movimente o braço, é claro. O assoalho precisa ser encerado, e a enceradeira WALITA está lá para te ajudar. Pensa que acabou? De jeito nenhum. A máquina de costura WALITA espera por você, dona de casa, para coser as roupas das crianças, do marido, da vovó, da sogrinha... Finalmente, depois de toda essa trabalheira, no último quadro, um pouco de lazer, que ninguém é de ferro. Sentada, feliz, em uma poltrona, a dona de casa lê calmamente uma revista e usufrui do conforto de se ter um ventilador WALITA proporcionando-lhe um agradável frescor. Em todos esses quadros há um discurso que mostra a eficiência dos produtos à venda. Esses eletrodomésticos aparecem como ferramenta de trabalho, o que caracteriza o ato de trabalhar. Mas, não é só isso, a propaganda, ao mesmo tempo em que divulga o uso dos equipamentos eletrônicos no lar, provoca efeitos de sentido que dignificam o trabalho doméstico e mostram à mulher a importância de sua presença no lar, cuidando da casa, da família. Há uma ordem no

discurso, quando, nas imagens – tal qual na fig. 24 -, aparece uma mulher, aparentemente satisfeita e feliz, a executar todas essas tarefas domésticas.

A produção dessa propaganda quer construir uma verdade de que, utilizando os produtos WALITA, os serviços domésticos seguem com mais facilidade e rapidez, sobrando-lhe tempo até para fazer sua leitura. Ou seja, a mídia mostra por um outro ângulo que não é tão ruim assim assumir as atividades do lar. E a indústria lança cada vez mais máquinas para o auxílio dessa mulher que deve cuidar de sua casa e de sua família. As imagens de uma dona de casa satisfeita enquanto trabalha é agradável de se ver e, quem sabe, de se viver.

Ao se utilizar de palavras e imagens nos enunciados, a mídia cria uma memória que vem à tona nas mentes dos sujeitos, sempre que essa memória é despertada por algum elemento presente no texto veiculado. Isso acontece porque as imagens causam impacto e desencadeiam a memória discursiva. Essa intericonicidade, ou seja, esse trabalho com as imagens na propaganda, faz com que os sentidos sejam percebidos de imediato, para que não haja sombra de dúvidas quanto à mensagem que está se passando ao sujeito consumidor.

Outro exemplo de divulgação de eletrodomésticos que auxiliam a dona de casa em sua difícil rotina, deixando-lhe mais tempo livre para ser usado em prol dela mesma, pode ser visto na propaganda da ARNO (fig. 26), que foi lançada nos anos 60. Na imagem, vê-se o quanto elegante uma mulher pode ficar utilizando os produtos da ARNO. Nada de ficar encurvada com uma vassoura na mão. É muito mais moderno usar produtos eletrônicos como o aspirador e a enceradeira que a ARNO fabricou, para tornar mais leve o trabalho doméstico executado pelas mulheres.

No enunciado se lê:

“ENCERADEIRA NOVA ARNO: 4 operações com uma só grande escova: raspa, encera, lustra e dá brilho [...] 4 lindos modelos!”

Quanto ao aspirador, o enunciado diz:

“ASPIRADOR ARNO: super potência!... Super sucção! Solução definitiva para uma real limpeza!”

Pela linguagem aparece bem clara a função da mulher ao limpar sua casa, a de lustrar, fazer brilhar. E para fazer cada vez melhor esse papel, nada mais prático do que adquirir os produtos anunciados acima. As ações com verbos flexionados em terceira pessoa “raspa”, “encerá”, “lustra” e “dá brilho”, não trazem como protagonista a mulher, mas a enceradeira ARNO, pois ela fará todo esse trabalho pela dona de casa. É o que a propaganda em questão cria como verdade. À dona de casa resta apenas saber manusear os eletrodomésticos e eles farão todo o serviço pesado. Isto quase nos faz acreditar que os eletrodomésticos têm vida própria.

Divulga-se nessa propaganda a figura de uma mulher elegante, bem vestida, maquiada, bem penteada, uma verdadeira dama. Os sentidos emanam desses enunciados. Você pode ser uma perfeita dona de casa e continuar limpa e bem arrumada, sem precisar se aproximar da sujeira, pois isso é feito pelos aparelhos elétricos em questão.

Prado (1995, p.115) comenta em seu livro **Esposa, a mais antiga profissão** que, mesmo cuidando dos afazeres domésticos, mesmo que seja uma fazendeira se dividindo entre o tanque, o jardim e o galinheiro, é necessário que a mulher “se mantenha, ao mesmo tempo, bem-arrumada e com bom gosto”. Essas eram as instruções recebidas nas escolas preparatórias para meninas. Os manuais existentes entre os séculos XIX e XX esclareciam os cuidados que a esposa deveria ter com a aparência, mesmo atarefada com os serviços domésticos. Citando Millet-Robinet, Prado (1995, p.115) demonstra bem como as mulheres deveriam se comportar, de acordo com os conselhos desses manuais:

Em todas as idades, em qualquer nível de vida, sua aparência deve permitir-lhe que se apresente a estranhos sem precisar envergonhar-se de sua negligência. Haverá coisa mais ridícula do que uma mulher ser obrigada a fugir quando chega uma visita? Estará errada se pensar que sua desordem é menos desagradável a seu marido que às visitas; se quiser conservar a afeição, deverá se preocupar constantemente em agradar-lhe e não deixar nunca que se sinta envergonhado por sua causa (MILLET-ROBINET apud PRADO, 1995, p.115).

Percebe-se o quanto a aparência da esposa sempre foi importante, mesmo que a ela estivesse destinado apenas o espaço privado. Lançando um olhar discursivo à propaganda da ARNO, pode-se averiguar o deslocamento da memória na elegância da dona de casa que desliza a enceradeira suavemente pelo assoalho

da casa. A postura ereta, o modo como manuseia os aparelhos, o salto alto dos sapatos que combinam perfeitamente com seu vestido bem cortado, cada detalhe leva a pensar em um conjunto que deve fazer parte do ritual da esposa, da dona de casa, em seu dia a dia.

Utilizando-se desses preceitos, a indústria, que investe em máquinas para auxiliarem a mulher em seus trabalhos no lar, mostra que, adquirindo esses produtos, sobra-lhes então mais tempo para cuidar de si e da família. Essa mesma indústria, em pleno desenvolvimento, acaba por, também, auxiliar a mulher na conquista por um lugar no espaço público, através do trabalho, pois a mão de obra tornava-se necessária.

Porém, muitas dessas mulheres, as quais começam a trabalhar muito cedo nas indústrias e fábricas, acabam deixando o trabalho em prol do casamento, pois, como já foi dito, ficava muito difícil (e pouco aceitável) conciliar trabalho, casamento e filhos. Muitas só voltavam ao trabalho quando os filhos já tinham idade para assumir também uma profissão. Mas era preciso que, em meio a essa posição tomada pelas mulheres, as quais começavam a marcar mais fortemente seu espaço, inclusive no meio intelectual, a sociedade deixasse ativados os mecanismos de controle, para que as atitudes das mulheres não saíssem do comando dos homens, para que continuassem submissas às regras ditadas pela sociedade patriarcal.

Isso era bem comum nos anos 50 e 60, época em que se lutava para trazer a mulher de volta ao lar.

Mas, o que dizer da propaganda da SKY, em pleno século XXI?

Nessa propaganda, fig.27, a imagem marcante para o imaginário social é a presença de Gisele Bündchen, modelo brasileira, mundialmente famosa. O texto publicitário²⁶ que encena a volta do marido para o lar, ao som da música **O portão**, de Roberto Carlos, traz a memória de um casal que briga e que, depois de algum tempo, faz as pazes em nome do amor. Mas, será que é isso mesmo que a produção dessa propaganda quer passar? Enquanto cuida da casa, limpa, esfrega e... pára com a mão sob o queixo, cotovelo no cabo da vassoura, escutando a música com ar de pensativa e apaixonada, Gisele representa a imagem da mulher brasileira, dona de casa, que espera pacientemente pelo companheiro, após uma discussão. A modelo aparece em cena usando um avental, símbolo dos trabalhos do

²⁶ Essa propaganda, que saiu na mídia impressa, também foi exibida na TV e *internet*.

lar, com uma vassoura na mão, flanela para tirar o pó dos móveis, carregando um cesto de roupas sujas (no último quadro). Mas sem deixar a elegância de lado, calça saltos altos e aparece pintando as unhas (no segundo quadro), demonstrando que os cuidados com o corpo se fazem presentes também nesse texto. Para Prado (1995, p.145) “a camuflagem dos trabalhos domésticos é evidente”. A própria modelo usada na propaganda da SKY mostra essa camuflagem, quando provoca a expectadora/leitora a pensar: “Se até a Gisele Bündchen faz isso, por que não eu?”.

A reafirmação dos papéis domésticos, exercidos pela mulher, estão a toda hora retornando através da mídia, que desperta uma memória discursiva sobre a temática e traz para o presente o que está no passado, na tentativa de construção de um futuro.

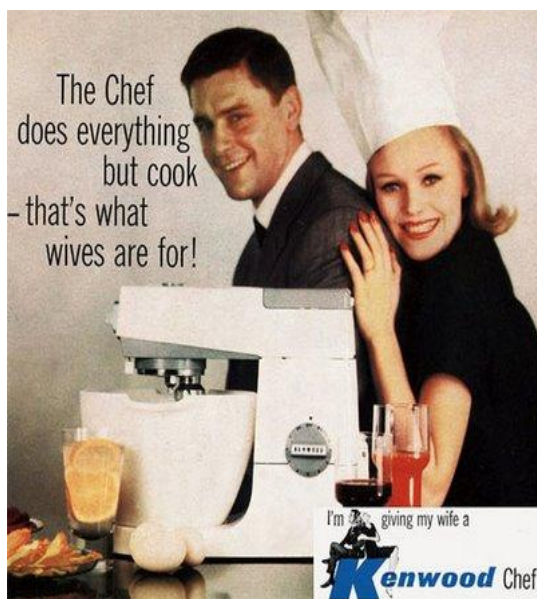
Silva (2008, p.28) diz que “se tomarmos as identidades como produzidas na ordem das práticas discursivas, teremos de considerar que elas não podem ser separadas das relações de poder e, por isso sua produção se dá no confronto das posições políticas existentes na sociedade”. E são essas relações de poder que se apresentam a cada retomada dos discursos que teimam em cimentar o lugar da mulher dentro do lar, no exercício dos trabalhos domésticos.

Mas, e quando é o homem quem exerce essas tarefas ditas como femininas, o que acontece? O que diz a mídia sobre isso?

De acordo com Bourdieu (2010, p.75),

O homem não pode, derrogação, rebaixar-se a realizar certas tarefas socialmente designadas como inferiores (entre outras razões porque está excluída a idéia de que ele possa realizá-las), as mesmas tarefas podem ser nobres e difíceis quando são realizadas por homens, ou insignificantes e imperceptíveis, fáceis e fúteis, quando são realizadas por mulheres, como nos faz lembrar a diferença entre um cozinheiro e uma cozinheira, entre o costureiro e a costureira; basta que os homens assumam tarefas reputadas femininas e as realizem fora da esfera privada para que elas se vejam com isso enobrecidas e transfiguradas.

Essa diferença dos papéis sociais exercidos pelo homem e/ou pela mulher é bem demarcada nos textos que circulam pela mídia. Ao observar as propagandas da batedeira *KENWOOD* e do tempero *KNORR* a seguir, percebe-se como o trabalho doméstico deixa de ser visto como doméstico ao ser exercido e assumido por um homem.



(Fig.28: Propaganda Batedeiras KENWOOD – Anos 60)



(Fig. 29: Propaganda caldos KNORR - Revista MARIE CLARIE, junho de 2010)

O enunciado da propaganda da batedeira KENWOOD, traz, em sua forma verbal, o anúncio de que “O “Chef” faz tudo, mas cozinhar – é para isto que são as esposas!”. Abraçada de forma carinhosa ao seu marido, essa esposa dos anos 60 parece feliz e satisfeita em poder cozinhar, bater um bolo para o seu “chefe” que, segundo o enunciado, “faz tudo”. Este tão enfático “faz tudo”, certamente, deve ser o trabalho remunerado, fora do lar. A felicidade do casal perfeito – ele no trabalho, ela no lar – transparece por meio dos rostos sorridentes, diante da câmera que imortaliza nos arquivos da mídia esse gesto familiar tão emocionante, que contagia (talvez) seus expectadores (da supracitada época).

No texto publicitário dos caldos KNORR, os efeitos de sentido parecem ser diferentes. O modelo usado para representar o cozinheiro da cena é, na realidade, um Chef profissional, Alex Atala, que, inclusive, assina embaixo do enunciado que diz “De inovação eu entendo e esta aqui vai revolucionar sua cozinha”. A união da vida real com o imaginário social se repete nos discursos da mídia.

A “inovação” de que o texto fala está ligada somente ao novo tempero lançado pela KNORR ou se apresenta como um novo sentido em relação aos papéis masculinos? Um homem dedicar-se à culinária, ser Chef, já não é uma realidade tão nova, porém essa função nunca foi tão exaltada quanto nesses últimos tempos, pela mídia. Se pararmos para pensar, as famílias brasileiras continuam não criando seus

filhos homens para exercerem, profissionalmente, o controle de uma cozinha, esse lugar tão feminino. Por isso, a palavra “inovação” pode ser olhada por um outro ângulo, com um outro efeito de sentido. Já o verbo “revolucionar” não está ligado somente ao espaço físico “cozinha”, mas também aos novos papéis masculinos e aos espaços sociais, que continuam carregados de preconceitos criados pelo patriarcalismo. O homem (o *Chef*), então, inova e revoluciona o seu lugar na sociedade.

As propagandas ilustram as palavras de Bourdier (2010), quando o autor comenta sobre a autoridade de um homem que toma para si um dos papéis que parecem ser somente das mulheres. Na figura 28, vê-se uma mulher que, ao fazer um bolo, ao cozinhar, no âmbito de seu lar, não deixa de exercer um papel trivial de sua vida privada. Mas, no momento em que um homem exerce esse mesmo papel (fig. 29), o de cozinhar, realizado no espaço público, essa atividade tão trivial passa a ser vista como uma importante profissão. Essa atividade deixa de ser fácil, insignificante, para se tornar nobre, difícil. Tudo porque mudam os atores sociais e os lugares ocupados por esses atores. Se uma mulher realiza a tarefa de cozinhar, na esfera privada, este é um trabalho imperceptível, no entanto, se é um homem a realizar essa mesma tarefa, na esfera pública, esse passa a ser um trabalho profissional, requintado, importante.

Pode-se dizer, então, que, apesar das mudanças, das lutas, das conquistas, há ainda a divisão sexual/social do trabalho. A sociedade ainda vê determinadas atividades como sendo “trabalho de homem” ou “trabalho de mulher”. Este ponto será melhor debatido a seguir.

3.3 A DIVISÃO SEXUAL/ SOCIAL DO TRABALHO

Para iniciar este tópico, nada melhor do que a história d’*O arco e o cesto* narrada por Freitas e Dantas (2012) no livro **Diversidade Sexual e Trabalho**. Os autores lembram uma pesquisa feita por Pierre Clastres com tribos indígenas, no Paraguai. Nessas tribos havia uma distribuição do trabalho para homens e mulheres e dois elementos simbolizavam esses mundos paralelos, eram o *arco* e o *cesto*. O arco representa a guerra, a caça e a pesca, como também as relações do grupo de homens com outros homens e com as mulheres da tribo. O cesto é o símbolo do

ambiente doméstico e o seu cotidiano, como os cuidados com a moradia, com as crianças, com a alimentação, com os outros membros da tribo, também estrutura as relações de gênero entre as mulheres e os homens e entre as mulheres e as outras mulheres da tribo. Nessas tribos, permite-se que um homem não assuma o arco, desde que assuma o cesto, o que não pode é ficar sem obrigações, tampouco assumir um lugar nos dois universos, que são distintos. Se um membro da tribo prefere o mundo doméstico ao da guerra, da caça e da pesca, tem plenos poderes de escolha, podendo mudar suas funções. O mesmo não acontece com as mulheres. A elas é destinado o mundo do cesto, o arco não faz parte de suas escolhas, não se imagina que, assim como o homem, a mulher possa querer algo diferente para sua vida. Isto pode fazer supor que as mulheres seriam conformadas, por natureza, com o seu destino biológico e político ou não tinham razões para desejarem trocar o cesto pelo arco (FREITAS e DANTAS, 2012).

Seriam mesmo as mulheres conformadas com sua posição dentro da tribo ou seriam consideradas, pelos homens, incapazes para assumirem as responsabilidades do arco? Assim como em toda sociedade, nessas tribos, a mulher, ao nascer, já tem um destino traçado. Mas, não há relatos de movimentos de resistência entre esses povos, como acontece nas sociedades modernas. O poder de decisão é dado aos homens e isso é aceito pelas mulheres.

Qualquer mudança na divisão dos trabalhos era difícil de ser aceita, pois, durante muito tempo, o destino da mulher ficou ligado ao espaço privado, enquanto o do homem ao espaço público. Mesmo as sociedades chamadas matriarcais possuem muitos pontos em comum com as sociedades patriarcais, em relação à divisão do trabalho. As maiores mudanças se dão nas relações de poder, pois, numa sociedade matriarcal, quem dá as ordens na casa é sempre uma mulher, cabe ao homem obedecê-la.

Por meio de pesquisas sobre uma comunidade da China, que segue o regime matriarcal, o médico e jornalista Ricardo Coler (2008) nos passa impressionantes informações sobre esse estilo de vida, que traz algumas convergências, mas, muito mais divergências no que diz respeito ao nosso modo de viver.

Na sociedade matriarcal pesquisada por Coler, as atividades domésticas continuam sendo feitas pelas mulheres. Uma mulher *Mosuo* justifica: “todas as

tarefas ficam por conta das mulheres. Preferimos isso, pois desse modo são feitas melhor e mais rápido” (COLER, 2008, p.55). A mulher também serve ao homem, nas horas das refeições. Porém, as negociações comerciais, decisões como compra de terras, de um touro, de uma casa ficam por conta dos homens. Novamente a justificativa de uma *Mosuo*: “para isso o homem tem habilidade e nos tira um problema das costas” (COLER, 2008, p.107). Para esse povo, compras como essas significam a tomada de uma grande decisão, e as grandes decisões ficam para os homens *Mosuo* que, comparados às mulheres, não têm grandes obrigações. Eles são cuidados pela mãe, depois quando esta não tem mais idade para fazê-lo, são cuidados pelas irmãs.

Mas, afinal, o que uma sociedade matriarcal tem de diferente de nossa cultura?

Pode-se dizer que as diferenças começam na forma como se dá a violência. As mulheres *Mosuo* não toleram a rudeza nas pessoas. Para elas, brigar é algo vergonhoso, e como são as mulheres que estão no comando, os homens seguem esses preceitos. Mas, a maior diferença é a forma como as meninas são criadas. A partir dos treze anos, elas podem ganhar sua própria casa, sempre próxima da matriarca, onde passarão a receber seus *axias* ou namorados. A passagem do *status* de mocinha a mulher é comemorado com grande festa e inclui um ritual, que vai desde as indumentárias usadas pela menina, passando pela dança, pela entrega especial de presentes - entre eles um aplique, para os cabelos, que vai até a cintura - e, após muitos outros momentos que fazem parte dessa cerimônia, finalmente a menina recebe das mãos da mãe a chave de sua casa. Ela agora é uma mulher, passa a ter responsabilidades de adulta e uma casa própria para viver seus momentos de intimidade.

Não se constitui família com pai, mãe e filhos, em uma sociedade matriarcal . Sabe-se sempre quem é a mãe da criança, mas nunca o pai. O casamento é incompatível com a família matriarcal. As filhas mulheres, após passarem por todo o ritual citado, em suas casas, quando desejarem, receberão, à noite, seus homens; terão quantos relacionamentos íntimos quiserem; terão seus filhos, sem interessar que tenham pai e estarão sempre juntas com a matriarca. Quanto aos filhos homens, estes também morarão sempre com a matriarca e ajudarão a cuidar dos filhos de suas irmãs. Nunca terão convivência com os seus próprios filhos. Isso não é

importante. Sua família é a família de sua mãe. Visitarão as mulheres, somente durante a noite, nas casas que pertencem a elas. Quando um casal decide que gosta um do outro para terem encontros contínuos, assumem então um “casamento andante”. Esse tipo de casamento dura enquanto durar o afeto e leva a um certo tipo de fidelidade.

Em uma sociedade matriarcal “o arco e o cesto” fazem parte dos dois mundos: o masculino e o feminino. Todos têm obrigações dentro e fora do lar. No que diz respeito ao trabalho fora de casa, tanto os homens quanto as mulheres possuem esse direito. Como as famílias que moram na mesma casa são sempre numerosas, não há problemas nos cuidados com as crianças quando a mãe se ausenta para trabalhar. Homens e mulheres cuidam dos bebês e das crianças maiores. Uma especificidade do trabalho masculino é que todo o dinheiro ganho pelo homem deve ser entregue à matriarca e se ele precisar usá-lo deverá pedir para ela.

No mundo matriarcal, os homens nem sempre estudam. Quando demonstram qualquer dificuldade nos estudos, a família, muitas vezes, apoia a sua saída da escola. Já com as mulheres, isso nunca acontece. Elas sempre demonstram vontade de estudar e seguem adiante em sua formação, se assim o quiserem, inclusive vão para as grandes cidades para estudar e ter diplomas universitários.

Os homens *Mosuo* têm fama de serem folgados, apesar de terem o dever com o trabalho, da mesma forma que as mulheres. Isto pode se explicar porque, como vivem em uma comunidade de mães, os homens parecem ser tratados como crianças. Quanto à mulher, de acordo com Coler (2008, p.147),

comporta-se como um adulto responsável, sério e identificado com o trabalho. Enquanto isso, o homem leva bronca, recebe ordens e consente. Mas ocupar um nível inferior sob a tutela de uma matriarca não é a mesma coisa que fazê-lo sob as asas de um patriarca. O homem *Mosuo* passa muito tempo com seus amigos, trabalha pouco, não assume responsabilidade por nada, troca de amante assiduamente e mora a vida toda com sua mãe.

Coler (2008, p.173) identifica o tempo para os *Mosuo* de duas formas distintas: “um tempo de mulher, rápido, vital, acelerado. Um tempo que o trabalho torna insuficiente, um tempo com o qual nunca chegam a tempo. Na mesma aldeia

há um outro tempo, ocioso, horizontal e abundante. Um tempo excessivo. É o tempo do homem”. Refletindo sobre as sociedades matriarcais e as patriarcais, Coler (2008, p.217) conclui que “no reino dos homens as mulheres trabalham e, no reino das mulheres, os homens descansam”.

As mulheres parecem estar aptas ao trabalho. Seja nas sociedades matriarcais ou patriarcais, elas têm responsabilidades com o espaço privado e/ou com o público, têm vontade de estudar e de ingressar em uma profissão, como também querem ser mães, cuidadoras de suas famílias. Algumas características femininas estão presentes em ambas as sociedades, sendo que numa sociedade matriarcal, a mulher nunca seria impedida de trabalhar e seguir uma carreira, como já aconteceu ou tem acontecido no sistema do patriarcalismo.

Nas sociedades herdeiras do patriarcalismo sempre houve uma divisão sexual e social do trabalho. A elas, o trabalho doméstico, a eles, o trabalho público. Com todas as barreiras criadas nessas sociedades, quando conseguiam um lugar no espaço público, quais as atividades exercidas pelas mulheres?

Para identificar esses espaços ocupados, começemos então a falar sobre a Revolução Industrial, época em que se pôde ver uma aceleração do crescimento econômico e social. Essa também foi uma época que, como já se falou aqui, transferiu a produção da mulher do lar para a fábrica, mesmo com as várias restrições colocadas pela sociedade e pelos patrões. Ainda no século XVIII, quando houve o grande avanço tecnológico dos transportes e das máquinas a vapor, muitas eram as indústrias que empregavam mulheres e crianças, por serem mais “dóceis” e “fáceis” de comandar. Porém, as funções que lhes ofereciam, geralmente eram funções que não precisavam de muita força física para serem executadas e que também não precisavam de tanto exercício mental – achava-se que as mulheres não tinham inteligência e capacidade para tanto. Um exemplo desses trabalhos se dá com o ²⁷*taylorismo* e com o *fordismo*.

²⁷ A palavra *taylorismo* deriva-se do nome de seu inventor, o engenheiro americano Taylor (1865-1915). O *taylorismo* caracterizava-se pela análise e execução, por cada operário, de apenas alguns gestos elementares e repetitivos ao se fazer uma tarefa, no ambiente industrial. O *fordismo*, derivado do nome de Henry Ford, é uma implantação dos métodos do *taylorismo*, e apresentava como característica principal o trabalho organizado em uma cadeia de produção hierarquizada. As indústrias fordistas tinham um organograma que se comparava a uma pirâmide: a base eram os operários, acima ficavam os gerentes e no topo o presidente. (cf. NOGUEIRA, 2004).

As fábricas apresentavam condições precárias, eram abafadas, sujas e mal iluminadas. Os direitos trabalhistas não existiam. Trabalhava-se até 18 horas por dia, sem direito à folga semanal.

Em um segundo momento da Revolução Industrial²⁸, que começa no século XIX, há um aprimoramento técnico e científico. Época das grandes invenções (rádio, telefone, cinema, lâmpada elétrica, automóvel), as indústrias crescem em várias áreas: Elétrica, Mecânica, Química, Metalúrgica, entre outras. As fábricas revolucionam a forma de trabalho. As mulheres são inseridas no mundo do trabalho fabril, desde que não seja comprometida a sua função de reprodutora na sociedade. E o que se pensava a respeito de sua capacidade intelectual não havia mudado muito. Como cita Perrot (2006, p.177), havia um discurso naturalista que insistia nas diferenças entre as “espécies” homem e mulher: “aos homens, o cérebro (muito mais importante do que o falo), a inteligência, a razão lúcida, a capacidade de decisão. Às mulheres, o coração, a sensibilidade, os sentimentos”. Ainda proclamava-se nessa época a desigualdade e a divisão sexual, social e mental entre homens e mulheres.

Apesar de todo o progresso acontecido, segundo Perrot (2005, p.198), o século XIX

levou a divisão das tarefas e a segregação sexual dos espaços a seu ponto máximo. Seu racionalismo procurou definir estritamente o lugar de cada um. Lugar das mulheres: a Maternidade e o Lar a delimitam totalmente. A participação no trabalho assalariado é temporária, ritmada pelas necessidades da família [...]. “Ao homem, as madeiras e os metais. À mulher, a família e os tecidos”, diz um texto operário (1867). A lista dos “trabalhos de mulheres” é codificada e limitada.

O espaço da mulher se distinguia cada vez mais do espaço do homem. Madeiras e metais aos homens (o arco), família e tecidos às mulheres (o cesto). A família deveria ser preservada e os cuidados com o lar eram das mulheres, o que muitas vezes lhes impossibilitou a continuidade no emprego, após o casamento. No século XIX, “cada sexo tem sua função, seus papéis, suas tarefas, seus espaços, seu lugar quase predeterminados, até em seus detalhes” (PERROT, 2006, p.178).

Perrot (2005) confirma que o trabalho na indústria vai absorver somente uma pequena parte da mão-de-obra feminina. Muitas mulheres trabalham em seu domicílio e terceirizam esse trabalho junto às indústrias: é o caso das costureiras,

²⁸ Informações disponíveis em: http://www.suapesquisa.com/industrial/segunda_revolucao.htm - acesso em 27/03/12.

por exemplo. Esse era um ofício permitido às mulheres, pois para executá-lo, não era necessário sair de casa. “A máquina de costura lhes permite a impossível conciliação entre as tarefas domésticas e o assalariamento” (PERROT, 2005, p.223).

Perrot (2005, p.195) divulga o recenseamento de 1906, com os seguintes dados:

Dentre 100 mulheres ativas, conta-se somente 25% de operárias, perto de 36% de trabalhadoras em domicílio e 17% de domésticas. Em suma, 53% das mulheres nestes setores mais tradicionais, mais domésticos em todos os aspectos. Conta-se ainda apenas 8% de empregadas e, no entanto, as mulheres já ocupam 40% dos empregos no terciário. Aí está, todavia, a grande novidade. Em torno das “damas” secretárias, das “senhoritas” dos correios, começa a verdadeira mutação do trabalho feminino, seu caminho de futuro.

Com o desenvolvimento dos setores comerciais e de serviços, as alternativas de trabalho surgem para as mulheres. Elas não poderiam ser empresárias, mas tinham valor como secretárias; não poderiam exercer as profissões relativas ao Direito, mas eram excelentes datilógrafas. Perrot (2005, p.224) recorda que “a máquina de escrever introduz as mulheres nos escritórios, as datilógrafas, necessariamente ‘graciosas’, expulsam progressivamente os copistas com jeito de clérigos e fazem ruir o velho apanágio do escriba”. Esses eram trabalhos aparentemente bem mais graciosos e femininos do que o trabalho de operária. E bem mais “gracioso” também era ver uma mulher e não um homem a executar esse tipo de trabalho.

Muitas das profissões exercidas vieram como uma extensão do lar. Não era permitido às mulheres assumirem toda e qualquer profissão, mesmo porque, como não era permitido que levassem os estudos adiante, muitas profissões como médica, juíza, diplomata, entre outras, eram-lhes obviamente impossível de serem assumidas. Era a divisão social/sexual do trabalho em ação. Restavam-lhes então as profissões que estavam relacionadas aos cuidados domésticos e maternos, como costureira, enfermeira, secretária, professora primária ou ainda os trabalhos nas fábricas.

O lugar da mulher sempre foi bem definido (para o homem) e quando a mulher começou a lutar por uma condição diferente, as sociedades de controle entraram em ação. Após a segunda guerra mundial, que inseriu novamente a mulher

no mundo do trabalho, houve uma tentativa de trazer de volta para casa a “rainha do lar”.

Se nas primeiras décadas do século XX já foi dado à mulher o direito de trabalhar, esse direito de ter uma profissão muitas vezes era-lhe tomado a partir do momento em que a mulher optasse por casar e ter filhos. Isso se dava mesmo com as celebridades do cinema, o qual se tornava o mais popular meio de entretenimento para as pessoas.

Um acontecimento ocorrido no final dos anos 50, e noticiado pela revista **Jornal das Moças**, é o caso da atriz Grace Kelly que, ao casar, deixa as telas de cinema para dedicar-se à família e assumir sua nova posição: a de princesa.



(Fig. 30: JORNAL DAS MOÇAS. 16 de maio de 1957.)

O texto da contracapa da revista diz o seguinte:

GRACE KELLY – Princesa de Mônaco

Mãe do Ano Internacional

Depois do casamento do príncipe Rainier com Grace Kelly, as atenções do mundo não abandonaram mais os acontecimentos que se sucediam, acompanhando com interesse o estado gestatório da princesa Kelly. Dir-se-ia que o mundo fora tomado por um mesmo sentimento de maternidade.

Enfim, as notícias auspiciosas alegraram a todos: Grace fora feliz no parto; nascera u'a menina que receberia, na pia batismal, o nome de Caroline.

*Preces foram feitas, graças foram dadas e por tudo isso, pela importância internacional, desse nascimento é que **elegemos nesta página, onde antes Grace figurou como estrela de cinema**, a mesma Grace, **hoje princesa, como a Mãe do Ano Internacional**. Se todos esses acontecimentos não justificassem o título, bastaria lembrar que **Grace abandonou uma carreira gloriosíssima, para se dedicar a um esposo cujos deveres para com seu pequeno país impõem severas responsabilidades a esposa**.*

*E dentre essas responsabilidades – se é que podemos dizer assim – **estava a de ser Mãe, para a felicidade de um povo e a satisfação de todos**.*

(JORNAL DAS MOÇAS, 16 de maio de 1957 – Grifos nossos).

Como se vê, na materialidade linguística acima, exalta-se a mulher mãe, esposa, e acima de tudo, princesa. Há uma grande mulher que abre mão de uma carreira promissora, gloriosa, para cumprir com suas responsabilidades matrimoniais. A revista que sempre traz nesse espaço uma celebridade do cinema, volta a figurar, a agora *Mãe do Ano*, Grace Kelly. Percebe-se a defesa da disciplina e da moral que agora se tornam imprescindíveis ao novo papel identitário exercido pela atriz. Esse novo papel, está bem claro, torna-se incompatível com o anterior. Para o imaginário social, uma princesa não poderia/deveria expor-se e expor sua família contracenando com outros artistas nas telas de cinema. Grace Kelly interrompe então uma carreira de atriz reconhecida internacionalmente, para se tornar mãe e esposa também reconhecida internacionalmente, conforme um novo lugar que ocupa no social – o lugar de princesa. Mas..., na vida de princesa, nem tudo é um conto de fadas.

Anos mais tarde, num novo século, numa outra revista, a história da princesa e de seu sucesso como atriz volta a repercutir.



(Fig. 31: CLAUDIA, junho de 2010.)

Em uma de suas matérias intitulada **A incrível história de Grace Kelly**, a revista **Claudia** faz uma retomada ao já-dito. Com um novo olhar sobre a história, **Claudia** fala do berço de ouro, do conto de fadas, do mito de beleza, do trágico acidente que envolveram a vida de Grace Kelly. No entanto, a revista também mostra um outro lado da história. O lado que ressalta uma princesa depressiva após constantes casos de infidelidade do marido e acentuados abortos naturais antes do nascimento de seu terceiro filho. A revista publica:

“Preocupado, o príncipe teria até permitido sua participação no filme Marnier, para o qual Hitchcock a convidara”.

Aparecem nesse enunciado as formas da sociedade de controle, no caso, o controle das atitudes de Grace Kelly. Diante de uma situação de depressão da esposa, o príncipe “permite” que ela participe de um novo filme. É o poder sobre os corpos e sobre as ações dos corpos. No entanto, de nada adianta a permissão do esposo, pois os cidadãos do principado demonstram horror em imaginar sua princesa de volta aos cinemas no papel de uma ladra. Coagida, Grace rejeita o convite e, com lágrimas nos olhos, diz ao diretor John Foreman:

“Eu sei o que farei a cada dia pelo resto da minha vida, e isso é terrível”.

Neste enunciado percebe-se o poder disciplinar direcionado à princesa. É possível também, num gesto de interpretação, evidenciar a falta que o trabalho lhe fazia. O predicativo “terrível” enfatiza tudo o que sentia a atriz ao ter de abrir mão, para sempre, de algo que lhe satisfazia, ao ter de enfrentar o igual, a monotonia dos dias. Mas, por que só agora esses dizeres são enunciados? Na década de 60, quando se dá o ocorrido, as condições sócio-históricas são outras, consequentemente, as condições de produção também são outras. O dito que se pode enunciar hoje, demonstrando o descontentamento da princesa, não interessava ser enunciado numa época em que se pregava a felicidade feminina pelo casamento e pela constituição da família. O trabalho, seja ele qual fosse, ainda era fixado em segundo plano e só deveria permanecer se não prejudicasse os laços matrimoniais, familiares e sociais, como era o caso de Grace Kelly. De acordo com Fernández (*apud* ROSAS, 2009, p.15)

é muito comum enfrentarmos a crença de que o homem precisa de um trabalho, mas a mulher trabalha somente porque quer, não por necessidade. Uma mulher pode precisar de um emprego, da mesma forma que um homem, para suprir suas necessidades e as de sua família, para ser mais independente ou simplesmente para se desenvolver no plano pessoal. (Grifo nosso).

Em seu depoimento, Grace Kelly demonstra essa necessidade, não de sustentar a família, mas, talvez, de um desenvolvimento pessoal, algo que lhe dá prazer em fazer.

Diferentemente do acontecimento discursivo que se deu na mídia em relação à vida da famosa atriz de *Hollywood*, é o caso da produção discursiva – também divulgada na revista **Claudia** - a qual envolve a heterogeneidade do sujeito nos papéis identitários da atriz, apresentadora, mãe, esposa e dona-de-casa, Angélica.



(Fig.32: Revista CLAUDIA, outubro de 2010)

Na matéria discursiva **“As 5 forças de Angélica”**, a revista **Claudia** exalta a força da apresentadora que consegue “reinventar sua carreira e seu destino”. A matéria enuncia:

“Como poucas celebridades da TV brasileira, Angélica soube reinventar sua carreira e seu destino. Linda, rica, feliz, bem casada, bem sucedida, ambição equilibrada, do talento e do trabalho duro. Ela conta a CLAUDIA qual foi o combustível da revolução pessoal que a manteve no auge quando tantas decaíram”.

Nos enunciados acima faz-se a leitura da satisfação do enunciador em mostrar na mídia os segredos de uma mulher bem casada e bem sucedida. E que, como pode ser visto, diferentemente da atriz e princesa Grace Kelly, Angélica não precisou abrir mão de seus sonhos profissionais para assumir o casamento e a maternidade (afinal, o seu marido [de Angélica] também faz parte do meio artístico). Apesar de mostrar tantas facetas positivas na vida de Angélica, a matéria discursiva em análise não tenta esconder os conflitos os quais a tão elogiada apresentadora passa ao tentar conciliar a profissão e os cuidados com os filhos, como pode ser visto no trecho abaixo.

“A apresentadora angélica está de saída quando o filho Joaquim, 5 anos, pergunta por que ela tem que trabalhar. “Para poder comprar coisas, como o seu leitinho”, responde, na tentativa de convencer o pequeno. Dias depois, ao perceber que a mãe se aprontava novamente para sair, disparou: “Não quero que você vá trabalhar. Já tem muito leitinho lá na despensa”.

O fato de o filho mais velho – Angélica também é mãe de Benício, dois anos mais novo – perguntar à mãe por que ela tem que trabalhar mostra a carência sentida pela criança que tem uma mãe trabalhando fora de casa, fato tão condenado pelas revistas em décadas anteriores. Em resposta, a apresentadora usa um motivo que poderia ser bastante forte para convencer a criança: a compra de uma coisa de que ela gosta e necessita, o seu “leitinho”. Mas, num segundo momento, num outro dia, em situação parecida, a criança, em sua fala, demonstra uma memória discursiva e o poder de argumentação, quando interpela novamente a mãe e retoma um já-dito anunciando que *“já tem muito leitinho lá na despensa”*.

Através do enunciado da criança, percebem-se as redes de memória que se atualizam, deixando transparecer a ligação entre passado, presente e futuro. E é esse futuro que a criança tem a pretensão de mudar quando materializa o desejo de querer que a mãe permaneça em casa, já que “tem muito leitinho na despensa”. Na interpretação dos sentidos, sabe-se que esse não é realmente o único motivo que faz Angélica sair de casa deixando os filhos pequenos aos cuidados de outras pessoas, o que faz surgir novos efeitos de sentidos para a ação da apresentadora trabalhar fora. Será, provavelmente, bem mais difícil de se ver uma criança chorar ou reclamar ao ver o pai se aprontar para sair de casa e trabalhar. Há uma construção sócio-histórica que liga o filho pequeno à mãe, pois esta, mesmo após o período de amamentação, na grande maioria das vezes, é quem continua a lhe proporcionar maiores cuidados. Isto muitas vezes causa uma dependência muito maior entre mãe/filho/mãe do que entre pai/filho/pai.

Sobre o tipo de tensão existente entre criança e mãe na hora em que esta precisa sair para trabalhar, Strey (2001) diz que o maior conflito entre cuidar das crianças, o casamento, a família e a carreira, sempre fica para as mulheres, e esse conflito foi construído em nossa sociedade.

Em pleno século XXI, é extremamente necessário ter a consciência de que as pessoas se realizam também pelo trabalho e isso inclui as mulheres que, por tanto tempo, buscaram essa realização pessoal no ato do casamento e na constituição familiar. Hoje, muitas mulheres, visando a uma ascendência profissional, acabam por sacrificar o casamento, a constituição de uma família. Isto acontece porque os

sujeitos se transformam, seus valores se modificam, e com isso, muda também a história desses sujeitos.

No entanto, o tempo passa e, como se pode perceber, ao comparar os dois textos, que trazem como sujeitos protagonistas “Grace Kelly” e “Angélica”, nos vestígios da memória, encontram-se diferentes histórias. A história é contada pela mídia de acordo com os preceitos de cada época. Como princesa, Grace Kelly é submetida ao poder soberano. Em terras de rainha ou de rei há uma teia de poder que envolve aqueles que se aproximam e que fazem parte dessa história. Angélica pertence a um outro mundo e nesse mundo ela tem o poder da escolha. Não precisa deixar passar as oportunidades de crescimento profissional. Ninguém, nem mesmo as reclamações do filho pequeno, podem obrigá-la a fazer isso. Ela escolhe qual função exercer em cada momento e tenta conciliar carreira e maternidade.

Vê-se de forma clara como a mídia une o real e o imaginário em cada um dos textos, em cada uma das revistas. Os dizeres dos anos 50 – 60 que circulavam pelas revistas femininas valorizavam a “rainha do lar”, a mãe cuidadosa. Na edição da revista **Jornal das Moças**, de 16 de maio de 1957, há uma exaltação à maternidade de Grace Kelly e ao ato de abandonar a carreira de atriz e dedicar-se as suas novas obrigações. Décadas depois, através da revista **Claudia**, conhecemos o outro lado da história da princesa e com isso, conhecemos também a posição-sujeito tomada por esse veículo da comunicação. **Claudia**, “a revista que evolui com as mulheres”, assume uma posição que apoia a mulher trabalhadora, a mulher moderna. Diferentes dizeres em diferentes épocas marcam o posicionamento dessas duas revistas – **Jornal das Moças** e **Claudia** – sobre a divisão sexual/social do trabalho. Mas, até que ponto os discursos midiáticos, em sua construção de verdades, conseguem influenciar a mulher? É importante que não se olhe para esses discursos como as verdades mais absolutas, pois a disciplina e o controle estão por toda parte, e cabe à mídia dizer o que convém em um dado momento.

Strey (2004, p.15), em suas pesquisas, considera que

as representações da mulher atravessaram os tempos e estabeleceram o pensamento simbólico da diferença entre os sexos: a mãe, a esposa dedicada, a “rainha do lar”, digna de ser louvada e santificada, uma mulher sublimada; seu contraponto, a Eva, debochada, sensual, constituindo a vergonha da sociedade. Corruptora, foi a responsável pela queda da humanidade do paraíso. Aos homens o espaço público, político, onde centraliza-se o poder; à

mulher, o privado e seu coração, o santuário do lar. Fora do lar, as mulheres são perigosas para a ordem pública.[...]. Estes limites da feminilidade, determinados pelos homens, são uma maneira clara de demarcar a sua identidade. Como se a mistura de papéis sociais lhes retirasse o solo seguro.

Como bem disse Strey, “limites determinados pelo homem”, não pela mulher. Os homens delimitaram os espaços, demarcaram uma identidade para os gêneros, não deixaram que os papéis sociais se misturassem. A mulher não tomou essas decisões, por que aceitá-las, então?

Mesmo com todas as regras e com todo o controle social que sempre delimitou os espaços destinados ao homem e à mulher, a contemporaneidade traz para as mulheres as novas escolhas no mundo profissional e oferece-lhes as novas chances, os novos modos de ser e de viver. Hoje a mulher encontra espaço nos mais diversificados lugares profissionais. Porém, não só o mundo intelectual, o da moda, o da fama está abrindo espaço para a mulher, mas também o mundo do trabalho duro, da força física, antes tão condenado para a mulher, por ser ela considerada um sexo *frágil*. Um exemplo dessas transformações sociais no universo do trabalho aparece na notícia abaixo:

Mulheres são destaques em obras da Proel

Ao se aproximar das obras do Jardim Primavera I e II, da Proel Engenharia, um detalhe chama a atenção no meio dos trabalhadores. O andar, o jeito de pegar nas ferramentas de trabalho e a postura são diferentes dos demais presentes, sendo perceptível de longe essa suavidade que carregam as mulheres pedreiras na construção desses empreendimentos. O fato merece destaque por ser algo diferente da realidade em Mossoró, já que este tipo de serviço é tradicionalmente feito por homens.

Para essas pedreiras, tudo começou a partir de um estágio realizado na Proel, através de uma parceria entre a construtora e o Instituto EPA, na realização de um curso de pedreiro. Segundo o diretor da Proel, Christiano Tito, a intenção dessa parceria é a inclusão de pessoas no mercado de trabalho. “O instituto entra com a teoria e nós com a prática, tendo investimento de ambas as partes. Para isso, fornecemos pessoas treinadas para orientar os alunos e ao final contratamos alguns alunos, inclusive mulheres que foram efetivadas para a função”, afirma Christiano.

Essa iniciativa da construtora fez mudar a vida dessas mulheres, como é o caso da pedreira, Mirelly Rayane, 18. Seu pai é pedreiro e esse fator despertou a curiosidade dela em relação a esse serviço. “Com a oportunidade desse curso de pedreiro estudei e hoje estou bastante feliz e realizada com o emprego que consegui e ainda mais sabendo que estou contribuindo para o crescimento de uma empresa”, confessa Mirelly. [...]. (Grifos nossos).

No texto acima, divulgado no ²⁹site da Construtora PROEL, enaltece-se o trabalho feminino na construção, não como engenheira, campo em que as mulheres estão se destacando (como será visto mais adiante), mas no ofício de pedreira. A construção civil está abrindo as portas para a mulher neste setor que, até poucos anos atrás, só era exercido por homens. A profissão de pedreiro parecia algo exclusivo do mundo masculino, pois é um trabalho que se faz sol a sol, a custo de muita força física para carregar e utilizar o material de trabalho, além de coragem e destreza para executar este ofício nas alturas de um prédio em construção, por exemplo. Mas quem disse que as mulheres não possuem todas essas virtudes? A construtora citada vê tudo isso nas mulheres e algo mais: *“O andar, o jeito de pegar nas ferramentas de trabalho e a postura são diferentes dos demais presentes, sendo perceptível de longe essa suavidade que carregam as mulheres pedreiras na construção desses empreendimentos”*. Percebe-se a memória que se presentifica na caracterização do trabalho, como a suavidade, a delicadeza, o cuidado... As condições biológicas da mulher, as quais sempre a inferiorizaram perante os homens, ganham agora um novo sentido: essas diferenças são usadas para melhoria do trabalho que se executa.

Uma mulher pedreira foge totalmente à ordem do discurso que exaltava a fragilidade das mulheres. Essa suposta “fragilidade” não impede a mulher de exercer um serviço braçal, tido como “grosseiro”, como é o ofício de pedreiro. Pode-se ver isto no trecho em que Mirelly, de apenas 18 anos, filha de pedreiro, declara *“Com a oportunidade desse curso de pedreiro estudei e hoje estou bastante feliz e realizada com o emprego que consegui e ainda mais sabendo que estou contribuindo para o crescimento de uma empresa”, confessa Mirelly*. [...]. Mirelly já tem um exemplo da profissão em casa, tem um Outro constituindo sua identidade, e toma para si esse desejo de “construir” um mundo novo.

A sociedade precisa encarar esses novos acontecimentos como algo comum neste novo século. Começa a surgir uma nova cultura no mundo do trabalho. E, para

²⁹ Disponível em: http://www.proel.eng.br/index.php?ID_PG=not-ver&id=1217 – acesso: 04/08/2011.

³⁰“entender esse processo em sua totalidade significa recuperar a singularidade da participação feminina na formação do mercado de trabalho brasileiro [...]” (SAMARA e MATOS, 2000, p.775).

As mulheres estão presentes na construção, na educação, na medicina, no direito, nas artes, na política. Atualmente no Brasil, na cadeira do mais alto posto do poder, o de presidente, senta-se uma mulher. Em um país de regime patriarcal, o poder considerado como maior é exercido por uma mulher. Mas, como isso chegou a acontecer? É necessário conhecer o longo caminho das pedras que levou a tantas mudanças e que deu à mulher a oportunidade de trocar o *cesto* pelo *arco* ou de tentar, diferentemente dos homens das tribos indígenas, conciliar esses dois elementos.

Revirando então a memória, passemos a conhecer algumas das pioneiras da história.

3.4 MULHERES À FRENTE DE SEU TEMPO: AS PRECURSORAS DA HISTÓRIA

Para melhor se compreender as dificuldades pelas quais passaram as mulheres na busca por uma carreira, na ânsia de exercerem uma profissão, sendo útil à sociedade e ocupando um espaço público, foram escolhidos alguns nomes de mulheres pioneiras em suas áreas de trabalho, mais especificamente, áreas em que a mulher era proibida ou encontrava grandes dificuldades para atuar.

A contribuição das citadas mulheres - entre outras tantas que não constam da seleção abaixo - em relação aos papéis sociais femininos, foi de imensa importância para a aceitação das mulheres no mundo do trabalho, o qual se pode vivenciar hoje. Essas mulheres, corajosos sujeitos da resistência, enfrentaram seus medos e os preconceitos sociais em busca da realização de seus sonhos. Como exemplo do pioneirismo das mulheres, no mercado de trabalho e no setor público, serão lembrados os nomes³¹ a seguir:

³⁰ “Entender este proceso em su totalidad significa recuperar la singularidad de La participación femenina em la formación del mercado de trabajo brasileño “. (SAMARA e MATOS, in: DUBY e PERROT, Historia das Mujeres, 2000, p. 775).

³¹ Informações disponíveis em : SCHUMAHER, S. e BRAZIL, Érico V. (Orgs.). **Dicionário de Mulheres do Brasil**: de 1500 até a atualidade. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

Anésia Pinheiro Machado - aviadora e feminista (1904 – 1999)

Foi a primeira aviadora brasileira a realizar acrobacias e a transportar passageiros. De família ilustre, começou seu treinamento com aeronaves no ano de 1921, com apenas 17 anos. Obtendo as licenças de piloto privado, comercial e instrutor, também foi a primeira a realizar um voo transcontinental. Em 1922, realizou um voo entre São Paulo e Rio de Janeiro, sendo a primeira mulher a fazer isto, tratou também de divulgar o movimento feminista. Ao longo de sua carreira recebeu várias homenagens, como, por exemplo, o título de Decana Mundial da Aviação Feminina.

Ada Rogato – aviadora, voavelista e pára-quedista (1920 – 1986)

Ada foi pioneira em muitas façanhas aéreas, sendo a primeira mulher a saltar de pára-quedas de um helicóptero. Fez, pela primeira vez na história do Brasil, em um avião de pequeno porte, vários voos solitários, sobrevoando as três Américas e a selva amazônica brasileira. Durante a carreira exercida foi condecorada com 35 medalhas de vários países e diferentes instituições.

Alzira Soriano – primeira prefeita da América Latina (1897 – 1963)

Nascida em Jardim de Angicos (RN). Casou aos 17 anos com o promotor Tomaz Soriano de Sousa Filho, e enviuvou aos 22 anos, com três filhas e grávida da quarta. Assumiu então a administração das propriedades da família e, sendo uma mulher politizada, logo que as potiguares conseguiram o direito ao voto, em 1928, teve seu nome escolhido como candidata à prefeitura de Lajes (RN). Em campanha conflituosa, teve de ouvir de seus opositores que mulher pública é prostituta, que uma senhora deveria cuidar da família e não entrar para a política. Apesar de tudo, venceu com 60% dos votos e sua eleição repercutiu até no exterior.

Graziela Maciel Barroso – cientista, botânica (1912 -)

Nascida em 1912, casou-se aos 16 anos com um agrônomo. Viajou com o marido por vários estados brasileiros e trabalhou no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, onde permaneceu por muitos anos. Foi a primeira mulher a fazer concurso para naturalista do Jardim Botânico. Sendo aprovada, em 1946, passou a trabalhar com o marido. Em mais de 50 anos de atividades didáticas, foi professora de quase todos os botânicos brasileiros. Mais de 25 espécies de vegetais brasileiras receberam seu

nome como homenagem prestada. Escreveu o livro **Sistemática de angiospermas do Brasil**, o qual é referência internacional. Continuou pesquisando em um laboratório montado em casa após sua aposentadoria.

Léa Campos – juíza de futebol (1945 -)

Léa Campos foi a primeira mulher árbitro de futebol do mundo. Diplomada em jornalismo e em Educação Física, apaixonou-se por futebol e foi centroavante de um time de meninas. Em contradição, foi também Miss Belo Horizonte e Rainha dos ex-combatentes. Léa entrou num curso para árbitros, mas precisou fazer mais testes que os habituais para, finalmente, conseguir seu diploma. Apitou vários jogos nos gramados brasileiros e centenas de partidas na Europa, mas foi barrada em São Paulo, onde a Federação Paulista de Futebol ainda considerava a profissão de árbitro ilegal para uma mulher. Hoje vive nos EUA, onde é cronista esportiva e ensina futebol para meninas.

Maria Augusta Generoso Estrela – primeira médica brasileira (1860 – 1946)

Maria Augusta, nascida no RJ, teve educação exemplar, apoiada pelo pai representante de laboratório farmacêutico. Durante estudos obtidos em colégios brasileiros, amadureceu a idéia de ser médica. Nessa época ainda era barrada a entrada de moças nas faculdades brasileiras. Em 1875, partiu então para os Estados Unidos para se preparar para a Escola de Medicina. Aos 16 anos conseguiu ingressar em uma faculdade de medicina para mulheres. Fez os exames, acompanhada do pai e, sendo aprovada, venceu o empecilho da pouca idade, a qual estava abaixo da idade mínima exigida na época. Sua vida virou notícias de jornal. Ela seria a médica das mulheres e das crianças. Todos a exaltavam e, quando o pai não pode mais custear seus gastos fora do país, não faltaram colaboradores ricos, inclusive o próprio D. Pedro II, para ajudar à futura doutora. O brilhantismo de Maria Augusta e a divulgação de seus atos, acabaram por pressionar o poder público na abertura de vagas para mulheres nas universidades brasileiras. Isto se deu em 1879. Ao retornar ao Brasil, casou-se com um farmacêutico, com quem teve quatro filhos, e exerceu a clínica médica por muitos anos, na *Farmácia Norma*, propriedade do marido.

Mirtes de Campos – Feminista, primeira mulher a advogar no Brasil (1875 - ?)

Nasceu em Macaé (RJ) e muito cedo começou a se interessar pelas leis. Para cursar a faculdade de Ciências Jurídicas, enfrentou a sociedade e a família que achavam que o lugar de mulher era como esposa e mãe. Bacharelou-se em 1898, mas, por causa do preconceito e dos problemas que enfrentava com as resistências do poder público, só conquistou o direito de ingressar na OAB em 1906. Nesse mesmo ano, atuou como advogada de defesa, fato inédito no país. Isto rendeu ampla divulgação jornalística, o que gerou grande expectativa em torno de seu desempenho profissional. Com grande poder de argumentação e conhecimento vasto sobre as leis, conseguiu vencer um imbatível promotor e absolver o réu. Engajada nas lutas feministas, defendeu o direito do voto feminino. Assumiu cargos em Tribunais da justiça e escreveu vários livros defendendo os direitos das mulheres. Apesar de não ter sido a primeira a se formar advogada – outras quatro mulheres terminaram o curso antes, mas não conseguiram seguir adiante -, foi pioneira no exercício da profissão.

Maria José de Castro Rebelo – primeira mulher a ingressar no Itamarati (1891 – 1936)

Nasceu em Salvador (BA). Filha de um advogado, recebeu a educação elementar em casa, com a alemã Matilde Schöeder. Se formou no Colégio Alemão, em Salvador, e aprendeu alemão, inglês, italiano e francês. Após a morte do pai, sua mãe, em difícil situação financeira, abre, com a ajuda de Matilde Schöeder, uma pequena escola para manter os filhos menores. Maria José vai morar com parentes no Rio de Janeiro, onde trabalhou e estudou. Inscreveu-se no concurso para o Itamarati, mas sua inscrição foi recusada. Procurado pela família da moça, Rui Barbosa elaborou um parecer sobre o caso. Os jornais divulgaram amplamente o ocorrido e o ministro Nilo Peçanha deferiu a inscrição da candidata. Com arguição pública, Maria José defendeu com brilhantismo todos os assuntos propostos pela Banca, sendo aprovada em primeiro lugar. Muitos protestos foram feitos contra o ocorrido e em defesa da mulher no lar. Maria José assumiu suas funções no Itamarati em 1921. Em 1922 casou-se com o também diplomata Henrique Pinheiro de Vasconcelos, com quem teve cinco filhos. Após seu falecimento, no ano de 1938, o chanceler Oswald Aranha proibiu o ingresso de mulheres no Ministério de

Relações Exteriores. Somente em 1954, após muitos protestos, foi aprovada a lei que garante o direito à mulher em uma carreira diplomática.

Como se vê, foi com muita luta que as mulheres ocuparam os espaços no mercado de trabalho. As dificuldades se mostravam muito maiores para as mulheres quando o espaço almejado envolvia profissões que não eram uma extensão do lar. Léa Campos, por exemplo, para ser aceita como juíza de futebol, regularmente documentada, precisou fazer mais testes que os destinados aos homens. Era preciso “provar” sua capacidade. Mirtes de Campos precisou insistir por oito anos, após sua formatura, para ter o direito de ingressar na OAB. As dificuldades eram muitas para estudar e mais ainda para ter o direito de ingressar no mercado de trabalho.

Enquanto buscavam um espaço no mundo do trabalho, uma profissão, as mulheres também se politizavam. Cada vez mais inconformadas com a condição submissa a que eram submetidas, abriam guerra contra os seus opressores e buscavam aliados que se identificassem e compreendessem a sua causa.

Em meio às ilustres mulheres que procuraram fazer a diferença na história das mulheres no Brasil, pode ser citado o nome de Nísia Floresta, nascida no interior do Rio Grande do Norte, no ano de 1810. Numa época em que as mulheres viviam somente para seus lares, trancafiadas em casa, Nísia Floresta dirigia um colégio para moças e escrevia livros e mais livros defendendo os direitos dos que estavam à margem da sociedade, como as mulheres, os negros e os índios. Também foi uma das primeiras a publicar textos em jornais da época, mas o que recebeu da sociedade foi desprezo e difamação, caindo mesmo no esquecimento da cidade onde nasceu. Era necessário fazer o apagamento dessa filha rebelde. Não interessava ouvir a voz que perturbava a ordem.

Dentre seus quinze títulos publicados em português, francês e italiano, destaca-se aqui o pioneiro de que se tem notícias no Brasil. Esse livro, publicado em Recife – PE, em 1832, quando a autora tinha apenas 22 anos de idade, recebeu o título de **Direitos das Mulheres e Injustiças dos Homens**. Nele, Nísia Floresta trata “dos direitos das mulheres à instrução e ao trabalho e exige que elas sejam consideradas como seres inteligentes e merecedoras de todo respeito pela

sociedade” (DUARTE, 2005, p.17). Em um trecho do primeiro capítulo desse livro, Nísia Floresta (1832) dizia o seguinte:

Se cada homem, em particular, fosse obrigado a declarar o que sente a respeito de nosso sexo, encontraríamos todos de acordo em dizer que nós nascemos para seu uso, que não somos próprias senão para procriar e nutrir nossos filhos na infância, reger uma casa, servir, obedecer, e aprazer a nossos amos, isto é, a eles homens. [...] Os homens parecem concluir que todas as criaturas foram formadas para eles, ao mesmo tempo em que eles não foram criados senão quando tudo isto se achava disposto para seu uso. Eu não me proporia ver a futilidade deste raciocínio; mas concedendo que ele tenha alguma ponderação, estou certa que antes provará que os homens foram criados para o nosso uso, do que nós para o deles. (apud DUARTE, 2005, pp.69-70)

Vê-se, então, o porquê de a autora cair no apagamento da memória por tantos anos. Era um discurso muito além de seu tempo. À mulher cabia apenas aceitar sua predestinação na execução de todos os serviços citados acima, servindo bem ao seu “amo e senhor”. Jamais se aceitaria dizer que os homens é que foram criados para uso das mulheres e não o contrário, conforme se achava. Era um discurso feminista radical, mas, em meio a tanto radicalismo, a autora clamava por justiça nas relações de gênero. Ainda não era tempo de se clamar pelos direitos ao trabalho e ao voto feminino, mas já havia um incômodo em relação ao tratamento e ao lugar que os homens ofereciam às mulheres, sem dar o valor merecido por elas. Diante do que seria necessário, tudo o que reivindicou Nísia Floresta foi apenas uma pequena chama da grande fogueira que ainda estava por vir.

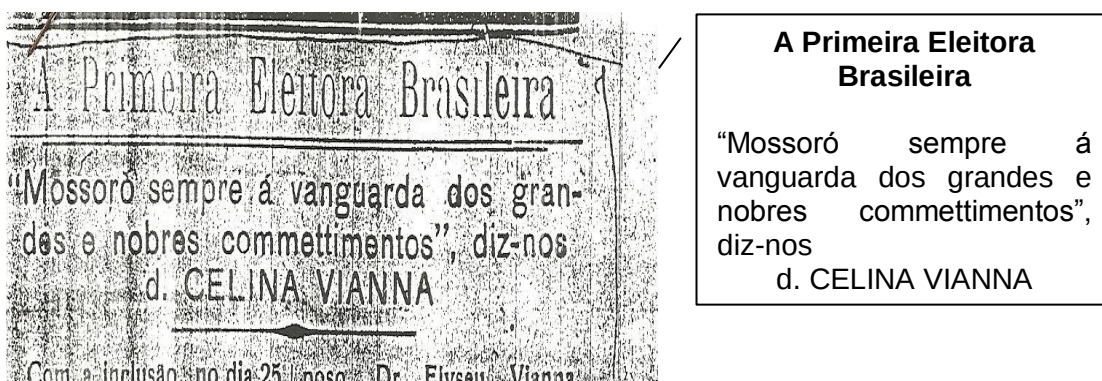
É no próximo milênio que as mulheres começam a sair da invisibilidade e a incomodar realmente aos que estavam bem acomodados em seu lugar: os homens. E uma das grandes lutas desse novo século é o direito ao voto. As mulheres não se conformavam em não fazer parte da cidadania escolhendo os representantes do povo. Na década de vinte, quando se fortifica a reivindicação do voto, ainda há quem defenda que “as mulheres deveriam se abster da leitura e da escrita para evitar romances” (FIRMINO, 2003, p.21). O saber, que supunham vir da leitura, andava de mãos dadas com o poder. E as mulheres ansiavam pelo poder do voto.

Em 1927, finalmente, o projeto, que incluía esse direito, foi votado. Firmino (2003, pp. 22-23) relata que

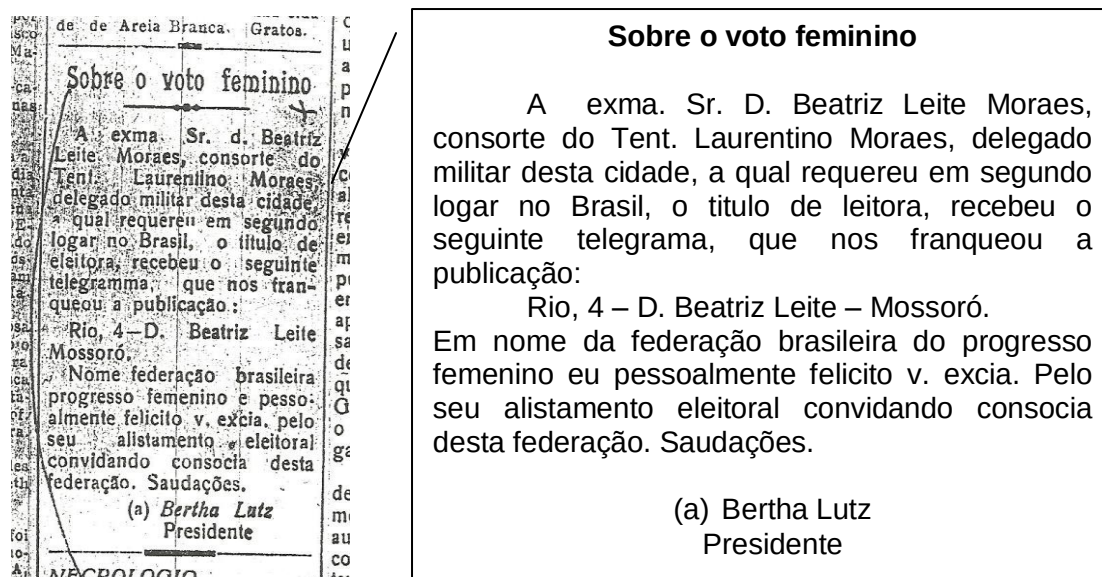
Segundo Juvenal Lamartine [presidente da Assembléia], a assembléia era constituída, naquele momento, de homens inteligentes e libertos de preconceitos políticos, como aquele que firmava a incapacidade da mulher de exercer, em toda a sua plenitude, os direitos de cidadã brasileira.

Com o direito ao voto conquistado, as mulheres começam a requerer a inclusão de seus nomes no alistamento eleitoral. Quem primeiro entra com esse recurso é Júlia Almeida, 21 anos, solteira, professora na cidade de Natal – RN. Dois dias depois, Celina Guimarães Vianna, professora na cidade de Mossoró – RN, casada, juíza de futebol (dava aulas de futebol aos meninos da escola), também entra com o recurso. Pelo fato de Júlia Almeida ser solteira, houve uma maior demora no despacho de seu processo, o que não aconteceu com Celina Guimarães, que era casada com Eliseu Vianna. Dessa forma, torna-se Celina Guimarães, residente em Mossoró – RN, a primeira eleitora do Brasil e da América Latina. Constitui-se assim, “o início da conquista da cidadania feminina brasileira, através de uma luta de mulheres somada aos esforços de homens que viam no direito da participação política, um direito de todos” (FIRMINO, 2003, p.29).

Nessa época, a mídia local divulgava o grande acontecimento. Nos jornais eram publicadas as notícias sobre o fato, como também os telegramas recebidos do Brasil e do mundo.



(Fig.33: Recorte de Jornal - O MOSSOROENSE, 04 de dezembro de 1927)



(Fig.34: Recorte de Jornal - O MOSSOROENSE, 11 de dezembro de 1927)

O primeiro recorte acima traz o título de uma matéria publicada no Jornal **O Mossoroense**, sobre o primeiro voto feminino no Brasil, e o segundo recorte traz o telegrama enviado à segunda mulher a votar, D. Beatriz Leite Moraes, por Bertha Lutz, importante líder feminista, que teve Juvenal Lamartine como aliado, e que lutou incansavelmente pelos direitos das mulheres no Brasil, inclusive pelo direito ao voto.

Isso era apenas o começo. Em 1928, elege-se, também no estado do Rio Grande do Norte, na cidade de Lajes, a primeira mulher prefeita de toda a América Latina: Alzira Soriano. Não demorou muito para as mulheres ocuparem muitos outros cargos na política, o que, conseqüentemente, ajudou em muitas outras conquistas, como o direito à educação e ao trabalho, que nessa época se restringia a poucas.

O Brasil foi o primeiro país da América latina a conceder o voto à mulher, no entanto, não foi pioneiro em ter o mais alto cargo político ocupado por uma mulher. Isto só aconteceria oitenta e três anos depois, no ano de 2010, com a eleição de Dilma Rouseff.



(Fig.35: VEJA ed. Extra, novembro, 2010)



(Fig.36: VEJA ed. Extra, novembro, 2010)

A mulher brasileira consegue, finalmente, chegar ao exercício do poder, no mais alto posto político de um país. Dilma Rousseff, primeira presidente do Brasil, no exercício desse cargo, simboliza muitas das lutas das mulheres por uma vida mais justa, em que se possa exercer o livre arbítrio quanto as suas escolhas pessoais e profissionais. Mais um acontecimento para marcar a história e para abrir novos caminhos às mulheres do Brasil.

Chamando atenção para um fato que comprova as grandes mudanças de identidade de um povo é o fato de a nova presidente não ter ao seu lado um marido, um representante do sexo oposto para “ajudá-la” a governar. Como é uma mulher divorciada, Dilma Rousseff faz suas aparições em público sempre em companhia da filha. O fato de não estar casada não impediu que Dilma se candidatasse nem que se elegeisse, diferentemente do ano de 1927, quando o casamento era super valorizado, e Celina Guimarães, por ser casada, recebeu o direito de votar antes de Júlia Almeida, que era solteira.

Porém, se se observar o histórico dessas mulheres, percebe-se a importância do apoio masculino em suas conquistas. Como, sem a ajuda e o apoio do pai, Maria Augusta, em pleno século XIX, com todas as restrições feitas às mulheres do Brasil, teria conseguido seu diploma em medicina? Como Graziela Macedo teria sido, sem o consentimento e apoio de seu marido, a primeira mulher a prestar concurso público para naturalista do Jardim Botânico e se tornado uma

grande cientista brasileira? Como Maria José de Castro, sem o apoio da família e da força recebida do digníssimo Rui Barbosa, teria conseguido o consentimento para se inscrever no concurso do Itamarati e ser aprovada como a primeira mulher diplomata? Como teria sido a conquista do voto feminino se muitos homens como Juvenal Lamartine e outros não estivessem convencidos de que as mulheres poderiam ocupar também esse espaço no social? Como Dilma Roussef caminharia para a Presidência da República sem os eleitores de Lula da Silva e sem o apoio do ex-presidente do Brasil? Cada uma dessas mulheres precisou encontrar força de vontade e coragem em seu interior e, em seu exterior, precisou do apoio e da ajuda daqueles que acreditaram em seus ideais.

Segundo Foucault (2006b, p.269), “desde Platão, sabe-se que o saber não pode existir totalmente independente do poder”. O filósofo diz ainda que “não se pode pensar o progresso do saber científico sem pensar mecanismos de poder” (FOUCAULT, 2006b, p.269). Poder e saber caminham juntos quando o sujeito se vê na luta pelos espaços. Igualmente precisam caminhar juntos os homens e as mulheres para que, os problemas de relações de gêneros, em meio a tantas relações de poder, não deixe estagnar o saber, impedindo que os sujeitos tomem seus lugares no espaço social.

Mas, esse caminhar juntos sempre é possível? As mulheres hoje vencem barreiras nas mais diversas profissões/ocupações. Algumas encontram apoio e compreensão de seus companheiros e familiares; outras, nem tanto. Outras, ainda, como Dilma Roussef, precisam ir à luta sem um companheiro do lado e com a responsabilidade de educar os filhos. A grande batalha ainda não acabou, o espaço público é competitivo e o privado não é disputado. Cada vez mais obstáculos surgem na caminhada das mulheres, que não se deixam abater e enfrentam os desafios com perseverança, força e coragem unindo casamento (às vezes), trabalho e maternidade. Conheçamos, através da mídia, um pouco mais dessa história.

4. A MULHER, O MERCADO DE TRABALHO E A FAMÍLIA: VISITANDO A MEMÓRIA E O ARQUIVO MIDIÁTICO

A família fornece valores e pontos de referência num mundo em que eles faltam. Esboça soluções. O desemprego é pesado e obriga à divisão do trabalho e dos recursos. Ao redor dessas divisões, os papéis sexuais ou de geração repartem-se diferentemente. Essas recomposições, intensamente em ação, surgem ao mesmo tempo que todas as formas imagináveis de divisão do trabalho.

(PERROT, 1998, p.144)

“*Women, work and family* são realidades inseparáveis, diziam, no próprio título de seu livro, Joan Scott e Louise Tilly” (PERROT, 2005, p.149). Coincidentemente, este trabalho de pesquisa tem como título o mesmo nome da obra desses autores. Se se analisar a ligação entre esses três elementos lexicais “mulher, trabalho e família”, pode-se pensar em que ponto esses três elementos discursivos se engendram e qual fio condutor dos sentidos pode ser encontrado a partir dessa união.

Como já foi explicado na introdução desta Tese e foi demonstrado no decorrer dos capítulos anteriores, há uma questão familiar que envolve toda a vida da mulher, e isso não poderia deixar de existir no âmbito do trabalho.

É uma história que está gravada na memória social e fez/faz parte da realidade de muita gente, principalmente daquelas pessoas nascidas 40, 50 (ou mais) anos atrás, conforme veio sendo averiguado em todos os discursos presentes nos gêneros midiáticos analisados aqui.

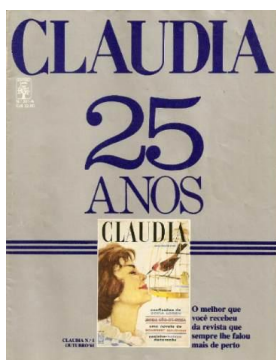
E para melhor se aprofundar nessa temática e seguir os eixos delineados para nortear este trabalho, serão analisados daqui por diante os discursos presentes nas matérias discursivas de revistas impressas, escolhidas como *corpus* para essa pesquisa. As revistas são **Claudia**, **Veja Mulher** e **Você S/A**. Cada uma delas, assumindo posição-sujeito diferente, busca um público diferenciado e se preocupa, a sua maneira, em discursivizar o momento vivido pela mulher nessa contemporaneidade. Dessa forma, foi se delineando o fio do discurso que conduz às regularidades presentes nesses textos.

A revista **Claudia**, lançada em 1961, hoje com 50 anos de existência, foi direcionada, em seus primeiros anos de edição, para um público feminino, o qual se

apropriava de seus discursos sobre culinária, moda, decoração, criação dos filhos, vida de casada, um conjunto de temas que envolviam muito mais a vida privada. Hoje, percebe-se uma transformação: **Claudia** encontra-se muito mais politizada. Continua trabalhando todos os temas citados, relativos à vida privada da mulher, mas percebem-se as mudanças discursivas presentes em suas matérias, além de incluir, em suas páginas, o espaço público destinado à mulher moderna.



(Outubro/1961)



(Outubro/1986)



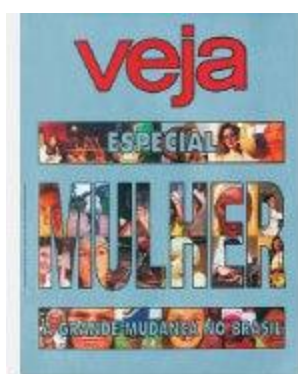
(Outubro/2011)

Hoje a revista não discursiviza o casamento acima de tudo, até mesmo da traição – apesar de trazer ainda matérias que abordem esse tema -, mas a realização da mulher, quer seja no casamento ou no trabalho. Há uma preocupação da revista em se transformar junto a sua leitora, discutindo temáticas polêmicas que envolvem a mulher, a família e o sucesso profissional.

A revista **Veja Mulher** é uma edição especial da Revista **Veja** (lançada em 1968). Na época de seu lançamento, a **Veja** tinha um público mais politizado e masculino. Às mulheres, ainda se destinavam outras leituras, em escala maior, como a revista **Claudia**. Porém, com as mudanças identitárias femininas, e com o interesse das mulheres por esse tipo de leitura, percebem-se também as mudanças editoriais da revista, que começa a contemplar temáticas que envolvem o universo feminino numa esfera pública. Surgem então, as edições especiais da **Veja** (saúde, tecnologia, moda, jovens, homem...). Entre essas edições especiais surge a **Veja Mulher**, revista que contempla problemas sociais e familiares vividos pelas mulheres, expectativas de carreira, vida profissional, cuidados com o corpo, dicas de moda e de saúde, conflitos vivenciais entre trabalho e família - como os que serão

abordados neste capítulo - entre outras temáticas direcionadas a um público alvo específico: a mulher. Claro que isso não restringe sua leitura nem exclui o interesse masculino.

Essa revista surge pela primeira vez em 1994 e, como todas as edições especiais, chega como um suplemento de **Veja**, com o mesmo ano e mesma edição da revista **Veja**, a qual acompanha. Diferentemente das outras edições especiais, que tiveram uma ou duas edições, após o ano de 2001, nesse novo milênio, a revista **Veja Mulher** se fortifica e passa a ser editada de forma mais constante que as outras edições especiais, praticamente todos os anos (2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2010 - com exceção dos anos de 2009 e 2011). As edições de 2004 e de 2005 também tiveram um subtítulo: Edição Especial Mulher: Moda e Estilo. As demais tratam de temas mais polêmicos e variados.



(Agosto/1994)



(Maio/2008)



(Junho/2010)

Neste capítulo, analisaremos matérias de duas edições dessa revista: a edição de 2008 e a de 2010.

A revista **Você S/A** surge com sua primeira edição em julho de 1998, final do século XX. É uma revista direcionada ao mundo do trabalho. Trata especificamente de carreira, profissões, mercado de trabalho, dinheiro.



(Outubro/2009)



(Setembro/2010)



(outubro/2011)

À primeira vista, na forma como a revista se apresenta, parece pertencer ao universo masculino, mas, aos poucos as mulheres vão aparecendo e se destacando na revista, até que, como a revista **Veja**, a **Você S/A**, que também possui edições especiais – RH, EXAME, INFO -, traz, em dezembro de 2010, uma dessas edições especiais, dedicada às mulheres. A edição especial para Mulheres fez tanto sucesso que a editora Abril resolveu dar continuidade ao lançamento, editando a **Você S/A edição para Mulheres** também em junho de 2011 e novamente em outubro de 2011.



(Dezembro/2010)



(Junho/2011)



(Outubro/2011)

As revistas trazem em suas capas mulheres famosas na TV e no mundo dos negócios, como Ana Hickman, Maria Fernanda Cândido e Ivete Sangalo. Em menos de um ano já são três edições especiais para Mulheres. O público relativo à carreira e aos negócios realmente mudou, como mudou também a leitura direcionada às mulheres.

Neste capítulo, pelo discurso midiático, mais especificamente por meio das revistas impressas (que circulam também no meio digital), serão analisadas matérias discursivas retiradas das revistas citadas acima – **Claudia**, **Veja Mulher** e **Você S/A**, - seguindo o trajeto temático escolhido para esta pesquisa: “Mulher, trabalho e família”. Para dar conta dessa temática com elementos tão inseparáveis, serão seguidos os três eixos norteadores, conforme já foram citados: A mulher e o mercado de trabalho; a mulher trabalhadora e as relações de gênero; a mulher trabalhadora e a constituição familiar. Não necessariamente, esses pontos aparecerão nessa ordem.

Dessa forma, o capítulo se apresenta da seguinte maneira: serão abordados os conflitos que se apresentam na vida das mulheres quando precisam optar entre casamento e carreira, o que leva a refletir sobre a importância de ser esposa, mãe, dona de casa e ao mesmo tempo uma mulher realizada profissionalmente. As relações de gênero serão vistas em dois pontos, pois, sentiu-se a necessidade de articular os modos de convivência entre os gêneros em casa e no trabalho, no sentido de se conhecer as regularidades e as diferenças do comportamento homem/mulher nesses dois ambientes. Outro ponto discutido é o lugar dos filhos, o que nos leva a investigar como a mulher contemporânea, diante das exigências do mercado de trabalho, consegue conciliar a difícil tarefa da maternidade com as longas jornadas de trabalho, e como o mercado de trabalho auxilia nos diversificados papéis dessa nova mulher, para que ela não perca seu espaço no social, no mundo do trabalho.

As matérias são trazidas para cada ponto, por meio de enunciados verbais e imagéticos, que compõem as matérias publicadas e que exemplificam, discursivizam cada item aqui selecionado. Além disso, essas matérias são confrontadas/comparadas com outros textos do arquivo que constituem essa pesquisa. Algumas dessas matérias são analisadas de forma mais intensa e outras são utilizadas em pequenos trechos, formando um conjunto com aquelas que dizem algo dentro das mesmas práticas discursivas sobre as temáticas aqui enfocadas.

Analisando os discursos distribuídos nos tópicos a seguir, pode-se imaginar o quão surpresas ficariam as pessoas que viveram em outras épocas (séculos XIX e primeiras décadas do século XX), caso pudessem presenciar os posicionamentos femininos nesse novo século: o século XXI. Não só os posicionamentos femininos

causariam surpresas, como também os masculinos. Por outro lado, imagina-se o quão decepcionadas(os) também poderiam ficar aquelas(es), que tanto lutaram nos movimentos de resistência, reivindicando por dias melhores, quando parassem para observar o longo caminho que ainda se tem pela frente.

Embora as mudanças já estejam ocorrendo, cada vez mais firmes e fortes, a jornada é longa, o caminho é árduo e o retorno é lento. E isso pode ser visto no fio condutor da análise a seguir, causadora, talvez, de muitas outras inquietações.

4.1 CASAMENTO OU CARREIRA? OS CONFLITOS EM REDES DE MEMÓRIA

Em pleno século XXI, podem-se vivenciar ainda conflitos existenciais na relação mulher/casamento/carreira. Mas, por que, após tantas batalhas travadas, tantas lutas vencidas (ou perdidas), as mulheres ainda enfrentam, com tanta frequência, esses dilemas em suas vidas?

Quando se lança o olhar para os sentidos da palavra “casamento”, pode-se encontrar um conjunto de elementos que afetam diretamente a mulher, como os cuidados com o marido e com os filhos, os cuidados com a casa, que não são poucos (lavar, passar, cozinhar, limpar...). Essas atividades domésticas parecem tão cristalizadas na memória como sendo trabalhos de mulher que a própria mulher, por mais culta e estudada que seja, por mais oportunidades que tenha, muitas vezes, não suportando a pressão pessoal e social, acabam por fazer opção entre casar ou trabalhar.

Como ressalta Beauvoir (2009, p.548), “o casamento sempre se apresentou de maneira radicalmente diferente para o homem e para a mulher”. E, por mais que o tempo passe, a sociedade ainda não consegue olhar de maneira igualitária as obrigações destinadas aos gêneros. Beauvoir (2009, p.548) completa colocando que,

ambos os sexos são necessários um ao outro, mas essa necessidade nunca engendrou nenhuma reciprocidade; nunca as mulheres constituíram uma casta estabelecendo permutas e contratos em pé de igualdade com a casta masculina. Socialmente, o homem é um indivíduo autônomo e completo; ele é encarado antes

de tudo como produtor e sua existência justifica-se pelo trabalho que fornece à coletividade. Vimos por que razões o papel de reprodutora e doméstica em que se confinou a mulher não lhe assegurou igual dignidade.

Seria essa prática decorrente do complexo de Adão e Eva? A igualdade entre os gêneros é ainda uma luta constante do movimento feminista, que continua a atuar e a conquistar novos adeptos na batalha pelas novas causas reivindicadas.

A revista **Claudia**, julho de 2009, traz na matéria **Sucesso profissional atrapalha a vida amorosa das mulheres** os dilemas vividos por essas guerreiras da contemporaneidade.

Ao mesmo tempo em que a revista apresenta os depoimentos de algumas mulheres, alguns especialistas tratam do assunto e discutem suas causas e consequências:

O psicólogo Luiz Cuschnir admite à revista **Claudia** que:

“os homens são privilegiados pela maneira como foram criados”. Para eles, o topo profissional, esposa e filhos são sinal de plenitude; para elas, trazem uma dose de conflito. (CLAUDIA, julho de 2009).

Observa-se o antagonismo entre “plenitude” e “conflito”. Estar no topo profissional, ter filhos, um cônjuge e um lar para zelar, pode ser o auge para um homem, pois, na verdade, o que ele precisa mesmo é cuidar para que sua carreira continue dando bons frutos. E como ele tem uma esposa ao seu lado, ela pode governar o restante: a casa e os filhos. Já a mulher, ao se encontrar no topo profissional, carrega sinais de culpa constante, pois, quanto mais alto o cargo, mais competência e dedicação devem ser demonstradas e, ao se ausentar de casa para trabalhar fora, precisa terceirizar os trabalhos de alguém – uma outra mulher – que possa substituí-la nos cuidados com as crianças e com a casa. Percebe-se então a plenitude se misturando ao conflito quando os dois mundos, o privado e o público, também passam a se misturar. Essa é a verdade que se apresenta através da voz de autoridade do psiquiatra, que ainda diz:

“Todas as conquistas são importantes para elas. A carreira e o convívio com a família são realizações diferentes que se completam”, resume Cuschnir. (CLAUDIA, julho de 2009).

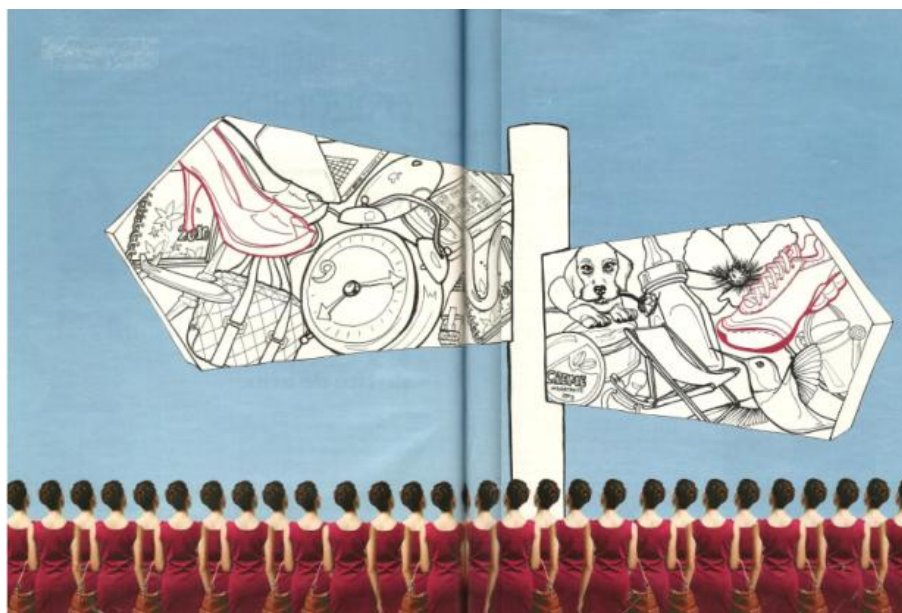
Essas realizações, carreira e família, são idealizadas pelas mulheres, mas não é sempre que podem caminhar lado a lado, pois, o casamento, hoje, ainda conserva grande parte dos aspectos tradicionais e isso acaba impondo muito mais responsabilidades à mulher do que ao homem, pois, se a casa não entra nos eixos, a culpa é atribuída à mulher, que passa grande parte do tempo fora; se os filhos adoecem, é a mulher quem deve levá-los ao médico e cuidar para que saiam logo; se a roupa está suja, é a mulher quem deve providenciar sua limpeza. Nas redes da memória, é a imagem da mulher, e não a do homem, que aparece como salvadora de todas essas situações. Entra nessa concepção, o governo da casa, da família.

Sobre o governo, Foucault (2008a, p.280) afirma que

a prática de governo são, por um lado, práticas múltiplas, na medida em que muita gente pode governar: o pai de família, o superior do convento, o pedagogo e o professor em relação à criança e ao discípulo. Existem, portanto, muitos governos, em relação aos quais o do príncipe governando seu Estado é apenas uma modalidade.

A esses tipos de governo citados por Foucault, acrescenta-se o governo da casa e da família pela mulher, pois a ela é designada a função de fazer funcionar o ambiente familiar, no espaço privado (e no público também). Se esse espaço privado não funciona, conforme a necessidade da família e daquela que governa, isso acaba por trazer problemas no espaço público, onde a mulher atua em uma carreira. Os espaços se misturam e se tumultuam, desorganizando a vida pessoal e profissional dessa mulher. Em compensação, se se sabe lidar com esses espaços, se fazendo opções, escolhendo o que melhor lhe satisfaz, seja pelo espaço público ou pelo privado, e não deixando que um interfira, com grande constância, no outro, pode-se chegar à realização tão almejada pelas mulheres.

Formas diferentes de realização pessoal e profissional podem ser vistas na revista **Claudia** de novembro de 2010, a qual traz a matéria **43 milhões de mulheres e um dilema: focar na carreira ou na família?** E para compreender o dilema apresentado pela revista, começamos por analisar a imagem que compõe as primeiras páginas da matéria.



(Fig.37: CLAUDIA, novembro de 2010)

Na imagem acima, observa-se uma pequena multidão de mulheres, todas de vermelho, com o mesmo penteado, basicamente clonadas, com o olhar perdido logo acima de suas cabeças. Mas, o que olham essas mulheres? Pode-se ver um poste com duas setas indicando diferentes direções. Em uma das setas, há as imagens de um despertador, bolsa, agenda, celular, sapatos altos, avião, entre outras coisas. Mas, que efeitos de sentido pode haver nessas imagens? Enquanto esta primeira seta parece indicar a agitação de uma vida no espaço público, com compromissos, viagens, hora marcada; na outra seta pode-se ver claramente a esfera privada, através dos deslocamentos da mamadeira - representando a presença de uma criança - de um cachorrinho, chupeta, pássaro, flor, regador, cadeira de sol, tênis, elementos que estão mais intimamente ligados ao lar.

Ao olhar fixamente para essas imagens, essas mulheres estão à procura de respostas sobre qual caminho seguir, sobre o que focar (carreira ou família). Ambas as opções trazem diferentes responsabilidades, diferentes posicionamentos. E é preciso saber qual dos dois caminhos pode lhes trazer maiores realizações. Se a escolha for dupla, dá para fazer tudo ao mesmo tempo? Somente quem viveu/vive essa situação saberá responder as inquietações que pairam pelas cabeças de todas essas mulheres, pois, cada uma delas é diferente da outra. A mídia cria um efeito de homogeneidade na imagem idêntica dessas mulheres, mas, por outro lado, a heterogeneidade do sujeito que o faz descentrado, múltiplo, também faz com que

cada uma dessas mulheres pense diferente, faça diferente diante das situações que lhes são impostas.

Nessa matéria pode se ver o posicionamento de duas mulheres: uma delas tinha uma vida ativa, com jornada longa de trabalho. Muito nova ainda, aos 21 anos de idade, é contratada por uma multinacional americana como analista de sistemas júnior. Aos 28 anos chega ao cargo de vice-presidente da empresa, de toda a área técnica, para atuar na América Latina. Torna-se responsável por uma equipe de 200 pessoas em seis países. Em meio a isso tudo, casa, tem um filho, separa e casa de novo, até que perde o emprego e, depois de uma depressão, resolve ver o lado bom de tudo.

[...]

*Hoje, cuido da minha casa, em Vinhedo, do meu segundo marido, Celso, do meu filho e do meu enteado, Luís. Faço ginástica, encontro minhas vizinhas na academia e passei a entender a rotina das donas de casa. Confesso que achava que elas não faziam muita coisa. E sou muito feliz por ter optado por essa nova vida. [...] Querem saber qual é o balanço que faço seis anos depois? **Não sinto falta do trabalho, tenho tudo de que preciso, controlo os meus rendimentos (fiz um ótimo pé-de-meia, porque não sou boba) e adoro ser dona de casa.** E não é que sobra bem pouco tempo livre? Não dá para comparar a qualidade de vida que tenho hoje com a que tinha. **Continuo sendo uma mulher ativa, invisto na bolsa de valores, sou da comissão de formatura da escola do Leonardo;** afinal, adoro um bom desafio. **A diferença é que agora EU dou as cartas.***

(Rita Buri, 45 anos, provou o gostinho de ser uma executiva de sucesso, mas redescobriu a alegria de ficar mais próxima do filho Leonardo – Revista CLAUDIA, novembro/2010)

Na mesma matéria, a outra mulher se posiciona de forma bem diferente.

*“**Não fui criada para namorar, casar e ter filhos.** Na verdade, sempre resisti a essa idéia. Quando cheguei perto da idade de casar, pensei: **“Onde esse negócio se encaixa na minha vida?”** Adiei quanto pude. Há quatro anos, após dois de namoro, **casei com o Cristovão, meu parceiro e maior incentivador do meu grande projeto profissional:** sou gerente de marketing de uma empresa alemã especializada em produtos odontológicos, braço de uma multinacional americana, e quero expandir os limites para o meu poder de atuação e realização. Vivo viajando para Joinville (SC), onde está instalada a fábrica brasileira; São Paulo, onde moro; Estados Unidos e Alemanha, onde há duas outras fábricas; e América Latina para vender meus produtos. Essa rotina já dura cinco anos. **Nem desfaço mais a mala,** pois está sempre pronta para o próximo embarque.*

(Fernanda do Nascimento, 38 anos, é gerente de marketing de uma multinacional, Revista CLAUDIA, novembro de 2010)

Cada uma dessas leitoras viveu situações que as levaram a seguir uma ou outra das setas mostradas na imagem acima. As decisões foram tomadas, pensando no bem estar próprio e de outras pessoas envolvidas, como é o caso da leitora Rita Buri que, após perder o emprego, redescobre os pequenos valores da vida doméstica, ao precisar cuidar do filho que foi acometido por uma grave doença. Mas, apesar das mudanças ocorridas, Rita continua a ser uma mulher ativa, que marca presença na vida social, participando da escola do filho, investindo na bolsa de valores, continua agindo na vida pública, mesmo fora do mercado de trabalho. As mudanças no cotidiano não a diminuíram como mulher. Essa ideia se apresenta fortemente no enunciado verbal *“A diferença é que agora EU dou as cartas”*. O pronome EU, escrito em letras maiúsculas denuncia a força dessa mulher e como ela se enxerga perante a sociedade, afinal, hoje é ela quem está no comando de sua vida. Num gesto de interpretação pode-se ver a grandeza de seu ser apresentada por meio da linguagem, por meio de um pronome, de primeira pessoa, no singular, ou seja, ela - representada pelo EU – está em primeiro lugar, dando as cartas, ou melhor dizendo, fazendo as escolhas sem precisar se submeter a ninguém.

Como ressalta Possenti (2001, pp.50-51),

as palavras têm seu sentido num discurso que remete sempre a ocorrências anteriores. Ou ainda: qualquer enunciação supõe uma posição, e é a partir dessa posição que os enunciados (palavras) recebem seus sentidos. Melhor ainda: qualquer uma dessas posições implica uma memória discursiva, de modo que as formulações não nascem de um sujeito que apenas segue as regras de uma língua, mas do interdiscurso, vale dizer, as formulações estão relacionadas a outras formulações. Enfatizo que a relação metafórica que funciona como matriz do sentido é “historicamente” dada. (grifo do autor).

Essa colocação das palavras nos enunciados é que provoca os efeitos de sentido presentes no discurso. Quando se observa o enunciado linguístico *“EU dou as cartas”*, apreende-se, através da memória discursiva, o sentido de que, antes, as coisas eram diferentes, outras pessoas é que davam as cartas. Há, então, o

aparecimento do interdiscurso, a presença de uma formulação que se relaciona a outras formulações e que historicamente vai (re)construindo os seus sentidos.

Já a leitora Fernanda não se vê nesse espaço doméstico, pois gosta de se aventurar. Como ela mesma diz: *“Nem desfaço mais a mala”*. Outro enunciado que chama a atenção sobre essa leitora é o fato de ela afirmar: *“Não fui criada para namorar, casar e ter filhos. Na verdade, sempre resisti a essa idéia. Quando cheguei perto da idade de casar, pensei: “Onde esse negócio se encaixa na minha vida?”*. A memória cristalizada da mulher reprodutora é tão forte que a sociedade não entende e não aceita quando se depara com o diferente, como é o caso de Fernanda. As cobranças surgem e pressionam o sujeito que não segue as regras. Essa pressão aparece ironicamente na charge abaixo:



(Fig. 38: Charge “As eternas e insuportáveis cobranças da sociedade”.

Conforme pode ser visto nessa ³²charge, há todo um ritual que envolve a vida da mulher. Para a sociedade e a maioria das famílias a moça precisa arranjar um namorado e casar antes de “envelhecer”, que, supostamente, para a sociedade, pode se dar aos 25 anos de idade. Quando arranja um namorado as cobranças passam a ser para os dois *“E aí? Esse casório sai ou não sai?”*. E mal o casal começa uma vida a dois, as cobranças mudam de rumo: agora é preciso aumentar a família. E se um dos dois, principalmente a mulher, demonstrar não querer ter filhos, o julgamento recomeça. O controle disciplinar que rege as vidas dos sujeitos surgem a toda hora. As escolhas devem estar dentro dos padrões sociais delimitados, não se pode pensar diferente. Para Foucault (1999, p.289), há uma “biopolítica da

³² Disponível em: <https://abobrinhaecia.wordpress.com/2012/04/20/as-eternas-e-insuportaveis-cobrancas-da-sociedade/> - acesso 02/03/2012.

espécie humana”, e essa biopolítica trata da natalidade, da mortalidade e da longevidade do sujeito. Aplica-se uma disciplina que “tenta reger a multiplicidade dos homens na medida em que essa multiplicidade pode e deve redundar em corpos individuais que devem ser vigiados, treinados, utilizados, eventualmente punidos” (FOUCAULT, 1999, p.289).

Mesmo com toda essa vigilância, as mulheres estão cada vez mais adiando a maternidade em prol de uma carreira mais sólida. Para muitas delas, é preciso fazer conquistas profissionais, ficar bem financeiramente, para então poder oferecer o que há de melhor para seus filhos. Mas, isso não é regra geral. A leitora Fernanda não queria casar e ter filhos, queria trabalhar. Essa era a certeza que carregava consigo. Seria essa a essência do homem, melhor dizendo, da mulher?

Sobre a essência do trabalho em nossas vidas, Foucault (2006b, p.259) comenta que

Marx pensava – e ele o escreveu – que o trabalho constitui a essência concreta do homem. Penso que essa é uma idéia tipicamente hegeliana. O trabalho não é a essência do homem. Se o homem trabalha, se o corpo é uma força produtiva, é porque o homem é obrigado a trabalhar.

Olhar para o trabalho como a essência do homem parece ser uma coisa bem “normal” em nossos dias. Mas, às vezes, esse ser que se vê obrigado a trabalhar, de repente pode se encontrar numa situação oposta: ele se vê, praticamente, obrigado a não trabalhar, como é o caso da leitora Rita Bury. Nesse caso, mesmo fora do mundo do trabalho, a leitora sente-se feliz e satisfeita. Como dizer então que a essência do homem/mulher se encontra no trabalho? Foucault (2006b, p.263) defende que “Sim, desejamos trabalhar, queremos e gostamos de trabalhar, mas o trabalho não constitui nossa essência. Dizer que queremos trabalhar e fundar nossa essência sobre nosso desejo de trabalhar são duas coisas muito diferentes”. Por isso, as opiniões divergem tanto quando se pensa/fala em priorizar um aspecto da vida e não outro.

E como os sujeitos não possuem identidades estáveis, as vozes que constituem cada um deles se cruzam e se confundem com a realidade exterior e com os desejos que estão interiorizados em suas mentes, levando-os às mudanças mais inesperadas e inimagináveis. Isto acontece porque, segundo Coracini (2007,

p.88), “a contradição constitui o núcleo mesmo da subjetividade feminina, de modo que é impossível falar da mulher sem se referir à heterogeneidade que a constitui, cada vez mais fortemente”. E sendo esse sujeito heterogêneo, são muitas as vozes que o constituem e que podem aflorar nos momentos oportunos, como é o caso da mudança de Fernanda em relação ao casamento e de Rita em relação ao trabalho.

Essas mudanças também podem ocorrer não por fatores internos, mas por fatores externos que envolvem o sujeito e o levam a pensar sobre o que fazer, qual seta seguir, qual caminho escolher. Nessa difícil escolha aparece algo que pode ou não impulsionar a mulher a ser determinante naquilo que quer para si. E esse algo pode vir junto com a relação que se tem não somente com o sexo oposto, com a relação entre os gêneros, mas também com a família e com aquilo que o mercado de trabalho lhe oferece num dado momento da vida.

4.2 A MULHER TRABALHADORA E AS RELAÇÕES DE GÊNEROS: DISCURSOS DO PODER

Durante muito tempo não se perguntou quem era o chefe da casa, quem comandava, quem dava ordens e esperava que fossem cumpridas. Vivia-se em uma sociedade patriarcal com todos os costumes e direitos dados aos homens. Como ressalta Bourdieu (2010, p.75), “realmente, não seria exagero comparar a masculinidade a uma nobreza”. Para observarmos, na prática, o que diz o autor, basta buscar pela memória e ver como sempre foram representados os papéis femininos e masculinos e quais atividades sempre foram designadas aos gêneros.

Embora o mundo se apresente hoje de forma diferente para ambos os gêneros, os indícios dessa sociedade patriarcal continuam presentes em todos os lugares: em casa, nas ruas, no ambiente de trabalho, na mídia. Há sempre vestígios de uma memória que não se apaga, não se deixa levar para o esquecimento. Isso pode ser visto nos discursos materializados pela mídia e que circulam pela sociedade. Vejamos alguns trechos da matéria **Sucesso profissional atrapalha a vida amorosa das mulheres**, selecionada como parte do *corpus* deste trabalho de pesquisa.

1)Ele é um comerciante de sucesso, mas sente-se menos importante do que minha carreira. E, de certa forma, é. Nunca escondi isso. Mesmo assim, continua disputando meu tempo com a empresa. Vamos casar em dois anos e, às vezes, ele me questiona: “Mas quem vai fazer meu jantar? Quem vai ficar com nossos filhos?”

(Paula, 28 anos, solteira, gerente de vendas de uma indústria de cosméticos, CLAUDIA, julho de 2009).

2)Eu trabalhava 14 horas por dia e ele não parava de me cobrar. Nossa vida sexual decaiu, a autoestima dele despencou. Não dei valor a esse sinal de descompasso, tamanho era o meu desejo de realização profissional. Resultado: ele teve um caso com outra. [...]Ele pediu o divórcio e a guarda da criança, argumentando que eu não me dedicava à menina, mas nunca chegou a mover a ação. [...] Me recoloquei, mas reduzi meu salário a 30% do que era – assim, ficamos equivalente. [...]Concluo que ele foi machista, não suportou ser coadjuvante, tinha que ser o protagonista. Optei pelo meu casamento e minha maior frustração não foi retroceder na carreira, e sim a falta de cumplicidade do meu parceiro.

(Gabriela, 36 anos, gerente comercial. CLAUDIA, julho de 2009).

3)Quanto mais eu crescia na profissão, mais ele tentava me diminuir. E reclamava: “A casa está sempre uma bagunça! Seus filhos precisam de você”. Ele me cobrava e tentava me deixar culpada.

(Suzana, 45 anos, divorciada, diretora executiva de indústria alimentícia. CLAUDIA, julho de 2009)

No enunciado 1, pode-se ver o estereótipo machista na fala do namorado da leitora Paula (CLAUDIA, julho/2009), quando o sujeito do discurso enuncia “Mas quem vai fazer meu jantar? Quem vai ficar com nossos filhos?” Tal qual Martinho da Vila cantou, na década de 70, **Você não passa de uma mulher**, o sujeito desse enunciado parece ter parado no tempo. Há mais de 40 anos atrás já se discutia o destino das atividades domésticas que estavam prestes a saltarem das mãos das mulheres (para as mãos de ninguém?). Os enunciados acima, os quais se apresentam formalmente por meio de interrogativas, demonstram o estereótipo feminino criado pelo homem em questão. As interrogativas não surgem somente em busca de uma resposta, mas surgem já trazendo as respostas almejadas. Há um tipo de coerção sobre a mulher, pois se ela trabalhar tanto, provavelmente não poderá assumir as tarefas domésticas, então, quem o fará? Os enunciados implicam numa produção de sentidos que surtem efeito sobre o outro. As dúvidas parecem

surgir ao mesmo tempo em que há uma desconstrução de uma verdade em prol de uma outra.

Como pode se observar, os discursos sobre a verdade, que circulam por uma sociedade patriarcal, como “a mulher é quem deve tomar conta da casa, do marido, dos filhos”, por exemplo, parecem ter se cristalizado na memória do povo, principalmente na memória do homem, afinal, a situação do sexo masculino sempre foi muito cômoda, até a mulher tentar subverter essa situação, transformando a sua história. Nesse discurso reproduzido pela mídia, há uma vontade de verdade (por parte do homem) que teima em não mudar, não se transformar.

Quanto à produção da verdade, Foucault (2008a, p.12) ressalta que

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua ‘política geral’ de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro.

E o que pode, nessa contemporaneidade, funcionar como um discurso verdadeiro? Cada sujeito constrói suas verdades ao ser constituído pelo seu outro. Foucault (2008a, p.13) diz ainda “Há um combate ‘pela verdade’ ou, ao menos ‘em torno da verdade’”. Essas verdades criadas circulam ligadas aos sistemas de poder que as produzem e, ao mesmo tempo, induzem os sujeitos a acreditarem nelas, vivenciando-as, fazendo-as acontecer.

Nesse mesmo sistema de produção e aceitação de uma verdade, pode-se encontrar os efeitos de sentido presentes no enunciado 2, quando, perante a falta de tempo da mulher para a família e o lar, o marido resolve ter “um caso com outra”. Atitude essa que parece ser tão banal para uma sociedade que dita regras para a mulher, mas esquece de aplicá-las também para o homem. E, novamente, como no enunciado 1, aparecem as queixas contra a esposa, que tem uma longa jornada de trabalho fora de casa e tem pouco tempo para dedicar à família. No trecho “*Ele pediu o divórcio e a guarda da criança, argumentando que eu não me dedicava à menina, mas nunca chegou a mover a ação*”, percebe-se que os filhos são usados como armas para manter as mulheres acorrentadas aos homens, às obrigações do

lar – as quais incluem servir ao marido, sempre – e a um casamento fadado ao fracasso. Quando a leitora diz que o marido “nunca moveu a ação”, que efeitos de sentido podem ser encontrados? A mulher não se dedicava à menina, e ele se dedicaria? Se sim, se a preocupação maior era realmente com a filha, por que não moveu a ação tomando a guarda da criança? Há uma coerção, um exercício do poder por parte do marido em relação a sua esposa. E, nessa relação de poder, não importa o que se faz, mas, o que se diz e os efeitos desse dizer. Quando ele ameaça pedir a guarda da criança é uma forma de punir a mulher submetendo-a a um exercício do poder, a uma vontade de verdade. Na produção de sentidos desses enunciados percebe-se a dominação dos corpos femininos, quando se deixam abater pela supremacia do outro, do homem que escolheu para casar, para ter filhos.

No exercício do poder, o marido (cf. enunciado 1), ao se descobrir “*menos importante*” do que a carreira de sua esposa, sente a necessidade de fazer algo para convencê-la a retornar ao espaço privado, ao “seu lugar no lar”. Isto lembra o que diz Kolontai (2009, p.30), sobre os fatores que envenenam o matrimônio legal, e um desses fatores “é a idéia de propriedade, de posse absoluta de um dos cônjuges pelo outro”. É o que acontece entre os casais citados acima. Um dos cônjuges, mais especificamente o marido, não admite ter uma esposa que não lhe dá assistência, que não se coloque em seu devido lugar: o lar. É a idéia de propriedade do outro e uma vontade de verdade construída com base em um sistema patriarcal, que se apresenta nos enunciados acima. Isso faz lembrar as colocações de Dhoquois (2003, 47) quando diz que

sejam quais forem as opiniões políticas, a mulher é antes de tudo esposa e mãe, responsável pelo bem-estar da família. Naturalmente, tudo se encandeia: a esposa/mãe cuida da casa e dos filhos. No plano material e moral, e do marido, que, desse modo, pode levar à fábrica a sua força de trabalho intacta. A mulher passa a ser uma espécie de base sobre a qual se assenta a paz social.

Essa paz social tão valorizada pelo homem parece depender, para ele, de uma volta ao tempo em que a mulher, submissa ao marido e aos trabalhos domésticos, deveria cumprir suas obrigações dentro do lar, deixando seu satisfeito marido seguir feliz para a labuta de todos os dias. E quanto a ela? Essa nova mulher pode fazer/ser tudo? É preciso reavaliar o tempo que se destina a cada função, o

que deve e o que não deve seguir o rumo de sempre, como também é preciso que o homem reavalie o que pode e o que não pode exigir de sua esposa.

Analisando ainda o enunciado 2, vemos o desfecho que dá continuidade à história da leitora Gabriela. Mesmo após a traição e o pedido de divórcio, vindos da parte do marido, ela pede demissão da empresa, se recoloca no mercado de trabalho – recebendo 30% do salário que recebia antes, para ficar equivalente ao ganho do marido - e opta pelo casamento, mas não sem se sentir frustrada pela “*falta de cumplicidade*” de seu parceiro. Em meio a esse discurso, percebe-se o quão importante é para a mulher o real sentido do substantivo “cumplicidade”. Esse vocábulo que pode significar “um ato de colaborar, cooperar”, não parece se aplicar à situação que envolve a leitora Gabriela e seu esposo, pois, no momento em que há a falta de compreensão, de colaboração, de partilha das conquistas, começa a faltar também o eixo norteador para o casamento em questão. O modo de agir do marido, ou o “machismo” em relação ao sucesso profissional da esposa consegue incomodá-la mais do que a redução de salário e a traição sofrida, a qual parece ser bem aceita pela leitora que, pressupõe-se aqui, sente-se culpada pelo ato de fraqueza do marido. Nessa tentativa de encontrar uma forma para a conciliação, podem-se perceber as técnicas disciplinares, que por tanto tempo comandaram os corpos femininos. Essas técnicas, ainda tão presentes no imaginário social, fazem a esposa repensar a situação do casal, diminuir o ritmo de trabalho e se dedicar mais ao lar, conforme a vontade e necessidade do marido, mesmo que isso a deixe infeliz. Mais uma vez os dispositivos que agem na disciplinarização dos corpos aparecem no discurso midiático, por meio da linguagem, na revista em questão.

Em uma relação de gêneros conflituosa, a mulher não deixa de sentir-se culpada pelo que não dá certo, seja na carreira, no casamento, na criação dos filhos ou na organização do lar. Segundo Bertolin e Carvalho (2010, pp. 200-201), as mulheres,

assoberbadas pelo ônus cultural que lhes impôs responsabilidades maiores com a educação dos filhos e os cuidados com o lar, não se permitem desfrutar sem culpa as eventuais gratificações profissionais. Em contrapartida, os homens sentem-se angustiados diante da necessidade de se adaptar às novas realidades cotidianas, para as quais não foram preparados. Assim, o marido culpa-se por não ser mais o grande provedor; culpa a esposa por dedicar-se à carreira, em detrimento do lar; enfim, culpa-se por culpá-la.

E dessa forma, em meio a tantas culpas, desencadeiam-se os conflitos fazendo desmoronar uma relação que deveria se consolidar.

As mulheres vivem um novo momento social, mas não conseguem ser acompanhadas pelo seu cônjuge que, ao invés de exaltar as conquistas da esposa, diminui-se diminuindo-a e enchendo-a de uma culpa que não deveria existir.

Pela voz da leitora Suzana, no enunciado 3, vê-se, novamente o exercício de poder do marido que se manifesta através do discurso “*A casa está sempre uma bagunça! Seus filhos precisam de você!*” Os filhos, mais uma vez, são utilizados como o “calcanhar de Aquiles”. Há uma chantagem emocional para fazer a esposa sentir-se culpada por não estar dando a devida atenção aos filhos. Parece haver um mascaramento do verdadeiro sujeito carente. Na voz desse marido, em meio às reclamações, aparece a necessidade que ele tem de uma esposa em casa, cuidando do lar que também é dele. Em seu discurso há uma memória que não quer calar, que faz parte da história desse sujeito. “Isso acontece porque o discurso é um produto das relações que o indivíduo tem com os outros e consigo mesmo. E é através dessas relações que se constitui o sujeito: um sujeito que carrega marcas históricas e ideológicas em seu discurso” (TAVARES, 2008, pp.38-39).

Percebe-se pelos enunciados que as cobranças aumentam à medida que a mulher cresce profissionalmente. É o retrato da sociedade patriarcal que persiste em ficar pendurado na parede da sala de estar, para ser visto apreciado, lembrado, vivenciado. É a memória que não silencia, que não esquece, que não muda. Há uma resistência desses homens em viver os resultados das lutas e das conquistas dos movimentos de resistência femininos.

Na difícil relação homem/mulher e na memória da submissão feminina tão presente e constante, mesmo na contemporaneidade, pode-se compreender porque tantas mulheres fazem a opção de não casar e/ou não ter filhos, investindo em uma carreira profissional, investindo em seu próprio crescimento, sem precisar prestar contas a um companheiro que ainda exige e espera ser cuidado por elas.

Diante dos procedimentos masculinos analisados nos trechos selecionados, percebe-se, num gesto de interpretação, como esses homens foram criados, como foram educados, que tipo de mulher esperavam encontrar para compartilhar a vida. Todas as ações e discursos aqui analisados possuem ligação com a história desses sujeitos que trazem em seu interior uma memória cristalizada do que é ser mulher.

Uma memória que fez parte de uma dada época, de um mundo do qual esses sujeitos são parte. Pode-se dizer então que “o que se inscreve de memória no discurso é tecido pelo arquivo de uma época, sem que a memória deixe que o arquivo engesse a mobilidade dos sentidos [...]” (SILVA, 2010, p.78). É esse engessamento dos sentidos que não pode acontecer, afinal, cada discurso tem seu tempo. O que fazia sentido antes pode não fazer agora, deve haver uma mobilidade, uma mudança dos sentidos atribuídos a determinadas coisas que fazem parte da vida do sujeito.

De acordo com Bourdieu (2010, p.106),

A maior mudança está, sem dúvida, no fato de que a dominação masculina não se impõe mais com a evidência de algo que é indiscutível. Em razão, sobretudo, do enorme trabalho crítico do movimento feminista que, pelo menos em determinadas áreas do espaço social, conseguiu romper o círculo do reforço generalizado, esta evidência passou a ser vista, em muitas ocasiões, como algo que é preciso defender ou justificar, ou algo de que é preciso se defender ou justificar.

Embora as conquistas das mulheres sejam evidentes, parece ser justamente no espaço privado onde se encontra ainda uma maior resistência. E se, em muitos casos, não há a imposição masculina pela força, há a imposição que aparece de forma mascarada pela carência afetiva dos filhos, pelos cuidados com a casa ou, simplesmente, pelo fato de a mulher estar, por meio do trabalho assumido e do salário recebido, ferindo a masculinidade do marido.

Em pesquisas divulgadas pela revista **Claudia** (julho de 2009), e realizadas por vários profissionais sobre as relações de gênero, envolvendo as mulheres que assumem cargos mais importantes e têm salários mais altos, podem-se ver os conflitos existentes nessas relações de gêneros. A matéria - que já foi analisada em parte - começa assim: *“Dizem que o poder é solitário, mas não é bem assim. O homem poderoso atrai as mulheres. Para ele, o topo é afrodisíaco. Não se pode dizer o mesmo das poderosas”*. Por que algumas pessoas consideram o poder masculino? Qual motivo leva os homens a fugirem das poderosas? Se o homem poderoso atrai as mulheres, por que não acontece o mesmo quando a história se dá ao contrário?

Como demonstrativo estatístico do que vem afirmando, a mesma revista **Claudia** (julho de 2009) traz o seguinte tópico:

No topo, mas sozinhas

- *O percentual de mulheres sem filhos é mais que o dobro dos homens. Elas somam 40%; eles apenas 19%.*
- *Nos cargos de presidente, vice-presidente, diretor executivo, diretor e gerente das 500 maiores S.A., há quase três vezes mais mulheres solitárias do que homens. São 36% de separadas, solteiras ou viúvas, enquanto apenas 13% dos homens não têm parceiras estáveis.*
- *Também é desigual a porcentagem de executivas que têm apenas um filho em relação aos líderes do sexo oposto: 44% ante 29%.*

(Fonte Pesquisa Executiva X (In) Felicidade, coordenada pela professora Betania Tanure, de Belo Horizonte).

Por que as mulheres poderosas vivem mais sozinhas? Enquanto o poder exercido por um homem é visto como algo que engrandece, esse mesmo poder exercido por uma mulher pode tornar-se um grande obstáculo para sua vida pessoal, pois não é “normal”, que em uma sociedade vista como seguidora do modelo patriarcal aceite essa inversão de papéis como algo que se dá de forma tranquila, natural. Afinal,

o empoderamento das mulheres desafia as relações patriarcais no que se refere ao poder dominante do homem, a manutenção dos seus privilégios de gênero e principalmente sua atuação dentro da família. Implica em uma mudança na dominação tradicional dos homens sobre as mulheres, assegurando a estas autonomia no controle dos seus corpos, de sua sexualidade, de suas opiniões e de seus direitos de ir e vir. (MELO, 2012, p.346).

Essa autonomia, essa independência que a mulher poderosa demonstra ter parece mesmo afastar os homens. De acordo com a revista em questão, *“Nos cargos de presidente, vice-presidente, diretor executivo, diretor e gerente das 500 maiores S.A., há quase três vezes mais mulheres solitárias do que homens. São 36% de separadas, solteiras ou viúvas, enquanto apenas 13% dos homens não têm parceiras estáveis.”* Percebe-se aí, o difícil dilema em constituir família e carreira ao mesmo tempo ou de manter as duas coisas no decorrer dos anos. Além de um

índice alto de mulheres separadas, solteiras ou viúvas, também há um número muito grande de mulheres sem filhos, como afirma a matéria: *“O porcentual de mulheres sem filhos é mais que o dobro dos homens”* ou *“Também é desigual a porcentagem de executivas que têm apenas um filho em relação aos líderes do sexo oposto”*. Lagrave (2000, p.526) em seus estudos sobre as mulheres do Ocidente e o trabalho, afirma que ³³*“quanto mais filhos têm, menos trabalham [as mulheres]”*. Então, se a mulher quer seguir uma carreira, acaba por, cada vez mais, adiar ou evitar a maternidade. Esse dado torna-se muito mais presente entre as mulheres que ocupam altos cargos sociais, pois lhes sobra pouco tempo para dedicar à família, sem falar nas cobranças que surgem por parte de seus companheiros, como foi visto neste mesmo capítulo.

Através das declarações dos homens, em um dos pontos do artigo, intitulado de **Visão Masculina**, os especialistas, na tentativa de compreender o porquê dos acontecimentos, estudam os comportamentos, as ações e reações que estão presentes nas relações de gêneros. Luiz Cuschnir, psiquiatra e coordenador dos grupos de gênero do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo, diante dos dados coletados em pesquisas, chega à conclusão de que, para os homens:

“Acompanhar uma mulher bem-sucedida não é simples e, para alguns homens, chega a ser insuportável. “A mulher muito independente pode fazer o parceiro perder o referencial de masculinidade, o sentimento de ser a estrutura, a fortaleza da relação. No entanto, se a esposa demonstra alguma fragilidade, ela deixa de parecer tão poderosa e ele se sente útil, recolocado em sua posição de proteção. O marido tem prazer em exercer o papel de forte, que historicamente é dele”, opina Cuschnir”. (CLAUDIA, julho de 2009).

Já a pedagoga Maria da Luz Calegari confirma:

“Em casa, os homens preferem as submissas”, (Maria da Luz Calegari, autora do livro **Temperamento e Carreira**, Ed. Summus - CLAUDIA, julho de 2009).

³³ Cuantos más hijos tienen, menos trabajan. (LAGRAVE, 2000, p.526. In DUBY G. e PERROT M., 2000).

Observando e analisando os discursos veiculados pelas revistas, através das vozes de autoridade de um psicólogo e de uma pedagoga, lembram-se aqui as colocações de Bourdieu (2010, pp.126-127) quando afirma que

a verdade das relações estruturais de dominação sexual se deixa realmente entrever a partir do momento em que observamos, por exemplo, que as mulheres que atingiram os mais altos cargos (chefe, diretora em um ministério etc.) têm que “pagar”, de certo modo, por este sucesso profissional com um menor “sucesso” na ordem doméstica (divórcio, casamento tardio, celibato, dificuldades ou fracassos com os filhos etc.); ou, ao contrário, que o sucesso na empresa doméstica tem muitas vezes por contrapartida uma renúncia parcial ou total a maior sucesso profissional (através, sobretudo, da aceitação de “vantagens” que não são muito facilmente dadas às mulheres, a não ser quando as põem fora da corrida pelo poder: meio expediente ou “quatro quintos”). É, de fato, sob a condição de levar em conta as obrigações que a estrutura do espaço doméstico (real ou potencial) faz pesar sobre a estrutura do espaço profissional (através, por exemplo, da representação de uma distância necessária, inevitável ou aceitável, entre a posição do marido e a posição da esposa) que podemos compreender a homologia entre as estruturas das posições masculinas e das posições femininas nos diferentes espaços sociais [...].

Ou seja, as mulheres parecem estar fadadas ao fracasso em pelo menos uma das áreas de sua vida. Se é uma boa profissional pode pagar com o divórcio ou o celibato, além de fracassar nos cuidados com os filhos, caso os tenha. Se escolhe ser uma boa dona de casa, esposa e mãe – de acordo com o que a sociedade lhe cobra – precisa abrir mão de suas aspirações profissionais, pelo menos em parte e por um bom tempo.

Ao olhar para o enunciado “*Em casa, os homens preferem as submissas*”, entende-se porque Bourdieu (2010), já citado anteriormente, diz que a mulher “tem que pagar”, de certo modo, por seu sucesso profissional. Se é solteira, pode não encontrar um parceiro, se é casada, pode perdê-lo, pois, afinal, ela é uma “mulher poderosa”. E esse “medo” que se tem da mulher poderosa, a qual pode se tornar “insuportável” para o homem, atualiza o que já dizia Beauvoir (2009, p.439) sobre o fato de que os homens “não gostam de mulher masculinizada, nem de mulher culta, nem de mulher que sabe o que quer: ousadia demais, cultura, inteligência, personalidade os assustam”. Beauvoir escreveu isto em **O Segundo Sexo**, que foi publicado pela primeira vez no ano de 1949, mas, apesar do tempo, esse é um

pensamento que parece continuar presente na memória de muitos homens, mesmo dos que vivem nas sociedades urbanas modernas. Mais à frente, Beauvoir (2010, p.439) completa a forma como o homem esperava que fosse sua mulher: “ser feminina é mostrar-se impotente, fútil, passiva, dócil”. Tudo isso se resume à preferência dos homens - as submissas -, citada na revista **Claudia**, pela pedagoga Maria da Luz.

Quando se direciona um olhar mais detalhado a essas relações de gêneros, pode-se perceber que, apesar de tantas conquistas, a mulher trava uma batalha diária contra o preconceito que surge tanto no espaço privado quanto no público. Um exemplo disso aparece no enunciado abaixo:

*A engenheira industrial Michele Robert nasceu em São Paulo e foi morar em Buenos Aires, capital Argentina, na adolescência, quando o pai foi expatriado pela Ford. Lá, ela fez colegial técnico em engenharia mecânica. **“Era difícil, havia muitas piadinhas dos professores, que mandavam as alunas migrarem para corte e costura”**, diz. (VOCÊ S/A, outubro de 2011).*

No enunciado acima, há uma memória discursiva que se cristaliza no discurso dos professores de Engenharia Mecânica ao mandarem as alunas migrarem para o curso de corte e costura, como se as mulheres fossem incapazes de cursar engenharia e aprender a lidar com a mecânica das máquinas. Esse é um discurso machista, patriarcal, que se espalha e se estabelece além das fronteiras entre um país e outro. É necessário ter determinação e atitude para enfrentar os olhares, as piadas, os obstáculos que surgem cotidianamente, para se conquistar um espaço no social. Essas virtudes as mulheres parecem ter de sobra, basta observar o decorrer da história e a guerra entre os gêneros para se perceber isso.

A matéria **De salto na plataforma** traz a história de Michele e de mais outras três engenheiras, publicada na revista **Você S/A**, em outubro de 2011. Essa matéria começa com o seguinte enunciado:

A engenharia ainda é um universo masculino. Quatro engenheiras contam como construíram sua carreira em grandes corporações e falam sobre a convivência (nem sempre harmoniosa) com os pares homens.

Ao se observar o destaque dado pela revista à convivência “(nem sempre harmoniosa) com os pares homens” e ao se olhar para o enunciado que traz a voz

da engenheira Michele, pode-se encontrar um misto de resistência aos acontecimentos da contemporaneidade. A mulher mostra-se um sujeito da resistência ao lutar por um lugar no dito “universo masculino” e o homem, ao mesmo tempo, mostra-se também um sujeito da resistência ao tentar impedir ou dificultar a ascensão da mulher a esse lugar social que ele tem como seu.

As relações de gêneros imbricam-se com as relações de poder. E como observa Foucault (2006b, p.253), existem

diferentes maneiras pelas quais o discurso desempenha um papel no interior de um sistema estratégico em que o poder está implicado, e para o qual o poder funciona. Portanto, o poder não é nem fonte nem origem do discurso. O poder é alguma coisa que opera através do discurso, já que o próprio discurso é um elemento em um dispositivo estratégico de relações de poder.

Podemos ver o poder operando através do discurso dos professores quando, de seu lugar inatingível (pelas mulheres), mandam-nas migrarem para um curso de corte e costura. Esse seria um retorno ao período pós-guerra. Uma tentativa de retomar o controle social sobre as mulheres, de discipliná-las de acordo com a divisão sexual/social do trabalho. Há um dispositivo agindo estrategicamente nessa relação de poder.

Segundo Del Priore (2011, p.233),

com a entrada das mulheres no mercado de trabalho e nas universidades e a adoção de novos comportamentos sexuais, os homens sentiam-se mais pressionados. Afinal, as conquistas femininas estavam ocorrendo na prática. Era hora de lidar com elas e reconsiderar o papel de “sexo forte”.

E é na reconsideração do papel do “sexo forte” que se pode observar as diferenças que vêm construir uma nova identidade masculina, constituindo a heterogeneidade do sujeito. Como ressaltam Bertolin e Carvalho (2010, p 191) “a crise de identidade, como toda crise, pressupõe uma revisão de valores e princípios culturalmente estabelecidos e, embora de difícil transposição, é sempre necessária e bendita, porquanto aponta para a possibilidade de novos paradigmas”.

Nas sociedades modernas, é necessário haver o jogo discursivo da contradição, que vai de encontro ao que está cristalizado numa memória engessada pelo tempo, pelo menos para alguns homens. Dessa forma, vê-se o surgimento do

novo homem, aquele que compreende as novas funções da mulher tanto na esfera pública quanto no ambiente do lar.

Comentando as concepções de Veyne, Foucault (2007b, p.84), em **O Cuidado de Si**, coloca que “o próprio funcionamento do casamento supostamente repousa no bom entendimento e na lei do coração. Surge desse modo uma idéia nova: o casal constituído pelo dono e pela dona-de-casa”.

Esse “dono de casa” não aparece nas matérias analisadas com o sentido de um homem que provê o sustento da família. Esse termo surge com um novo sentido, como o masculino de “dona de casa”, ou seja, dono de casa é aquele que cuida dos afazeres domésticos, que substitui ou ajuda a esposa com as atividades que sempre foram dela. E isto vai ser visto no tópico a seguir.

4.3 UM NOVO HOMEM PARA UMA NOVA MULHER: JOGOS CONTRADITÓRIOS

Nas práticas discursivas que circulam por entre os sujeitos, podem-se encontrar opiniões diferentes das que já foram analisadas aqui. Podem-se ver muitos homens, afetados pelo momento atual, que entendem e até participam do sucesso de suas mulheres. Há outros ainda que exercem a divisão ou a inversão de papéis ficando em casa, assumindo os afazeres domésticos, enquanto a mulher sai para trabalhar e manter a casa e a família.

Observemos os enunciados abaixo:

*Quando conheci o Cris, vi que tudo valia a pena. Devo a ele ter chegado até aqui feliz. E olha que não faltaram comentários do tipo: “**Se continuar trabalhando dessa maneira, o seu marido vai te largar**”. Parece que as pessoas não entendem que ele concorda com o meu modo de vida. Às vezes até pede para eu diminuir o ritmo porque se preocupa com a minha saúde, mas é meu grande motivador. **Ele tem uma mãe tão ativa quanto eu, que fez questão de manter sua carreira.***

*[...] **As pessoas perguntam quando eu vou ter um filho. Esperei a ficha cair aos 35 anos, não caiu. Aos 36, não caiu. Foi cair aos 37. Mas confesso que, se tivesse mais tempo, adiaría um pouco. [...] O Cris brinca que vai ficar em casa cuidando dos filhos enquanto eu trabalho. Até que não é má idéia.***

(Fernanda do Nascimento, 38 anos, é gerente de *marketing* de uma multinacional, CLAUDIA, novembro de 2010)

Na voz da leitora Fernanda, aparece um marido que a compreende, que a apoia no trabalho, mesmo que esse trabalho consuma a maior parte de seu tempo. Esse homem é “o grande motivador” da carreira da esposa. Mas, de onde vem essa diferença? O trecho *“Ele tem uma mãe tão ativa quanto eu, que fez questão de manter a carreira”* pode explicar. A influência da mãe está presente e parte do exterior para o interior. Ela é o Outro que constitui a identidade do filho, que hoje é marido e um dia será pai. Coracini (2007) ressalta que somos constituídos pelo outro, assim como o nosso discurso é constituído pelo dizer do outro. Encontra-se então uma explicação para as diferenças existentes. O outro que constitui a mim é diferente do outro que constitui a você. A alteridade age na produção das identidades.

Coracini (2007, p.59) comenta que

o que somos e o que pensamos ver estão carregados do dizer alheio, dizer que nos precede ou que precede nossa consciência e que herdamos, sem saber como nem por quê, de nossos antepassados ou daqueles que parecem não deixar rastros. O que somos e o que vemos está carregado, portanto, do que ficou silenciosamente abafado na memória discursiva, como um saber anônimo, esquecido.

Se há diferenças incutidas na memória discursiva entre um sujeito e outro, há a produção de identidades diferentes entre um sujeito e outro. O trecho *“Se continuar trabalhando dessa maneira, o seu marido vai te largar”. Parece que as pessoas não entendem que ele concorda com o meu modo de vida*” é um demonstrativo dessa alteridade. Há uma voz que ao dizer “deixe de trabalhar assim ou você perderá seu marido” está respondendo a uma memória do passado que se repete no presente. Essa voz foi constituída por uma outra, diferente daquela que diz “ele entende meu modo de vida, ele me apoia, portanto, não vou perder meu marido”.

Diferentemente dos discursos analisados anteriormente, os quais mostravam casais com opiniões diversificadas em relação ao modo de vida, à profissão, ao trabalho exercido pela esposa, este último casal não traz em si a formação discursiva de que “lugar de mulher é em casa”. Eles concordam entre si com as diferenças, se entendem, compactuam com o trabalho que ela exerce e tentam resolver a falta de tempo da futura mãe para o planejado bebê com a presença e os

cuidados do pai, que diz “brincando” que *“vai ficar em casa cuidando dos filhos”*, enquanto a mulher trabalha fora. Essa forma de encarar uma realidade ainda não palpável, mesmo que na brincadeira, faz perceber o quanto os procedimentos masculinos podem ser transformados, modificados. Entre esse casal, pode-se dizer que existe a “cumplicidade” tão sonhada pela leitora Gabriela. No caso da leitora Fernanda há a compreensão do marido em relação ao trabalho exercido por ela, como também existe uma cumplicidade na divisão de tarefas, sejam reais ou imaginadas ainda para um futuro próximo, como por exemplo, os cuidados com o tão sonhado bebê. E isto só foi possível devido às mudanças das mulheres. Como cita Coracini (2007, p.80) “tudo muda (não há identidade fixa, imutável), em função do momento histórico-social que determina o discurso e, com ele, as necessidades e os valores [...]”.

Além do apoio à carreira da esposa e do cuidado com os filhos enquanto a mulher trabalha, a ajuda masculina pode se estender. Este é o caso relatado abaixo, pela revista **Veja Mulher**, junho de 2010.



(Fig.39: Antônio Morey, o dono de casa – VEJA MULHER, 2010)

Na imagem acima, pode-se ver materializada uma nova realidade social. Tratado pela revista **Veja Mulher** como o “dono de casa”, Antônio Morey, cuida do lar, enquanto a mulher vai para o trabalho. Essa história começou da seguinte forma:

*“Desde que perdeu o emprego em uma multinacional, há sete anos, vem assumindo todas as funções de uma dona de casa: lava, passa, faz a feira e a faxina, e ainda cozinha. A mulher, Regina, trabalha em uma empresa de administração de imóveis. Ele garante que não se arrepende da decisão, mas admite que foi difícil aceitar a nova rotina – e ser aceito pelos ex-colegas. “É complicado para a autoestima trocar de papel com a mulher”, diz. “Tenho muitos amigos que estão na mesma situação econômica, mas que, por machismo ou orgulho, preferem não falar a respeito”. Para derrubar o tabu, ele escreveu o livro **Afinal, Quem está no Comando?**, sobre as agruras de um recém-desempregado obrigado a assumir as tarefas domésticas para não diminuir muito o padrão de vida da família. “Não há do que se envergonhar, as mulheres desempenharam essas tarefas durante séculos, agora é a nossa vez”. (Antônio Morey - VEJA MULHER, junho, 2010).*

A imagem mostra um homem (o marido) sentado à mesa, cortando legumes para o preparo do almoço/jantar. Essa é a aplicação do novo sentido do termo “dono de casa”, aquele que cuida, que zela pelo bem-estar da família e que exerce as atividades domésticas. Esse sentido é apreendido pelas ações de lavar, passar, cozinhar fazer a feira e a faxina. O avental usado por esse homem materializa as atividades domésticas exercidas em casa. A expressão no olhar de Antônio mostra o quanto *“foi difícil aceitar a nova rotina – e ser aceito pelos ex-colegas”*. Essa é a declaração feita por ele à revista **Veja Mulher**. Pode-se observar, ao fundo, uma mulher bem vestida, sorrindo satisfeita, feliz. Também, com um marido que “lava, passa, faz a feira e a faxina, e ainda cozinha”, qual mulher não sentiria um certo prazer em ser cuidada em vez de ser cuidadora? Essa nova relação entre os gêneros, que se apresenta nesses discursos, parece desarmar a sociedade de controle, os dispositivos disciplinares, que sempre determinaram o trabalho doméstico para as mulheres e não para os homens. Há uma desordem no discurso cristalizado, o qual foi criado socialmente e historicamente dentro de uma cultura machista.

Foucault (2007a, p.168-169) diz que é nesse “ponto de encontro de discursos diferentes” onde se encontra a contradição. Para o filósofo (2007a, p.173), “uma contradição arqueologicamente intrínseca não é um fato puro e simples que bastaria constatar como um princípio ou explicar como um efeito. É um fenômeno complexo que se reparte em diferentes planos da formação discursiva”.

Se existe uma formação discursiva a qual circula dizendo que ao homem pertence o espaço público (o trabalho) e à mulher o espaço privado (o lar) e, numa

dada época, esses papéis se invertem, aparece, então, a contradição, da qual fala Foucault (2007a).

Com base nisso, pode-se dizer que António Morey é um homem que participa dessas mudanças e diferentemente dos amigos, que não aceitam a condição de desempregado nem as obrigações com os serviços da casa - pois isso é coisa de mulher – e que, *“por machismo ou orgulho, preferem não falar a respeito”*, António assume as tarefas domésticas e immortaliza esse ato na escrita do livro **“Afinal, quem está no comando?”**

Um livro que fala sobre um desempregado que assume as tarefas domésticas para não diminuir o padrão de vida da família pode ajudar a desfazer o preconceito que existe sobre esse assunto? Não se pode responder ao certo, mas, pode-se averiguar que o Brasil começa a acompanhar as mudanças que já se apresentam, há muito tempo, em outros países. A **Veja Mulher** (2010, p.28) traz a informação de que *“só na Inglaterra, há cerca de 200 000 homens cuidando dos filhos e das tarefas domésticas, enquanto a esposa bate cartão de ponto na empresa”*. Surge o novo personagem da época contemporânea: o dono de casa. Na Inglaterra há ainda uma organização voltada aos “pais que optaram por ser mãe” (p.28). No Brasil, pode-se dizer que muitas famílias já estão seguindo esse exemplo. Permanece no mercado de trabalho quem ganha mais; quem está ganhando insuficiente para manter os gastos de um lar, inclusive uma empregada, fica cuidando dos serviços domésticos e dos filhos, enquanto não aparece uma oportunidade melhor. Vários exemplos como o de Morey foram mostrados pela Rede Globo de Televisão, no programa da Ana Maria Braga³⁴, no dia 21 de outubro de 2011. A matéria **Homem ou mulher: quem deve prover o sustento da casa?** surgiu de uma pesquisa feita pela Fundação Perseu Abramo, de São Paulo, para investigar sobre a evolução do pensamento e do papel das mulheres na sociedade.

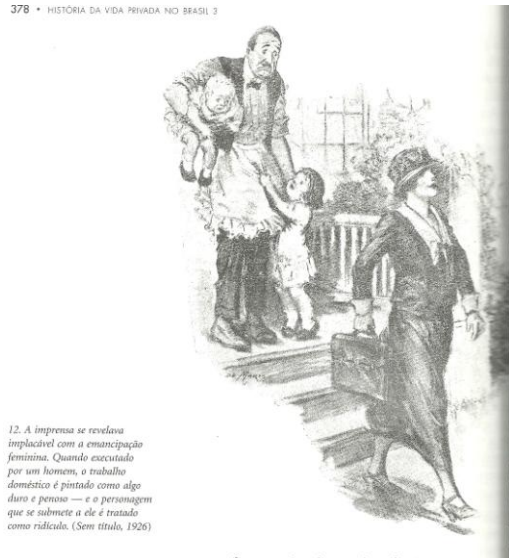
Ao observarmos como a mídia começa a tratar a temática, percebem-se as mudanças de pensamento, as transformações de conceitos que pareciam enraizados. Quando a história começa a se repetir, a ser comentada e a ser discursivizada, o acontecimento se dá, fazendo surgir as opiniões diversas.

Mas, os discursos divulgados pela mídia nem sempre foram esses. Nas primeiras décadas do século XX havia muitos preconceitos em relação à inversão

³⁴ Programa disponível em: <http://maisvoce.globo.com/MaisVoce/0,MUL1676270-18172,00.html>.

dos papéis. A imprensa não poupava críticas ao fato de a mulher assumir e cumprir horário de trabalho fora de casa. Pior ainda se o homem, desempregado, ficasse em casa, pois essa era uma condição inaceitável para o “sexo forte”. Uma charge que circulou no ano de 1926 mostra como a situação era vista pelo olhar da mídia.

378 • HISTÓRIA DA VIDA PRIVADA NO BRASIL 3



12. A imprensa se revelava implacável com a emancipação feminina. Quando executado por um homem, o trabalho doméstico é pintado como algo duro e penoso — e o personagem que se submete a ele é tratado como ridículo. (Sem título, 1926)

A imprensa se revelava implacável. Com a emancipação feminina. Quando executado por um homem, o trabalho doméstico é pintado como algo duro e penoso — e o personagem que se submete a ele é tratado como ridículo. (Sem título, 1926)

(Fig.40: Charge – 1926 - *História da Vida Privada no Brasil* - vol. 3)

Na ³⁵charge acima, a imagem do homem com rosto triste e apreensivo é capaz de causar pena. Vê-se um pai que fica em casa tomando de conta de crianças chorosas e uma mãe que sai imponentemente para trabalhar. Enquanto a expressão facial do homem mostra um certo desconsolo com o destino que está lhe sendo imposto, a expressão do rosto da mulher demonstra satisfação. De postura ereta, andar seguro e olhar no horizonte, segue a mulher por seu novo caminho. Nas vestimentas do homem, parado na porta de casa, aparece uma marca registrada do trabalho doméstico: o avental. Este elemento representa simbolicamente as atividades do lar, como cozinhar, lavar as louças ou a roupa, limpar a casa. Possivelmente, tarefas que agora (na charge) pertencem ao marido, além dos cuidados com as crianças pequenas.

No ano de 1926, o povo brasileiro não estava preparado para esta cena, os costumes, a cultura não permitia que se olhasse para essa imagem sem que uma

³⁵ Charge criada em 1926, disponível em **História da Vida Privada no Brasil** (Vol.3), 2010.

polêmica fosse desencadeada. Maluf e Mott (2006, p.376) explicam que os usos e costumes nesse início de século revelavam que

o poder do marido ia mais longe do que o previsto pela lei. A ele cabia deliberar sobre as questões mais importantes que envolviam o núcleo familiar: a apropriação e a distribuição dos recursos materiais e simbólicos no interior da família, o uso da violência considerada 'legítima', cujos limites eram debilmente contornados por aquilo que se considerava excessivo, e o controle sobre aspectos fundamentais da vida dos familiares, como as decisões sobre a escolha do tipo e local da formação educacional e profissional dos filhos.

Com todos esses mecanismos de poder a seu favor, como poderia o homem se ver representado num papel tão submisso como o da charge acima? Definitivamente, esse lugar não era um sonho a ser idealizado por homem nenhum. A mídia tentava criar os seus efeitos de sentido e despertar na sociedade o senso do ridículo, se acaso a inversão dos papéis viesse a acontecer.

Mas, não é que aconteceu? Hoje encontra-se a contradição nesse jogo discursivo, nesse choque de memória. A mulher pode sim sair para trabalhar e ao marido é permitido sim ficar em casa assumindo as atividades domésticas. **O arco e o cesto** se misturam nos dois mundos: o masculino e o feminino. No entanto, apesar das mudanças, percebe-se uma regularidade nas imagens dos dois homens (António Morey - VEJA MULHER / Marido – charge 1926). A expressão do rosto de António Morey não é muito diferente da expressão do rosto do marido representado na charge. Parece estar sendo imposto aos dois um trabalho forçado, discriminado. Outra regularidade é o velho companheiro de labuta doméstica: o “avental”, símbolo do trabalho doméstico.

Na charge aparece a silhueta de uma mulher dona de si, pedante, “mandona”, no artigo de **Veja Mulher**, aparece uma mulher feliz, satisfeita. Entre o ano de 1926 e o ano de 2010 há um período de oitenta e quatro anos, que pode ter se passado para alguns e pode ter estacionado para outros. O tempo parece ter passado para Morey, porém, o mesmo não aconteceu para alguns de seus amigos, que se viram nas mesmas condições de desempregado, mas não quiseram assumir os serviços domésticos. Em uma mesma época pode haver uma heterogeneidade discursiva entre os sujeitos. Alguns homens acompanham os novos tempos e outros preferem ficar engessados numa memória que traz o modelo estereotipado do que é ser homem e do que é ser trabalho de homem.

O “ridículo” mostrado pela mídia em 1926 torna-se bem mais comum na amostragem de 2010. Mas o que pode ter modificado esse poder de compreensão do homem e da sociedade em geral? Algumas suposições seriam os acontecimentos na vida de cada um, o Outro que constitui o sujeito, as oportunidades que surgem (ou não) em meio aos caminhos percorridos.

Um fato interessante, acontecido recentemente no Brasil, foi o caso do pai que conseguiu na justiça o direito à licença-maternidade de seis meses para poder cuidar do filho recém-nascido, após a morte da esposa. Como se sabe, a licença-paternidade estende-se por apenas oito dias, período em que o homem acompanha a esposa, entre o parto e os primeiros dias de vida do bebê. Os acontecimentos se deram de forma diferente para Joaquim José dos Santos, funcionário da Polícia Federal, que chegou a levar o bebê para o trabalho quando suas férias terminaram e seu primeiro pedido de licença foi negado, porém, numa segunda tentativa, conseguiu a licença de seis meses, que é um direito adquirido pela mulher e não pelo homem. Baseada na lei da proteção à infância e na falta da mãe para cuidar do bebê, a juíza resolveu designar o direito – que seria da mãe – ao pai da criança³⁶. Este é um caso raro de dedicação paterna e de luta por um espaço dentro do lar, nos cuidados com o filho pequeno.

Os preconceitos começam a cair por terra, cedendo lugar aos novos discursos, que fazem parte de uma nova realidade. Homens e mulheres falam sobre o assunto, expressam por meio da linguagem o que sentem, o que pensam. Assumem novas (ou velhas) posturas diante do mundo. Começa a se formar um arquivo sobre a temática. Pode-se dizer, então, que “é, portanto, por intermédio da mídia de massa que o acontecimento marca a presença, já não sendo primordial que o fato histórico tenha acontecido, é preciso que ele circule na mídia. Assim, a mídia inscreve-se como um lugar de memória” (SARGENTINI, 2008a, p.134).

³⁶ Disponível em: <http://www.band.com.br/noticias/brasil/noticia/?id=100000485639> – acesso em 14/02/2012.

4.4 EM NOME DOS FILHOS: COMO ESSA NOVA MULHER CONCILIA TRABALHO E MATERNIDADE

Na década de 20, a ativista Margaret Sanger, defensora da pílula anticoncepcional, criou a Liga Americana de Controle de Natalidade. Sanger tinha como âncora a seguinte máxima:

*“Nossas meninas precisam entender que a **maternidade é a mais sagrada das profissões do mundo**, e é uma profissão que exige mais preparação do que qualquer outra destinada às mulheres”.* (VEJA MULHER, junho, 2010).

Mas será que ser mãe, hoje, ainda pode ser visto como uma profissão? Ser mãe pode ser visto como uma ocupação, uma escolha, mas não uma profissão, pois não há um salário destinado à mulher que resolve assumir esse papel. Muito pelo contrário, há um investimento muito maior que entra no orçamento da família quando chega um (ou mais) bebê(s).

Na matéria **Ser mãe não é profissão**, publicada na **Veja Mulher**, em junho de 2010, pode-se ver o discurso de oposição a essa máxima e a posição-sujeito assumida pela revista, no seguinte trecho:

*“Ser mãe, hoje como antes, dá trabalho – e quase sempre em dupla jornada -, mas a **metáfora do início do século XX envelheceu, e toda mulher sabe que profissão é outra coisa, é um emprego como o que os homens podem ter**. A frase de Sanger, inspiradora em seu tempo, em 2010 é quase uma aberração. **Atualmente, maternidade e trabalho profissional são expressões que costumam colidir**. É um dos grandes dilemas de nosso tempo, a dura opção entre a maternidade e a carreira”.* (VEJA MULHER, junho de 2010).

A posição assumida pela revista quando enuncia que “*maternidade e trabalho profissional são expressões que costumam colidir*” e que esse é um dos grandes dilemas de nosso tempo, se materializa também nas vozes das leitoras Michele e Patrícia Nogueira, logo abaixo. Esses discursos que se retomam e se repetem é que fazem os fatos se tornarem um acontecimento.

*Michele iniciou a carreira no chão de fábrica. Virou gerente de produção aos 27 anos. Ao mesmo tempo, teve a primeira filha e aprendeu que **nunca** haveria um equilíbrio na dedicação à família e ao trabalho. “**Tem momentos que são 80% família e 20% trabalho, mas às vezes as prioridades se invertem.**” No cargo*

atual, dirige uma equipe de 100 pessoas na unidade da GE em Cotia (SP). (VOCÊ S/A, outubro de 2011).

Na vida de Michele, as coisas acontecem cedo e ao mesmo tempo. E quando ela fala que “*aprendeu que **nunca** haveria um equilíbrio na dedicação à família e ao trabalho*”, há uma negativa que fortifica o sentido do enunciado. O advérbio de negação “nunca”, que parece sempre ter um sentido temporal, materializa a dificuldade de conciliação entre os dois pólos: família e trabalho. Novamente esse sentido de desigualdade em tempo integral aparece nos números percentuais de 80% e 20%, o que nos leva a ter uma idéia do quanto o nível de dedicação entre um pólo e outro pode variar na vida de uma mulher, dependendo do momento e da situação vivida. Há uma consciência plena das responsabilidades assumidas, dos objetivos a serem alcançados e dos cuidados que se deve ter tanto com a vida pública quanto com a vida privada.

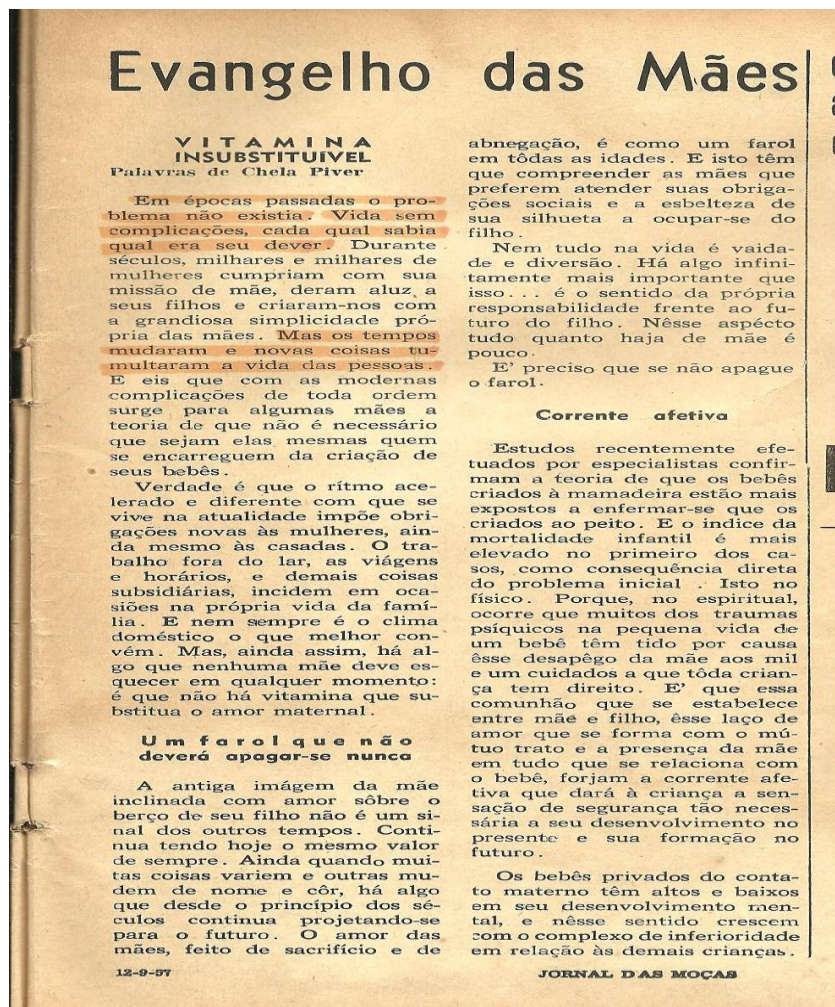
Podemos ainda ver a ação do termo “às vezes” mudar o posicionamento desse sujeito tão fragmentado. Esse termo aparece no discurso de Michele (acima): “*mas às vezes as prioridades se invertem*” e também no discurso de Patrícia Nogueira (abaixo): “*Às vezes, o coração de executiva aperta*”.

Às vezes, o coração de executiva aperta, principalmente ao ouvir Diego perguntar por que ela não chega mais cedo em casa. A resposta: “Mamãe vai trabalhar porque isso me deixa mais feliz”. Nos anos 1960, uma frase dessas soaria cruel. Não é. (Patrícia Nogueira, 33 anos, VEJA MULHER, junho, 2010).

“Às vezes” as coisas mudam, os sentidos se transformam. Dessa forma, vê-se que a fixidez, realmente, não faz parte das características do sujeito nem da linguagem.

Quando Patrícia enuncia que “às vezes, o coração de executiva aperta”, *mas que responde ao filho “Mamãe vai trabalhar porque isso me deixa mais feliz”*, pode-se encontrar a contradição no jogo dos sentidos. Como algo que lhe deixa feliz pode lhe causar um aperto no coração? Isso acontece porque entre uma coisa e outra há a presença de uma criança que necessita da atenção de uma mãe, a qual precisa sair para trabalhar e “fica feliz” por fazer isso. Essa ação de “ficar feliz”, parece, como declara Patrícia, “cruel”, mas, como ela mesma defende, “não é”. A lembrança de uma suposta crueldade, traz os vestígios de uma memória, que circulou pelos

discursos midiáticos entre os anos 50 e 70, condenando a progenitora que deixava os seus filhos em casa sem os cuidados necessários, os quais só uma mãe poderia dedicar. Isso pode ser visto pelos dizeres da mídia, no texto **Evangelho das Mães**, publicado no periódico **Jornal das Moças**, em 1957.



(Fig.41: JORNAL DAS MOÇAS, 12 de setembro de 1957)

Caminhando para o final dos anos 50, a sociedade não se conformava com a decisão da mulher em trabalhar fora de casa. Pode-se ver essa insatisfação nessa seção da revista, em um pequeno texto intitulado **O evangelho das mães**. Quando observamos o enunciado que inicia o texto “*Em épocas passadas o problema não existia. Vida sem complicações, cada qual sabia qual era seu dever*”, podemos perceber a posição-sujeito do **Jornal das Moças**, que trata o fato de a mulher trabalhar fora como um problema. Quando a revista se posiciona dizendo que em épocas passadas “cada qual sabia qual era o seu dever”, percebe-se o implícito de

que a mulher não sabia mais quais os deveres a serem cumpridos, pois deixava as obrigações do lar para trabalhar fora de casa. Parece que havia algo fora do lugar, provocando uma desordem na ordem, pois nada caminhava como de costume. Para justificar esse fato, a revista aborda as mudanças ocorridas na modernidade, quando diz que:

- 1) *“Mas os tempos mudaram e novas coisas tumultuaram a vida das pessoas”;*
- 2) *“Verdade é que o ritmo acelerado e diferente com que se vive na atualidade impõe obrigações novas às mulheres, mesmo às casadas”;*

Percebe-se o quão insatisfeita está a sociedade quando se fala que novas coisas tumultuaram a vida das pessoas. Que novas coisas seriam essas? Esse verbo “tumultuar”, que significa “perturbar a ordem, incitar à desordem, agitar” registra bem o efeito de sentido que provoca na sociedade o trabalho remunerado da mulher. Sua ausência no lar perturba a ordem sempre tão exaltada pelos homens. E se a mulher é casada, então fica tudo mais complicado, pois a falta de dedicação da mulher, por vinte e quatro horas, à família e ao lar, deixa insatisfeitos aqueles que se acostumaram aos cuidados contínuos. Se os empecilhos sempre foram grandes para as solteiras, muito maiores são para as casadas, porque delas dependem também os filhos, crianças inocentes que podem ter perdas fatais por causa da falta da mãe no lar. Isto é o que afirmam os enunciados abaixo:

- 1) *“O amor das mães, feito de sacrifício e de abnegação é como um farol em todas as idades”;*
- 2) *“Estudos recentemente efetuados por especialistas confirmam a teoria de que os bebês criados à mamadeira estão mais expostos a enfermar-se que os criados ao peito. E o índice da mortalidade infantil é mais elevado no primeiro dos casos[...]”;*
- 3) *“...no espiritual, ocorre que muitos dos traumas psíquicos na pequena vida de um bebê têm sido por causa desse desapego da mãe...”;*
- 4) *“Os bebês privados do contato materno têm altos e baixos em seu desenvolvimento mental, e nesse sentido crescem com o complexo de inferioridade em relação às demais crianças”.*

Começamos analisando o substantivo “farol”, usado metaforicamente no enunciado 1. O amor de mãe ser comparado a um “farol” na vida dos filhos, demonstra o quão imprescindível é sua presença no lar. Sem o “farol”, a escuridão

aparece e a vida fica sem rumo certo. Os filhos sentem-se perdidos, desnorteados. No escuro, esbarram em obstáculos, não encontram os caminhos certos da vida, pois somente a luz desse “farol” é capaz de guiá-los. Sem ele há um verdadeiro caos familiar. A mídia, em seu jogo discursivo, enaltece a presença da mãe no lar e abomina a sua ausência no cotidiano dos filhos.

Quanto às descobertas científicas, algumas destas também eram usadas contra a mulher. Descobriu-se que o leite materno fazia bem aos bebês, então, a falta dele poderia contribuir para o grande número de óbitos de recém-nascidos. Ou seja, a culpa materna era cultivada entre as mães que trabalhavam fora, pois não estavam cuidando para que seus filhos pudessem viver. Usavam-se os bebês e suas fragilidades como armas contra as mães que trabalhavam fora de casa. O poder da biopolítica entrava em ação. Como explica Foucault (1999, p.292), no exercício da biopolítica, as primeiras “áreas de intervenção, de saber e de poder ao mesmo tempo: é da natalidade, da morbididade, das incapacidades biológicas diversas, dos efeitos do meio [...]”. Era preciso evitar a morte das crianças, cuidar para que elas crescessem fortes e saudáveis, sem maiores problemas físicos nem psíquicos (como sugeria o texto), então, era preciso que as mães voltassem para o lar.

Nessa tentativa de disciplinarização das mulheres, por meio desses efeitos de poder, começam a surgir as leis e as alternativas que vão fazer toda a diferença na dupla jornada das mulheres, por exemplo, pode-se citar a lei da licença-maternidade, os programas de aleitamento materno, entre outros. Tudo criado em prol da vida e do bem-estar da criança e, pode-se dizer também, da mãe, que consegue com isso amenizar os conflitos entre maternidade e carreira.

A cristalização dos discursos que valorizam a mulher/mãe do lar repercutem ainda na atualidade, como já foi discutido aqui. E isso só aumenta os conflitos existenciais das mulheres que têm uma carreira e exercem a maternidade, ao mesmo tempo. Não é comum, por exemplo, um homem declarar que se sente culpado por deixar os filhos em casa ou sente um aperto no peito quando a criança exige a presença de um pai que precisa se ausentar. Isto não significa que esse pai também não sinta vontade de atender à voz do filho, mas a cultura herdada de uma sociedade patriarcal não incute nos homens esse tipo de culpa. A culpa, para eles, muitas vezes, só aparece se não tiverem condições de prover o sustento (pelo menos em parte) de sua família, de seu lar. Para a sociedade, os filhos não

adquirem “traumas psíquicos” porque o pai sai para trabalhar, ao contrário, orgulham-se disso.

Para a mulher, é sempre mais complicada a conciliação entre o tempo dedicado aos filhos e ao trabalho, principalmente nos primeiros anos de vida da criança, que é muito mais dependente dos cuidados de um adulto. As dificuldades são muitas, mas, tudo isso se daria de forma bem mais complicada se o mercado de trabalho já não tivesse começado a investir na permanência das mulheres em seus empregos, permitindo-lhes dar a assistência necessária aos filhos, principalmente em seu primeiro ano de vida. Claro que essa iniciativa por parte de algumas empresas, aqui no Brasil, ainda é uma idéia inicial, a qual precisa ser aprimorada de acordo com as necessidades e com as atividades exercidas pela mulher em seu ambiente de trabalho, além de ser necessária uma maior expansão entre as empresas que ainda não abriram as portas para essa nova atitude social.

Na busca por um espaço social, a mulher acaba por assumir uma dupla jornada, pois, como lembra Beauvoir (2009), a maioria das mulheres que trabalha fora de casa não tem condições de se evadir do mundo feminino tradicional: o mundo doméstico. Assim, surge o acúmulo de funções, as quais a mulher vê-se obrigada a cumprir. E um dos pontos que mais provoca conflitos é o nascimento dos filhos num universo feminino onde as jornadas de trabalho são longas e o dia se torna curto para tantas atribuições. Isso acaba por levar muitas mulheres a fazerem a opção de trabalhar menos horas semanais ou mesmo deixar o emprego.

A mídia já divulga esse problema:

*...a grande indagação permanece: **onde deixar os filhos?** Eis a dificuldade quase intransponível, mesmo para quem tem dinheiro e pode contratar babás e serviços de creches. (Revista VEJA Especial MULHER, junho, 2010).*

O lugar dos filhos permanece uma incógnita que se apresenta no advérbio interrogativo: “onde”. “Onde deixar os filhos?”. Esse lugar ideal, que está no imaginário materno, mas que tem dificuldade de ser materializado em seu mundo real, é a principal preocupação das mães que têm crianças pequenas e precisam sair para trabalhar. Mas essa preocupação está migrando do mundo privado para o público e passa a ser também uma preocupação das empresas que querem continuar com suas funcionárias após o período da licença-maternidade.

O afastamento do trabalho em prol dos filhos tem preocupado muitas empresas, como a *Johnson & Johnson*, a *Volvo*, a *Accenture*, a *E&Y Terco* (VOCÊ S/A, março, 2011), que investem e acreditam em suas profissionais. Apesar de ainda serem poucas as empresas que tentam amenizar os conflitos maternos na hora de deixar o bebê e sair para trabalhar, mesmo assim, pode-se dizer que já é um começo e que a preocupação que as empresas passam a ter com suas funcionárias/mães, auxiliando-as com a flexibilidade de horários, parece estar dando certo. Quanto às empresas, estas também lucram com as mudanças de atitudes, pois permanecem com profissionais qualificados em seu quadro de funcionários.

A consultoria *Ernst & Young Terco* (*E&Y Terco*), contratou, para o seu programa de *treinee*, 50% de mulheres e 50% de homens, no entanto, logo que as mulheres conseguiam uma melhor colocação na empresa, chegavam, junto com a promoção, os planos, já tão adiados, para serem mães. Isso mudava tudo na vida das profissionais, e muitas acabavam pedindo demissão, o que preocupou a administração da empresa, que procurou investigar as causas do problema. Em pesquisa executada internamente, acabaram descobrindo as causas das demissões: além das longas jornadas de trabalho, acumulava-se a culpa que as mulheres sentiam por passarem tanto tempo longe de seus bebês. A culpa tão cultivada nos textos midiáticos dos anos 50 – 60 (v. Evangelho das mães – JORNAL DAS MOÇAS, 1957) parece ter se disseminado no coração materno por todos esses anos. Então, o que fazer? E como o mercado de trabalho pode amenizar esse problema?

O enunciado a seguir traz um exemplo do que se pode fazer para ajudar a mulher na difícil conciliação trabalho/maternidade.

“Pensei em desistir”



(Fig.42: Diana Quintas, de 33 anos, gerente sênior da Ernst & Young Terco - VOCÊ S/A, março/ de 2011)

Ela morava em Sorocaba, no interior de São Paulo, e pensou em desistir da carreira quando sua licença-maternidade terminou. “Eu não sabia como ia ser largar um bebê de 4 meses em casa para sair de madrugada para trabalhar”. Diana foi uma das primeiras a usufruir do programa de flexibilização da jornada, que estava em fase de teste. Ela amamentava Felipe (hoje com 4 anos) antes de sair para trabalhar às 6h30. Às 12h, saía do trabalho e ficava o resto do dia com o filho. Às sextas-feiras, ela trabalhava em casa, o que dava tranquilidade e foco no trabalho. “Eu precisava provar para a empresa que o esquema funcionava. Era uma redução de jornada, mas não de resultado”, diz. O programa deu certo, Diana cresceu na carreira, mudou para perto do trabalho e teve Lara, que está com dois anos.

A imagem da família feliz, logo acima, não traz vestígios dos conflitos vividos por Diana Quintas ao chegar o término do tempo de sua licença-maternidade. O sorriso estampado no rosto da mulher que trabalha (sentido simbolizado pelo *laptop*) ao lado de seus dois filhos pequenos é o demonstrativo de uma flexibilização de horários que está dando certo. As crianças, em total harmonia, ao lado da mãe vestem fantasias que poderiam iconicamente simbolizar a identidade da mulher brasileira. O menino, vestido de *Superman*, olha para o trabalho que a verdadeira heroína está a executar. Para assumir a diversidade de papéis entre o privado e o público, a mulher precisa ter a força, a agilidade, a coragem e a esperteza de um super-herói. Já na indumentária da pequena Lara, vestida de Branca de Neve, princesa dos contos de fadas, aparece a ternura, o carinho, a delicadeza necessárias para enfrentar essa dupla jornada e continuar a se dedicar, sem resignação, aos filhos e ao lar.

Essa imagem da tranquilidade em meio a tantas responsabilidades só é possível devido às mudanças que determinadas empresas vêm fazendo para melhor adequar as funções exercidas por essa mulher contemporânea que passa a ser produtora sem deixar, nem querer deixar de ser reprodutora. **“Pensei em desistir”**, é o que diz Diana, quando se depara com a difícil situação que praticamente a obrigaria a ficar em casa cuidando do filho pequeno e sair da empresa onde

trabalhava. No entanto, seu pensamento não se concretizou. Usufruindo de um programa de flexibilização de jornada, Diana se vê tão satisfeita com a jornada reduzida e um dia por semana para trabalhar em casa que dois anos depois tem mais um filho: a pequena Lara. Mas esses benefícios não são mantidos com facilidade, e como ela mesma diz *“Eu precisava provar para a empresa que o esquema funcionava. Era uma redução de jornada, mas não de resultado”*. A responsabilidade era grande. Por ser uma das primeiras a usufruírem desse benefício, tornava-se necessário que tudo desse certo. A satisfação da empresa era um alvo a alcançar. Dela dependia a continuação do programa de flexibilização e o benefício de muitas outras funcionárias que se encontrassem na mesma situação. Um novo dispositivo disciplinar entra em ação. A mulher tem seu horário de trabalho flexibilizado, mas deve dar conta de suas obrigações e “provar” que o sistema adotado pela empresa pode dar certo.

Se a execução do trabalho pode se dar em casa tão bem quanto no espaço destinado a tal, por que não a tentativa? Esse é um exemplo que poderia ser seguido por vários grupos empresariais que ainda não despertaram ou não se sensibilizaram com a necessidade que a mulher tem de ser um sujeito dividido em dois espaços, mesmo que seja por um determinado tempo. Ser mãe sem abrir mão de seus sonhos, de sua idealização, de sua realização profissional, só torna a mulher um sujeito mais feliz e mais satisfeito com aquilo que faz, o que, consequentemente, pode ter resultados benéficos para o seu empregador.

Abaixo encontra-se a política adotada pela empresa *E&Y Terco*, onde Diana Quintas trabalha.

1) Para reverter a situação, foi implementado um programa de meia jornada, que possibilitou a elas trabalhar em casa uma vez por semana até que a criança complete 1 ano de idade. Com isso, a E&Y Terco conseguiu ampliar o número de mulheres na companhia. Em 2007, havia 702 profissionais do sexo feminino. Atualmente são 1.472. (VOCÊ S/A, março de 2011).

2) O RH passou a oferecer promoções de coach e melhoria para orientá-las sobre como desenvolver suas competências para chegar às posições de liderança. “Se no retorno da licença a mulher não enxerga possibilidade de crescimento na carreira, ela vai priorizar a vida pessoal e deixar a empresa”, diz Tatiana. Hoje, cresceu a participação delas como sócias. Em 2007, a E&Y Terco tinha apenas cinco sócias – atualmente são 13. (VOCÊ S/A, março de 2011)

3) Regina Madalozzo, professora e pesquisadora do Inper, reconhece o esforço de organizações como a E&Y Terco, mas considera que a flexibilidade de horário poderia ser estendida aos homens. “Ao fazer isso, as empresas também estariam incentivando as mulheres a continuar inseridas no mercado”. (VOCÊ S/A, março de 2011)

Nos enunciados acima, a mídia, pela voz da revista **Você S/A**, traz um demonstrativo sobre os posicionamentos da empresa em relação ao problema da maioria das mulheres que são mães e que trabalham fora: conciliar a maternidade com as jornadas de trabalho, às vezes longas demais.

Diante do que se enuncia na revista, percebe-se que já existe uma preocupação por parte de algumas empresas, no Brasil, em reverter o quadro de demissões das mulheres após o término da licença-maternidade. Empresas como a E&Y Terco, a Johnson & Johnson, a Volvo entre outras, entram no rol das que primam pela permanência de funcionários qualificados e necessários ao bom funcionamento da empresa, seja esse funcionário homem ou mulher. Mas, e as outras tantas empresas, indústrias, fábricas, instituições de ensino, entre outros, o que têm feito para conciliar o papel da nova mulher/mãe com o trabalho executado nesse ambiente?

E quanto aos homens? Como está dito no enunciado 3, “a flexibilidade de horário poderia ser estendida aos homens” (VOCÊ S/A, março de 2011). Segundo a **Você S/A**, a montadora Volvo, com sede em Curitiba “flexibilizou o horário de trabalho. Homens e mulheres podem trabalhar em casa, no esquema *home office* ou no *part-time* (meio período em casa, meio no escritório)”. Se há uma luta pela igualdade entre gêneros, a flexibilização de horários para os pais seria uma oportunidade para se colocar em prática a divisão das atividades domésticas, inclusive os cuidados com os filhos, sem falar no apoio que poderia ser dado nos momentos de ausência da mãe ou em momentos sociais da vida da criança, como nas reuniões escolares, nas apresentações no dia dos pais. Mas essa realidade ainda é muito restrita a poucas pessoas. Resta saber também se os homens brasileiros estão preparados para essas mudanças.

Rebuscando na memória a constituição histórica e cultural da identidade masculina brasileira, pode-se perceber que muitos homens, em seus horários livres, usam o tempo em prol de seus belos prazeres, como bater-papo com os amigos, jogar,

ver TV por mais tempo, entre outras atividades individuais. Claro que essa não é a regra geral, mas, por enquanto, o ideal ainda está nas exceções, que podem ser vistas em várias famílias, como é o caso de Joaquim José - o policial que consegue, após a morte da esposa, a licença-maternidade para cuidar do filho recém-nascido -, citado anteriormente. É preciso muito tempo para se cristalizar uma nova identidade masculina e para que esta seja tida como “normal” entre os iguais. Para Hall (2007, p.108), “as identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência”. No entanto, para o autor, as identidades têm a ver

com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios”. (HALL, 2007, p.109 – Grifos do autor)

Vemos então que a história, a linguagem e a cultura produzem os sujeitos, transformando-os a cada época. Se as identidades são produzidas no interior das formações e das práticas discursivas (HALL, 2007), é necessário então que se retomem os discursos, que se retome a história, pois, segundo Bloch (apud LE GOFF, 2003, p.227) precisamos “compreender o presente pelo passado, compreender o passado pelo presente”. E quanto ao futuro, Le Goff (2003, p.228) completa: “o futuro, tal como o passado, atrai os homens de hoje, que procuram suas raízes e sua identidade e, mais que nunca, fascina-os”. É pela memória, então, que se conhece o passado, se entende o presente e se constrói o futuro, um futuro de mudanças, de transformações identitárias, de transformações culturais e sociais.

Quanto à realidade já construída, observa-se que as necessidades reais de nossa sociedade brasileira são muitas e vê-se que, atitudes como as que são tomadas pelas empresas *E&Y Terco* e *Volvo*, por exemplo, é um diferencial no mundo do trabalho, mas ainda é muito pouco, pois não existe uma obrigatoriedade que faça as outras empresas agirem por esses preceitos.

Também é de conhecimento geral que, na realidade de nosso país, uma gravidez, muitas vezes, pode tirar uma oportunidade de trabalho para uma mulher

ou mesmo levá-la à lista dos demitidos, após o término da licença-maternidade, principalmente se esta trabalha em empresas ou instituições menores, sem grande reconhecimento nacional ou internacional. É o caso de funcionárias de restaurantes, escolas ou universidades particulares, entre outras instituições.

O que é um direito das mulheres pode se tornar um estorvo para muitos patrões. Para sustentar essa arguição basta ver a contradição representada pelas lentes da mídia, nos enunciados abaixo.

“Inaê decidiu não tirar licença-maternidade, legítimo direito. ‘O mercado é muito competitivo, eu perderia espaço se ficasse muito tempo fora’, diz ela, com a convicção de que homens não têm esse problema. [...] (Inaê – Médica – VEJA MULHER, junho de 2010).

“As seis são mães. À exceção de Nara, que começou a carreira após os 40 anos, e de Rose, que resolveu trabalhar depois de ter os três filhos, as outras nunca usufruíram licença-maternidade.” (VEJA MULHER, junho de 2008).

Quanta à licença-maternidade, a lei é muito clara ao dizer que

as funcionárias gestantes têm direito à licença-maternidade sem o prejuízo de perder o emprego ou qualquer desconto em seu salário nesse período, ou seja, elas têm direito ao salário-maternidade, que é pago pelo empregador. [...]

Em setembro de 2008, foi aprovada a nº Lei 11.770, que estende a licença-maternidade de 120 para 180 dias às funcionárias do serviço público. Segundo a nova lei, as empresas públicas são obrigadas a afastar a gestante por 180 dias de suas funções. As empresas privadas, por sua vez, estão livres para aderir à decisão de estender o direito à licença por mais 60 dias – ou seja, sua adesão é facultativa. (Direito das Mulheres – Coleção seus Direitos, 2011, p.24)

De acordo com o que está dito na Lei em questão, nada obriga uma mulher a não usufruir de seus direitos e de voltar ao trabalho antes do tempo previsto, pois essa lei é mais um efeito da biopolítica, que zela pela vida. Por que, então, uma mulher abriria mão de um direito seu, conquistado tão arduamente perante a justiça? Seria o medo de perder o espaço, que também foi conquistado de maneira árdua, no setor trabalhista? Diante dessas controvérsias, percebe-se que as coisas não caminham tão bem quanto a revista VOCÊ S/A quer fazer transparecer. A realidade da maioria das brasileiras é bem diferente da realidade das poucas mulheres que

estão inseridas em empresas, as quais conseguem ver a necessidade de zelar pela família e pelo bem-estar social.

Se algumas mulheres optam por trabalhar em um período que deveriam estar em casa cuidando de um bebê recém-nascido, por trás de sua atitude, provavelmente há um emaranhado das teias do poder, um exercício da disciplina. Para Foucault (2008c, p.143), esse exercício da disciplina “supõe um dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar; um aparelho onde as técnicas que permitem ver induzam a efeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam”. Se há alguma coerção implícita nas atitudes dessas mulheres, há também um mecanismo de poder que as fazem voltar mais depressa ao trabalho, sem falar que, com um bebê em casa, há mais uma “boca a sustentar”, o que seria mais um motivo de apreensão de perda do emprego, do lugar conquistado no mercado de trabalho.

4.5 LUGARES DISCURSIVOS DA MULHER TRABALHADORA: OS NOVOS ESPAÇOS PARA AS NOVAS PROFISSÕES

Neste ponto, a análise se dará a partir de uma colocação feita por uma das engenheiras da matéria **De Salto na Plataforma**, publicada na revista VOCÊ S/A em outubro de 2011. No trecho abaixo percebe-se o mundo como ele foi divulgado para as crianças, com a divisão sexual das brincadeiras infantis.

“Desde crianças, os meninos ganham carrinhos com controle remoto, enquanto as meninas recebem bonecas cor-de-rosa” [...] (Paula Dornhofer Paro Costa, engenheira elétrica e doutoranda da Faculdade de Engenharia Elétrica e de Computação da Universidade Estadual de Campinas, VOCÊ S/A, outubro de 2011).

É muito comum indicar às crianças o lugar no mundo ao qual pertencem. E o lugar indicado para meninos e meninas aparece materializado nos elementos “carrinho com controle remoto” e “bonecas cor-de-rosa”. Os brinquedos, de acordo com Prost (2009, p.277), “contribuem para a diferenciação dos sexos”. Aos meninos o mundo da aventura, das descobertas, da tecnologia, da adrenalina em ação; às meninas o mundo da delicadeza, da futura maternidade, dos cuidados com os bebês (representados pela boneca). Para completar, a cor rosa ainda acompanha a

produção do brinquedo num gesto simbólico de demonstrar a fragilidade do sexo feminino. Essa cor é tão marcante no mundo feminino que até pouco tempo era totalmente rejeitada pelos homens. Somente nesses últimos anos desse novo milênio é que a cor rosa passou a fazer parte do mundo masculino.

Há um poder disciplinar em ação, quando se designa ao sujeito, ainda criança, quem ele é e o que deve fazer. Foucault ressalta que “somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a um certo modo de viver ou morrer em função dos discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de poder” (FOUCAULT, 2008a, p.180). É a verdade de uma época que está a ecoar no enunciado acima, disponibilizando um lugar de verdade aos papéis exercidos por meninos e meninas, futuros homens e mulheres produtores/reprodutores de um país. Essa verdade, tão repetida e retomada no seio da família acaba por cristalizar uma memória que vai se repercutir por muito tempo ainda. Brinquedos e cores continuam a demarcar os espaços/limites entre os gêneros, apesar da resistência. Há uma construção sociocultural da feminilidade e da masculinidade.

Porém, a rejeição por estereótipos identitários, seja demarcados por cores, brinquedos ou atitudes, não se dá apenas pelos homens, mas também pelas mulheres. Um exemplo disso é relatado na matéria **Competência não tem gênero**, publicada na VEJA MULHER, em junho de 2008:

Desde pequena, Carmem campos Pereira sabia que ia ser executiva: colocava suas bonecas em fileira e, com uma bolsa no ombro, entrava na sala para dar ordens. (VEJA MULHER, junho de 2008)

Percebe-se na atitude de Carmem, ainda garotinha, a irregularidade presente no ato da brincadeira com as bonecas. Em vez de ninar, dar mamadeira, trocar a roupinha, colocar para dormir, como é costume geral nas brincadeiras com bonecas, ela dava ordens. Na formulação linguística “*com uma bolsa no ombro, entrava na sala para dar ordens*” se materializa a vontade de saber da menina. Essa atitude simboliza uma fuga ao controle disciplinar. Não é uma menina brincando de ser mãe, mas de ser chefe. A bolsa no ombro simboliza uma função que se daria no espaço público, fora do lar. Estaria a menina seguindo um modelo visto dentro de sua própria casa? O relato publicado na revista não esclarece isso, mas certamente, se rebuscarmos na memória, veremos que na época de criança – década de 70 -

Carmem certamente vivenciou, ou ouviu falar sobre as lutas feministas, sobre a busca das mulheres por um novo lugar. Os discursos que se repetiam nessa época podem ter sido internalizados e representados nessa atitude de criança imitando uma mulher adulta e emancipada. As novas identidades femininas começavam a ser constituídas, já havia sinais de mudanças à vista na vida profissional das mulheres.

Há no enunciado analisado a descontinuidade do discurso no que se refere à divisão sexual do trabalho, por tanto tempo delimitada aos homens e às mulheres. Ao se colocar, nas brincadeiras de criança, como chefe e não como mãe de suas bonecas, Carmem participa de uma ruptura na história destinada às mulheres, criando uma nova verdade. E como explica Veyne (2001, p.166), “um certo regime de verdade e certas práticas formam assim um dispositivo de saber-poder que inscreve no real o que não existe, submetendo-o ainda à divisão do verdadeiro e do falso”. Carmem, em sua prática discursiva, tentava criar uma nova verdade e inscrevia no real, a seu modo, o que ainda não existia. Uma criança (menina) idealizar uma profissão – dita masculina –, fugia à ordem do discurso hegemônico. E a verdade criada por Carmem, nos tempos de criança, virou sua realidade na fase adulta, seguindo uma linearidade na história dessa mulher.

Carmem faz parte das seis mulheres que compõem o espaço discursivo da matéria **Competência não tem Gênero**, publicada na Revista **Veja Mulher**, em 2008.



(Fig.43: VEJA Especial MULHER, junho de 2008, p.30-37)

Nessa matéria, a revista aborda uma pesquisa divulgada no início do ano de 2008, a qual revela um dado surpreendente: “as mulheres já compõem a maioria entre os empreendedores nacionais. Segundo o estudo do Instituto Brasileiro de Qualidade e Produtividade (IBQP), 52% dos negócios nacionais – sejam eles recentes, estabelecidos ou informais – são comandados por mulheres”. Na matéria, é apresentada a história de seis mulheres que, segundo a revista, “estão na vanguarda dessa tendência apontada pela pesquisa. Todas são executivas experientes e ocupam o cargo máximo da empresa que representam”. São elas:

- 1)*Rosa Koraicho é dona e presidente da Koema, incorporadora paulistana de imóveis de luxo;*
- 2)*Bia Aydar comanda a MPM, a agência de publicidade que mais cresceu no ano passado;*
- 3)*Liliana Aufiero rege a gigante Têxtil Lupo, criada por seu avô;*
- 4)*Claudia de Carvalho Alves, que tem três irmãos mais velhos, foi a escolhida para suceder o pai na presidência da Enterpa, uma das maiores empresas de engenharia do país;*
- 5)*Carmem Campos Pereira é a presidente do Grupo Rede Energia, onde há mais de vinte anos, entrou como estagiária;*
- 6)*Nara Fauth Pereira é uma bem sucedida produtora rural do Rio Grande do Sul.*

As seis mulheres acima foram unânimes em seus discursos ao dizerem que,

Para chegar ao topo, tiveram de tomar decisões difíceis no âmbito da vida pessoal. As seis são mães. [...]Nenhuma delas sabe o que é tirar férias de um mês. Muitas vezes, viram-se na contingência de ser as únicas mulheres em mesas dominadas por homens. Para quem está começando, a boa-nova é que todas consideram o momento atual propício à mulher. Características tipicamente femininas, como a capacidade de manejar vários problemas de forma simultânea, o saber ouvir e a curiosidade, estão em voga nas grandes corporações. Todas são, mais uma vez, unânimes: com jeitinho e perseverança, tudo é possível. (VEJA MULHER, junho de 2008).

O enunciado “as seis são mães”, sustenta a conciliação que a mulher tenta/consegue fazer entre maternidade e carreira. Cuidar do espaço privado e se realizar no público parece ser a opção tomada por grande parte das mulheres, mesmo que para isso precise abrir mão de alguns de seus direitos, como as férias e a licença-maternidade, o que já foi comentado nesta Tese.

Enquanto algumas começam a trabalhar ainda jovens, construindo uma carreira passo a passo, antes de chegar ao topo, outras como Nara (produtora rural) e Rose (dona e presidente da Koema) resolveram trabalhar após o período mais crítico da maternidade e, mesmo estando na faixa dos 40 anos, nada impediu que chegassem ao lugar que ocupam hoje.

Outros exemplos, nessa mesma matéria, mostram o potencial das mulheres que encaram o trabalho com perseverança e obstinação:

1) Ao saber que estava grávida do primeiro filho, Claudia de Carvalho Alves, atual presidente da Enterpa, tomou duas atitudes: comemorou com a família a chegada do rebento e se inscreveu num curso sobre congelamento de leite materno. [...] Com o tempo, Claudia percebeu que, além de desenhar projetos, podia executá-los. Depois, concluiu que a incorporação seria um passo lógico. Aí seu destino se cruzou definitivamente com a Enterpa. [...] Tanto se envolveu nas operações do grupo que, **em 2005, foi convidada a assumir a vice-presidência, ao lado do pai. No ano passado, ela subiu um novo degrau: deixou os três irmãos para trás, foi escolhida por Conrado para suceder-lhe na presidência.** Hoje Claudia controla cerca de 1 500 funcionários e, com menos de um ano no cargo, já tem os números a seu favor: sob sua gestão, a Enterpa cresceu 20%. **Uma mulher que atue em áreas como dragagem marítima e fluvial, saneamento e concessões rodoviárias é uma raridade,** e Claudia diz que, somada à sua pouca idade – 41 anos –, a novidade já lhe causou constrangimentos. “Mas não me deixo intimidar”, garante.

(VEJA MULHER, junho de 2008).

2) Quando Liliana Aufiero se tornou a primeira mulher a ser aceita no curso de engenharia da USP de São Carlos, em 1963, ninguém estranhou: sua inteligência e ótimas notas eram célebres em família. Achou-se normal também que, **em vez de se casar e ter filhos, como quase todas as suas amigas de Araraquara, no interior paulista, ela quisesse viver na capital.** Liliana fez pós-graduação na Fundação Getúlio Vargas, mestrado na USP e teve bem-sucedida carreira como engenheira civil de grandes obras. Em 1986, ela empreendeu uma volta inesperada a Araraquara: o cargo de diretora comercial da empresa de seu avô – a gigante Lupo – ficou vago, e ela pleiteou o posto. **Aí fez o que não fizera antes – casou-se e teve um filho** (seu marido já tinha cinco de casamentos anteriores). E seguiu carreira.

(VEJA MULHER, junho de 2008).

No enunciado 1, encontra-se um trecho que mostra uma desordem no discurso familiar e empresarial “[...] em 2005, foi convidada a assumir a vice-presidência, ao lado do pai. No ano passado, ela subiu um novo degrau: deixou os três irmãos para trás, foi escolhida por Conrado para suceder-lhe na presidência”. Qual pai, há algumas décadas atrás, escolheria um filha, sendo ele pai de três filhos

homens, para substituí-lo na presidência de uma empresa? Por que uma mulher para assumir tal cargo? Se este pai a escolheu, certamente a filha escolhida demonstrou competência, atitude, sabedoria para o governo de uma empresa. Em pleno século XXI vemos as mudanças jamais imaginadas, mas amplamente desejadas nas décadas de 60/70. Mais uma vez a ação de um homem – um pai – retira sua filha do lugar de insignificância, ao qual as mulheres foram condenadas. Tal qual o pai de Maria Augusta – primeira médica brasileira – lutou para dar à filha um lugar público, devidamente reconhecido, esse pai sobrepõe a única filha aos três filhos, oferecendo-lhe um lugar de poder, no comando de 1500 funcionários daquela empresa. Isso sem falar que, como a própria Claudia lembra *“Uma mulher que atue em áreas como dragagem marítima e fluvial, saneamento e concessões rodoviárias é uma raridade”*. A própria função representativa no mundo do trabalho, para Claudia, já é um diferencial, um lugar que antes pertencia somente aos homens, mas que ela conseguiu conquistar. E não parou por aí, pois logo, como já se abordou, veio a presidência da empresa.

O novo lugar discursivo, conquistado por Claudia de Carvalho Alves, só pôde ser ocupado após muito trabalho e dedicação, que geraram o reconhecimento de sua capacidade por parte de seu pai. Isso pode ser interpretado a partir do relato de que, primeiro veio a vice-presidência, dois anos depois, a presidência. Houve um momento para o preparo, a aprendizagem, um tempo para se testar a capacidade, o saber. Passado esse tempo, há, sobretudo, um exercício de poder que a leva de um posto ao outro.

Para Foucault (1995, p.243), o exercício de poder

é um conjunto de ações sobre ações possíveis; ele opera sobre o campo de possibilidade onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos; ele incita, induz, desvia, facilita ou torna mais difícil, amplia ou limita, torna mais ou menos provável; no limite, ele coage ou impede absolutamente, mas é sempre uma maneira de agir sobre um ou vários sujeitos ativos, e o quanto eles agem ou são suscetíveis de agir. Uma ação sobre ações.

Se houve uma ação do pai, antes presidente da Enterpa, ao passar o cargo para sua filha e não para um de seus filhos, pode-se dizer que não foi uma ação de coagir ou impedir, mas de conduzir, de incitar. Foucault (1995, p.244) completa dizendo que o exercício do poder também “consiste em ‘conduzir condutas’ e em

ordenar a probabilidade”. E se havia uma probabilidade de um cargo de tão alta importância passar de pai para filha – e não para filho – essa probabilidade transformou-se em realidade. São acontecimentos como esse que fazem da mulher um sujeito ativo/produtivo na atualidade.

Outro exemplo de superação de gênero no mundo do trabalho vem com a atitude de Liliana Aufiero que *“se tornou a primeira mulher a ser aceita no curso de engenharia da USP de São Carlos, em 1963”*. Enquanto a maioria das mulheres só conseguia permissão da família ou escolhiam a carreira do magistério, através das escolas de normalistas, Liliana se inseria como a primeira mulher de um curso de engenharia, em São Carlos. Esse era um curso destinado aos homens, até que as mulheres começaram a descobrir os encantos e a desmistificar os mistérios das engenharias. Hoje, as mulheres estudam e atuam nas mais diferentes áreas da engenharia elétrica, mecânica, civil, alimentícia, de materiais, de petróleo, de minas, entre tantas outras.

Para a família, o fato deu-se de forma natural e ninguém achou estranho que *“em vez de se casar e ter filhos, como quase todas as suas amigas de Araraquara, no interior paulista, ela quisesse viver na capital”*. Liliana ainda *“fez pós-graduação na Fundação Getúlio Vargas, mestrado na USP e teve bem-sucedida carreira como engenheira civil de grandes obras”*. Depois de todas as conquistas, não se deu por satisfeita, pleiteando então, em 1986, o cargo de diretora comercial na empresa de seu avô, a grande Lupo. Só então, com a carreira estabilizada, bem estruturada no mundo do trabalho, Liliana faz o que a maioria de suas amigas havia feito em plena juventude: casa e tem um filho.

Percebe-se através do discurso proferido pela revista que em Liliana se encontra a ânsia de novas conquistas, de um espaço público, ainda tão negado às mulheres na década de 60. E para que esse desejo profissional fosse alcançado, provavelmente não poderia haver espaço para uma constituição familiar – marido e filhos. Teria sido uma escolha entre carreira e família? Teria ela conseguido viver tudo isso caso tivesse casado mais cedo? Pelo histórico da época em que essa mulher entra em um curso universitário, assumindo uma cadeira que “normalmente” seria de um homem, provavelmente não. O histórico-social da época nos faz pensar que as dificuldades seriam bem maiores, como cobranças de um marido enciumado, crianças para cuidar, uma casa para organizar. Como, conciliar viagens, estudo,

trabalho e constituição familiar numa época em que o dispositivo disciplinar agia com força sobre as mulheres? Hoje, o que parece se dar de uma forma natural, um dia pareceu algo longínquo à realidade das mulheres brasileiras. E como defende Perrot (2005, p. 502), “não há ‘norma’ da conduta das mulheres: a maternidade não constitui sua imutável missão. Elas não têm a vocação única para a reprodução que as fixava em um tempo imóvel quase fora da história”. Essa “vocação” da qual fala Perrot pode vir perfeitamente mais tarde, como se deu para Liliana Aufiero, pois, além de exercer o papel de mãe e esposa, as mulheres também anseiam por novas conquistas, novos lugares sociais. E em meio a essas lutas, “Michel Foucault contribui para este difícil parto” (PERROT, 2005, p.502), através de seus estudos sobre os micropoderes.

Mas, de que forma, os estudos foucaultianos contribuem para uma nova narrativa histórica da mulher? De acordo ainda com Perrot (2005, p. 502),

a análise foucaultiana dos poderes é também adequada à pesquisa sobre as mulheres e as relações entre os sexos. Ela observa os micropoderes, suas ramificações, a organização dos tempos e dos espaços, as estratégias minúsculas que percorrem uma cidade ou uma casa, as formas de consentimento e de resistência, formais e informais. Ela se ocupa não somente de repressão, mas de produção dos comportamentos. Considerar como as mulheres são ‘produzidas’ na definição variável de sua feminilidade renova o olhar lançado sobre os sistemas educativos, seus princípios e suas práticas.

Neste sistema, o lugar da família e do corpo é essencial. Foi por este viés que as mulheres foram reintroduzidas no diagrama de forças que constituem as disciplinas.

Pode-se ver, então, a importância dos estudos foucaultianos para as pesquisas sobre as mulheres, pois, a análise dos micropoderes ajuda a conhecer melhor a produção das identidades femininas, entendendo como se dão as relações de gênero e o lugar da família na constituição das técnicas disciplinares direcionadas à mulher.

Somente na década de 60 as mulheres começam a despertar, de forma mais ativa, para a área da engenharia e a disputar um espaço que, diga-se de passagem, não seria seu, mas do homem. Muitos anos se passaram, muitos diplomas foram emitidos, muitos empregos foram conquistados, mas, nem por isso as situações que envolvem preconceitos sobre a divisão sexual do trabalho foram extintas. As mulheres, através do saber, quiseram e conquistaram o espaço público,

“arregaçaram as mangas” e puseram-se a trabalhar e a executar atividades que antes não poderiam ser suas, mas isso não se deu – nem se dá – de maneira tranquila.

Coracini (2007, p.87) lembra que o número de mulheres inseridas no mercado de trabalho difere entre uma região e outra, entre uma cidade e outra e que em algumas profissões esse número é bem pequeno, porém,

é incontestável que, entre 1960 e 1970, cresceu muito o afluxo de mulheres ao mercado de trabalho, como dão testemunho brasileiras que, depois de três ou quatro anos de estudo na França, maravilhadas diante do discurso feminista de Simone de Beauvoir, entraram no Brasil e se espantaram ao ver que não havia mais necessidade de convencer as mulheres das vantagens do trabalho para sua liberação, pois elas já estavam convencidas.

Isso é bem verdade, mas, mesmo com o aumento do número de mulheres no mercado de trabalho e do exercício em algumas profissões ditas mais “masculinizadas”, a mulher precisa, a todo instante, provar do que é capaz, pois se submete às avaliações cotidianas muito mais do que os homens, que estão de olho no trabalho delas e nos erros que possam vir a cometer. Esses sentidos derivam dos enunciados que serão analisados logo abaixo. Se é pela linguagem que se encontram a memória e a história para explicar os fatos acontecidos e narrados, vejamos os discursos relatados por meio da matéria **De Salto na Plataforma**, da revista **Você S/A**.

1) Para as engenheiras em cargos de liderança, parece haver um duplo desafio. PROVAR que são capazes de comandar equipes tão bem, ou melhor, que os homens e encontrar um jeito próprio, mais feminino, de gerenciar.

(Paula Dornhofer Paro Costa, engenheira elétrica e doutoranda da Faculdade de Engenharia Elétrica e de Computação, VOCÊ S/A, outubro de 2011).

2) Carioca, a engenheira química Renata Morand se formou em 1997 pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. “Naquela época, o mercado era bastante restrito para os engenheiros e a maioria dos meus colegas foi trabalhar em bancos.”, diz. Ela, no entanto, recebeu logo a proposta de uma empresa para ajudar a desenvolver plataformas para a Petrobras e chegou a trabalhar dois anos em Cingapura pela companhia. Ao retornar ao Brasil, em 2000, Renata deparou com um cenário completamente diferente. “O mercado de petróleo crescia cada vez mais. Foi uma melhora brutal para os engenheiros”, conta. Em 2002 foi contratada pela Odebrecht Óleo e Gás na unidade de Macaé, onde assumiu a coordenação de diversos projetos de companhias como Shell e Petrobras. Quatro anos depois

chegou ao cargo de gerente de engenharia da unidade. “Existem poucas engenheiras em Macaé, cerca de cinco, em relação a 100 homens.” Ela sente que, para impor respeito, precisa manter a postura e se destacar até mais do que os executivos homens. “Muitas vezes, a mulher tem que ser melhor do que o homem para PROVAR seu valor”, diz. “Por isso, sempre procurei me diferenciar, fazendo cursos de capacitação e assumindo desde sempre uma postura confiante.”

(VOCÊ S/A, outubro de 2011).

Pergunta-se aqui: Por que o verbo “provar” aparece com tanta constância no discurso dessas mulheres? Por que a necessidade de se “provar” algo para os homens? Para fazerem jus ao lugar ocupado nas empresas, as mulheres sentem-se na obrigação de “provarem” sua capacidade, inteligência, habilidade com o trabalho. Isto só se explica nos vestígios da memória. Como já se discutiu aqui neste trabalho, as mulheres foram, por muito tempo, tidas como seres incapazes mentalmente de assumir quaisquer grandes responsabilidades fora do lar. Esse discurso perdurou muito mais do que imaginamos. No ano de 1957, o **Jornal das Moças** trazia como tema principal de uma de suas matérias justamente essa “falta de capacidade” das mulheres para governar. O título da matéria é **“As mulheres norte-americanas não nasceram para... mandar!”** Nessa formulação linguística, o uso das reticências, que aparece ironicamente, pode pressupor várias interpretações. Há uma pausa no enunciado, que pode derivar em vários efeitos de sentidos. As mulheres norte-americanas podem ter nascido com habilidades para muitas coisas, mas não “para... mandar!”. Mas, mandar em quem, mandar em quê? Na história das mulheres são elas quem “mandam” na casa, nas serviçais e até mesmo nos filhos - apesar de as grandes decisões relativas ao futuro da prole serem dos pais. No texto abaixo declara-se em que está a falta de autoridade das mulheres.

Tradicionalismo anti-feminino

As mulheres norte-americanas não nasceram para... mandar!

Dos 250.000 postos-chaves existentes nos Estados Unidos, as mulheres ocupam somente 5.000 — 50% das mulheres que deixam as universidades desejam abandonar o trabalho logo depois do casamento — Quatro obstáculos principais, na estrada que conduz aos altos cargos

UAL é o papel da mulher norte-americana na economia do país? Desejam elas ocupar postos de direção na vida da grande nação? Foram coroadas de êxito, quando ocuparam postos de direção? Estas são perguntas que podem ocorrer a qualquer pessoa interessada na influência feminina na economia e gestão de negócios na grande nação da América do Norte.

Depois de 1910, o número de mulheres que estão colocadas em postos de direção, nos Estados Unidos, está duplicado, mas o número ainda é inferior a 5.000 entre os 250.000 americanos que ocupam postos-chaves no país.

Onde é que se deve procurar a causa de tamanha despreocupação entre o número de mulheres que trabalham nos Estados Unidos e a sua exigua atuação nos postos diretivos? Psicologicamente, a mulher não leva grande vantagem aos homens, possuindo mesmo alguma superioridade, no que diz respeito à adaptabilidade e flexibilidade de espírito, conforme pensam alguns das mulheres que maior sucesso tiveram como gestoras de negócios, em grandes companhias.

Acreditam essas representantes do sexo feminino, influenciadas, talvez, pelas suas exitosas atividades, que as

mulheres possuem capacidades iguais às dos homens, no domínio da direção comercial, administrativa e industrial? Não pensam assim, os representantes de certos setores industriais, como o do aço, por exemplo. Todos sabem que neste ramo da indústria, bem como na indústria do petróleo, não é lugar onde a mulher possa obter uma boa colocação e prestar um trabalho eficiente, mesmo em cargos mais ou menos elevados, dentro dos escritórios.

ESPIRITO DE CONDIÇÃO

Dentro de ambas as indústrias existe um espírito de grande competição, havendo épocas em que o individualismo chegou a um excesso que quase tocava às raias da desumanidade, com companhias atassalhando-se mutuamente, numa atmosfera de acirramento de ânimos; lugar, portanto, onde a mulher deveria sentir-se tolhida nos seus movimentos, peida nesse ambiente de belicoidade. A indústria do aço, por exemplo, conforme a opinião de um industrial, é uma indústria varonil, e sempre tem sido, pouco consoante com a delicada complexão da mulher, bem como com a sua suave personalidade. A indústria do aço sempre foi caracterizada pela sua intensa varonilidade, com acirrado espírito competitivo, e não proporciona ambiente

propício para o trabalho feminino. E muito menos a mulher poderá encontrar aí um trabalho de direção, mesmo que fosse uma rainha. A indústria e as atividades terão que sempre ser dirigidas por homens, — essa é a opinião dos representantes desse setor da economia americana.

TRADICIONALISMO ANTI-FEMININO

As empresas gigantes, tais como a General Motors, a Standard Oil e a United States Steel não recebem com entusiasmo a colaboração das mulheres, nos seus postos de direção, que continuam fechados às representantes do sexo frágil. Para muitos diretores industriais, a ascensão da mulher dentro das empresas não é bem acolhida, e muitos não sabem dar explicação pela sua atitude. Julgam que grande parte da sua opinião é o resultado do tradicionalismo anti-feminino reinante na indústria, respeitante aos postos diretivos. As mulheres — pensam eles — não desejam mesmo galgar as altas funções administrativas, onde a responsabilidade é muito grande e delicada, contextura física e psicológica.

Um dos obstáculos que as mulheres encontram para a ascensão aos postos diretivos é a sua falta de formação profissional, faltando para isso escolas, havendo nos Estados Unidos somente uma delas para formação de postos dirigentes, que aceitam as mulheres. Assim mesmo, elas aí acorrem em pequeno número. Mas, a maior causa da pequena percentagem de mulheres nos postos de direção das empresas é a condição própria da sua

(Conclui na pág. 105)

A profissão de "modelo" é comum na América. Em geral os "modelos" não são as melhores alunas das cursos universitários

O lugar de secretária é quase sempre o posto máximo que uma americana atinge nos escritórios e grandes companhias dos Estados Unidos



(Fig.44: JORNAL DAS MOÇAS, 16 de maio de 1957)

Com os trechos em destaque, nessa matéria, pode-se concluir o porquê de a mulher precisar sempre “provar” que é capaz de executar um bom trabalho, de, contrariamente o que diz a matéria do **Jornal das Moças**, dirigir uma empresa, liderar uma equipe. Acreditava-se ou queria se fazer acreditar que a mulher não possuía “capacidades iguais às dos homens”, na execução dessas atividades. A revista publicava “o lugar de secretária é quase sempre o posto máximo que uma americana atinge nos escritórios e grandes companhias dos Estados Unidos”. Por que a mulher norte-americana servia como o modelo de sujeito para ser citado? Certamente a influência do primeiro mundo a um país de terceiro mundo seria bem aceita entre os seus sujeitos sociais.

Muito se enganava quem divulgava esses discursos. O trecho “*Todos sabem que neste ramo da indústria, bem como na indústria do petróleo, não é lugar onde a*

“Acreditam essas representantes do sexo feminino, influenciadas, talvez, pelas suas exitosas atividades, **que as mulheres possuem capacidades iguais às dos homens**, no domínio da direção comercial, administrativa e industrial. **Não pensam assim, os representantes de certos setores industriais**, como o aço, por exemplo. Todos sabem que neste ramo da indústria, bem como na indústria do petróleo, não é lugar onde a mulher possa obter uma boa colocação e prestar um trabalho eficiente, mesmo em cargos mais ou menos elevados, dentro dos escritórios.”

“O lugar de secretária é quase sempre o posto máximo que uma americana atinge nos escritórios e grandes companhias dos Estados Unidos”.

mulher possa obter uma boa colocação e prestar um trabalho eficiente”, disseminado de preconceito contra o gênero em questão, é totalmente contraditório à nova realidade que se apresenta pouco mais de 50 anos depois. Essa nova realidade é comprovada nos trechos: “Ela, no entanto, recebeu logo a proposta de uma empresa para ajudar a desenvolver plataformas para a Petrobras. [...] Em 2002 foi contratada pela Odebrecht Óleo e Gás na unidade de Macaé, onde assumiu a coordenação de diversos projetos de companhias como Shell e Petrobras”. (VOCÊ S/A, outubro de 2011).

O desempenho de Renata Morand, citada na revista **Você S/A**, contradiz as previsões feitas em 1957, na tentativa de convencer as mulheres – que já despertavam para as suas capacidades no mundo do trabalho – da ignorância a qual o seu sexo estava condenado. A historiadora Perrot (1998, p.140) declara: “eu admito a ‘idéia’ de gênero, isto é, de uma diferença dos sexos construída pela cultura e pela história, secundariamente ligada ao sexo biológico, e não ditada pela natureza”. Era essa a história que alguns homens desejavam construir, a história “ditada pela natureza” da incapacidade das mulheres.

Biologicamente são muitas as diferenças entre os corpos dos homens e os corpos das mulheres. Nessas diferenças, o que se torna incompreensível para os homens passa a ser também inferiorizado. “O masculino, sempre superior ao feminino, opõe-se a ele como o quente ao frio, o úmido ao seco, o ativo ao passivo, o dia à noite etc” (PERROT, 1998, p. 141). E é justamente nas diferenças que as mulheres estão encontrando o caminho para se chegar aos novos e maiores espaços. Conforme os trechos abaixo, percebe-se a relevância das diferenças desses corpos sociais.

*1)A **médica** entende, pelo cotidiano de seu trabalho, de contato direto com as pessoas, que as mulheres conquistaram espaço em razão de uma monumental e silenciosa mudança: **atributos fundamentalmente femininos, como empatia e atenção, antes desconsiderados no trabalho, desvalorizados, hoje valem ouro. “Somos mais associativas”**, diz.*

(Inaê – VEJA MULHER, junho de 2010).

*2) A **engenheira eletrônica Simone Rocha** começou a trabalhar com fabricação de hardware em 1989 na IBM e atualmente ocupa o posto de gerente de serviços de TI e vendas para os setores de telecomunicações, indústria e distribuição [...] Para ela, as mulheres se destacam na gerência porque **estão***

sempre atentas aos detalhes. “Aprendemos a nos planejar com os filhos e a organização da casa”, diz a executiva.

(VOCÊ S/A, outubro de 2011).

Pelo que se constata, algumas mulheres atribuem seu sucesso profissional, em parte, às características ditas femininas, essas que tanto foram discriminadas. No mundo masculino, ao que parece, diante do que foi visto, as diferenças entre os gêneros sempre significaram as fraquezas das mulheres, porém, esses sentidos ficaram no passado. São as diferenças entre os gêneros que justamente fazem a diferença no mundo do trabalho. E a sociedade já tem percebido isso. Se as habilidades e os atributos das mulheres não podem mais ser silenciados, então, é necessário aplicá-los dentro de uma disciplina, porque “por trás de todo saber, de todo conhecimento, o que está em jogo é uma luta de poder. O poder político não está ausente do saber, ele é tramado com o saber” (FOUCAULT, 2003, p.51). As mulheres começam, então, a usufruir, da melhor maneira possível, dos atributos e habilidades que só elas têm; e os homens do mundo empresarial, industrial e comercial resolvem abrir espaço para que as mulheres possam, enfim, aplicar todo o seu potencial, “mandar” e comandar nesse mundo tão masculinizado.

E para fechar este capítulo, entrelaçando uma conversa entre o *corpus* selecionado e o arquivo, vejamos mais dois gêneros: uma charge e uma propaganda.



(Fig.45: Charge “Lugar de mulher é no tanque”)

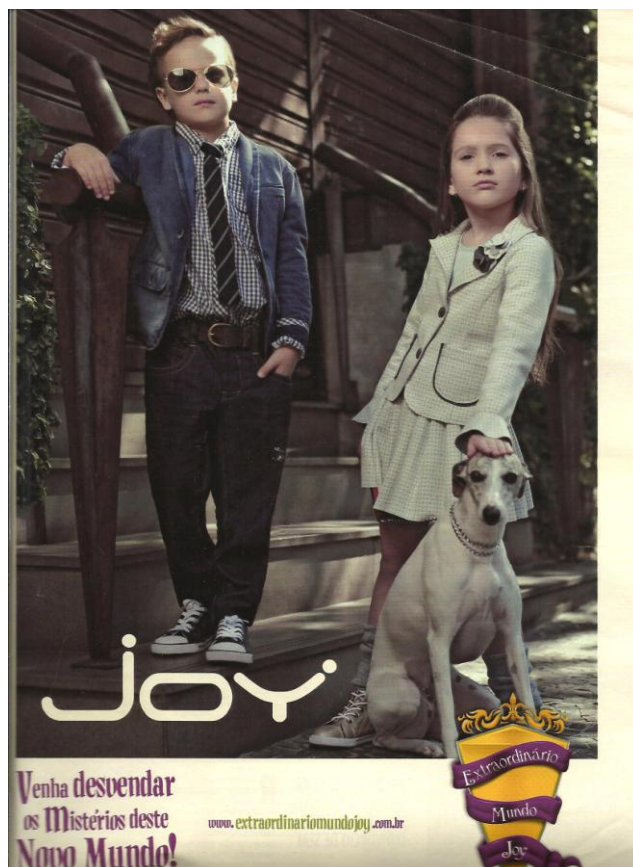
Na ³⁷charge acima, pode ser visto definitivamente o quanto os lugares designados aos gêneros podem mudar. A materialidade que une o linguístico e o imagético nos mostra os dois mundos em que as mulheres assumiram o comando. Quando se enuncia “*Lugar de mulher é no tanque*”, há uma memória que nos leva ao tanque usado para se lavar as roupas, um dos trabalhos domésticos sempre executados pelas mulheres. Na afirmativa que ressoa pela voz de uma das mulheres acima “*Com certeza!*”, percebe-se uma concordância com o fato de que o lugar da mulher é realmente no tanque. No entanto, há uma imagem que desfaz esses sentidos criados pelo verbal. O tanque, o qual a mulher se refere não é mais o tanque de roupas sujas, mas o tanque de guerra, que representa as batalhas, as lutas travadas dia a dia, ano a ano, por cada uma daquelas que vestiu a camisa em prol das mudanças no mundo feminino. Com esse “tanque” elas bombardeiam alguns dos fantasmas que sempre assolaram as vidas das mulheres: “*assédio sexual, dupla jornada, discriminação*”. Na imagem, os fantasmas são afugentados a tiros que vêm do tanque em questão. O tanque de guerra percorre um caminho estreito e cheio de curvas, mas, o interessante é que a batalha se dá em meio a um campo de flores tendo ao fundo o brilho do sol, uma paisagem que poderia simbolizar um espaço de paz. Seria esse o mundo feminino representado na imagem? Outro ponto que chama a atenção na imagem é a união das mulheres, pois somente a união faz a força e pode levar às mudanças. Essas mulheres representam na charge todos os povos e raças. Unidas no mesmo espaço de luta podemos ver uma ruiva, uma loira, uma morena com traços orientais e uma negra. Essa imagem simboliza a luta que se dá em todos os lugares ao mesmo tempo, envolvendo todos os povos e raças na guerra pela igualdade de gêneros.

A intericonicidade de que fala Courtine (2005) surge nesse texto, e é pela imagem que conseguimos apreender os sentidos que emanam dessa charge, afinal “toda imagem tem um eco. Essa memória das imagens se chama a história das imagens vistas, mas isso poderia ser também a memória das imagens sugeridas pela percepção exterior de uma imagem” (COURTINE, 2005 – entrevista a Nilton Milanez). Nessa memória das imagens, podemos ver os efeitos de sentidos do texto acima. É o exterior ao texto que vai subsidiar esse gesto de interpretação que leva a

³⁷ Disponível em: www.charge.com.br – acesso: 20/12/2011.

um outro momento vivido pelas mulheres e que não está dito, mas que pode ser apreendido no campo da memória.

Um outro momento também, nesse caso, o atual, aparece na propaganda de roupas, do Grupo Morena Rosa.



(Fig.46: Propaganda Morena Rosa, CARAS, 06 de abril de 2012)

Na imagem, percebe-se a mudança ocorrida aos gêneros. Temos um menininho, vestido como adulto, de gravata, óculos escuros, estilo casual chique, fazendo pose sobre o primeiro degrau da escada. No mesmo espaço, um pouco mais à frente, encontra-se uma menina vestida elegantemente com terninho e que olha marcadamente para a câmera que a fotografa. Percebe-se o olhar do poder nessa expressão facial, um ar de decisão de quem sabe o que quer e que tem um jeito todo seu de encarar a vida. Não obstante, a menina repousa a pequena mão esquerda sobre a cabeça de um cão, que recebe o carinho tranquilamente. Diferentemente das propagandas que fazem das meninas uma miniatura de mulher do lar, esta traz uma miniatura de mulher do espaço público, do trabalho. A fera (o

ção) amansada seria mais uma prova de resistência e de coragem que a mulher precisa demonstrar nesse mundo? Por sinal, um novo mundo. O enunciado verbal que diz “Venha desvendar os mistérios desse novo mundo!” traduz bem o que a imagem já nos mostra: um novo mundo, uma nova mulher, novas atitudes. É uma criação de roupas que desperta para as novas identidades do mundo contemporâneo. A mídia registra a transformação da identidade feminina, não só na vida adulta, mas desde a mais tenra infância. Uma menina, que representa, na materialidade da propaganda, a futura mulher do país, a futura mulher do mundo do trabalho.

As relações de poder que sempre se deram nas relações entre os gêneros começam a tomar um novo rumo impulsionando as mudanças que se dão nas sociedades. Como cita Foucault (2006b, p.262), “O poder não opera em um único lugar, mas em lugares múltiplos: a família, a vida sexual, a maneira como se trata os loucos, a exclusão dos homossexuais, as relações entre os homens e as mulheres...”. Tudo isso são relações políticas, e no que diz respeito às mudanças, Foucault (2006b, p.262) complementa: “só podemos mudar a sociedade sob a condição de mudar essas relações”. Pode-se dizer, então, que isto justifica as lutas das mulheres, pois foi lutando pelas transformações das relações de gêneros que elas conseguiram sair da invisibilidade e serem vistas no espaço social, no mundo do trabalho. Hoje, o lugar da mulher não é só no tanque nem “pilotando o fogão”, o lugar, melhor dizendo, os lugares da mulher estão na medicina, no direito, na educação, na indústria, e entre outros, na presidência das empresas e de uma nação.

Nos vestígios dessa memória podem-se ver as mudanças disciplinares em relação ao corpo e ao comportamento da mulher, que hoje assume as rédeas de sua vida, o comando de sua história.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES: para um efeito de fim...

“Eva eterna, a mulher desafia a ordem de Deus, a ordem do mundo” (PERROT, 1998, p.8). Partindo do início, tentamos chegar ao final dessa trajetória - que não tem fim. Em seus desafios constantes, foi assim que retomamos a caminhada da mulher até o momento atual. Inconformada com seu destino de reprodutora e cuidadora, a mulher também quis ser produtora, quis construir e reconstruir, quis um trabalho, uma profissão, quis um papel escolhido por si mesma, não somente os que lhe designaram desde seu nascimento.

Na tentativa de conhecer como e porque se deu essa busca constante da mulher por um espaço social, começamos a despertar para este trabalho de pesquisa que nos trouxe até aqui. E foi somente através da memória que encontramos respaldo para contar a história que se tracejou por entre essas linhas. É pela memória do discurso midiático que tentamos suavizar a inquietação que se desenha em nossa questão de pesquisa: “De que modo se inscreve na mídia a história da mulher trabalhadora e sua relação com o mercado de trabalho e a família, se observada a constituição da identidade dessa mulher, a partir dos movimentos da memória?”. A inscrição dessa mulher trabalhadora no discurso midiático nos faz perceber as relações de poder que sempre instigaram as diferenças entre os gêneros, pois os dispositivos disciplinares estavam sempre por toda a parte. Falar com o verbo no tempo passado não quer dizer que esses dispositivos não estejam escondidos por aí, agindo silenciosamente e disfarçadamente, mas sim que, a própria disciplina parece ser disciplinarizada para atender às novas reivindicações dos sujeitos contemporâneos. E a mídia, como prática discursiva que é, trata de fazer repercutir a história em meio as suas vontades de verdade. Não a verdade da mídia (somente), mas a verdade de um povo que resiste à resistência.

Em mais de um século de história, retratada nesta tese, percebem-se as dificuldades de mudanças de uma sociedade que se encontra enraizada, engessada em um discurso patriarcal. E para encontrar possíveis respostas ao nosso questionamento, sem no entanto chegar à exaustão, procuramos articular as materialidades encontradas (verbais e imagéticas) com a historicidade. Nessa articulação pudemos ver os acontecimentos que causaram a irrupção, a dispersão do discurso.

Para fazer um percurso que nos possibilitasse descrever/interpretar, no discurso midiático, os movimentos da memória na relação da mulher com o mercado de trabalho e a família, era preciso se delinear um trajeto temático. E esse trajeto temático que guiou cada passo dado foi “Mulher, trabalho e família” na história contada pela mídia. Para melhor distribuir os segmentos encontrados foram pensados três eixos que nortearam a construção do arquivo e a delimitação do *corpus* aqui apresentado. São eles: 1) a mulher e o mercado de trabalho, 2) a mulher trabalhadora e as relações de gênero e 3) a mulher trabalhadora e a constituição familiar.

Seguindo por esses eixos, nos deparamos com os mais variados textos discursivos que, em redes de memória, pouco a pouco, nos mostraram a visibilidade da invisibilidade feminina, que perdurou por tantos séculos no esquecimento de sua história. Surgiu em meio a esses discursos a lembrança escondida de tantas e tantas mulheres exiladas, condenadas, mal-faladas, mas que resistiram e puderam ao seu modo registrar e mudar a história. A mulher torna-se exigente, passa a exigir respeito, quer ser reconhecida como um sujeito que tem sua importância para a sociedade. E é pelo trabalho que essas conquistas tornam-se mais acentuadas.

Os discursos sobre essa nova mulher, a qual conquista uma carreira, ocupa um lugar no espaço social, não seriam possíveis sem muita luta e resistência. E essa resistência aparece fortemente por meio do acontecimento “Movimento Feminista”, o que mostrou a necessidade de se analisar os efeitos desse movimento na produção da identidade da mulher trabalhadora contemporânea. Constatou-se, então, que as conquistas lideradas por esse movimento foram muitas: o voto feminino, o direito de posse e de herança, o divórcio, a licença-maternidade, a criação da lei Maria da Penha... porém, apesar de parecer estar caindo no esquecimento, o movimento feminista continua na ativa, lutando pela igualdade de gêneros dentro e fora do lar. Ainda há muito pelo que se lutar, principalmente pelas mulheres do Oriente, o que já dá uma outra história.

No sentido de encontrar respostas para o nosso questionamento foi preciso ainda averiguar os jogos discursivos na inscrição da mulher trabalhadora na mídia, observando a relação mercado de trabalho, família e sociedade como traços presentes na constituição da identidade da mulher contemporânea e entender como

essa mulher trabalhadora se constitui eticamente nos espaços público e privado, frente a essa relação de saber/poder.

A mídia é então o nosso campo discursivo, onde podemos buscar e encontrar os discursos que revelam muitos dos mistérios da história das mulheres. Mas, a mídia aborda somente o conteúdo real, a verdade? Como diz Silverstone (2005, p.147), a mídia “é um processo de mediação. A mídia se faz. Nós a fazemos. E ela é feita por nós”. Se é um processo de mediação feito por nós, a mídia apresenta toda a ideologia de seu tempo, de sua época. Em seus jogos discursivos, a disciplina e o controle aparecem, às vezes, de forma autoritária, às vezes, investidos de sutilezas, esses são os perigos que se apresentam em seus discursos, seja por meio de artigos publicados, de propagandas veiculadas, de músicas interpretadas, dentre muitos outros gêneros.

O poder da linguagem, verbal ou visual, chega até os sujeitos convencendo-os sobre um discurso que se diz “verdadeiro”. Mas, as “verdades” da mídia precisam ser analisadas e muitas vezes contestadas. Essa poderosa linguagem que se liga à memória e à história, quando massificada, vem enrustida de mecanismos de poder que adentram pelos lares, desfilam pelas ruas, instalam-se nas mentes das pessoas. Daí a necessidade de saber interpretar, analisar e criticar o que precisa ser criticado.

Buscando pelas redes de memória, a mídia atualiza os discursos cristalizados e divulga-os como algo natural e atual. Um exemplo disso são os discursos sobre a mulher no lar e nos cuidados com a família. A todo momento há uma reafirmação dos papéis sociais femininos no que diz respeito ao espaço privado. Apesar de reconhecer a mulher como um sujeito produtor nas sociedades contemporâneas, as práticas discursivas que se mostram pela TV, pelas revistas, pela música, dentre outros, fazem um resgate da mulher do início do século XX, aquela que vivia no sentido de casar e constituir família, abrindo mão de todo e qualquer sonho que fosse diferente desses dizeres. Com as mudanças ocorridas, começa a cristalar-se, então, os discursos da mulher multitarefas, a multimulher, aquela que faz tudo dentro e fora do lar. Seria uma forma de “castigar” a mulher por sua resistência, suas lutas, suas conquistas?

Não sendo possível evitar o inevitável, é preciso encher essas mulheres de culpa, fazê-las refletir sobre o mal que está causando aos seus filhos, ao seu marido, ao seu lar, à sociedade como um todo. Essa foi a mídia dos anos 50 aos anos 70. O

enfoque na “boa mãezinha do lar” e na “família feliz”, com a mulher no comando da casa, mascarava o que realmente se queria discursivizar. Apontar para as que não seguiam as regras ditadas era um recurso que mostrava o exercício do poder sobre as mulheres. Mas, pode-se dizer que isso é coisa do passado?

Analisando o discurso midiático nesse novo milênio, percebe-se que isso não é coisa do passado, apenas se usa de uma maior sutileza para lembrar as mulheres de seus papéis primordiais: cuidar, limpar, lustrar, lavar... além de submeter-se às vontades masculinas. Isto foi bem enfocado no decorrer dos capítulos desta Tese e também mostrado, no último capítulo, pelas vozes dos maridos que tanto reclamam da ausência da esposa, da mulher que sai para trabalhar e não tem tempo para cuidar da casa, dos filhos, à moda antiga, é claro, pois, o que se percebe é que as mulheres não deixam de assumir esses papéis tão demarcados em sua identidade, apenas assumem de forma diferente, em tempo menor e, quando podem, de forma mais dividida com outros membros da família ou com uma babá ou faxineira.

Embora por vezes abuse dos dispositivos que controlam e disciplinam o sujeito, a mídia não pode fugir da nova realidade social que mostra a imagem de uma nova mulher, construída com muito esforço, por meio de muitas batalhas. É preciso que se divulguem também esses novos espaços, os quais são ocupados pelas mulheres. Não é mais possível se fazer o apagamento de tudo o que se deseja, a visibilidade tomou o lugar da invisibilidade, ofuscando a visão de quem não quer enxergar. A mulher muda a sua história e faz novas opções de vida. Isso quer dizer que está livre das cobranças? Não. Parece até que, por ser uma nova mulher, com suas capacidades e inteligência reconhecidas, são muito mais cobradas.

Essas cobranças aparecem por todos os lados. Se a mulher é moderna, trabalha, tem sua independência financeira, é cobrada por ter de casar, ter, filhos, constituir família – e depois ter de cuidar de tudo isso. Se a mulher, porventura, escolhe não mais estudar nem trabalhar, mas, especificamente se dedicar ao lar, ao marido e aos filhos, também é cobrada, pois com as exigências da sociedade, com o mercado de consumo dominando as vontades dos sujeitos, principalmente dos mais jovens, é preciso contribuir com o orçamento da casa. Qual a saída, então?

É necessário que se respeitem as escolhas de cada um, pois em sua heterogeneidade, os sujeitos não podem ser vistos como algo igual, clonados em suas vontades, em suas verdades.

Em meio às contradições, com os novos procedimentos e atitudes da mulher, junto às novas escolhas, surge nas sociedades modernas, segundo Kolontai (2009, p.43) um novo tipo de mulher: a mulher celibatária. Esse tipo de mulher “não permite que as correntes da vida sejam as que dirijam seu barco: o leme está nas mãos do timoneiro experimentando, sua vontade enrijeceu na luta pela subsistência”.

Kolontai (2009, p.42) comenta também que

É preciso endurecer seu coração e forjar sua verdade. Já é hora de ensinar à mulher a não considerar o amor como a única base de sua vida e sim como uma etapa, como um meio de revelar seu verdadeiro eu. É necessário que a mulher aprenda a sair dos conflitos do amor, não com as asas quebradas e sim como saem os homens, com a alma fortalecida. É necessário que a mulher aceite o lema de Goethe: “saber desprezar o passado no momento em que se quer e receber a vida como se acabasse de nascer”. Afortunadamente, já se distinguem os novos tipos femininos, as mulheres celibatárias para as quais os tesouros que a vida pode oferecer não se limitam ao amor.

Entre esses tesouros que a vida oferece estaria o trabalho? A mulher defendida por Kolontai não se deixa levar pelos sentimentos, principalmente os de culpa, os quais são tão bem implantados pelos homens, na hora em que se sentem carentes de sua mulher. E para não ter de viver esse sentimento de eterna culpa, seria necessário, como cita Kolontai, não exaltar o amor ou pelo menos não tê-lo como a essência de sua vida? Os conflitos se dissipariam junto à falta desse amor que se sente por um homem? Talvez sim, talvez não, pois outros conflitos surgem, apesar da ausência de um amor. Para se ter uma idéia sobre isso, basta lembrar das matérias aqui analisadas, mais especificamente uma das matérias da revista **Claudia** (julho de 2009), **Sucesso profissional atrapalha a vida amorosa das mulheres**, que traz o tópico “no topo, mas sozinhas”. O título dado ao tópico em questão parece lamentar a sorte da mulher. A conjunção adversativa “mas” reflete bem isso. É como se a vida da mulher não fosse totalmente preenchida, falta-lhe

algo importante, essencial. Mas, essa não pode ter sido sua escolha? E quem pode afirmar que ela não está feliz assim? A sociedade ainda condena esse tipo de mulher, que escolhe a si mesma e não ao outro. Segundo Beauvoir (2009, p.547), tradicionalmente, o que a sociedade propõe como destino à mulher é o casamento e seguindo por essa tradição “em sua maioria, ainda hoje, as mulheres são casadas, ou o foram, ou se preparam para sê-lo, ou sofrem por não sê-lo. É em relação ao casamento que se define a celibatária[...]”.

Na dispersão do sujeito contemporâneo. Há uma relação de forças do sujeito consigo mesmo, ao se deparar com o que quer para si e o que lhe oferece o outro. Assumir uma posição diferente daquela planejada e tida como natural não é fácil, pois há um poder que incide sobre o corpo e trabalha na fabricação do sujeito. Há modelos de feminino e masculino propostos pela sociedade e divulgados pela mídia, ou poderia se dizer, criados também pela mídia? O fato é que nessa articulação entre poder e saber se dá o dizível, o produzível.

E é pelas vias do saber que a mulher muda sua posição e se impõe à disciplina criada para domá-la, domesticá-la. Já dizia Foucault (2006c, pp.22-23) que “é do interior do conhecimento que são definidas as condições de acesso do sujeito à verdade. As outras condições são extrínsecas”.

Foi conhecendo, estudando, se qualificando que a mulher chegou ao mercado de trabalho tão competitivo e tão masculinizado. Essa mulher trabalhadora consegue se constituir eticamente nos espaços público e privado, frente a essa relação de saber/poder, quando, por exemplo, chega ao topo da carreira através de muito esforço, estudo, seguindo pelos caminhos justos, sem se deixar convencer de uma incapacidade que não existe e sem usar de subsídios que não sejam oferecidos pelo conhecimento. Vencendo as barreiras e os preconceitos, a mulher precisou/precisa, a todo momento, passar por obstáculos e provar do que é capaz no mundo do trabalho. É nesse sentido que se pode chegar à conclusão de que o saber e o poder estão emaranhados um no outro e caminham juntos.

Mas, e a mulher que escolhe não abrir mão de sua condição de reprodutora, de cuidadora de uma família, de um lar, e ao mesmo tempo quer seguir uma carreira? A essas, as condições sociais são muito mais difíceis, daí o interesse de se trabalhar mais especificamente com essa mulher. Os filhos, pode-se perceber diante do arquivo constituído para a pesquisa, foram/são a todo momento usados como o

motivo para manter as mulheres dentro do lar, principalmente quando ainda são bem pequenos e mais dependentes, daí, em meio à heterogeneidade existente entre os sujeitos, muitas mulheres optarem por seguir carreira, realizarem-se profissionalmente, um pouco mais tarde.

Para que se mantenha, então, uma relação menos problemática entre o ambiente público e o privado, que ao mesmo tempo se misturam, é necessário que o mercado de trabalho revise seus posicionamentos em relação à existência dessas crianças que tem uma mãe que trabalha fora de casa, que participa da produção de um país. Pode-se perceber que poucas empresas se preocupam com esse fato. Preocupar-se com isso significa melhorar as condições de trabalho dessa mãe, flexibilizar seus horários, o que não quer dizer diminuir sua produção, oferecer creches com profissionais qualificados para receber essas crianças. Muitos empregadores acham que é mais fácil resolver o problema com a discriminação, não admitindo ou demitindo as mulheres que passam por uma gestação. Essa, infelizmente, é uma realidade bem presente em nosso país, principalmente no que se refere às empresas privadas. Criam-se as leis, os direitos, mas não fiscalizam sua execução. E isso faz nascer o medo. Medo de perder o emprego, medo de não ter como se sustentar, medo de perder seu espaço no mercado de trabalho. Terão sido esses motivos que fizeram tantas das mulheres aqui destacadas pelas matérias analisadas, abrirem mão da licença-maternidade e das férias, direitos adquiridos por lei? Ainda há aquelas que adiam o quanto podem o papel de mãe, por sentirem necessidade de primeiro se firmarem em uma carreira, o que se torna mais difícil com um bebê nos braços, como foi comentado aqui.

Por esses e outros acontecimentos é que se tornou necessário estudar, na materialidade do arquivo apresentado, as relações de poder que envolvem os gêneros e os dispositivos disciplinares que controlam o fazer e o dizer de uma sociedade. E para isso, nada mais indicado do que tomar como respaldo as concepções de Michel Foucault por vias de um olhar arqueogenealógico, tentando dar visibilidade à causa feminina, que busca (ainda) a igualdade de gêneros na construção de sua história.

Segundo Gregolin (2004, p.93) “a história é construída por esses jogos enunciativos, pelas batalhas discursivas. Por isso, ela tem uma materialidade que se expressa na existência material dos enunciados”. Foucault ressalta que todo

enunciado se apresenta em uma materialidade que o constitui e, quando ele propõe essa materialidade do enunciado, pode-se pensar que há “uma substância da expressão e um suporte, o que envolve o lingüístico” (GREGOLIN, 2004, 94). Dessa forma, não procede a crítica de que Foucault não tem uma teoria linguística. Como ele mesmo disse, o seu objetivo não é estudar a língua, mas os discursos, porém, “para estudar os discursos – e partindo do pressuposto de que eles contêm enunciados cuja substância pode ser lingüística – subjaz às propostas foucaultianas uma teoria da linguagem [...]” (GREGOLIN, 2004, p.94). No estudo dos enunciados, Foucault se aproxima de uma semiologia, pois o enunciado não se encontra apenas nos constituintes das frases, o enunciado pode ser um gráfico, uma árvore genealógica, uma curva de crescimento...(FOUCAULT, 2007a). Dessa forma, encontramos respaldo para analisar gêneros discursivos que se apresentam por enunciados verbais ou imagéticos, dentro de nosso trajeto temático, seguindo por teorias foucaultianas.

E nesse trajeto temático, investigando os discursos midiáticos, chegamos à conclusão de que parece estar a mulher contemporânea dividida entre o passado, o presente e o futuro. Falar sobre isso, lembra o que diz Foucault (1995, p.231): “o sujeito é dividido no seu interior e em relação aos outros”. Essa divisão está no interior da mulher, retratando os mais diversos papéis exercidos por ela, e representando a dispersão de seu ser – ser mulher do lar ou mulher pública? Ou ainda ser as duas coisas ao mesmo tempo? E essas decisões ainda dependem do outro, do que ele pensa ou vai dizer. Mas essa nova mulher da contemporaneidade é um sujeito da resistência, e também um sujeito disperso, múltiplo, que acredita no que faz, que aceita os desafios impostos e que busca as oportunidades de crescimento.

A ascendência da mulher, principalmente a mulher casada, no mundo do trabalho situa um acontecimento que está marcado na história e que é possível ser resgatado pelas redes de memória, para que, só assim, se possa compreender o entrelaçamento que se dá entre a mulher, o mundo do trabalho e a família que ela constitui. No arquivo midiático pode se fazer o resgate dessa memória e assim analisar as estratégias, os jogos discursivos que narram cada episódio dessa história. Finalmente, pode-se considerar também que, apesar das camuflagens, dos mascaramentos discursivizados, a mulher se percebe como sujeito que reproduz

para a permanência de um povo, mas que também produz para o crescimento de uma nação.

REFERÊNCIAS

- ACHARD, Pierre. Memória e Produção Discursiva no Sentido. In: ACHARD, Pierre et alli. **Papel da Memória**. Tradução e introdução José Horta Nunes, Campinas – SP: Pontes, 2007.
- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 9 ed, Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.
- AUTHIER-REVUZ, J. **Hététrogénéité Montrée et Hététrogénéité Constitutive: elements pour une approche de l'autre dans lê discours**. DRLAV. Paris: n.26, 1982.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARACHUY, Regina. Imagem, identidade e propaganda: considerações sobre a produção discursiva de identidades na propaganda sobre o Nordeste. In: ARANHA, S. D. e G., PEREIRA, T. M. A. e ALMEIDA, M. de L. L. (Orgs.). **Gêneros e Linguagens**: diálogos abertos. João Pessoa: Ed. Universitária, 2009.
- BARONAS, Roberto L. **Indentidade Cultural e Linguagem**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.
- BARUKI, L. V. R. P. e BERTOLIN, P. T. M. Violência Contra a Mulher: a face mais perversa do patriarcado. In: BERTOLIN, P. T. M. e ANDREUCCI, Ana C. P. T.(Orgs.). **Mulher, Sociedade e Direitos Humanos**. São Paulo: Rideel, 2010.
- BASSANEZI, Carla. Apresentação. In: PERROT, M. **Minha História das Mulheres**. (Tradução Ângela M. S. Côrrea). São Paulo: Contexto, 2007.
- _____. Mulheres dos anos dourados. In: Del Priore, Mary (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Tradução Sérgio Milliet. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BERTOLIN, Patrícia T. M. e CARVALHO, Suzete. A segregação ocupacional da mulher: será a igualdade jurídica suficiente para superá-la? In: BERTOLIN, Patrícia T. M. e ANDREUCCI, C. P. T (Orgs.). **Mulher, Sociedade e Direitos Humanos**. São Paulo: Rideel, 2010.
- BÍBLIA DA MULHER**: leitura, devocional, estudo / Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil; São Paulo: Mundo Cristão, 2003. 1728p.
- BLAY, Eva Alterman. O tardio reconhecimento de que a mulher tem direitos humanos. In: TORNQUIST, Carmen Susana, COELHO, Cair C. LAGO, Mara C. de

S. e LISBOA, Teresa K. (orgs.). **Leituras da Resistência**: corpo, violência e poder. (vol.II). Florianópolis: Editora Mulheres, 2009.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. 2 ed. Campinas – SP: Editora da UNICAMP, 2004.

BOURDIER, Pierre. **A Dominação Masculina**. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRIGGS, A. e BURKE, P. **Uma História Social da Mídia**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História**: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CHANTER, Tina. **Gênero**: conceitos-chave em Filosofia. Porto Alegre: Artmed, 2011.

COLER, Ricardo. **O Reino das Mulheres**: o último matriarcado. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

CORACINI, Maria José. **A Celebração do Outro**: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilingüismo e tradução. Campinas – SP: Mercado das Letras, 2007.

COURTINE, Jean-Jacques. **Metamorfoses do Discurso Político**: derivas da fala pública. São Carlos: Claraluz, 2006.

_____. Discursos sólidos, discursos líquidos: a mutação das discursividades contemporâneas. In: SARGENTINI, Vanice e GREGOLIN, Maria do Rosário (orgs.) **Análise do Discurso**: heranças, métodos e objetos. São Carlos: Claraluz, 2008.

_____. **Intericonicidade – entre(vista) com Jean Jacques Courtine**. [2005]. Entrevistador: Nilton Milanez. GRUDIOCORPO, 2009. Disponível em: <http://grudiocorpo.blogspot.com.br/2009/06/intericonicidade-entrevista-com-jean.html>. Acesso: 05 de fevereiro de 2012.

_____. **Análise do Discurso Político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: Edufscar, 2009.

DAVALLON, Jean. A Imagem, uma Arte de memória? In: ACHARD, Pierre et alli. **Papel da Memória**. Tradução e introdução José Horta Nunes, Campinas – SP: Pontes. 2007.

DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil.** São Paulo: Ed. Planeta do Brasil, 2011.

DIREITOS DAS MULHERES. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2011. (Coleção Seus Direitos).

DHOQUOIS, Régine. O direito do trabalho e o corpo da mulher (França: séculos XIX e XX): proteção da produtora ou da reprodutora? In: MATOS, M. I. S. de e SOIHET, R. (Orgs.). **O Corpo Feminino em Debate.** São Paulo: UNESP, 2003.

DINIZ, Ariosvaldo da Silva. **A Maldição do Trabalho.** João Pessoa-PB: Editora Manufatura, 2004.

DUARTE, Constância L. **Nísia Floresta: a primeira feminista do Brasil.** Florianópolis: Editora Mulheres, 2005.

DUBY, Georges. **Idade Média, Idade dos Homens: do amor e outros ensaios.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DUBY, G. e PERROT, M. Presentación. In: DUBY, G. e PERROT, M. **Historia de Las Mujeres: el siglo XIX (Vol. IV).** Madri: Taurus, 2000.

FERREIRA, M. C. Leandro. Análise do discurso no Brasil: notas à sua história. In: FERNANDES, C. A. e SANTOS, J. B. C. dos (orgs). **Percursos da Análise do Discurso no Brasil.** São Carlos: Claraluz, 2007.

FIRMINO, Jane C. **O Voto de Saías: a gênese do voto feminino no Rio Grande do Norte através do Jornal A República.** Mossoró-RN: Fundação Vingt-Un Rosado, 2003. (Coleção Mossoroense).

FONSECA-SILVA, Maria da Conceição. **Poder-Saber-Ética nos Discursos do Cuidado de Si e da Sexualidade.** Vitória da Conquista: UESB, 2007.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber.** 18 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.L. e RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica.** (tradução de Vera Porto Carrero), Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. **Em Defesa da Sociedade.** Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **A Verdade e as Formas Jurídicas.** 3 ed. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2003.

_____. **A Ordem do Discurso.** 13 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006a. (coleção Leituras Filosóficas).

_____. **Estratégia, Poder-Saber** (Ditos e Escritos IV). 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b.

_____. **A Hermenêutica do Sujeito**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006c.

_____. **Arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007a.

_____. **História da Sexualidade 3: o cuidado de si**. (Tradução de Maria Theresa da Costa Albuquerque). 9 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007b.

_____. **História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres**. (Tradução de Maria Theresa da Costa Albuquerque). 12 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007c.

_____. **Microfísica do Poder**. 25 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008a.

_____. **Segurança, Território, População**. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

_____. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. 35 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008c.

FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, Dominique. Movimentos feministas. In: HIRATA, Helena et al (Orgs.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009.

FREITAS, Maria Ester de e DANTAS, Marcelo. Apresentação. In: FREITAS, Maria Ester de e DANTAS, Marcelo (Orgs.). **Diversidade Sexual e Trabalho**. São Paulo: Cengage Learnin, 2012.

GOODY, Jack e WATT, Ian. **As consequências do Letramento**. Tradução Waldemar Ferreira Netto. São Paulo: Paulistana, 2006. (Coleção Biblioteca Básica).

GRANGEIRO, Cláudia Rejanne P. Foucault, Pêcheux e a formação discursiva. In: BARONAS, Roberto L. (org.). **Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção de formação discursiva**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007.

GREGOLIN, Maria do Rosário V. Análise do Discurso: lugar de enfrentamentos teóricos. In: FERNANDES, C. A. e SANTOS, J. B. C. dos (orgs.). **Teorias Lingüísticas: problemáticas contemporâneas**. Uberlândia: EDUFU, 2003a.

_____. O acontecimento discursivo na mídia: metáfora de uma breve história do tempo. In: GREGOLIN, Maria do Rosário (Org.). **Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003b. (Coleção Olhares Oblíquos).

_____. **Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso: diálogos e duelos**. São Carlos: ClaraLuz, 2004.

_____. Bakhtin, Foucault e Pêcheux. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. Tempos Brasileiros: percursos da análise do discurso nos desvãos da história do Brasil. In: FERNANDES, C. A. e SANTOS, J. B. C. dos (orgs). **Percursos da Análise do Discurso no Brasil**. São Carlos: Claraluz, 2007a.

_____. Discurso, história e a produção de identidades na mídia. In: FONSECA-SILVA, Maria da C. e POSSENTI, Sírio (Orgs.). **Mídia e Rede de Memória**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2007b.

_____. Courtine e as metamorfoses da Análise do Discurso: novos objetos, novos olhares. In: GREGOLIN, M. R. e SARGENTINI, V. (orgs.). **Análise do Discurso: heranças, métodos e objetos**. São Carlos; Claraluz, 2008.

_____. **Formação Discursiva, Redes de Memória e Trajetos Sociais de Sentido**: mídia e produção de identidades.

Disponível em: <http://www.uems.br/padadi/rosario.html> - acesso em: 09/06/2010.

GUILHAUMOU, Jacques. **Linguística e História**: percursos analíticos de acontecimentos discursivos. São Carlos: Pedro e João Editores, 2009.

GUILHAUMOU, J. e MALDIDIER D. Efeitos do arquivo. A análise do discurso no lado da história. In: ORLANDI, E. P. (Org.). **Gestos de Leitura**: da história no discurso. 2 ed. Campinas – SP: Editora da UNICAMP, 1997.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. Quem precisa de identidade? In.: SILVA, Tomaz T.(Org.). **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 7 ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2007.

KOLONTAI, Alexandra. **A Nova Mulher e a Moral Sexual**. São Paulo: Expressão popular, 2009.

LAGRAVE, Rose-Marie. Uma emancipación bajo tutela. Educación y trabajo de las mujeres em El siglo XX. In: DUBY, G. e PERROT, M. **Historia de Las Mujeres**: el siglo XX (Vol. V). Madri: Taurus, 2000.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Tradução Walter Leitão. 5 ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2003.

LEITE, M. R. Baracuhy. Bombril e Ratinho: as vozes da sedução. In: GREGOLIN, Maria do Rosário e BARONAS, Roberto (Orgs). **Análise do Discurso**: as materialidades do sentido. São Carlos-SP: Claraluz, 2001.

MALUF, Marina e MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In:NOVAIS, F. A (Coord.); SEVCENKO, N. (Org.). **História da Vida Privada no Brasil** (vol.3). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MALDIDIER, Denise. **A Inquietação do Discurso**: (re)ler Pêcheux hoje. Campinas: Pontes, 2003.

MATTHEWS-GRIECO, Sara F. Corpo e Sexualidade na Europa do Antigo Regime. In: CORBIN, A., COURTINE, Jean-Jacques e VIGARELLO, G. **História do Corpo** (vol. 1). Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.

MAZIÈRE, Francine. **A Análise do Discurso**: história e práticas. São Paulo: Parábola, 2007.

MCCLURE, Cláudia Lopes. Crime Passional e Tribunal do Júri Brasileiro. In: BARREIRA, César (Org.). **Violência e Conflitos Sociais**: trajetórias de pesquisa. Campinas-SP: Pontes, 2010.

MELO, Marlene C. de O. Mulheres gerentes entre o empoderamento e o teto. In: FREITAS, M. E. de e DANTAS, M. (Orgs.). **Diversidade Sexual e Trabalho**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

MILANEZ, Nilton. A possessão da subjetividade. In: SANTOS, João B. C. dos (Org.). **Sujeito e Subjetividades**: discursividades contemporâneas. Uberlândia: EDUFU, 2009.

MILL, Stuart. **Princípios de Economia Política**: com algumas de suas aplicações à Filosofia Social. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Série Os Economistas – Vol.I).

NOGUEIRA, Claudia M. **A Feminização no Mundo do Trabalho**: entre a emancipação e a precarização. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

ORLANDI, Eni P. **Língua e Conhecimento Lingüístico**: para uma história das idéias no Brasil. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 6 ed. Campinas – SP: Pontes, 2005.

_____. **As Formas do Silêncio**: nos movimentos dos sentidos. 6 ed. Campinas-SP: Editora Unicamp, 2007.

PÊCHEUX, Michel. Sobre os contextos epistemológicos da Análise de Discurso. In: **Cadernos de Tradução**. Tradução: Ana Maria D. Marshall e Heloísa M. Rosário. 2 ed., Nº 01, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, novembro, 1998.

_____. Papel da Memória. In: ACHARD, Pierre et alli. **Papel da Memória**. Tradução e introdução José Horta Nunes, Campinas – SP: Pontes, 2007.

_____. **O Discurso**: estrutura ou acontecimento. 5 ed. Campinas – SP: Pontes, 2008.

PERROT, Michelle. **Mulheres Públicas**. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: UNESP, 1998.

_____. **As Mulheres ou os Silêncios da História.** (Tradução Viviane Ribeiro). Bauru – SP: EDUSC, 2005.

_____. **Os Excluídos da História:** operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

_____. **Minha História das Mulheres.** (Tradução Ângela M. S. Côrrea). São Paulo: Contexto, 2007.

PIOVEZANI, C. e SARGENTINI, V. Introdução: legados de Michel Pêcheux e paradoxos da Análise do Discurso no Brasil. In: PIOVEZANI, C. e SARGENTINI, V. (Orgs.). **Legados de Michel Pêcheux:** inéditos em análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2011.

POSSENTI, Sírio. Ainda sobre a Noção de Efeito do Sentido. In: GREGOLIN, Maria do rosário e BARONAS, Roberto (orgs). **Análise do Discurso:** as materialidades do sentido. São Carlo-SP: Claraluz, 2001.

_____. Análise do Discurso e Acontecimento: breve análise de um caso. In: NAVARRO, Pedro (Org.). **Estudos do Texto e do Discurso:** mapeando conceitos e métodos. São Carlos: Claraluz, 2006.

PRADO, Danda. **Esposa:** a mais antiga profissão. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. Memórias Feministas. In: TORNQUIST, C. Susana et al. **Leituras de Resistência:** corpo, violência e poder (vol. II). Florianópolis: Editora Mulheres, 2009.

PROST, Antoine. Fronteiras e espaços do privado. In: PROST, A e VINCENT (Orgs.), G. **História da Vida Privada 5:** da primeira Guerra a nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

QUÉTEL, Claude. **As Mulheres na Guerra:** 1939-1945 (vol.1). São Paulo: Larousse, 2009.

REVEL, Judith. **Foucault:** conceitos essenciais. Tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovezani. São Carlos: Claraluz, 2005.

ROSAS, María. **Mães que Trabalham fora, cuidado com a Culpa.** São Paulo: Cengage Learning, 2009.

SAMARA, Eni de M. e MATOS, Maria I. S. de. Manos femeninas. Trabajo e resistência de las mujeres brasileñas (1890-1920). In: DUBY, G. e PERROT, M. **Historia de Las Mujeres:** el siglo XX (Vol. V). Madri: Taurus, 2000.

SANDMANN, Antônio. **A Linguagem da Propaganda.** 9 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

SARGENTINI, V. M. O. A Descontinuidade da História; a emergência dos sujeitos no arquivo. In: NAVARRO-BARBOSA, Pedro e SARGENTINI, Vanice (orgs). **Michel**

Foucault e os Domínios da Linguagem: discurso, poder e subjetividade. São Carlos: Clara Luz, 2004.

_____. O arquivo e a construção de memórias: o caso do apagão. In: ROMÃO, Lucília M. S. e GASPAR, Nádea R. (Orgs.). **Discurso Midiático:** sentidos de memória e arquivo. São Carlos: Pedro & João editores, 2008a.

_____. Objetos da análise do discurso: novas formas, novas sensibilidades. In: SARGENTINI, Vanice e GREGOLIN, Maria do Rosário (orgs.) **Análise do Discurso:** heranças, métodos e objetos. São Carlos: Claraluz, 2008b.

SCHUMAHER, Schuma e BRAZIL, Érico Vital (Orgs.). **Dicionário de Mulheres do Brasil:** de 1500 até a atualidade. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

SILVA, Francisco Paulo. Arquivo e memória na descrição/interpretação de enunciados. In: SILVA, A. Marly M. da, SILVA, F. Paulo da, SANTOS, I. O. dos, COSTA, M. E. (Orgs.). **De Memória e de Identidade:** estudos interdisciplinares. Campina Grande: EDUEPB, 2010.

_____. “Quem és tu para querer manchar meu nome?” a produção identitária das mulheres profissionais do sexo como trabalhadoras. In: FREITAS, A. C. de, RODRIGUES, L. de O. e SAMPAIO, M. L. P. (Orgs.). **Linguagem, Discurso e cultura:** múltiplos objetos e abordagens. Pau dos ferros – RN: Queima-Bucha, 2008.

SILVA, Tomaz T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz T. **Identidade e Diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. 7 ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2007.

SILVERSTONE, Roger. **Por que Estudar a Mídia?** 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

SOIHET, R. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: PRIORE, M. D. e BASSANEZI, C. (orgs.). **História das Mulheres no Brasil.** 9 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

STREY, Marlene Neves. A mulher, seu trabalho, sua família e seus conflitos. In: STREY, M. N. (Org.). **Mulher:** estudos de gênero. São Leopoldo: UNISINOS, 2001.

_____. A construção histórica do feminino e do masculino. In: STREY, M. N., CABEDA, S. T. L., PREHN, D. R. (Orgs.). **Gênero e Cultura:** questões contemporâneas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

TAVARES, Lúcia Helena Medeiros da C. Teorias bakhtinianas e (inter)discursividade infantil. In: SILVA, Francisco Paulo da (Org.). **Travessias do Sentido e Outras Questões de Linguagem.** Mossoró – RN: Queima-Bucha, 2008.

VALOBRA, A. M. Violencias Silentes. In: TORNQUIST et all (Orgs.). **Leituras de Resistência:** corpo, violência e poder (vol II). Florianópolis: Ed. Mulheres, 2009.

VEYNE, Paul. **Foucault**: seu pensamento, sua pessoa. Tradução: Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

SITES CONSULTADOS

CARTAZ: WE CAN DO IT!

Disponível em: <http://ritafermartins.blogspot.com/2011/03/big-girls.html> - acesso em: 20/03/2011.

CASO LINDOMAR CASTILHO – Disponível em:

http://www.terra.com.br/istoegente/148/reportagens/capa_paixao_lindomar_castilho.htm - Acesso em: 19/12/2010.

CHARGE: As eternas e insuportáveis cobranças da sociedade. Disponível em: <https://abobrinhaecia.wordpress.com/2012/04/20/as-eternas-e-insuportaveis-cobrancas-da-sociedade/> - acesso em: 02/03/2012.

EXISTEM ESPÉCIES QUE SE REPRODUZEM SEM A PARTICIPAÇÃO DOS MACHOS? Disponível em:

http://super.abril.com.br/superarquivo/1987/conteudo_110919.shtml - acesso em 24/02/11.

FRASES DE REVISTAS- Disponível em:

<http://www.vale1clique.com/mulheres/frases-de-revistas-femininas-das-decadas-de-50-e-60> - acesso em: 25/03/10.

IMAGENS MOVIMENTO FEMINISTA

http://www.google.com.br/images?hl=ptBR&source=hp&q=movimento+feminista+brasileiro&rlz=1R2PRFA_ptBRBR417&aq=f&aqi=g1&aql=&oq=&oi=image_result_group&sa=X – Acesso em: 10/03/11.

IMAGENS MOVIMENTO FEMINISTA

<http://www.memoriaemovimentossociais.com.br/bancodeimagens/displayimage.php?album=1&pos=32> – acesso em: 09/03/11.

LETRAS DE MÚSICAS: Disponível em: <http://letras.terra.com.br> - acesso em: 06/11/2010.

PERIÓDICOS DIGITALIZADOS - A MENSAGEIRA – Nº 01, 15 de outubro de 1987.

http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/per352438_contente/per352438_it em1/P1.html - acesso em: 21/03/11.

POR QUE, EM ALGUMAS ESPÉCIES, AS FÊMEAS MATAM OS MACHOS?

Disponível em:

http://mundoestranho.abril.com.br/mundoanimal/pergunta_286375.shtml

Acesso em: 21/02/11.

PROPAGANDAS ANTIGAS. Disponível em:

<http://propagandasantigas.blogspot.com/> - acesso em: 22/10/10.

REVISTA MUNDO FABULOSO. Disponível em: <http://mundofabuloso.blogspot.com> – acesso em: 15/04/2009.

WIKIPEDIA

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Feminismo> - acesso em: 03/03/2011.

REVISTAS IMPRESSAS

CLAUDIA. Nº 03, ano 48: Ed. Abril, março de 2009, p. 50-54.

CLAUDIA. Nº 07, ano 48: Ed. Abril, julho de 2009, p.138-141.

CLAUDIA. Nº03, ano 49: Ed. Abril, março de 2010, p. 148-152.

CLAUDIA. Nº 04, Ano 49: Ed. Abril, abril de 2010, p. 98-100.

CLAUDIA. Nº 06, Ano 49: Ed. Abril, junho de 2010, p. 174-177.

CLAUDIA. Nº11, ano 49: Ed. Abril, novembro de 2010, p. 148-152.

CLAUDIA. Nº10, ano 49: Ed. Abril, outubro de 2010, p. 32-36.

ISTOÉ GENTE. Nº598, ano 12: Ed. Três, 28 de fevereiro de 2011.

JORNAL DAS MOÇAS. Nº2204, Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1957, p.59.

JORNAL DAS MOÇAS. Nº 2187, Rio de Janeiro, 16 de maio de 1957, p.22.

MARIE CLAIRE. Nº231, Ed. Abril, junho de 2010.

O CRUZEIRO. Nº 01, ano 37, outubro de 1963.

VEJA. Ano 44, edição 2209, Nº12, 23 de março de 2011, p.107-108.

VEJA Edição Extra. Ano 43, edição 2189: Ed. Abril, novembro de 2010.

VEJA MULHER. Ano 39: Ed. Abril, junho de 2006, p. 52.

VEJA MULHER. Ano 41, (Veja 2062): Ed. Abril, maio de 2008, p.30-37.

VEJA MULHER. Ano 43, (Veja 2166): Ed. Abril, junho, 2010, p.24-28.

VOCÊ S/A. edição 153: Ed. Abril, março de 2011, p.56-57.

VOCÊ S/A. edição 160: Ed. Abril, outubro/2011, p.82-86.

ANEXOS

COMPETÊNCIA NÃO TEM GÊNERO

Seis histórias de mulheres de muito sucesso comprovam a tendência: ser dona do próprio nariz é o melhor negócio



(VEJA Especial MULHER, junho de 2008 p.30-37)

Ver mulheres em posição de liderança já deixou de ser motivo de espanto. Elas disputam (e levam) cargos executivos; até há pouco tempo, uma mulher ocupava a presidência do Supremo Tribunal Federal; e, no plenário da Câmara e do Senado, o timbre feminino sobressai em discussões relevantes. Uma pesquisa divulgada no início do ano, porém, revela um dado surpreendente: as mulheres já compõem a maioria entre os empreendedores nacionais. Segundo o estudo do Instituto Brasileiro de Qualidade e Produtividade (IBQP), 52% dos negócios nacionais – sejam eles recentes, estabelecidos ou informais – são comandados por mulheres. Em 2001, quando a pesquisa foi realizada pela primeira vez no Brasil essa participação se resumia a 29%. O levantamento integra o monitoramento global do empreendedorismo, análise anual do comportamento da iniciativa privada realizada em 42 países. O lado menos auspicioso desse número é a razão para tamanha iniciativa feminina. Conforme apontam os dados do IBQP, 54% dos homens empreendem por uma questão de oportunidade – ou seja, encontram circunstâncias favoráveis para começar um negócio. Por sua vez, 63% das mulheres o fazem por pura necessidade: abrir um negócio é a única – às vezes, a última – opção possível para ganhar algum dinheiro.

Nas páginas seguintes, apresentamos a história de seis mulheres que estão na vanguarda dessa tendência apontada pela pesquisa. Todas são executivas experientes e ocupam o cargo máximo da empresa que representam. Rosa Koraicho é dona e presidente da Koema, incorporadora paulistana de imóveis de luxo; Bia Aydar comanda a MPM, a agência de publicidade que mais cresceu no ano passado; Liliana Aufiero rege a gigante Têxtil Lupo, criada por seu avô; Claudia de Carvalho Alves, que tem três irmãos mais velhos, foi a escolhida para suceder o pai na presidência da Enterpa, uma das maiores empresas de engenharia do país; Carmem Campos Pereira é a presidente do Grupo Rede Energia, onde há mais de vinte anos, entrou como estagiária; e Nara Fauth Pereira é uma bem sucedida produtora rural do Rio Grande do Sul.

Nas entrevistas, elas foram unânimes em afirmar que, para chegar ao topo, tiveram de tomar decisões difíceis no âmbito da vida pessoal. As seis são mães. À exceção de Nara, que começou a carreira após os 40 anos, e de Rose, que resolveu trabalhar depois de ter os três filhos, as outras nunca usufruíram licença-maternidade. Nenhuma delas sabe o que é tirar férias de um mês. Muitas vezes, viram-se na contingência de ser as únicas mulheres em mesas dominadas por homens. Para quem está começando, a boa-nova é que todas consideram o momento atual propício à mulher. Características tipicamente femininas, como a capacidade de manejar vários problemas de forma simultânea, o saber ouvir e a curiosidade, estão em voga nas grandes corporações. Todas são, mais uma vez, unânimes: com jeitinho e perseverança, tudo é possível.

Nara Fauth Pereira – Produtora Rural

Aos 65 anos, Nara Fauth pereira está longe de ser uma tradicional avó gaúcha: não faz ambrosia nem arroz-de-leite para os cinco netos e muitas vezes não está em casa quando eles vão visitá-la. Boa parte de seu dia é dedicada a administrar a Estância Boa Vista da Quinta Ltda., que agrega cinco fazendas e 10 600 hectares de terra. Além de cuidar do negócio, Nara acompanha de perto a rotina das três fazendas de Rio pardo, a 150 quilômetros de Porto Alegre. As outras duas, mais distantes, são comandadas por um veterinário, que presta contas a ela. Nara planta arroz e soja e trabalha com o ciclo pecuário completo – insemina, cria, engorda e abate bois para a venda de carne.

O gosto de Nara pela terra vem de família, mas ela demorou a abraçá-lo. Quando se casou, pôs na gaveta o diploma de letras para ter os três filhos e cuidar deles, até a caçula fazer 6 anos. Então se formou em psicologia e atuou alguns anos na área. Um dia resolveu virar produtora rural. “No começo, as fazendas serviam para os meus filhos terem o contato com a terra que eu havia tido quando pequena. Mas fui me empolgando.” Em 1985, já enfronhada na pecuária, Nara perdeu a filha caçula num acidente de carro. Quando conseguiu se aprumar de novo, assumiu o negócio de vez: na separação do primeiro marido, nem se discutiu com quem ficariam as terras. “Eram minhas por direito.”

Hoje Nara tem números respeitáveis entre os gaúchos – 200 quilos de carne e 8 toneladas de arroz anuais por hectare – e se ligou à Federação da agricultura do Estado do Rio Grande do Sul, por uma questão de filosofia. “No Brasil, o produtor rural é considerado um engordador de boi e nada mais. Quero que nos dêem o devido respeito”, diz. Nos fins de semana, sempre passados no campo, ela se dá ao luxo de brincar de casinha, dividindo a preparação das refeições com o segundo marido, o médico e presidente do Hospital das Clínicas de Porto Alegre, Sérgio Pinto Machado. “Nesses dias, os netos são superbem-vindos.”

Rose Koraicho – Fundadora da incorporadora Koema

A incorporadora Koema, de Rose Koraicho, não foi a que mais metros quadrados construiu em 2007 nem a que mais faturou. Porque Rose não quer. Há dois anos, quando construtoras e incorporadoras começaram a unir forças para criar grandes negócios, a Koema somava quarenta funcionários, ocupava um escritório luxuoso e acumulava quatro prêmios Master, o Oscar do ramo, por empreendimentos como o Credcard Hall. Rose era ainda, pelo segundo ano consecutivo, diretora do Sindicato da Habitação de São Paulo. Detalhe: foi a primeira mulher a ocupar o cargo. Sua incorporadora era também a única de São Paulo comandada por uma mulher, e um

sucesso absoluto. Mas, ao receber uma proposta de compra, Rose colocou o pé no freio. “Não estava feliz. Tinha virado escrava do trabalho.” Resultado: mandou trinta funcionários embora e mudou tudo para um local mais simples. Hoje a Koema ocupa um nicho: é uma incorporadora-butique, procurada para executar projetos audaciosos e meticulosos. E a Rose ainda sobra tempo para cuidar dos três filhos e do marido e até para cozinhar.

Para entender a decisão de Rose, é preciso retroceder a 1988. Aos 28 anos e com a caçula de 10 meses nos braços, ela cansou de seguir o roteiro traçado por seu pai, um dos pioneiros do comércio na Rua 25 de Março – costurar, cozinhar e passar camisas com primor. Tirou o pó do diploma de desenho industrial e pediu emprego ao pai, que então alugava 500 imóveis pela cidade. Ganhou trabalho de secretária. Um dia, quando percebeu que a renegociação de um contrato ia mal, pegou o telefone do parceiro de negócios e, com jeito, acertou os ponteiros. Quando seu pai morreu, em 1996, Rose conversou com o irmão, vendeu tudo e abriu a Koema – tupi-guarani para “renascer”. Nunca, porém, deixou de ser muito família. É casada pela terceira vez, se dá bem com as namoradas dos filhos, organiza churrascos. “Por isso, quando a minha empresa começou a crescer demais, resolvi mudar. E acho que acertei.”

Bia Aydar – Presidente da agência MPM

Bia Aydar tem uma vantagem sobre a maioria dos mortais: com quatro horas de sono está nova em folha. E outra sobre a concorrência: vive para trabalhar. Aos 52 anos, com filhos criados (Eduardo, 34, e a cantora Mariana, 28), quase tudo o que faz é ou será revertido em benefício da MPM – agência do grupo comandado por Nizan Guanaes que ela preside. Ela não está nem aí quando dizem que é testa de ferro do publicitário baiano. Sabe que não é – e seus 200 funcionários também. De sua sala, Bia avista o parque do Ibirapuera de um lado e a equipe do outro. “Se pego alguém brincando, dou bronca mesmo”. Ali ela tem réplicas de seu banheiro particular (todo branco, com espelho de camarim) e de seu closet (com muito Manolo Blahnik, Gucci, Prada, Valentino e Chanel), mais uma cama forrada com algodão egípcio. Ou seja, dormir no trabalho ou já sair dele para uma festa não é problema.

Na agenda dos seus três celulares, essa paulistana de 1,56 metro tem o número pessoal do alto tucanato, de ministros e celebridades – e dos dirigentes das empresas a que sua agência atende. Segundo o Ibope, em 2007 o faturamento da MPM bateu em 425 milhões de reais. O preço: Bia dorme com o BlackBerry debaixo do travesseiro, foge das férias e conta para tudo com a ajuda da irmã Fernanda Nigro, “Vivo da mesada que ela me dá. Não sei administrar meu dinheiro”, diz.

A competência de Bia começou a fazer fama nos anos 80, quando ela empresariava o grupo Premeditando o Breque (no qual tocava Mario Manga, seu ex-marido). Bia agenciou também Lulu Santos, Ney Matogrosso e Marina Lima. Depois abriu a empresa Face, que produziu os primeiros camarotes badalados do carnaval carioca e comandou os eventos da campanha presidencial de Fernando Henrique Cardoso. E achava que já Havia chegado aonde queria. Por isso, quando Nizan Guanaes a convidou para a MPM, em 2003, ela não pensou duas vezes – pensou várias. “Dormi no trabalho o primeiro mês inteiro. Agora peguei o jeito, e é só crescer”.

Claudia de Carvalho Alves – Presidente da Enterpa

Ao saber que estava grávida do primeiro filho, Claudia de Carvalho Alves, atual presidente da Enterpa, tomou duas atitudes: comemorou com a família a chegada do rebento e se inscreveu num curso sobre congelamento de leite materno. Naquela época, ela era uma das sócias da AD5 Associados, empresa de arquitetura que abriu em 1991, no 3º ano do curso de arquitetura da Universidade Católica de Santos, e não queria ficar longe do trabalho.

Com o tempo, Claudia percebeu que, além de desenhar projetos, podia executá-los. Depois, concluiu que a incorporação seria um passo lógico. Aí seu destino se cruzou definitivamente com a Enterpa. Apesar de ser a filha única de Conrado de Carvalho Alves, fundador e principal acionista da Enterpa, ela sempre seguiu seu próprio rumo. Gostava de surfar, pegava ônibus para chegar cedo à praia e abrir a sem a ajuda do pai o primeiro negócio. Em 2001, quando a Enterpa decidiu entrar no segmento de incorporação residencial, optou por fundir-se a alguma empresa já existente – e Claudia ofereceu a sua. Tanto se envolveu nas operações do grupo que, em 2005, foi convidada a assumir a vice-presidência, ao lado do pai. No ano passado, ela subiu um novo degrau: deixou os três irmãos para trás, foi escolhida por Conrado para suceder-lhe na presidência. Hoje Claudia controla cerca de 1 500 funcionários e, com menos de um ano no cargo, já tem os números a seu favor: sob sua gestão, a Enterpa cresceu 20%. Uma mulher que atue em áreas como dragagem marítima e fluvial, saneamento e concessões rodoviárias é uma raridade, e Claudia diz que, somada à sua pouca idade – 41 anos -, a novidade já lhe causou constrangimentos. “Mas não me deixo intimidar”, garante. Nem sair do eixo: casada há catorze anos com o administrador Eduardo Urioste e mãe de Victor, de 13 anos, e Mateus, de 9, ela jura que o fim de semana é sagrado. “No sábado e no domingo, estamos todos surfando juntos no litoral”.

Carmem Campos Pereira – Presidente da Rede Energia

Desde pequena, Carmem campos Pereira sabia que ia ser executiva: colocava suas bonecas em fileira e, com uma bolsa no ombro, entrava na sala para dar ordens. Em 1987, quando cursava administração na Universidade de São Judas Tadeu, viu no quadro de avisos um anúncio que oferecia estágio na Holding Denerge, administradora de pequenos negócios na região de Bragança Paulista, interior de São Paulo. “Fui e negocie para trabalhar mais, mas com cargo e salário.” Graças à obstinação, em um ano Carmem ganhou a primeira promoção – e o apelido de “Mônica”, em alusão à menina briguenta dos quadrinhos. Por anos, recebeu coelhos (a “arma” favorita de Mônica) de presente de seus funcionários. “Nunca tive licença-maternidade. Mal meu filho, João Victor, nasceu, me chamaram de volta ao trabalho – e eu fui.” Quando passou ao grupo Caiuá (depois Rede) de distribuição de energia, Carmem galgou rapidamente os cargos executivos. Um de seus grandes feitos foi captar 1 bilhão de reais para a construção da hidrelétrica de Lajeado, no Tocantins.

Em 2003, a Rede já fornecia energia a 30% do país. Como vice-presidente, cabia a Carmem comandar a reestruturação financeira do grupo. Sua atuação foi tão brilhante que ofuscou os boatos de que fora promovida por namorar o presidente, Evandro Coura – que viria a ser seu segundo marido. Em 2007, Coura deixou a presidência da empresa, e ele e Carmem se separaram. À espera de um novo chefe, foi informada de que seria a nova presidente do grupo. “Fiquei alegre por ter chegado aonde queria, e triste, por ocupar a cadeira de alguém muito

querido.” Logo ela arregaçou as mangas e imprimiu seu jeito de mandar. Mudou o nome do grupo para Rede Energia e instaurou programas de assistência nas áreas carentes em que ele atua. Pelo menos uma vez por semana toma o jatinho da empresa e vai ver se a casa está em ordem. “Conheço todas as estações”, afirma. A sua casa, com certeza, está: Carmem e Coura fizeram uma segunda festa de casamento e estão juntos de novo.

Liliana Aufiero – Presidente da Lupo

Quando Liliana Aufiero se tornou a primeira mulher a ser aceita no curso de engenharia da USP de São Carlos, em 1963, ninguém estranhou: sua inteligência e ótimas notas eram célebres em família. Achou-se normal também que, em vez de se casar e ter filhos, como quase todas as suas amigas de Araraquara, no interior paulista, ela quisesse viver na capital. Liliana fez pós-graduação na Fundação Getúlio Vargas, mestrado na USP e teve bem-sucedida carreira como engenheira civil de grandes obras. Em 1986, ela empreendeu uma volta inesperada a Araraquara: o cargo de diretora comercial da empresa de seu avô – a gigante Lupo – ficou vago, e ela pleiteou o posto. Aí fez o que não fizera antes – casou-se e teve um filho (seu marido já tinha cinco de casamentos anteriores). E seguiu carreira.

Em Araraquara, o relógio da fábrica da Lupo tem fama de nunca atrasar. A vida de Liliana segue a mesma batida. Exceto pela morte trágica do marido em um acidente de carro, de que ela não fala, o resto seguiu um ritmo constante de ascensão. Em 1993, quando a família foi afastada do comando da empresa, ela permaneceu – “e na linha de frente”, orgulha-se. Como presidente, é ela quem administra os 3 340 funcionários do grupo, que fatura perto de 350 milhões de reais ao ano. Estão sob seu comando também o Shopping Lupo e o hotel-fazenda instalado na antiga sede da propriedade de seu avô.

Liliana fez a Lupo mudar e crescer – muito, em ambos os casos. Centralizou a operação da empresa em um único endereço, atualizou o maquinário, abriu as primeiras lojas de varejo (140, na maioria franquias) e começou a investir em cuecas. Impulsionada com o sucesso no ramo masculino, passou a fabricar lingerie sem costura. Outro gol. O último lance decisivo de sua administração foi a descoberta do universo teen e infantil. No grupo, Ela é conhecida como “Doutora”. “O apelido pegou logo que cheguei de São Paulo, acho que porque sou engenheira”, diz. Mas pode ser também por causa do pulso firme e das ordens simples e indiscutíveis.

SUCESSO PROFISSIONAL ATRAPALHA A VIDA AMOROSA DAS MULHERES

Enquanto a carreira brilha, o romance empalidece: esse gráfico perverso afeta as mulheres, mas não os homens em altos cargos. CLAUDIA foi atrás de números, análise de especialistas e histórias reais.

Por: Isabela Leal



(CLAUDIA, julho de 2009, p.138-141)

Dizem que o poder é solitário, mas não é bem assim. O homem poderoso atrai as mulheres. Para ele, o topo é afrodisíaco. Não se pode dizer o mesmo das poderosas. Em 2008, a pesquisa Executivas X (In) Felicidade, realizada pela psicóloga e doutora em administração de empresas Betania Tanure, professora associada da Fundação Dom Cabral, de Belo Horizonte – segunda maior instituição de educação executiva do país, de acordo com o ranking da revista VOCÊ S/A (Ed. Abril) -, analisou a superexecutiva às voltas com a carreira, o amor e a maternidade e comprovou o que tantas de nós já sabiam: é difícil equilibrar o tempo dedicado à profissão e aquele destinado ao parceiro e aos filhos. Aliás, é complicado até arrumar um parceiro. Embora o estudo tenha abordado o mundo corporativo, ele reflete a realidade de mulheres das mais diversas áreas: para todas é um desafio unir realização profissional e pessoal. “Pesquisamos um universo de 1034 profissionais que exercem cargos de presidente, vice-presidente, gerente e diretor executivo empregados nas 500 maiores S.A (ranking anual do Instituto Brasileiro da Fundação Getúlio Vargas, que elege as 500 maiores empresas do Brasil), sendo 25% mulheres e 75% homens. Nessa amostra, 80% dos homens são casados, ante apenas 20% das mulheres”, revela a professora Betania Tanure. O motivo dessa disparidade é óbvio para a pesquisadora. “Num país latino, o papel da mulher é cuidar da harmonia das relações sociais, das tarefas domésticas, da educação dos filhos e se desdobrar em dez. Mesmo ganhando mais do que o marido, ela não se isenta dessa missão”, afirma Betania.

“Toda escolha implica renúncias e, hoje, a balança pende para o trabalho”, diz a psicóloga Rita Khater, professora da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCamp). “O problema é que essa opção pode trazer perdas irreparáveis”, enfatiza Luiz Cuschnir, psiquiatra e coordenador dos grupos de gênero do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo. Ele lembra que uma casa não é feita apenas de quatro paredes e contas a pagar, mas também de aconchego – e isso depende da proximidade do casal e do nível de afinidade que ele tem no intervalo extratrabalho. O drama é que esse intervalo está cada vez menor, mas boa parte das mulheres quer conciliar e não escolher entre profissão e amor. “Todas as conquistas são importantes para elas. A carreira e o convívio com a família são realizações diferentes que se completam”, resume Cuschnir.

A visão masculina

Acompanhar uma mulher bem-sucedida não é simples e, para alguns homens, chega a ser insuportável. “A mulher muito independente pode fazer o parceiro perder o referencial de masculinidade, o sentimento de ser a estrutura, a fortaleza da relação. No entanto, se a esposa demonstra alguma fragilidade, ela deixa de parecer tão poderosa e ele se sente útil, recolocado em sua posição de proteção. O marido tem prazer em exercer o papel de forte, que historicamente é dele”, opina Cuschnir.

“Em casa, os homens preferem as submissas”, afirma a pedagoga Maria da Luz Calegari, autora do livro *Temperamento e Carreira* (Ed. Summus). Por um lado, eles estão cansados de competir com as mulheres no mercado e não querem se sentir ameaçados fora do expediente. Por outro, o intuito de manter um bom padrão de vida acabou aumentando a tolerância masculina em relação à ascensão das parceiras. Seja como for, Cuschnir admite que “os homens são privilegiados pela maneira como foram criados”. Para eles, o topo profissional, esposa e filhos são sinal de plenitude; para elas, trazem uma dose de conflito.

No topo, mas sozinhas

- O percentual de mulheres sem filhos é mais que o dobro dos homens. Elas somam 40%; eles apenas 19%.
- Nos cargos de presidente, vice-presidente, diretor executivo, diretor e gerente das 500 maiores S.A., há quase três vezes mais mulheres solitárias do que homens. São 36% de separadas, solteiras ou viúvas, enquanto apenas 13% dos homens não têm parceiras estáveis.
- Também é desigual a porcentagem de executivas que têm apenas um filho em relação aos líderes do sexo oposto: 44% ante 29%.

(Fonte Pesquisa Executiva X (In) Felicidade, coordenada pela professora Betania Tanure, de Belo Horizonte).

Ele disputa o meu tempo com a empresa. E perde.

No começo, meu namorado teve dificuldade de se adaptar ao meu ritmo. Não raro fico na empresa até 2 da manhã ou bato ponto no domingo. Brigamos muito por isso. Ele diz que sou fria, só penso no trabalho. Mas as mulheres da minha família sempre foram ótimas profissionais e não serei uma exceção. O pior é quando tenho que desmarcar nossos compromissos para ir a reuniões ou viajar a trabalho. No ano passado, por exemplo, não fui à festa de aniversário dele. Ele é um comerciante de sucesso, mas sente-se menos importante do que minha carreira. E, de certa forma,

é. Nunca escondi isso. Mesmo assim, continua disputando meu tempo com a empresa. Vamos casar em dois anos e, às vezes, ele me questiona: “Mas quem vai fazer meu jantar? Quem vai ficar com nossos filhos?” Eu vou tocar como toda mulher que trabalha: conciliando, estabelecendo prioridades em cada fase da vida. Depois de muita conversa, sofrimento e reclamação, penso que ele está se acostumando e até se orgulha das minhas conquistas. Sou diferente das mulheres da família do meu namorado. Estou tentando, amorosamente, educá-lo para conviver com uma namorada que ainda quer trabalhar muito e espero que possamos colher os frutos juntos no futuro. (Paula, 28 anos, solteira, gerente de vendas de uma indústria de cosméticos).

Meu sucesso ficou insuportável para ele

Quando conheci meu ex-marido, ele era diretor de marketing e eu procurava trabalho. Já havia atuado numa multinacional por oito anos, mas a empresa mudou de cidade e decidi ficar. Começamos a namorar e arranjei um emprego promissor. Casamos e cresci na empresa. Mas, quando eu compartilhava uma conquista, ele precisava contar uma maior. Reparei que estava começando a competir comigo. Quanto mais eu crescia na profissão, mais ele tentava me diminuir. E reclamava: “A casa está sempre uma bagunça! Seus filhos precisam de você”. Ele me cobrava e tentava me deixar culpada. Então, passei a omitir minhas vitórias e os aumentos salariais para não piorar a situação. Fiquei casada por 15 anos e durante esse tempo ele fez duas tentativas de me tirar do mercado. Na primeira, eu estava grávida e ele propôs que eu parasse de trabalhar e ficasse administrando seus imóveis, assim teria mais tempo de cuidar do bebê. Não topei. Depois, quando já tínhamos dois filhos, ele aceitou um cargo fora do Brasil e queria que eu largasse tudo para acompanhá-lo. Falei que iria se encontrasse um emprego lá e acabei não indo. Ele voltou, mas a partir daí passou a me culpar pelos seus fracassos. Nos separamos. Homem gosta que a gente trabalhe *pero no mucho*. Se você está em pé de igualdade ou o ultrapassa, isso mexe com o ego dele. Escolhi o lado bom da vida, tive coragem de eliminar o que me fazia sofrer. (Suzana, 45 anos, divorciada, diretora executiva de indústria alimentícia).

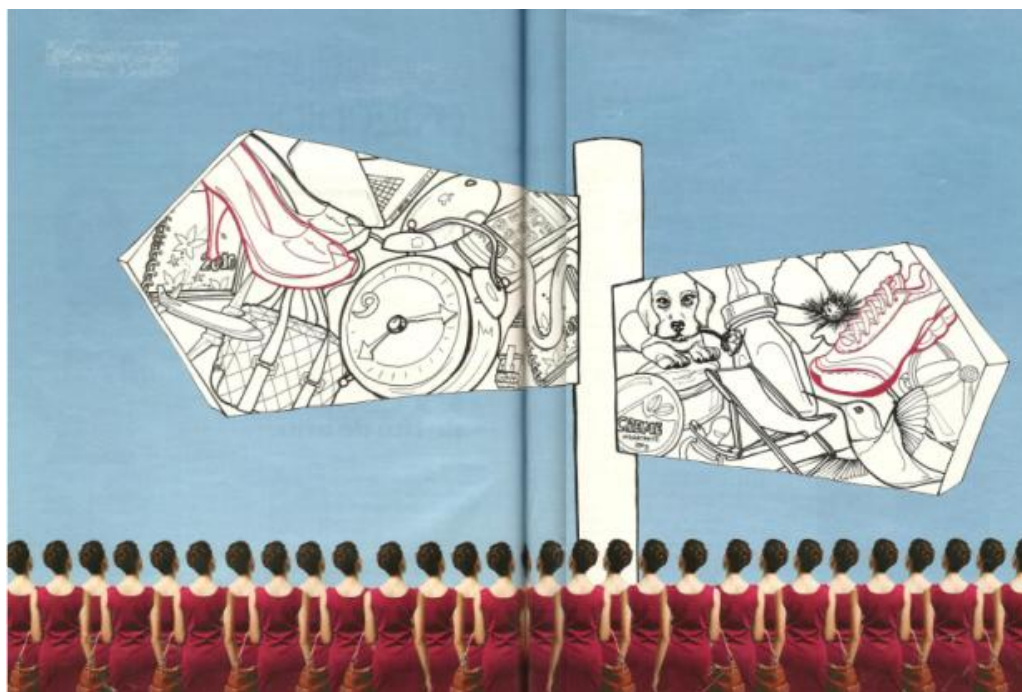
Pedi Demissão para contornar uma crise conjugal

Tínhamos cinco anos de casados e uma filha de 2 anos quando recebi uma proposta irrecusável – seria promovida de supervisora a gerente regional em uma multinacional. Ganharia o triplo, mas teria que me mudar para uma cidade do interior. Aceitei, com apoio de meu marido, que é designer autônomo. Queríamos qualidade de vida, criar filhos no interior etc. Mas o sonho caiu por terra: eu trabalhava 14 horas por dia e ele não parava de me cobrar. Nossa vida sexual decaiu, a autoestima dele despencou. Não dei valor a esse sinal de descompasso, tamanho era o meu desejo de realização profissional. Resultado: ele teve um caso com outra. Não me importei tanto, até entendendo que ele precisava exercer sua virilidade. Acabamos nos separando, mas em função da nossa crise. Ele pediu o divórcio e a guarda da criança, argumentando que eu não me dedicava à menina, mas nunca chegou a mover a ação. Ainda nos gostávamos e, depois de um ano e meio separados, resolvemos reatar com a condição de que eu pedisse demissão e trabalhasse menos. Aceitei. Pela primeira vez na vida, vi que trabalho não era tudo e que a vida é efêmera. Voltei para nossa cidade de origem, onde ele já havia arrumado emprego. Me recoloquei, mas reduzi meu salário a 30% do que era –

assim, ficamos equivalente. Tivemos mais dois filhos e continuamos juntos. Hoje sou gerente comercial de uma construtora. Tudo isso ocorreu há mais de cinco anos. Concluo que ele foi machista, não suportou ser coadjuvante, tinha que ser o protagonista. Optei pelo meu casamento e minha maior frustração não foi retroceder na carreira, e sim a falta de cumplicidade do meu parceiro. (Gabriela, 36 anos, gerente comercial).

ANEXO 03

43 MILHÕES DE MULHERES E UM DILEMA: FOCAR NA CARREIRA OU NA FAMÍLIA?



(CLAUDIA, novembro de 2010, p. 148-152)

Por: Sílvia Braccio

Ilustr.: Nathália Rodrigues

EU PAREI TUDO

Há alguns anos, eu ia para Nova York e voltava no mesmo dia. Uma loucura. Agora, viagem a trabalho, só como primeira-dama, acompanhando meu marido. Essa transição radical teve início em 2004, e não foi obra do acaso, embora não tenha começado por decisão minha – e sim depois de ter levado um cartão vermelho da empresa. Lá, fiz uma carreira fulminante. Sou formada em matemática com bacharelado em computação. Aos 21 anos fui contratada por uma multinacional americana como analista de sistemas júnior. Com 28 anos cheguei ao cargo de vice-presidente para a América Latina de toda a área técnica, responsável por uma equipe de 200 pessoas em seis países. Trabalhava no mínimo 12 horas por dia quando não estava viajando. No meio disso tudo, casei e tive um filho, Leonardo. Não vi o tempo passar. Me separei, casei de novo e mudei de vida. Hoje, cuido da minha casa, em Vinhedo, do meu segundo marido, Celso, do meu filho e do meu enteado, Luís. Faço ginástica, encontro minhas vizinhas na academia e passei a entender a rotina das donas de casa. Confesso que achava que elas não faziam muita coisa. E sou muito feliz por ter optado por essa nova vida. Lógico que, quando fui demitida num corte de custos, levei um susto. Passei algum tempo deprimida. Uma vez meu irmão foi lá em casa para me fazer tirar o pijama que vestia havia dois dias. E disse: “Rita, você tem 35 anos, está bem de vida e tem um filho lindo.

Acorda!” comecei, então, a descobrir o que significa “ter tempo”. Nessa época, conheci melhor o Celso, que também era funcionário da empresa, namoramos e casamos. Decidi encarar aquela nova fase como um ano sabático. Mas o destino sabe mesmo o que faz. No final daquele mesmo ano, Leonardo teve lúpus sistêmico e foi internado em estado gravíssimo. Travou uma luta entre a vida e a morte, mas Deus e muitas orações “nos” salvaram. Depois que ele deixou o hospital, o médico percebeu que o tratamento não estava sendo eficiente. Ele foi submetido a novos exames e, finalmente, saiu o diagnóstico: ele tinha síndrome de Evans. Se ainda me passava pela cabeça alguma idéia de voltar a trabalhar, naquele momento ela se foi completamente. Não há dinheiro que pague alguém para cuidar do seu filho doente. Foram três anos de internações mensais. Hoje, Leo está ótimo. A vida foi entrando na rotina e eu me acostumando a ela. Logo recebi uma nova proposta profissional, financeiramente irrecusável. Só que o preço era alto demais: teria de passar 70% do tempo fora do Brasil. Fiquei uma semana sem dormir, pensando, mas respondi sem medo: “Não”. Como iria abrir mão – de novo - de tantas conquistas? Diante da perspectiva de eu retomar aquela rotina maluca, Celso me perguntou: “Já imaginou nós dois levando esse tipo de vida?” Não, não consigo mais imaginar.

Querem saber qual é o balanço que faço seis anos depois? Não sinto falta do trabalho, tenho tudo de que preciso, controlo os meus rendimentos (fiz um ótimo pé-de-meia, porque não sou boba) e adoro ser dona de casa. E não é que sobra bem pouco tempo livre? Não dá para comparar a qualidade de vida que tenho hoje com a que tinha. Continuo sendo uma mulher ativa, invisto na bolsa de valores, sou da comissão de formatura da escola do Leonardo; afinal, adoro um bom desafio. A diferença é que agora EU dou as cartas.

(Rita Buri, 45 anos, provou o gostinho de ser uma executiva de sucesso, mas redescobriu a alegria de ficar mais próxima do filho Leonardo.)

NEM DESFAÇO AS MALAS

Não fui criada para namorar, casar e ter filhos. Na verdade, sempre resisti a essa idéia. Quando cheguei perto da idade de casar, pensei: “Onde esse negócio se encaixa na minha vida?” Adiei quanto pude. Há quatro anos, após dois de namoro, casei com o Cristovão, meu parceiro e maior incentivador do meu grande projeto profissional: sou gerente de *marketing* de uma empresa alemã especializada em produtos odontológicos, braço de uma multinacional americana, e quero expandir os limites para o meu poder de atuação e realização. Vivo viajando para Joinville (SC), onde está instalada a fábrica brasileira; São Paulo, onde moro; Estados Unidos e Alemanha, onde há duas outras fábricas; e América Latina para vender meus produtos. Essa rotina já dura cinco anos. Nem desfaço mais a mala, pois está sempre pronta para o próximo embarque. Nos fins de semana, não consigo me desconectar completamente. Acabo sempre dando uma olhada nos meus e-mails.

Já passei por vários desafios e não descarto a possibilidade de trabalhar no exterior. Afinal, como faço parte de uma grande rede, tenho pares estrangeiros. Se minha realização estiver em outro país, por que não? Eu e meu marido temos um acordo – ele também atua em uma multinacional de *softwares* -, que é o seguinte: o primeiro que receber uma proposta muito boa leva o outro. Para crescer profissionalmente, um abriria mão e tentaria um reposicionamento lá fora.

Sempre ganhei mais do que os meus namorados, inclusive o Cris, e já terminei relacionamentos por causa do trabalho, por ciúme mesmo. Um deles teve a ousadia de dizer que, para ficarmos juntos, eu teria de rever a minha carreira. Cheguei a questionar se, para ter uma vida feliz, essa realmente seria a escolha mais acertada. Deu uma piração. Há homens assim, que se sentem atraídos por mulheres decididas, realizadas, mas depois ficam com medo e querem colocar rédeas. Com o tempo, entendi. E, quando conheci o Cris, vi que tudo valia a pena. Devo a ele ter chegado até aqui feliz. E olha que não faltaram comentários do tipo: “Se continuar trabalhando dessa maneira, o seu marido vai te largar”. Parece que as pessoas não entendem que ele concorda com o meu modo de vida. Às vezes até pede para eu diminuir o ritmo porque se preocupa com a minha saúde, mas é meu grande motivador. Ele tem uma mãe tão ativa quanto eu, que fez questão de manter sua carreira. A minha mãe, que é dona de casa, sempre incentivou as filhas a serem profissionais e a não dependerem de marido.

As pessoas perguntam quando eu vou ter um filho. Esperei a ficha cair aos 35 anos, não caiu. Aos 36, não caiu. Foi cair aos 37. Mas confesso que, se tivesse mais tempo, adiaría um pouco. Só que chega um momento em que é preciso ser racional. Decidimos, eu e o Cris, que é agora. O bebê será muito bem-vindo, mas não vai me parar. Minha mãe diz que duvida que eu vá cumprir os meses de licença-maternidade. Só penso que há inúmeras mulheres pelo mundo que têm de dar mais atenção à profissão do que aos filhos, não por opção, mas por necessidade. E as crianças crescem felizes, bochechudas e rosadas. O importante é a gente se livrar da culpa, e a terapia ajuda muito. O Cris brinca que vai ficar em casa cuidando dos filhos enquanto eu trabalho. Até que não é má idéia.

(Fernanda do Nascimento, 38 anos, é gerente de marketing de uma multinacional e quer ir muito mais longe.)

ANEXO 04

SER MÃE NÃO É PROFISSÃO

O grande dilema do século XXI – cuidar dos filhos ou da carreira – impõe às mulheres uma nova postura, mais forte e exigente

Ana Claudia Fonseca
Bruna Rodrigues

Trabalho e maternidade

Ser mãe não é profissão

O grande dilema do século XXI – cuidar dos filhos ou da carreira – impõe às mulheres uma nova postura, mais forte e exigente

PESQUISA IDOPE INTELIGÊNCIA/VEJA

A MULHER EM TRÊS TEMPOS

Foram ouvidas, em 2010, 1.000 mulheres das classes A, B e C com mais de 18 anos em dez cidades: São Paulo, Rio, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba, Brasília, Salvador, Recife, Campinas e São José do Rio Preto (SP). Elas representam 9,3 milhões de brasileiras

	1987	1994	2010
■ A MULHER DEVE TRABALHAR MESMO QUE NÃO PRECISE?	68% NÃO	86% SIM	84% SIM
■ A MULHER CONSEGUE TER O MESMO TÍTULO QUE O HOMEM NO TRABALHO?	79% SIM	95% SIM	80% SIM
■ PARA QUE A MULHER SE REALIZE, BASTA SEU ESPÓLIO, BASTA O DINHO DE CASA?	81% SIM	79% NÃO	85% NÃO

Considerando o direito ao emprego, nas mesmas condições masculinas e com acesso de licença, o voto das brasileiras defendeu de maior forma:

Considerando o papel social tradicionalmente definido às mulheres, o voto de maior apoio, na classe C, é maior o grupo de mulheres que defende ficar em casa – 34%, contra 14% na classe B e 7% na classe A

ANA CLAUDIA FONSECA E BRUNA RODRIGUES

Ativista Margaret Sanger (1879-1966), pioneira do direito feminino de evitar filhos, uma das mães da pílula anticoncepcional (veja reportagem na página 54), criou a Liga Americana de Controle da Natalidade, em 1921, ancorada em uma máxima que repetia com assiduidade: “Nossas meninas precisam entender que a maternidade é a mais sagrada das profissões do mundo, e é uma profissão que exige mais preparação do que qualquer outra destinada às mulheres”. Ser mãe, hoje como antes, dá trabalho – e quase sempre em dupla jornada -, mas a metáfora do início do século XX envelheceu, e toda mulher sabe que profissão é outra coisa, é um emprego como o que os homens podem ter. A frase de Sanger, inspiradora em seu tempo, em 2010 é quase uma aberração. Atualmente, maternidade e trabalho profissional são expressões que costumam colidir. É um dos grandes dilemas de nosso tempo, a dura opção entre a maternidade e a carreira.

É possível compreendê-lo por meio de estatísticas. Um estudo do FEA-USP mostra que trabalhadoras com filhos pequenos têm em média, no Brasil, salário 27% menor que o de suas colegas sem filhos. “Apesar de todos os avanços dos últimos anos, as mulheres continuam sendo o maior objeto de preconceito nas empresas brasileiras, seguidas pelos idosos e por menores de 25 anos”, diz Hermano Roberto Thiry-Cherques, coordenador do núcleo de Ética nas Organizações da FGV-RJ.

As mulheres, porém, não parecem se render ao preconceito. “A mulher brasileira, apesar de tudo, não se rende ao preconceito”, afirma a professora de Sociologia da FGV-RJ, Ana Claudia Fonseca. “Ela sabe que precisa trabalhar para manter a família e para se desenvolver profissionalmente. Ela sabe que a maternidade é uma profissão e que precisa se preparar para isso”.

(VEJA MULHER, junho de 2010, p. 24-28)

A ativista Margaret Sanger (1879-1966), pioneira do direito feminino de evitar filhos, uma das mães da pílula anticoncepcional (veja reportagem na página 54), criou a Liga Americana de Controle da Natalidade, em 1921, ancorada em uma máxima que repetia com assiduidade: “Nossas meninas precisam entender que a maternidade é a mais sagrada das profissões do mundo, e é uma profissão que exige mais preparação do que qualquer outra destinada às mulheres”. Ser mãe, hoje como antes, dá trabalho – e quase sempre em dupla jornada -, mas a metáfora do início do século XX envelheceu, e toda mulher sabe que profissão é outra coisa, é um emprego como o que os homens podem ter. A frase de Sanger, inspiradora em seu tempo, em 2010 é quase uma aberração. Atualmente, maternidade e trabalho profissional são expressões que costumam colidir. É um dos grandes dilemas de nosso tempo, a dura opção entre a maternidade e a carreira.

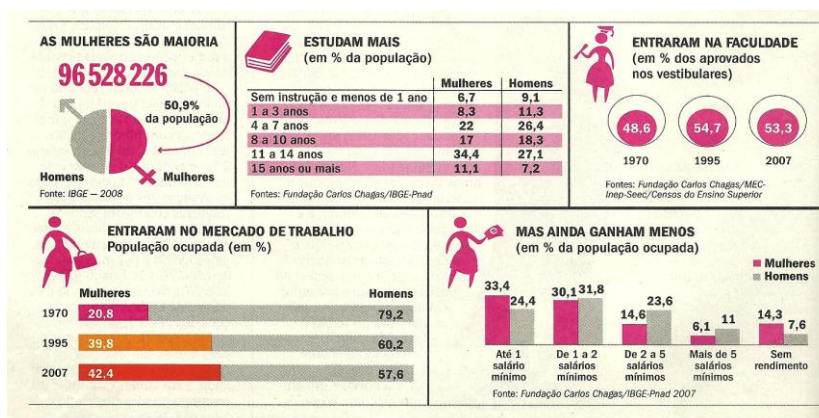
É possível compreendê-lo por meio de estatísticas. Um estudo do FEA-USP mostra que trabalhadoras com filhos pequenos têm em média, no Brasil, salário 27% menor que o de suas colegas sem filhos. “Apesar de todos os avanços dos últimos anos, as mulheres continuam sendo o maior objeto de preconceito nas empresas brasileiras, seguidas pelos idosos e por menores de 25 anos”, diz Hermano Roberto Thiry-Cherques, coordenador do núcleo de Ética nas Organizações da FGV-RJ.

Há imensas dores do parto para a mãe que trabalha – é forte a cobrança, pública e privada, para cuidar do filho e do emprego ao mesmo tempo e de igual maneira, algo que não é pedido aos homens. Há excelentes profissionais que não são bons pais – e pais dedicados que não são bons profissionais. Mulheres nessas condições costumam ser empurradas para o ostracismo social.

Mulheres sem crianças nas grandes empresas dos Estados Unidos ganham quase o mesmo que os homens em posições similares. As mães com companheiro ganham um pouco menos. As mães solteiras, muito menos. Convém ressaltar que parte da razão do fosso – que diminui, porque muitas mulheres já ganham o mesmo que os homens em posições idênticas – é o avesso do preconceito de gênero. As mulheres costumam ser julgadas pelo mesmo padrão com o qual se mede a postura masculina, e, nunca é tarde para lembrar, mães engravidam – pais, não. Talvez fosse melhor ter critérios diferentes para um e outro grupo.

Há um paradoxo instalado. A vitoriosa revolução sexual feminina, que lutou por igualdade de direitos, pode involuntariamente ter barrado o acesso das mulheres ao trabalho – pelo simples fato de que elas são biologicamente diferentes dos homens, especialmente porque concebem. O resultado: em muitos países, mesmo nos mais liberais e democráticos, as mulheres rejeitam a maternidade. Na Suíça, 40% delas não têm filhos. As que não rejeitam, adiam a maternidade, com a ajuda da medicina. Mas nem isso resolve o grande nó a desatar. Um estudo da Universidade de Chicago mostra que, dez anos depois da graduação, apenas metade das mulheres que cursaram MBA ainda trabalha em período integral. Outro levantamento americano, este com mulheres que deixaram o trabalho depois da gravidez, indica que apenas 7% delas demonstraram vontade de voltar ao batente – 74% realmente voltaram, mas apenas 40% continuaram com emprego de dia inteiro.

Adiar a maternidade não resolve. Outra condição deste início de século XXI complica a busca por isonomia dos gêneros. As mulheres estudam mais que os homens, ocupam mais assentos em universidades (veja o quadro abaixo), mas não se nota esse benefício nos salários quando avançam na carreira e envelhecem. Levantamento da Cranfield University School of Management, da Inglaterra, traz um detalhe incômodo. Na faixa dos 20 anos, a diferença salarial entre homens e mulheres, no mundo ocidental rico, é de apenas 6%. Com o passar do tempo, a distância aumenta para 21%. Ou seja: a mulher ganha menos quando fica mais velha, e ganha menos ainda ao associar a profissão com a maternidade. Dá-se a diferença, segundo o estudo, “quando a mulher fica grávida, mas também na primeira infância”. O afastamento compulsório, por imposição da maternidade, aparta as mulheres dos cursos, das horas de trabalho, dos bônus salariais.



É fundamental, na compreensão dessa discrepância no bolso, distinguir discriminação de desigualdade salarial. A discriminação ocorre quando a mulher é forçada a receber salário inferior em posto igual ao de um homem, o que é proibido por lei. A desigualdade salarial é um problema mais complexo porque tem causas diversas e sutis.

A maioria dos empregos de meio período é feminina. Na Espanha, segundo a Fundação Mulheres, o mercado de trabalho oferece 30% menos benefícios às mulheres que aos homens. Um exemplo: a Iberia, companhia de aviação, concede prêmios por horas de voo, horas que não são amealhadas por grávidas, impossibilitadas de voar. “Uma mulher de 40 anos com dois filhos estará dois patamares abaixo em relação a homens que não tenham interrompido a carreira”, disse Marisa Sotelo, da Mulheres, ao jornal *El País*. “As horas de voo parecem um critério objetivo, mas seu resultado não é”.

Não é o caso de afirmar, por estar diante da realidade, que a revolução feminina tenha sido derrotada por um desiderato biológico. O que brota são iniciativas, de governo e empresas, que começam a permitir que mães trabalhem como pais. Aumenta o número de creches. Em quase todo o mundo, o tempo de licença-maternidade cresce (no Brasil, as empresas já podem aderir à de 180 dias). O trabalho em casa (não o doméstico) aumenta. Mais de 90% das empresas da Alemanha e da Suécia têm horários flexíveis. Empresas tentam calcular como pagar a ausência da mulher, nos meses de gravidez e aleitamento, de modo a não prejudicá-las. É um movimento que muda tudo.

Já há alguns anos se ensaia essa nova sociedade de novíssimos personagens. A paulista Inaê Cavalcanti Marcondes Machado, de 35 anos, é dermatologista, diretora de uma clínica especializada em recuperação capilar. Inaê é mãe de um menino de 1 ano e meio, tem um enteado de 5 anos, cuja guarda é compartilhada pelo marido e sua ex-esposa, e está grávida de oito meses. Casada com um bem-sucedido empresário do ramo de exportações, atribui a chance de não enlouquecer com a jornada dupla aos avanços sociais das últimas décadas. “Meu marido está sempre presente, troca fraldas, lava a louça, só não faz o que biologicamente lhe é impossível”, diz.

Mas é, na opinião dela, ainda apenas uma “abertura promissora”, o início de uma mudança definitiva. Como promessas não passam disso mesmo, e a grande transformação apenas agora toma corpo, Inaê decidiu não tirar licença-maternidade, legítimo direito. “O mercado é muito competitivo, eu perderia espaço se ficasse muito tempo fora”, diz ela, com a convicção de que homens não têm esse problema. “Embora tenham outros”, resume – e muitos deles se devam ao excesso de testosterona, a matriz da competitividade exagerada. A médica entende, pelo cotidiano de seu trabalho, de contato direto com as pessoas, que as mulheres conquistaram espaço em razão de uma monumental e silenciosa mudança: atributos fundamentalmente femininos, como empatia e atenção, antes desconsiderados no trabalho, desvalorizados, hoje valem ouro. “Somos mais associativas”, diz.

Patrícia Nogueira, de 33 anos, mãe de um menino de 3 e grávida do segundo filho, gerente de marcas de produtos de higiene da Dove para a América Latina, conta que, antes de dar aos pais a boa notícia da primeira gestação, teve o cuidado de avisar o chefe. “Como não poderia viajar até completar três meses de gravidez, e como não queria perder espaço, tomei esse cuidado”, lembra. Agora com dois filhos, ela também sabe que precisará dividir a maternidade com o marido, Alexandre. “Não sou polvo, com oito mãos, então o papel dele será essencial”. Às vezes, o coração de executiva apertada, principalmente ao ouvir Diego perguntar por que ela não chega

mais cedo em casa. A resposta: “Mamãe vai trabalhar porque isso me deixa mais feliz”. Nos anos 1960, uma frase dessas soaria cruel. Não é.

E, no entanto, a grande indagação permanece: onde deixar os filhos? Eis a dificuldade quase intransponível, mesmo para quem tem dinheiro e pode contratar babás e serviços de creches. Quem não pode contar com uma rede de auxílio do governo – muito comum na Europa, por exemplo – precisa pensar um plano B. Como a crise econômica atingiu mais duramente os setores tradicionalmente masculinos, como a indústria automobilística e a construção civil, as mulheres – no exterior, mas também no Brasil – estão cada vez mais assumindo o papel de chefe de família (são 34% no Brasil), desafiando o status do homem como provedor. Criou-se, portanto, um novo personagem: o dono de casa. Só na Inglaterra, há cerca de 200 000 homens cuidando dos filhos e das tarefas domésticas, enquanto a esposa bate cartão de ponto na empresa. Rob Williams, diretor da Fatherhood Institute, uma organização britânica voltada aos pais que optaram por ser mãe, diz que desde 1970 aumenta o número de homens que preferem limpar o lar a passar horas dentro do escritório. “A idéia de que os homens são provedores exclusivos entra, aos poucos, em colapso”, diz Williams.



(Antônio Morey, o dono de casa: “é complicado para a autoestima trocar de papel com a mulher”)

O paulista Antônio Morey, de 55 anos, é dessa turma. Desde que perdeu o emprego em uma multinacional, há sete anos, vem assumindo todas as funções de uma dona de casa: lava, passa, faz a feira e a faxina, e ainda cozinha. A mulher, Regina, trabalha em uma empresa de administração de imóveis. Ele garante que não se arrepende da decisão, mas admite que foi difícil aceitar a nova rotina – e ser aceito pelos ex-colegas. “É complicado para a autoestima trocar de papel com a mulher”, diz. “Tenho muitos amigos que estão na mesma situação econômica, mas que, por machismo ou orgulho, preferem não falar a respeito”. Para derrubar o tabu, ele escreveu o livro *Afinal, Quem está no Comando?*, sobre as agruras de um recém-desempregado obrigado a assumir as tarefas domésticas para não diminuir muito o padrão de vida da família. “Não há do que se envergonhar, as mulheres desempenharam essas tarefas durante séculos, agora é a nossa vez”.

ANEXO 05

MUDANÇA À VISTA

A Ernst & Young Terco reviu suas políticas de RH para reter e promover mais mulheres. Um caminho que está sendo seguido por mais empresas.

Por: Luiz de França.

Mudança à vista

A Ernst & Young Terco reviu suas políticas de RH para reter e promover mais mulheres. Um caminho que está sendo seguido por mais empresas. — LUIZ DE FRANÇA

MAIS MULHERES

Johnson & Johnson
No quesito de apoio de gênero e inclusão, a Johnson & Johnson é considerada a melhor empresa do mundo para mulheres. A empresa oferece programas de desenvolvimento profissional, treinamento e mentoria para mulheres em cargos de liderança. Além disso, a Johnson & Johnson oferece flexibilidade de horários e opções de trabalho remoto para mulheres.

Accenture
A Accenture é conhecida por sua política de diversidade e inclusão. A empresa oferece programas de desenvolvimento profissional, treinamento e mentoria para mulheres em cargos de liderança. Além disso, a Accenture oferece flexibilidade de horários e opções de trabalho remoto para mulheres.

Volvo
A Volvo é conhecida por sua política de diversidade e inclusão. A empresa oferece programas de desenvolvimento profissional, treinamento e mentoria para mulheres em cargos de liderança. Além disso, a Volvo oferece flexibilidade de horários e opções de trabalho remoto para mulheres.

"PENSEI EM DESISTIR"

DIANA SOARES, de 32 anos, gerente sênior da Ernst & Young Terco, tinha cinco anos de experiência profissional. Na época, ela estava em uma fase de transição para o mercado de trabalho. Ela decidiu desistir de sua carreira por um tempo, mas depois de refletir, decidiu voltar. Ela encontrou um ambiente de trabalho mais acolhedor e com mais oportunidades de crescimento. Ela também encontrou colegas que estavam passando por situações semelhantes e se apoiaram mutuamente.

(VOCÊ S/A, março de 2011, p.56-57)

No Brasil, seis em cada dez mulheres com idade igual ou superior a 16 anos de idade trabalham. No entanto, quando se olha o interior das empresas nota-se que o ambiente corporativo ainda é majoritariamente masculino, principalmente se considerarmos os cargos de liderança. As mulheres ocupam apenas 23% dos postos de gerência, 12% dos de diretoria e 7% dos de presidência, segundo dados do *Guia VOCÊ S/A - EXAME - As Melhores Empresas para Você Trabalhar*, relativos ao ano passado. Lá fora, a situação não é diferente. Uma pesquisa da consultoria americana Catalyst mostra que, das 500 corporações listadas pela revista *Fortune*, menos de 3% tem presidentes do sexo feminino e somente 13,5% dos cargos mais altos são ocupados por mulheres. Essa realidade tem incomodado muitas empresas no Brasil. Isso se deve à necessidade de reter os bons profissionais e à preocupação das organizações de criar um ambiente de trabalho mais diversificado. As mulheres já competem em pé de igualdade com os homens na hora da contratação. Porém, por volta dos 35 anos elas começam a deixar as corporações. Os principais motivos para essa evasão são a culpa de passar pouco tempo com o bebê, a inflexibilidade das companhias com relação à jornada de trabalho e a falta de perspectiva de crescimento.

A consultoria Ernst & Young Terco (E&Y Terco) sentiu na pele a perda de suas funcionárias por um bom tempo. “Nós contratamos 50% de homens e 50% de mulheres no nosso programa de *treinee* e percebíamos que logo depois que elas

ascendiam e assumiam um cargo de gerência vinham os planos de ser mãe, e na volta da licença-maternidade, deixavam a empresa”, diz Tatiana da Ponte, diretora de capital humano para a América Latina. Uma pesquisa interna revelou os motivos da evasão: as longas jornadas de trabalho e a culpa que resultava de estar longe de seus bebês. Para reverter a situação, foi implementado um programa de meia jornada, que possibilitou a elas trabalhar em casa uma vez por semana até que a criança complete 1 ano de idade. Com isso, a E&Y Terco conseguiu ampliar o número de mulheres na companhia. Em 2007, havia 702 profissionais do sexo feminino. Atualmente são 1.472.

Além de flexibilizar a jornada, o RH passou a oferecer programas de *coach* e mentoria para orientá-las sobre como desenvolver suas competências para chegar às posições de liderança. “Se no retorno da licença a mulher não enxerga possibilidade de crescimento na carreira, ela vai priorizar a vida pessoal e deixar a empresa”, diz Tatiana. Hoje, cresceu a participação delas como sócias. Em 2007, a E&Y Terco tinha apenas cinco sócias – atualmente são 13. A representatividade feminina no comitê executivo também aumentou. Até o ano passado, o comitê tinha uma mulher. Desde então, Tatiana ocupa a segunda cadeira feminina. Regina Madalozzo, professora e pesquisadora do Inper, reconhece o esforço de organizações como a E&Y Terco, mas considera que a flexibilidade de horário poderia ser estendida aos homens. “Ao fazer isso, as empresas também estariam incentivando as mulheres a continuar inseridas no mercado”.

Pensei em desistir

Diana Quintas, de 33 anos, gerente sênior da Ernst & Young Terco, tinha dois anos de casa quando engravidou. Na época, ela morava em Sorocaba, no interior de São Paulo, e pensou em desistir da carreira quando sua licença-maternidade terminou. “Eu não sabia como ia ser largar um bebê de 4 meses em casa para sair de madrugada para trabalhar”. Diana foi uma das primeiras a usufruir do programa de flexibilização da jornada, que estava em fase de teste. Ela amamentava Felipe (hoje com 4 anos) antes de sair para trabalhar às 6h30. Às 12h, saía do trabalho e ficava o resto do dia com o filho. Às sextas-feiras, ela trabalhava em casa, o que dava tranquilidade e foco no trabalho. “Eu precisava provar para a empresa que o esquema funcionava. Era uma redução de jornada, mas não de resultado”, diz. O programa deu certo, Diana cresceu na carreira, mudou para perto do trabalho e teve Lara, que está com dois anos.

Mais Mulheres

Conheça algumas empresas que estão criando mecanismos para reter as mulheres e permitir que conquistem mais representatividade no alto escalão.

Johnson & Johnson

Na gigante do setor de higiene e beleza, 20% das promoções beneficiam as mulheres desde 2000. Embora o pacto entre o RH e as lideranças seja informal, a prática é efetiva. Atualmente há 60% de mulheres na diretoria.

Accenture

A consultoria organizou um grupo de profissionais cuja finalidade é discutir questões relativas à realidade feminina no ambiente de trabalho. Esse grupo tem poder de solicitar novos programas ao RH com o objetivo de reter mais colaboradores.

Volvo

A montadora com sede em Curitiba flexibilizou o horário de trabalho. Homens e mulheres podem trabalhar em casa, no esquema *home office* ou no *part-time* (meio período em casa, meio no escritório). A rotatividade de funcionários diminuiu.

DE SALTO NA PLATAFORMA

A engenharia ainda é um universo masculino. Quatro engenheiras contam como construíram sua carreira em grandes corporações e falam sobre a convivência (nem sempre harmoniosa) com os pares homens.

Por Amanda Kamanchek .

CARREIRA > ENGENHEIRAS

DE SALTO NA PLATAFORMA

A engenharia ainda é um universo masculino. Quatro engenheiras contam como construíram sua carreira em grandes corporações e falam sobre a convivência (nem sempre harmoniosa) com os pares homens

POR AMANDA KAMANCHEK

Dados da Confederação Nacional da Indústria (CNI) apontam que a engenharia tem um déficit de 75 000 profissionais. Segundo a entidade, a evasão nos cursos da área é superior a 50%, sendo que a maioria deixa a faculdade nos dois primeiros anos. Como resultado, o Brasil forma menos de 40 000 engenheiros a cada ano, enquanto a Rússia forma 120 000 e a China ultrapassa os 400 000. Quando se trata de profissionais mulheres, o número cai ainda mais. Elas representam apenas 25% dos estudantes matriculados em cursos de engenharia e formam não

mais do que 15% da força de trabalho dos engenheiros do país, de acordo com dados da Federação Nacional dos Engenheiros. As razões variam desde a origem militar da profissão, passando pela exigência de trabalho de campo, muitas vezes sujeito a intempéries e a alojamentos precários ou em ambientes fabris, até a necessidade de comandar equipes predominantemente masculinas. Some-se ainda machismo e preconceito, como o que reza que homens são melhores em disciplinas das ciências exatas. “Desde crianças, os meninos ganham carrinhos com controle remoto, enquanto as meninas recebem bonecas cor-de-rosa”, diz Paula Dornhofer

Paro Costa, engenheira elétrica e doutoranda da Faculdade de Engenharia Elétrica e de Computação da Universidade Estadual de Campinas, no interior de São Paulo. Para as engenheiras em cargos de liderança, parece haver um duplo desafio. Provar que são capazes de comandar equipes tão bem, ou melhor, que os homens e encontrar um jeito próprio, mais feminino, de gerenciar. A seguir, engenheiras que se destacaram como grandes pesquisadoras de inovação e líderes de grandes empresas contam como fizeram carreira na área e ajudam a derrubar os mitos.



“Aprendemos a nos planejar com os filhos e a organização da casa”

Cada vez mais comum

Simone Silva Rocha, 44 anos, gerente de vendas de serviços da IBM, em São Paulo (SP)

A engenheira eletrônica Simone Rocha começou a trabalhar com fabricação de hardware em 1989 na IBM e atualmente ocupa o posto de gerente de serviços de TI e vendas para os setores de telecomunicações, indústria e distribuição. Entre suas conquistas estão projetos na casa dos 50 milhões de reais para o setor financeiro, especialmente bancos. Além da obtenção de importantes vendas para empresas como Vivo, Oi e Telefônica, e da otimização dos serviços em empresas do setor de energia elétrica e

distribuição de gás natural. Quando se formou na Universidade Federal de Itajubá, em Minas Gerais, havia apenas cinco mulheres em sua turma de 50 alunos. Naquela época, Simone não previa que a IBM seria os atuais 90% do efetivo global composto por mulheres. “Hoje, o ambiente está muito mais equilibrado, principalmente no setor de vendas”, diz. Para ela, as mulheres se destacam no gerenciamento porque estão sempre atentas aos detalhes. “Aprendemos a nos planejar muito dentro de casa, com os filhos e a organização da casa”, diz a executiva.

82 outubro de 2011 • exame.com.br

DEBORA DE MOURA/ALTO LUXO/REDAÇÃO PARA QUEM É BASTANTE

VICTOR CARLBI • 30 OUTUBRO DE 2011 • 83

(Você S/A, outubro de 2011, p.82-86)

Dados da Conferência Nacional da Indústria (CNI) apontam que a engenharia tem um déficit de 75 000 profissionais. Segundo a entidade, a evasão nos cursos da área é superior a 50%, sendo que a maioria deixa a faculdade nos dois primeiros anos. Como resultado, o Brasil forma menos de 40 000 engenheiros a cada ano, enquanto a Rússia forma 120 000 e a China ultrapassa os 400 000. Quando se trata de profissionais mulheres, o número cai ainda mais. Elas representam apenas 25% dos estudantes matriculados em cursos de engenharia e formam não mais do que 15% da força de trabalho dos engenheiros do país, de acordo com dados da Federação Nacional de Engenheiros. As razões variam desde a origem militar da profissão, passando pela exigência de trabalho de campo, muitas vezes sujeito a intempéries e a alojamentos precários ou em ambientes fabris, até a necessidade de comandar equipes predominantemente masculinas. Some-se ainda machismo e preconceito, como o que reza que homens são melhores em disciplinas das ciências exatas. “Desde crianças, os meninos ganham carrinhos com controle remoto, enquanto as meninas recebem bonecas cor-de-rosa”, diz Paula Dornhofer Paro Costa, engenheira elétrica e doutoranda da Faculdade de Engenharia Elétrica e de Computação da Universidade Estadual de Campinas, no interior de São Paulo. Para as engenheiras em cargos de liderança, parece haver um duplo desafio. Provar que são capazes de comandar equipes tão bem, ou melhor, que os homens e encontrar um jeito próprio, mais feminino, de gerenciar. A seguir, engenheiras que se

destacam como grandes pesquisadoras de inovação e diretoras de grandes empresas contam como fizeram carreira na área e ajudam a derrubar os mitos.

Cada vez mais comum

Simone Silva Rocha, 44 anos, gerente de vendas de serviços da IBM, em São Paulo – SP

A engenheira eletrônica Simone Rocha começou a trabalhar com fabricação de hardware em 1989 na IBM e atualmente ocupa o posto de gerente de serviços de TI e vendas para os setores de telecomunicações, indústria e distribuição. Entre suas conquistas estão projetos na casa dos 50 milhões de reais para o setor financeiro, especialmente bancos. Além da absorção de importantes vendas para empresas como Vivo, Oi e Telefônica, e da otimização dos negócios em empresas do setor e energia elétrica e distribuição de gás natural. Quando se formou na Universidade Federal de Itajubá, em Minas Gerais, havia apenas cinco mulheres em sua turma de 50 alunos. Naquela época, Simone não previa que a IBM teria os atuais 30% do efetivo global compostos por mulheres. “Hoje a situação está muito mais equilibrada, principalmente no setor de vendas”, diz. Para ela, as mulheres se destacam na gerência porque estão sempre atentas aos detalhes. “Aprendemos a nos planejar com os filhos e a organização da casa”, diz a executiva.

Casal de engenheiros

Michele Robert, 38 anos, diretora de energia e água da General Electric, em Cotia (SP)

A engenheira industrial Michele Robert nasceu em São Paulo e foi morar em Buenos Aires, capital Argentina, na adolescência, quando o pai foi expatriado pela Ford. Lá, ela fez colegial técnico em engenharia mecânica. “Era difícil, havia muitas piadinhas dos professores, que mandavam as alunas migrarem para corte e costura”, diz. Quando o pai mudou-se para os Estados Unidos, em 1998, ingressou na graduação em engenharia industrial na Universidade da Flórida. “Nos Estados Unidos a situação era muito diferente, havia gente do mundo todo e eu não era um peixe fora d’água.” Michele fez carreira por lá – primeiro na Motorola, depois em duas unidades da GE. Em 2010 regressou ao Brasil como diretora de energia e água da GE, acompanhando o marido, também diretor da empresa (o casal se conheceu durante a faculdade). Michele iniciou a carreira no chão de fábrica. Virou gerente de produção aos 27 anos. Ao mesmo tempo, teve a primeira filha e aprendeu que nunca haveria um equilíbrio na dedicação à família e ao trabalho. “Tem momentos que são 80% família e 20% trabalho, mas às vezes as prioridades se invertem.” No cargo atual, dirige uma equipe de 100 pessoas na unidade da GE em Cotia (SP).

Homens na linha

Vera Bier, 52 anos, diretora do Samsung Instituto de Desenvolvimento para a Informática, em Campinas (SP).

Se hoje em dia qualquer brasileiro pode ter um telefone em casa a um preço acessível, Vera Bier é uma das responsáveis. A engenheira de computação ajudou a desenvolver a primeira rede integrada de telefonia de tecnologia nacional, até hoje um dos maiores projetos da área no país, criado pelo Centro de Pesquisa e Desenvolvimento (CPqD) de Campinas (SP). Após 19 anos trabalhando na CPqD, ela foi contratada, em 2004, para montar uma equipe de pesquisa e desenvolvimento na Samsung, fabricante coreana de celulares e eletroeletrônicos – a equipe começou com 12 pessoas e hoje tem 180 funcionários. Agora Vera é diretora do Samsung Instituto de Desenvolvimento para a Informática. Entre outras invenções do instituto estão o desenvolvimento de *softwares* de celular, o primeiro telefone móvel compatível com a tecnologia de TV digital, além de avanços para o sistema *Android* para *tablets*. Ela conta que em alguns momentos as mulheres podem sentir dificuldade de se integrar. “Como a maioria dos profissionais em cargos executivos são homens, parece haver uma sinergia de assuntos naturais entre eles”, diz. Para evitar esses momentos, ela comanda a conversa focando nos assuntos da empresa, exclusivamente. “Quando começam a falar sobre futebol, aviso: ‘Pessoas, depois vocês conversam sobre isso’.”

Gerenciando as plataformas

Renata Morand, 38 anos, gerente de engenharia da Odebrecht Óleo e Gás, em Macaé (RJ)

Carioca, a engenheira química Renata Morand se formou em 1997 pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. “Naquela época, o mercado era bastante restrito para os engenheiros e a maioria dos meus colegas foi trabalhar em bancos.”, diz. Ela, no entanto, recebeu logo a proposta de uma empresa para ajudar a desenvolver plataformas para a Petrobras e chegou a trabalhar dois anos em Cingapura pela companhia. Ao retornar ao Brasil, em 2000, Renata deparou com um cenário completamente diferente. “O mercado de petróleo crescia cada vez mais. Foi uma melhora brutal para os engenheiros”, conta. Em 2002 foi contratada pela Odebrecht Óleo e Gás na unidade de Macaé, onde assumiu a coordenação de diversos projetos de companhias como Shell e Petrobras. Quatro anos depois chegou ao cargo de gerente de engenharia da unidade. “Existem poucas engenheiras em Macaé, cerca de cinco, em relação a 100 homens.” Ela sente que, para impor respeito, precisa manter a postura e se destacar até mais do que os executivos homens. “Muitas vezes, a mulher tem que ser melhor do que o homem para provar seu valor”, diz. “Por isso, sempre procurei me diferenciar, fazendo cursos de capacitação e assumindo desde sempre uma postura confiante.”